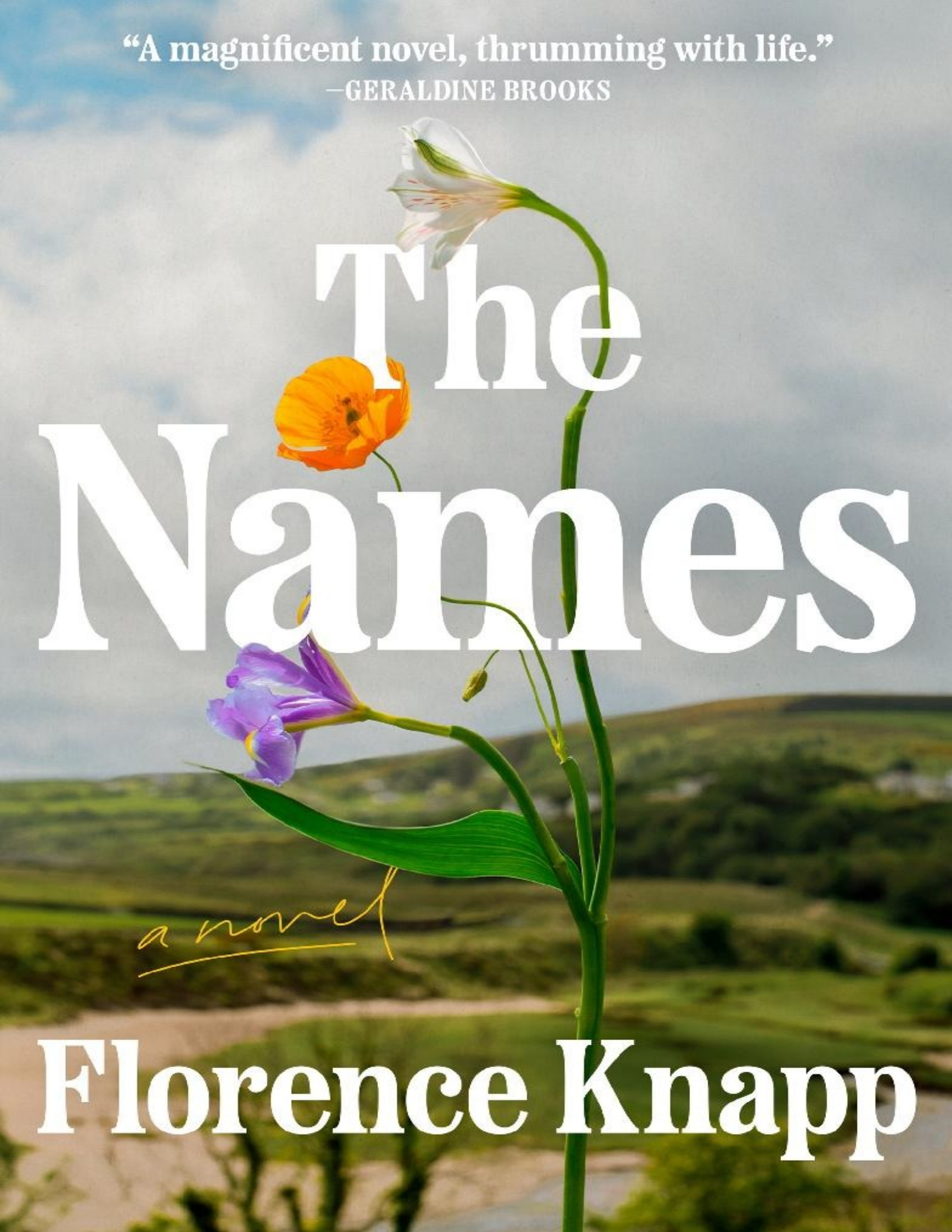

"A magnificent novel, thrumming with life."
—GERALDINE BROOKS
The Names
a novel
Florence Knapp

Índice

Página de título
Direitos autorais
Conteúdo
Dedicação
Prólogo
1987
- Urso
- Julian
- Gordon

Sete anos depois: 1994
- Urso
- Julian
- Gordon

Sete anos depois: 2001
- Urso
- Julian
- Gordon

Sete anos depois: 2008
- Urso
- Julian
- Gordon

Sete anos depois: 2015
- Urso
- Julian
- Gordon

Sete anos depois: 2022
- Urso
- Julian
- Gordon

Epílogo
Nomes dos personagens
Nota do autor
Agradecimentos
Sobre o autor

THE NAMES

Florence Knapp

PAMELA DORMAN BOOKS | VIKING

VIKING
Uma marca da Penguin Random House LLC
1745 Broadway, Nova York, NY 10019
penguinrandomhouse.com

Publicado simultaneamente em capa dura na Grã-Bretanha pela Phoenix Books, um selo da Hachette UK Ltd., Londres, em 2025.

Primeira edição nos Estados Unidos publicada pela Pamela Dorman Books, 2025.

Direitos autorais © 2025 por Florence Knapp

A Penguin Random House valoriza e apoia os direitos autorais. Os direitos autorais fomentam a criatividade, incentivam a diversidade de vozes, promovem a liberdade de expressão e criam uma cultura vibrante. Agradecemos por adquirir uma edição autorizada deste livro e por respeitar as leis de direitos autorais, não reproduzindo, digitalizando ou distribuindo qualquer parte dele de qualquer forma sem permissão. Você está apoiando escritores e permitindo que a Penguin Random House continue publicando livros para todos os leitores. Observe que nenhuma parte deste livro pode ser usada ou reproduzida de qualquer forma para fins de treinamento de tecnologias ou sistemas de inteligência artificial.

Um livro de Pamela Dorman/Viking

O logotipo da PGD é uma marca registrada da Penguin Random House LLC.

VIKING é uma marca registrada da Penguin Random House LLC.

Todas as ilustrações internas © Sam Scales.

Design da capa: Elizabeth Yaffe e Jason Ramirez
Capa: *Donegal, Irlanda* , 2023. Jennifer Latour
Desenhado por Cassandra Garruzzo Mueller, adaptado para ebook por Cora Wigen.

Dados de Catalogação na Publicação da Biblioteca do Congresso

Nomes: Knapp, Florence, autora.
Título: Os nomes: um romance / Florence Knapp.
Descrição: Nova Iorque: Pamela Dorman Books/Viking, 2025.
Identificadores: LCCN 2024033223 (impresso) | LCCN 2024033224 (e-book) | ISBN 9780593833902 (capa dura) | ISBN 9780593833919 (e-book) | ISBN 9798217059348 (edição internacional)
Assunto: LCGFT: Romances.
Classificação: LCC PR6111.N36 N36 2025 (impresso) | LCC PR6111.N36 (e-book)
Registro da Biblioteca do Congresso disponível em https://lccn.loc.gov/2024033223
Registro eletrônico do livro da Biblioteca do Congresso disponível em https://lccn.loc.gov/2024033224

ISBN do ebook: 9780593833919

O representante autorizado na UE para segurança e conformidade do produto é a Penguin Random House Ireland, Morrison Chambers, 32 Nassau Street, Dublin D02 YH68, Irlanda, https://eu-contact.penguin.ie .

pid_prh_7.1a_151176520_c0_r0

Conteúdo

Dedicação

Prólogo

1987
Urso
Julian
Gordon

Sete anos depois: 1994
Urso
Julian
Gordon

Sete anos depois: 2001
Urso
Julian
Gordon

Sete anos depois: 2008
Urso
Julian
Gordon

Sete anos depois: 2015
Urso
Julian
Gordon

Sete anos depois: 2022
Urso
Julian
Gordon

Epílogo

Nomes dos personagens
Nota do autor
Agradecimentos
Sobre o autor

_151176520_

Para o meu marido, Ian—com amor

Prólogo

Outubro de 1987

A mãe de Cora sempre dizia que as crianças eram agitadas pelo vento, que até as mais quietas voltavam para casa depois da brincadeira, quando o vento as deixava furiosas. Cora sente isso em si mesma agora, essa inquietação. Lá fora, rajadas de vento batem nos pinheiros atrás da casa e descem pelo corredor lateral para se lançarem contra o portão. Dentro de casa também, preocupações se espalham e giram. Porque amanhã — se a manhã chegar, se a tempestade parar — Cora registrará o nome do seu filho. Ou talvez, e essa é a sua verdadeira preocupação, ela formalizará quem ele se tornará.

Cora nunca gostou do nome Gordon. O jeito como começa, com um som estilhaçado que a faz pensar em balas quebradas, e termina com um baque surdo como alguém jogando uma mochila esportiva no chão. *Gor* don. Mas o que a perturba ainda mais é que agora ela precisa moldar a bondade do seu filho nesse molde, esperando que ele seja forte o suficiente para encontrar sua própria forma dentro dele. Porque Gordon é um nome transmitido pelos homens da família do seu marido, e parece impossível que seja de outra forma. Mas isso não a impede de discutir consigo mesma, lembrando de todas as vezes que sentiu o nome de alguém. talvez tenham influenciado o rumo de suas vidas. Amelia Earhart. Os irmãos Lumière. Na semana passada, ela havia notado um livro na mesa de cabeceira do marido, *Neurologia Clínica,* de Lord Walter Russell Brain.

"Isso não lhe parece estranho?", ela perguntou.

“Coincidência”, respondeu Gordon. “Embora você não acredite na quantidade de urologistas chamados Burns, Cox e Ball. E, na verdade, o Sr. Legg é bem comum na ortopedia.”

Você não vê o risco?, ela queria dizer. *Você não vê que chamar nosso filho de Gordon pode significar que ele acabe como você?* Mas ela não conseguiu. Porque certamente era esse o ponto.

Ela encosta a ponta de um dedo dobrado na bochecha quente do bebê, como se a pele dele pudesse transmitir alguma mensagem vital. Do que ele quer. De quem ele poderia ser. Mas antes que qualquer coisa possa ser decifrada, algo se choca contra a parede dos fundos da casa — um som ouvido e sentido. Ela puxa o bebê para mais perto enquanto a luz de segurança pisca lá fora, iluminando as silhuetas ondulantes dos pinheiros. Vastos e imponentes, depois recuando, antes

de se tornarem grandes novamente. Ela ouve Gordon sair do cômodo ao lado e descer as escadas correndo, imagina-o caminhando de pijama pela escuridão da sala de estar em direção às portas do pátio, depois parado sob o holofote, semicerrando os olhos sem as lentes de contato, tentando determinar o que está fora do lugar. Ela o imagina encolhido pela ameaça iminente das árvores, pela imensidão da tempestade.

Poucos minutos depois, ele abre a porta do quarto do bebê, e Cora sente uma corrente de ar frio, como se tivesse se impregnado em suas roupas e o seguido escada acima. "Era só o regador", diz ele. "Volte para a cama agora."

"Em breve", ela concorda. Mas não quer deixar o bebê sozinho, então o deixa dormir, com a cabeça pesada em seu braço, enquanto os sons da tempestade marcam os minutos da noite que se transformam em dia.



GORDON ESTÁ AO telefone com um colega que já está no consultório. Cora ouve a conversa deles sobre a falta de aviso prévio na previsão do tempo da noite anterior e, em seguida, sobre a possibilidade de consultas canceladas e funcionários que não conseguirem chegar. Ela prepara o café da manhã com uma mão, enquanto cuida do bebê com a outra, e ajuda Maia a sintonizar uma estação de rádio local para ouvir a lista de escolas fechadas devido aos danos causados pela tempestade. O nome de Maia aparece no meio de uma lista de escolas primárias desconhecidas, o que lhe arranca um pequeno sorriso de alegria e um sinal de positivo silencioso, que cai ao lado do corpo quando seu pai entra na sala.

Pegando uma fatia de torrada antes de ir embora, Gordon diz: “Meus pais vêm no domingo. Não se esqueça de ir ao cartório hoje.” Duas afirmações, lado a lado, feitas como se uma justificasse a outra. “E não atravesse o parque”, acrescenta. Exibicionistas, assassinos e, hoje, árvores que ainda podem cair depois.



AS CASAS DA rua são todas de uma falsa imponência com pilares de estuque, jardins frontais compostos por arbustos baixos e bem cuidados, e janelas cegas idênticas. Quando saem, quase não há vestígios da tempestade. Mas além da rua sem saída, a paisagem tem aquela mesma irrealidade cintilante de quem sai de um cinema à luz do dia. As árvores inclinam-se em ângulos estranhos. Painéis de cerca achatados deixam aberturas convidativas para os quintais. Um varal giratório jaz caído na calçada. Algumas casas adiante, a camisa de um homem está presa em uma sebe de ligustro, com os prendedores ainda presos nos

ombros. Os olhos de Maia percorrem o ambiente, sua cidade de repente um quebra-cabeça de encontrar as diferenças.

Eles caminham pela beira do campo, desviando o carrinho de bebê de galhos caídos, parando para observar a vasta raiz de um carvalho, coberta de torrões de lama. Maia se agacha na cavidade abaixo dela. "Cuidado para não sujar o casaco", diz Cora. *As palavras dele* ... Seu próprio instinto é encorajar Maia a se deitar, a respirar o aroma rico e almiscarado da terra, a se imaginar como uma raposinha enroscada, focinho com rabo. Ela tem nove anos, prestes a ficar velha demais para querer fazer essas coisas.

Maia sai do carro e sacode a poeira do casaco. Na faixa de pedestres, onde o globo âmbar de um farol Belisha jaz decapitado ao lado da estrada, eles esperam os carros pararem. Maia olha para o carrinho de bebê e diz: "Por que eu não tenho o seu nome, se ele vai ter o do papai?"

Cora levanta a mão para agradecer a um motorista. "Ah, mas você sabe sim. É só que ninguém mais sabe", diz ela enquanto atravessam a rua. "Maia significa *mãe* . Posso te mostrar no meu livro de nomes de bebês quando chegarmos em casa."

"É mesmo?" Cora fica surpresa com a felicidade que isso traz à filha. "Então por que não o chamamos por um apelido que simplesmente signifique *'Papai'* ?"

Cora olha para o bebê, cujo rosto cor de lua cheia espreita por baixo do macacão de neve grande demais. Ela para de fazer força por um instante e se inclina para dentro do seu casulo de ar com cheiro de talco. Os olhos dele brilham de excitação. Ao encontrar o dele, seus membros envoltos em panos se agitavam freneticamente em comemoração. Ele não é um Gordon. Ela pisca, como quem diz " *eu te amo"* , e então se endireita. "Sabe, eu realmente pesquisei quais nomes significam *pai* e o que eu gostei foi Julian, que significa ' *pai do céu'."*

Para Cora, isso implica transcender uma longa linhagem de pais da Terra problemáticos, e por um tempo ela se perguntou se seria um nome com o qual Gordon concordaria. Se *significa* pai, se ainda é uma homenagem a ele, certamente é quase tão bom? Mas, chegando em casa cedo certa noite, com o livro de nomes aberto com a capa para baixo no sofá, ele o pegou, examinou as páginas espalhadas por um instante. *Só os nomes de meninas, lembra, Cora? Já temos Gordon para menino* . E quando ele fechou o livro com um estalo e o colocou de volta na estante, a ideia de uma conversa também foi descartada.

“Eu gosto do Julian”, diz Maia.

“Eu também. Mas como *você* o chamaria?”, pergunta Cora. “Se pudesse escolher qualquer nome?”

“Bem”, diz ela, e Cora percebe pela maneira como ela prolonga a palavra que ela já havia pensado nisso. “Não é um nome muito comum, mas eu gosto de Urso.”

"Urso?", pergunta Cora, sorrindo.

“Sim. Parece algo suave, aconchegante e gentil”, diz Maia, abrindo e fechando os dedos como se estivesse amassando doçura nas mãos. “Mas

também, corajoso e forte.”

Cora olha para o bebê e o imagina sendo todas essas coisas. Ela quer isso para ele.

Mais perto da cidade, a limpeza já começou. Dois homens com motosserras cortam as tílias caídas em pedaços transportáveis, deixando apenas tocos cortados nos canteiros junto à calçada.

Maia acena timidamente para uma garotinha loira cujo cumprimento se perde no barulho das máquinas. E assim que elas passam, ela diz para Cora: "Essa é a Jasmine. Do balé."

“Ah, sim, aquela com a irmã mais velha em—”

“Sadler Swells. Mas eu tenho uma pergunta”, diz Maia, retomando a conversa antes que Cora tenha a chance de corrigi-la. Ela respira fundo, como se estivesse prestes a perguntar algo proibido, e então diz: “Por que isso importa? Para o papai, quero dizer. Essa coisa de termos o mesmo nome.”

Cora quer dizer que isso importa porque, às vezes, homens grandes se sentem pequenos por dentro. Porque algumas pessoas — como o pai de Gordon — passam a vida acreditando que são tão imutáveis que chegam a pensar que seus filhos, e os filhos de seus filhos, devem ser todos feitos à sua imagem e semelhança. Porque, às vezes, a necessidade de agradar às gerações anteriores é maior do que a necessidade de amar as futuras. Para Cora, isso soa como uma demonstração de superioridade, algo tribal. Mas ela não diz nada disso para Maia. Ela já percebe o suficiente. Na manhã seguinte a uma discussão, não importa o quão silenciosamente Cora a tenha suportado, Maia a procura na pia da cozinha, a abraça pela cintura com seus braços finos e diz: "Minha querida mamãe", com a bochecha encostada nas costas de Cora. Nesses momentos, Cora sente a compaixão, a tristeza compartilhada. E, certa vez, a umidade no tecido das costas do seu vestido, onde o rosto de Maia estivera momentos antes.

“A tradição é importante apenas para algumas pessoas”, diz ela.

“Ter o próprio nome também é importante. Às vezes? Talvez até o papai gostaria de ter tido o dele.”

Cora tira uma das mãos do carrinho de bebê para passar o braço em volta do ombro de Maia. "Menina esperta."

Ela se pergunta novamente se está fazendo tudo certo. Tudo mesmo. Se é a coisa certa para o próprio Gordon dar continuidade a essa tradição. Talvez consentir em viver à sombra do pai e do avô paterno só perpetue a semelhança, aumentando o peso disso para ele. Talvez dar um nome diferente ao filho fosse uma libertação. Não de imediato, mas depois.

E Maia. Será que ela não está apenas ensinando à filha que manter a paz é mais importante do que fazer o que é certo? Cora se pergunta o que Maia pensa dela por ter concordado em dar ao irmão esse nome que o ligará a gerações de homens dominadores. E percebe que, embora o nome de Maia tenha sido originalmente concebido como um laço silencioso entre eles, ao revelar seu significado, isso também pode se tornar um fardo. Talvez ela tenha, sem querer, transmitido a mensagem de que suas vidas estão destinadas a seguir o mesmo

caminho, quando sua verdadeira esperança é que seus filhos trilhem seus próprios caminhos. ter.

1987



Urso



Cora observa as letras se formarem, cada uma emergindo como algo mágico e extraordinário da ponta da caneta da escrivã enquanto desliza pela página.

Bear Atkin. Bear. Apenas quatro letras, BEAR, mas cada uma parece carregada de significado, não mais apenas consoantes e vogais. Uma grande

onda de — o que é isso? — alegria, sim, isso mesmo, alegria — percorre o ser de Cora. Uma felicidade vertiginosa que toma conta de todo o corpo. Ela olha para Maia, que está ao lado de sua cadeira, e vê a surpresa em seu rosto.

Enquanto a funcionária entrega o certificado para Cora, ela lhe conta que trabalha nessa função há vinte e dois anos e nunca teve um bebê da raça Bear antes. Ela se inclina sobre a mesa e olha para o carrinho dele. "Mas é perfeito para você, não é?" E então, dirigindo-se a Maia, diz: "Você parece uma irmã mais velha muito orgulhosa. Cuide bem desse seu pequeno Bear, tá bom?"

Do lado de fora do escritório, Maia está radiante. "Não acredito que você me escolheu!" "Meu nome... eu... eu nunca pensei que você fosse chamá-lo pelo *meu* nome!" Cora beija a testa dela e guarda o envelope na bolsa, enquanto Maia leva Bear para a rua em sua cadeira de rodas.

A princípio, Cora sente como se estivesse flutuando acima do calçamento e, ao ver seu reflexo na vitrine de uma loja, surpreende-se ao perceber que é algo sólido e firme. Maia está alguns passos à frente, mas Cora ouve sua tagarelice, observa suas belas costas enquanto ela se inclina sobre a maçaneta para aproximar o rosto do do irmão e fica radiante. Ela sabe que este será um momento decisivo na vida de Maia, um momento em que ela terá voz e não será obrigada a viver à sombra do casamento dos pais. Mas então, antes mesmo de chegarem ao topo da colina, vem a dolorosa constatação do que ela fez. E se Gordon descobrisse que o nome foi escolha de Maia… Ela pisca e tenta afastar o pensamento. Ele nunca machucou Maia. Mas talvez seja porque Maia tem se comportado bem e se mostrado apenas nos lugares onde Cora pressentiu que não a colocaria em perigo, sempre a chamando de volta, mandando-a tomar banho ou buscar alguma coisa desnecessária se a sentisse se aproximando demais do fogo.

Por baixo das camadas de roupa de outono de Cora, sua blusa começa a ficar úmida. O absorvente higiênico se transforma em um bloco pesado entre suas pernas, enquanto um suor frio mancha sua testa e causa uma sensação de formigamento na nuca. É como se cada parte fluida de seu corpo estivesse tentando escapar. Fugir.

O que ela fez? Como pôde ser tão estúpida? E *o nome Bear* ... Sem que tenha sido uma escolha de uma criança de nove anos — porque ele jamais poderá saber que foi —, como ela poderá explicar esse nome? Um nome que parecerá ter sido escolhido para humilhar, para dizer que a tradição familiar dele, a aprovação do pai, significam tão pouco, que ela nem sequer se importou. Limitar a traição dela a algo comum. Algo como Julian, talvez.

Ela pensa em repetir as palavras de Maia, em dizer a ele que um menino chamado Urso será alguém meigo e carinhoso, mas também corajoso e forte. Mas ela sabe que ele não dará muita importância a essas qualidades. Que elas só o deixarão mais furioso. E *como* ela contará a ele? Que momento ou lugar seria capaz de amenizar essa notícia? Pegá-lo no momento certo, preparar seu jantar favorito, nada disso ajudará. E a boa vontade que ele demonstrou por ela recentemente, durante a gravidez e as primeiras semanas com o bebê, quando a tratou com a consideração profissional que dedica a todas as novas mães em seu

consultório… isso não resistirá a isso. O que ela estava pensando? Ela terá que mudar. Terá que voltar ao cartório e se desculpar. Não pode ser tarde demais; a tinta mal secou. Ela entenderá que é a turbulência da tempestade; de ficar acordada a noite toda depois de semanas de sono interrompido. Não é um momento normal. Mas quando Maia chega à faixa de pedestres, ela se vira, o rosto aberto de uma forma que Cora raramente vira, a tensão que normalmente moldava suas feições momentaneamente dissipada. "Mamãe—" E esse nome, ela não a chamava assim há anos, há muito substituído por *Mãe* . "Obrigada, Mamãe. Esta é uma das coisas mais especiais que já me aconteceram."

Cora olha para o relógio enquanto caminham pela beira do parque. Faltam cinco horas para Gordon chegar do trabalho, o que parece uma eternidade e, ao mesmo tempo, muito pouco tempo. Ela precisa bolar algum plano. Cora acabou de se lembrar que Maia tem aula de natação hoje à noite e se pergunta se o centro esportivo estará aberto. Mehri a acompanha desde que o bebê nasceu. Será que ela pode perguntar? De novo, só mais uma semana, se ela já vai mesmo? Talvez ela pudesse levar a Maia para tomar chá em casa depois também — as filhas delas não se conhecem muito bem, mas moram perto, têm a mesma idade; não deve ser um grande incômodo, né? Se ela conseguir manter a Maia fora de casa até as sete, isso lhe daria meia hora entre a chegada do Gordon do treino e a volta da Maia.

Ao chegarem, Cora coloca o bebê adormecido no corredor, prepara um lanche para Maia e faz a ligação. A piscina está fechada. Mas Mehri se oferece — Cora nem precisa pedir — para convidar Maia para tomar chá com Fern. E por um instante, isso lhe dá alguma confiança, como se essa pequena peça do quebra-cabeça se encaixando tão perfeitamente fosse um sinal de que as coisas poderiam ficar bem. Ela vai ao banheiro, joga as roupas úmidas no cesto de roupa suja, troca de roupa íntima e pega uma blusa limpa na gaveta enquanto pensa no que fazer com Bear. E apesar da ansiedade, ela percebe que sempre pensou nele como *Bear* , como se esse sempre tivesse sido o nome dele. Como se ele estivesse apenas esperando para assumir esse nome e agora só precisasse que ela o tornasse real — que contasse a Gordon — e isso a impulsiona.

Ela se pergunta como poderá manter Bear em segurança. Considera a possibilidade de espaçar as mamadas, para que às seis horas possa amamentá-lo até que ele esteja naquele estado de sono profundo em que ela possa colocá-lo no moisés sem que ele acorde. Mas e depois? Ela vai até o armário, começa a tirar as caixas de sapatos do chão, empilhando-as ao lado da cômoda, fora da vista. Quando o espaço está grande o suficiente, ela tira a poeira com a lateral da mão, pega o bercinho e o coloca dentro do armário para verificar se cabe. Ela percebe a loucura do que está fazendo. Ele não machucaria o bebê deles, machucaria? Mas Por causa de um momento de impulsividade de Cora, a existência de Bear agora é uma afronta pessoal para Gordon e sua família. Ela quase consegue ouvir a voz dele. *Meu filho? Bear? Você enlouqueceu?* Não, pensa ela, enquanto organiza as coisas ao redor da cesta, ela precisa protegê-lo.

Ela passa o dedo pela estreita fresta entre as portas fechadas, mas não

consegue calcular quanto ar entra, então as abre novamente, entra no moisés e se tranca dentro do armário. Há uma linha de luz vertical e, quando ela fixa o olhar nela, vê um pedaço do quarto. Ela fica parada, afundando na escuridão, observando esse fragmento de sua própria vida de um novo ângulo. A cama que divide com Gordon, com a capa de edredom floral, um presente de casamento escolhido pelos pais dele. Mesinhas de cabeceira. Apenas um relógio do lado dela. Um abajur, um bloco de notas, uma pilha de livros do lado dele. Ela percebe que não há nada de si impressa nesse espaço, nenhum vestígio de sua presença física. Na verdade, há apenas a *sensação* de sua presença pairando sobre a quietude do quarto.

Ela ouve o som abafado de Bear começando a se mexer no carrinho, mas antes que consiga abrir as portas do armário, ouve Maia ir até ele, sua voz suave, acalmando-o para que não chore. Cora imagina Maia abrindo o zíper do macacão de neve dele e cuidadosamente tirando seu corpinho quentinho de lá, e quando não consegue mais ouvi-las, conclui que Maia deve tê-lo levado para a sala de estar. Cora permanece mais um pouco no armário, sentindo como se tivesse saído temporariamente de sua própria vida e apertado o botão de pausa.



ÀS SEIS E MEIA, CORA ouve a chave de Gordon na fechadura. Ela pensa que talvez esteja passando mal. Ela caminha até o corredor, onde ele a cumprimenta, beija sua bochecha e lhe entrega o paletó. Ela escova os cabelos. Passando os dedos pela textura quente do tecido antes de pendurá-lo, ela deseja desacelerar tudo, sentir essas coisas tangíveis, saborear os momentos em que pode escolher onde concentrar sua mente.

Ela o segue até a cozinha e, incapaz de continuar a conter a tensão que carregou o dia todo, ouve a si mesma exclamar: "Gordon, eu fiz alguma coisa."

Ele se vira, encosta-se no balcão, sem desviar o olhar dela, e ela sabe que ele não vai perguntar, não vai ajudá-la a descobrir. Ele afrouxa a gravata, sem desviar o olhar. E quando ela fala, ela se ouve como ele a ouvirá: patética, fraca.

“Fui registrar o nascimento como você pediu, e eu... espero que não se importe, mas dei a ele outro nome. Não Gordon. Sabe, eu nunca quis chamá-lo assim e eu... eu...”

Ela para porque ele não piscou; seus olhos não se desviaram do rosto dela. E essa parte é como alguém com medo de altura, alguém no topo de uma escada, tão certo de que vai cair, que sente o impulso de pular e acabar logo com aquilo. Ela precisa de toda a sua força para não se ajoelhar aos pés dele e deixá-lo chutá-la, para nem sequer tentar escapar do inevitável, mas se submeter, porque essa antecipação só adia o que ela sabe que está por vir. Mas então ela pensa em Bear lá em cima no armário do quarto, e em Maia jantando na cozinha de Mehri, e se endireita: “Eu o chamei de Bear.”

Ele sorri e ela percebe a mudança em seu semblante, vê-o balançar a cabeça e

pegar uma bebida. Ela percebe que ele não acredita nela. "Não", diz ela, "não, é a verdade". E tira o envelope de onde estava escondido entre dois livros de receitas. Ele se vira então, com uma das mãos ainda no filtro de água enquanto examina o certificado. Ele permanece mais tempo do que o necessário, encarando-o, e a mão dela começa a tremer enquanto ela continua. Ela estende o jornal para ele, o barulho audível do papel preenchendo os segundos que passam. Ele levanta o olhar e, mantendo o contato visual, deixa a jarra cair com força, fazendo-a se estilhaçar contra os azulejos da cozinha. Ela sente a água encharcar suas meias e percebe que deveria ter pensado em calçar os sapatos.

Ele estende a mão, agarra uma mecha de cabelo perto do topo da cabeça dela e puxa para trás, com o rosto a poucos centímetros do dela. Por um instante, ela fica confusa, pensando que ele talvez vá beijá-la, mas, em vez disso, ele joga a cabeça dela contra a lateral da geladeira.

Mesmo tendo prometido a si mesma que não faria isso, ela grita em choque e logo fecha a boca, sem querer arriscar acordar Bear. Ela não pode trazer a presença dele aos pensamentos de Gordon.

“Você é minha esposa”, ele sibila. “Eu te pedi para fazer uma coisa para mim”—a cabeça dela bate contra a geladeira mais uma vez—“e você não conseguiu. Só uma”—baque— “ droga” —*baque*— “coisa.”

Uma parte dela percebe que ele está apenas começando; que só haverá um número limitado de vezes em que ela sentirá o fluxo de cérebro, crânio e carne contra metal antes que isso pare. E então ela ignora seu desejo de não perturbar Bear e faz algo que nunca fez antes: grita por socorro. Não apenas uma vez, mas repetidamente, sabendo que a pequena janela da despensa está aberta, que a porta está entreaberta, que será impossível alguém na rua sem saída não ouvir. Quando ele tapa sua boca, ela crava os dentes com força na lateral da mão dele, afundando na carne e nos pelos ásperos. Ele recua, surpreso. Mas é apenas um alívio momentâneo, porque agora há alguns metros entre eles e ela percebe que ele usará isso como impulso, que está prestes a atacar.

Ela salta para o lado e sente os pontos cuidadosos da parteira estalarem. Mas não há dor, apenas uma onda de adrenalina, enquanto ele a persegue. até a sala de estar. Ele agarra seus cabelos novamente, mas ela se desvencilha bruscamente e se liberta, sentindo um arrepio de calor intenso no couro cabeludo.

Ele se atira sobre ela, a puxa para o chão e, embora ela não tenha ouvido o estilhaçar do vidro nem a porta da frente se abrir, alguém — quem? — está na sala com eles. É o homem da casa duas portas abaixo, que se mudou para lá há apenas alguns meses; o homem que ela às vezes vê passeando com o cachorro voltando do parque nas tardes em que ela sai para encontrar Maia no meio do caminho da escola, o homem que sorriu para sua barriga de grávida e que um dia comentou que era *um bom tempo para patos* , enquanto eles se cruzavam na água. Esse homem está puxando Gordon para longe dela e, por um instante, parece que isso é uma espécie de fim, que o que quer que aconteça a seguir será uma apaziguação. Mas então Gordon grita: "Que diabos você está fazendo na minha casa?", enquanto o cachorro do homem late em seus tornozelos, com a

guia presa nas pernas da mesa de centro. O homem levanta as mãos, como quem diz: " *Não quero confusão, não quero brigar"* , enquanto Gordon coloca as palmas das mãos firmemente contra o peito dele e o empurra com tanta força que Cora só consegue observar enquanto o homem cai para trás, atravessando o vidro da porta do pátio.



MAIS TARDE, E NÃO necessariamente nesta ordem, um policial — jovem, talvez nem com vinte e dois anos — discará o número de Mehri que encontrar escrito ao lado do telefone e providenciará para que Maia passe a noite lá. Em seguida, ele subirá e pegará Bear no armário, e Cora se perguntará como ele sabe balançar o bebê daquele jeito e dar tapinhas em suas costas até que seu choro se transforme em suspiros trêmulos ocasionais. Mas ela não pensará em perguntar, porque as palavras já lhe disseram tudo. sumiu da sua cabeça; o caminho entre o pensamento e a voz foi temporariamente interrompido. Ela manterá a mão sobre a orelha direita, tentando silenciar o zumbido em sua cabeça, sem compreender por que está ali ou que tenha algo a ver com a cena na cozinha, apenas quarenta e cinco minutos antes. Ela notará quando as luzes azuis piscantes deslizarem das paredes da sala de estar enquanto a ambulância lá fora se afasta. Ela observará um policial mais velho algemar as mãos de Gordon atrás das costas e, embora não consiga ouvir as palavras do homem, entenderá que ele é um paciente, que há algo em seu jeito que lhe diz que ele está desconfortável por estar nessa posição, levando embora o homem que talvez tenha oficiado a morte de sua própria mãe; diagnosticado a depressão de sua esposa; dito: " *Não se preocupe, já vi de tudo",* enquanto apalpava a próstata aumentada do homem. Porque Gordon é um homem querido por seus pacientes. Ele é um bom médico, não importa o que seu pai cirurgião pense da clínica geral. Cora acenará com a cabeça e apontará para o encosto da cadeira enquanto o jovem policial recolhe seus pertences, deslizando a mão para dentro da bolsa para verificar se as chaves estão lá. Ele sairá da sala por um instante para conduzir uma segunda equipe de paramédicos quando os ouvir no corredor. E eles sorrirão e a tratarão com tanta ternura que ela sente que é isso — de todas as coisas — que pode quebrá-la. Ela observa os lábios da paramédica, não consegue decifrar as palavras, mas sente o calor nelas, percebe como ela mantém os olhos fixos nos de Cora, sem retribuir os olhares ansiosos de sua colega mais jovem. Todas essas pessoas, tantas delas jovens, arrastadas para o horror daquela noite, para a confusão de suas vidas, que se desenrolaram ano após ano, mês após mês, semana após semana, dia após dia, hora após hora, para trazê-las a este ponto. momento.

Julian



UM Depois, Cora não tem certeza do que a levou a dizer aquilo, apenas que disse e que pareceu certo. Agora, enquanto o bebê repousa em seu carrinho — Julian, *pai celestial* , etéreo, transcendente — Cora sente-se mais enraizada do que há anos. Como se, com os pés firmemente plantados no chão, ela segurasse as duas linhas da vida de seus filhos em segurança na palma da mão.

Enquanto caminha, há uma nova certeza em seus passos, uma consciência da extensão e contração de seus músculos. Como se algo dentro dela tivesse despertado. Ela se vira para atravessar o terreno comum sem pensar, só percebendo quando Maia para. *Mas papai disse…* Um pé calçado com tênis pairando acima do chão, como se sua mãe a estivesse convidando a entrar em outro mundo.

“Vai ficar tudo bem”, diz Cora. “Vamos seguir pela trilha principal. Quase não há árvores grandes por perto e haverá muito o que fazer.” "Olha só." A surpresa estampa-se no rosto de Maia, mas ela dá um passo e logo se afasta, explorando silenciosamente a nova paisagem.

Cora nunca quis que a liberdade de movimento de Maia fosse limitada, mas se lembra de como, anos antes, como bailarina, seu próprio corpo era vivo, alerta, sintonizado com a música, intuindo qualquer lampejo de emoção — um nervo, uma hesitação — apenas pela qualidade do toque de seu parceiro. E agora, ela experimenta essa mesma sensibilidade aguçada, consciente da energia cinética das coisas ao seu redor. Ela percebe o solavanco e o giro das rodas do carrinho de bebê enquanto passam pelo chão varrido pelo vento do campo aberto. O cheiro de ar úmido penetrando as rochas de arenito. Como suas pupilas reagem quando a luz de outubro torna brilhante o branco do pavilhão de críquete. A maneira como seus ouvidos captam o abafamento dos passos de Maia e o estalar dos galhos enquanto ela caminha pela trilha de terra à frente. *Sinta o chão* , todos os professores desde que ela tinha cinco anos gritavam, as vogais se fundindo à música do piano que ecoava pelas paredes de um salão de igreja, um centro comunitário, um estúdio. E agora, tantos anos depois, ela sente o chão novamente. Sente-o por inteiro. Reconhece sua firmeza, seu apoio, e sabe que o chão — esta terra — a acolhe. Que ele se eleva imperceptivelmente ao seu encontro e a amparará se ela cair, porque ela fez a coisa certa.

Cora está acostumada a explosões repentinas, como quando uma luz fica acesa de repente ou quando percebe tarde demais que foi excessivamente amigável ao falar com um prestador de serviços. Ela vive tentando não atiçar a raiva de Gordon, mas mesmo assim acaba derramando gasolina por todos os lados, pingando em sapatos que esqueceu de engraxar, respingando em uma camisa que não foi lavada a tempo. Ela corre de um lado para o outro, tentando apagar qualquer faísca, mas sempre há algo atrás dela, logo fora do alcance da luz. uma visão que ela não havia imaginado. Mas hoje é diferente. Ela pode escolher como será revelado, quais serão as condições, a forma como será apresentado. E ela se sente destemida. Sim, ele pode — e provavelmente *vai* — ficar furioso, mas as consequências não serão em vão desta vez. Ela terá conseguido o que quer: que seu filho cresça com o próprio nome.

Quando Maia recua e acompanha o passo dela, está cantarolando, um som baixo e frenético, cheio de mudanças de tom erráticas. Cora tira a mão do carrinho e aperta a palma enluvada de Maia. "Você não precisa se preocupar. Ele pode ficar bravo por um tempinho, mas vai passar."

“Mas você disse que foi por causa do que *eu* disse antes de entrarmos. A

culpa será toda minha.”

“Não, eu disse que você foi minha inspiração. Há uma diferença. Van Gogh pode me inspirar a pintar um quadro, mas isso não significa que a culpa seja dele se meus girassóis parecem um pote de Chupa Chups amarelos, não é? Você me lembrou como é importante que todos tenham seu próprio nome, mas foi uma decisão minha chamá-lo de algo diferente.”

“Os girassóis nunca se pareceriam com os chupa chups.”

“Bem, você não sabe disso; você não viu o meu. Mas escute, Julian era um nome que eu já tinha escolhido muito antes de hoje, então a ideia já devia estar rondando minha cabeça. E olhe para ele”, diz ela, acenando com a cabeça em direção ao carrinho de bebê, “ele não parece um Julian para você? Não há outra opção. Você consegue imaginá-lo como um Gordon? Sério?” Maia ri, uma risada baixa e nervosa. Ela olha de soslaio, como se quisesse ter certeza de que é mesmo sua mãe. “Você nem precisa estar aqui quando eu contar para ele, mas vamos pensar em como tornar esta noite especial.”

“O que você vai cozinhar? Talvez lasanha?”, pergunta Maia, e Cora sabe, mais uma vez, que fez a coisa certa, porque nenhuma criança deveria se acostumar tanto a se adaptar aos pais a ponto de sugerir a comida que menos gosta.

Quando Maia era mais nova, Cora cortou um pedaço de penne durante o almoço, quando estavam só as duas. "Olha, parece um pergaminho de pirata", disse ela, "fica completamente plano depois de desenrolado. É assim que uma folha de lasanha funciona."

Mas Maia franziu os lábios. "A massa achatada tem um gosto diferente. É mais mastigável e gordurosa."

Cora pegou um tubo de penne do prato de Maia. "Talvez você tenha razão", disse ela, dando uma mordida, "provavelmente não são exatamente iguais."

Mas, ainda assim, na próxima vez que comeram lasanha, quando ela colocou o prato na mesa e Gordon proclamou que era a sua favorita, Cora e Maia trocaram olhares por um instante — sem querer — e Maia desviou o olhar e disse: "Sim, molho delicioso", e a sua bondade tocou o coração de Cora.

Maia sempre parecia sintonizada com as nuances de um ambiente. Cora percebia isso na postura rígida de seu corpo franzino, como se alguém tivesse colocado hastes finas sob as costuras dos ombros de sua camiseta. Percebia isso no modo como seus olhos se moviam entre elas, acompanhando suas interações, enquanto tomava cuidado para evitar qualquer coisa que pudesse sugerir uma aliança. Percebia isso na maneira como Maia corria para pegar papel-toalha para limpar um derramamento pelo qual Cora poderia ser culpada. Na maneira como assistia à televisão com um prato embaixo de um palito de pão para aparar as migalhas.

Um dia, Cora levou algo para a escola para Maia — algo esquecido, uma lancheira ou uma mochila de ginástica — e a recepcionista disse: “Talvez seja melhor você levar para a recepção para garantir que ela não se esqueça.” "Chega a tempo, se não se importar." Cora caminhava pelos corredores vazios da sala de

aula e, ao chegar à sala certa, olhou através do painel de vidro, prestes a abrir a porta, quando parou. Porque havia uma garota. Interrompendo seu trabalho para dizer algo à amiga sentada ao lado, o que fez ambas rirem. E por um instante, Cora não reconheceu sua filha. Mas mesmo quando a reconheceu, as duas Maias ainda não eram exatamente iguais. O riso desta Maia chegava aos seus olhos, seu sorriso ligeiramente mais amplo e espontâneo do que o da que ela conhecia.

Maia ergueu os olhos, como se soubesse que estava sendo observada, e sorriu, fazendo um sinal de positivo com o polegar enquanto Cora segurava o objeto esquecido perto do vidro. Mas a Maia que ela vira já havia desaparecido. E no caminho para casa, Cora sentiu um vazio profundo no âmago do seu ser ao perceber que, por mais que imaginasse poder existir isolada, apenas como *mãe* — carinhosa, compreensiva, encorajadora —, na mente da filha, ela e Gordon eram uma só pessoa, duas metades inseparáveis. Não importava quais fossem seus papéis, Cora era um obstáculo igualmente importante — algo a ser protegido e com o qual se preocupar. Assim como Gordon era uma presença a ser vigiada e temida.



EM CASA, MAIA recorta estrelas e luas de papel colorido e as une com uma fita amarela. "Podemos enfeitar nossos pratos", diz ela para Cora, que está cortando legumes na cozinha, enquanto Julian dorme no carrinho no corredor. Cora sorri e se sente quase otimista. Ela espera não estar enganada e que encontrará um jeito de fazer Gordon enxergar as coisas dessa forma também.

Cora pergunta em voz alta se ainda haverá natação depois da tempestade. "Espero que não", diz Maia, fazendo uma careta.

Cora imagina Maia no vestiário vestindo roupas em seu corpo ainda molhado e, em seguida, saindo, com os cabelos úmidos, para o ar frio da noite. "Você provavelmente tem razão, não consigo imaginar que a piscina esteja aberta hoje."

No final da tarde, Cora coloca Julian em sua cadeirinha de balanço e a posiciona no centro da mesa da cozinha, onde pode conversar com ele enquanto prepara a lasanha, intercalando camadas de massa e molho bechamel. De vez em quando, ela olha para ele e pensa: *Julian* , e depois: *Pai Celestial* . E essas palavras lhe parecem fortes, como talismãs.

“Você gosta do seu novo nome, Jules?”, pergunta Maia.

“ *Jules* ”, diz Cora, experimentando a pronúncia da palavra pela primeira vez. “Não tinha pensado em como soaria abreviado. É bonito. Mas cuidado para não dizer o nome dele até contar para o papai, tá bom?”



ÀS SEIS E MEIA, ELA ouve a chave de Gordon na fechadura e o imagina pendurando o paletó no corredor. *Sinta o chão* , diz para si mesma, enquanto seus calcanhares se posicionam firmemente. Ela consegue ouvir a aprovação em sua voz quando ele exclama: “Lasanha! Senti o cheiro assim que abri a porta.” Ao passar pela mesa de jantar a caminho da cozinha, ele diz: “E a decoração também. Muito bem, Maia.” Mas então: “Vamos lá, Cora, não é seguro colocar o bebê conforto aqui em cima.” Ele o abaixa suavemente para não acordar o bebê. “Não é como se eu já não tivesse te contado histórias de terror suficientes do consultório. Tente pensar.”

Cora pede desculpas e, em seguida, pede a Maia que ponha a mesa.

Maia entra pela porta da sala e pega os talheres da gaveta. Pelo canto do olho, Cora percebe que ela ficou perturbada com a mudança de tom de Gordon. Mas antes que ela possa intervir, os talheres caem no chão com um baque e Julian se assusta, agarrando o ar ao seu redor com as mãos trêmulas, franzindo a testa enquanto dorme. Por um instante, Cora congela. *Não chore, por favor, não chore. Julian, meu pai celestial, agora está com os pés no chão* , pensa ela. E milagrosamente, a carranca desaparece e, momentos depois, seu rosto se acalma e ele volta a dormir.

“Mãos de manteiga”, diz Gordon para Maia, e Cora se vira para os livros de receitas por um instante para respirar fundo em agradecimento silencioso, onde as lombadas de Prue Leith e Mary Berry parecem quase vibrar com a pressão da certidão de nascimento entre eles. *Por favor, faça com que tudo dê certo, Mary* , implora Cora mentalmente. Ela imagina uma torta de limão com um merengue fofo e aerado, com os picos dourados uniformemente, acreditando que se conseguir tornar a imagem perfeita o suficiente, tudo ficará bem. Ela se questiona sobre essa confiança que deposita em coisas aleatórias — o cheiro de arenito úmido, a visão de um pudim bem-feito — mas o que mais ela tem?

Cora coloca uma mão em cada ombro de Maia, na esperança de transmitir conforto ao seu pequeno corpo ansioso, que parece rígido sob suas palmas. Talvez ela devesse ter ligado para Mehri e perguntado se a aula de natação estava confirmada. "Não se preocupe com a mesa. Eu consigo fazer isso", diz ela.

Durante o jantar, eles conversam sobre a clínica, sobre um novo projeto piloto que Gordon está implementando para recrutar pacientes com depressão para trabalharem como voluntários de assistência, entregando medicamentos a pessoas acamadas. Mas então surge a pergunta: "Você registrou o nascimento?"

“Hum”, diz Cora. Ela está com a boca cheia e levanta a mão para mostrar que tem mais a dizer. Ela termina de mastigar e engole. “Eu estava Eu ia mencionar isso. Queria fazer algo especial. É uma celebração. De você, na verdade. Mas, bem, eu estava pesquisando nomes e percebi que Julian—” E ela para por um momento porque Gordon largou a faca e o garfo. “Bem, eu percebi que Julian significa *pai* . E eu sei que Gordon é o seu sobrenome, mas gostei da ideia de algo mais pessoal, que homenageasse você. Só você. Então, bem, espero que não se importe, mas esse é o nome que registrei.”

O quarto está silencioso.

“Você... Você o chamou de Julian? Não de Gordon?” Gordon pergunta, e ela percebe que ele está tentando assimilar o que ela disse. Ela quer preencher o silêncio com palavras, mas não consegue pensar em nenhuma, então acena com a cabeça. E acena novamente, como se ele tivesse feito a pergunta duas vezes. “O quê...?”

Mas então Maia o interrompe, animada e confiante, como se fizesse isso o tempo todo, como se estivesse acostumada a interromper o pai. “É para isso que servem a lua e as estrelas ao redor do seu prato”, diz ela. “Julian significa *pai do céu* . Eu contornei seu peso de papel para fazer as luas e fiz as estrelas do jeito que você me ensinou: dois triângulos. Apaguei depois, mas você ainda consegue ver um pouco as linhas no verso. Vire-as”, diz ela. E se levanta, indo ficar ao lado dele e erguendo a corrente de formas. “Olha”, diz ela, traçando as linhas tênues do lápis com o dedo. “Você gostou? Do nome? Do que significa?”

“Julian”, diz ele.

“ *Pai* ”, traduz Maia novamente.

E Cora percebe que sua filha aprendeu o que fazer. Como acalmar, como apaziguar. Que só de observar, na primeira vez que assumiu esse papel, ela já se tornou competente. Se isso não parar, Cora pensa que esse padrão se repetirá infinitamente, o destino de cada geração trilhando o mesmo caminho.

E apesar de parecer impossível — os obstáculos intransponíveis de para onde irão, como ela conseguirá dinheiro, quem acreditará nela, como impedirá que ele lhe tire as crianças — algo muda. Cora sabe que precisa bolar um plano.

"Você gostou?", Maia pergunta novamente.

Gordon sorri e diz: "Então me diga, irmã mais velha, essa foi uma ideia genial sua? Ou da sua mãe?"

“Principalmente da minha mãe”, diz Maia, sentando-se novamente à mesa, “mas eu também gosto”.

Só se ouve o arrastar dos talheres nos pratos. A respiração tênue de Julian enquanto ele dorme no balanço aos seus pés. E então, o estalo seco do murmúrio entrecortado de Maia enquanto o silêncio do pai se prolonga demais. Cora está arrasada por ela. Tem a sensação de a garganta fechar quando vai engolir, e é como se estivesse se afogando, então simula comer, equilibrando pequenos pedaços nos dentes do garfo, enquanto Gordon — lenta, cuidadosamente, com sua meticulosidade habitual — mastiga cada garfada, até que seu prato esteja vazio, ainda sem dizer nada. O ambiente é como uma corda de violino esticada demais. É só uma questão de tempo até que ela se rompa.

“Vá preparar um banho”, diz Gordon para Maia, finalmente. Cora a vê piscar, incapaz de olhar para eles, vê-a encostar as pontas da faca e do garfo no prato, empurrar a cadeira e sair do quarto. Cora tem vontade de abraçar seus ombros finos e robustos.

Gordon se levanta, e embora Cora não se vire para olhar, ela o sente atrás da cadeira. Sente a palma da mão dele pressionada levemente contra a nuca. Esperando. Só quando ouvem os canos rangendo no teto, quando a água da banheira começa a correr, é que ele Ela afunda o rosto na lasanha intocada, o

prato pressionando com força o nariz, o molho cobrindo os cílios e alguns fios de cabelo grudados nas bochechas.

Suas palavras saem baixas, mas claras. "Um nome que remonta a gerações e você realmente achou que eu não me importaria?" Ele ri, uma risada de jantar, uma risada para amigos. Então, ele puxa o rosto dela do prato usando o cabelo como alavanca. Ela para as mãos, que instintivamente se movem para limpar a comida, e em vez disso as repousa no colo. Mantém a cabeça erguida. Pisca. "Não vou deixar isso passar", diz ele. "Entendeu?"

Ela acena com a cabeça, inclinando-a levemente, enquanto diz a si mesma que esta será a última vez. Que nunca mais se sentará com o jantar que preparou escorrendo pelo rosto. Que nunca mais verá sua filha tentando apaziguar aquele homem. Que não mudará o nome do filho. Tudo — *tudo* — já mudou. Ela se senta, coluna ereta, pescoço alongado, pés firmemente plantados no tapete. Sente o chão e, ainda assim, mesmo agora, ele a domina.

“Agora coma seu jantar”, diz Gordon, e solta o cabelo dela com um puxão.

Ela espera enquanto ele sai do quarto e sobe as escadas. E quando não ouve nada além dos ruídos da casa, o clique da caldeira, o chiado suave do radiador, ela pega um guardanapo e limpa o molho da pele com movimentos rápidos e decisivos. Ela olha para baixo e vê os olhos de Julian — grandes, azuis, claros — fixos nela. Como se ele tivesse testemunhado tudo e, inexplicavelmente, não estivesse com medo. Mas, ao contrário, acreditasse nela. Julian, *pai celestial* , pensa ela, sabendo que ele transcenderá o que está lá em cima.

Gordon


GIN
London
1821

Ao voltar do cartório, Cora sente como se uma nuvem tivesse descido sobre ela. Ela olha para o bebê e sente que quebrou algo. Menos de uma hora atrás, caminhando na direção oposta, seu pequeno corpo parecia repleto de esperança e possibilidades. Mas agora, tudo está manchado. Onde antes ela vira apenas o rubor pêssego em suas bochechas e a delicadeza de suas pálpebras azuladas, agora ela vê um queixo vermelho e lábios franzidos em um julgamento quase papal. Ela poderia ter se recusado a seguir as instruções de Gordon, dito ao cartório outro nome. Julian. Bear, talvez. Mas ela não o fez. E embora seu ressentimento real seja consigo mesma — com seu marido — de alguma forma, parece mais fácil deixar que ele recaia sobre este recém-nascido deitado em seu carrinho.

Maia correu à frente para caminhar ao longo da parede da igreja, elevando-se na ponta dos pés, estendendo a perna esquerda, braços abertos para manter o equilíbrio, o volume de suas camadas de outono ocultando qualquer graciosidade em seus movimentos. Cora está aliviada por não ter que conversar. Ela está com frio e cansada quando elas chegam. Ela chega em casa, deixa o bebê dormindo no corredor e se deita na cama ainda com o casaco. Não sabe quanto tempo se passou quando Maia a acorda, chamando-o lá de cima, mas ela permanece sentada na beirada da cama por mais um minuto, ouvindo-o chorar e tentando reunir forças para se levantar, só se obrigando a se mexer quando Maia a chama novamente.

Lá embaixo, depois de arrancar o macacão de neve do bebê, Cora se joga no sofá, levanta o suéter e... para. Repugnada. Como se nada pudesse ser mais estranho. O bebê bate a cabeça contra o peito dela em frustração até conseguir se alimentar sozinho, e ela se vira e fica olhando para a parede enquanto ele mama.



ALGUNS DIAS depois, enquanto Cora e Gordon escovavam os dentes antes de dormir, ela se abaixou para cuspir a pasta e disse: "Eu queria saber se teria dinheiro para comprar fórmula infantil?"

Como ele não responde, ela levanta o olhar e seus olhos se encontram no espelho. Ele continua a mover a escova em círculos cuidadosos, um dente de cada vez. Ela nunca viu ninguém escovar os dentes com tanta diligência, com as gengivas tão perfeitamente alinhadas. Ela desvia o olhar, não querendo parecer presa a essa pausa no tempo, e abre o armário do banheiro do seu lado, fingindo que ainda não lavou o rosto. Ela coloca uma pequena quantidade de loção rosa-clara em um algodão.

Ele enxágua e cospe, enxágua e cospe, e só então diz: "Por quê?" Uma palavra — uma pergunta — que parece roubar o ar do ambiente.

“Ah, não sei. Não estou me adaptando muito bem desta vez”, diz ela, tentando parecer casual.

"Não está conseguindo lidar com isso?" Ele repete as palavras dela como se

fossem incompreensíveis.

Talvez se ela tivesse dito: " *Com a Maia, tudo parecia natural, mas desta vez é diferente. Você já ouviu isso de algum paciente?"* , então ele poderia ter escutado com aquele cuidado médico que lhe era peculiar, conversado com ela e, então, chegado à ideia da fórmula por conta própria. Mas ela não disse isso.

“Então você quer simplesmente desistir?” Ele a encara pelo espelho. “Você não sabe nada sobre a importância deste momento? Os nutrientes e os anticorpos? Não se trata apenas desta semana ou deste mês. É o resto da vida dele — é a proteção contra doenças cardiovasculares, diabetes, tudo. Mas, em vez disso, você quer dar ao nosso filho um lixo artificial de lata? O que mais eu peço de você, além de ser mãe dos nossos filhos? Mas isso é demais?” diz ele. Ele pega o algodão da mão dela e enfia na boca dela, que está entreaberta. “Bem, isso não vai acontecer, Cora. Você pode muito bem continuar com isso.”

Ele sai da sala, e ela fica parada por um instante, sem reação.

Cora retira o absorvente, enfia um dedo na bochecha, tentando não engasgar enquanto limpa a teia de fibras soltas da língua e do céu da boca. Em seguida, inclina-se e coloca o bolo encharcado na lixeira, tomando cuidado para que a tampa de metal não bata com força na parede.



QUANDO SE CONHECERAM, há mais de uma década, o que mais impressionou Cora foi a gentileza dele. Num café na Strand, ao guardar a carteira no bolso com zíper da bolsa, ela deixou cair o pacote do sanduíche e, esquecendo-se da bota ortopédica que usava, quase perdeu o equilíbrio. enquanto ela ia pegar a comida. "Deixe-me pegar para você", disse ele, juntando o almoço dela e abrindo a porta para ela, enquanto ignorava suas desculpas. "Qual é o ferimento?", perguntou ele, apontando para a bota branca assim que saíram.

"Ah, acabei de retirar um pequeno osso do meu pé. É menos dramático do que parece."

"Qual deles?"

"Sesamoide?", respondeu ela, mais como uma pergunta do que uma afirmação, porque poucas pessoas pareciam ter ouvido falar disso.

“Tibial ou fibular?”

“Ambos. Você é cirurgião?”

“Clínico geral. Ambos são incomuns”, respondeu ele, avaliando-a, antes de chegar à sua conclusão: “Você é dançarina”.

“Talvez sim, talvez não. Depende da minha recuperação.”

“Escuta, eu ia para o Embankment Gardens para aproveitar o sol. Você quer vir comigo?”

E como parecia o primeiro dia da primavera, e como ele era um médico que parecia gentil e confiável, e como ele ainda estava segurando o almoço dela e ela não tinha mais nada para fazer, ela concordou.

No parque, eles se sentaram sobre a jaqueta dele, estendida na grama ainda úmida. "Você não trouxe nada para comer", disse ela, percebendo que ele havia saído do café de mãos vazias.

“Está tudo bem, acabei de vir de uma conferência com biscoitos deliciosos.”

Ele lhe entregou o sanduíche e, enquanto comia, ela se viu contando sobre a espera angustiante. Sobre saber que a remoção daqueles ossinhos poderia ter destruído seu equilíbrio, sua capacidade de aterrissar saltos; sobre como temia que seu dedão do pé pudesse se deformar rapidamente. sem o osso sesamoide por baixo. Ele a ouviu com a atenção de um médico, fazendo perguntas ponderadas e precisas sobre a dor dela, sua recuperação. E quando terminou de verificar os problemas físicos, passou a questionar como isso a afetava como pessoa.

Ela lhe contou como se sentia diante do lento e confuso fim de um caso de amor avassalador. Um amor pelo qual ela havia deixado sua família na Irlanda ainda adolescente, e que agora a fazia se sentir abandonada.

“É tudo em que tenho me concentrado por tanto tempo, que não sei quem sou sem isso. Mas agora consigo ver que, mesmo que não seja isso que acabe com tudo, alguma coisa vai acabar. Posso ter mais seis meses, um ano, antes que alguma outra parte do meu corpo falhe. E é como se”—ela gesticulou para o ar com as duas mãos—“tudo”.

Os detalhes daquele dia voltam à memória com facilidade. As meias foram retiradas, os pés brancos como a neve afundaram na grama: os dele adornados com alguns fios de cabelo escuro, as unhas perfeitamente aparadas; os dela, calejados e ásperos, ainda vermelhos em alguns pontos, mesmo depois de alguns meses de ausência. " *Pés de trabalho"* , disse ele gentilmente quando ela se desculpou pelo pé à mostra. Ele se inclinara para tirar fiapos pretos da meia de um dos dedos dela e sentira-se ao mesmo tempo surpreso e certo ao tocá-la.

Ela se lembra de como passaram uma maçã entre si, virando-a para dar mordidas delicadas em lados opostos, até que restassem apenas duas estreitas tiras de casca verde brilhante onde se encontravam. Ela lhe contou sobre sua última apresentação. Como fora musicada com Betjeman; como, enquanto as palavras do poeta ecoavam pelo vasto auditório, eram tão metronômicas quanto qualquer música. Ela batucou o primeiro verso de “A Subaltern's Love Song” no chão para lhe mostrar, três fileiras de tutus subindo e descendo com as palavras, e ele a surpreendeu ao completar o verso seguinte. Ela sempre dividia as pessoas em Ciência ou Artes, mas ali estava alguém que era ambas. Quando se levantaram para deixar o parque ao entardecer, com a mão dele em sua cintura enquanto seu pé calçado com botas formigava novamente, ela também sentiu o inesperado arrepio de… amor? Ela não imaginava que apenas cinco meses depois estaria grávida do filho deles.

Quando as coisas mudaram? Foi naquela noite, durante o jantar com os pais dele, quando ele cravou as unhas na coxa dela por baixo da toalha de mesa para impedi-la de falar? Provavelmente, embora ela não tivesse percebido na hora. Nem viu quando, num domingo, irritado com algo que ela dissera, ele atirou uma

pera meio comida na direção dela — com força —, e o formato irregular fez com que ela caísse no sofá ao lado dela. Ela o encarou e disse: "Se era para me acertar, você vai ter que melhorar a sua mira", e eles riram, e ele se desculpou. Ela não se lembra dele ter se desculpado novamente, nem se lembra de terem rido disso depois. As coisas teriam sido diferentes se ela não tivesse rido? Se ela tivesse ameaçado ir embora?



QUANDO CORA SAI do banheiro, Gordon está sentado na cama lendo um grosso livro de capa dura. Ele levanta os olhos do livro, sorri e ela sabe que a discussão sobre a fórmula acabou, mas também qualquer possibilidade de diálogo.

“É sobre um cara que trabalhava no Líbano mais ou menos na mesma época em que eu estava lá”, ele diz. “Ele foi ajudar nas Ilhas Malvinas, em San Salvador, depois do terremoto. Será que ele ainda está na Somália?”

Numa vida paralela em que ela e Maia não tivessem ido, ele também teria ido ajudar nesses lugares — períodos sabáticos humanitários. entre o trabalho dele como clínico geral. Ela sabe que deveria reconhecer isso, mas só quer dormir antes que o bebê acorde de novo, então apenas acena com a cabeça e faz algum ruído tentando fingir interesse. Desde que voltou do cartório três dias atrás, tem sido difícil para ela desempenhar seu papel. Seu rosto parece cera endurecida, as linhas de expressão fixas, impossíveis de reanimar.



NO MEIO da noite, ela acorda sentindo o pé de Gordon cutucando seu tornozelo. "Pelo amor de Deus, Cora! Eu tenho que trabalhar amanhã! Como você não consegue ouvi-lo chorar se eu consigo?" Cora desliga o monitor e o choro do bebê se torna um lamento distante. "E não faça isso com os cobertores — você pode sair sem deixar todo esse ar frio entrar na cama. Tenha um pouco de consideração."

Ela abre a porta do berçário e o som a atinge em cheio, como se alguém tivesse aumentado o volume de um aparelho de som ao máximo sem aviso prévio. Ela quer se virar. Em vez disso, pega o bebê do berço, senta-se na cadeira de balanço com ele, e seus soluços gradualmente se transformam em pequenos tremores. Ela olha para a escuridão azul-escura onde havia esquecido de fechar a persiana na hora de dormir, e uma imagem da infância lhe vem à mente. Ela não consegue se lembrar por que estava ali ou quem estava com ela, mas recorda-se de estar parada do lado de fora do estábulo do Sr. Barry, olhando por uma fresta onde a porta estava entreaberta. Lá, as enormes e ossudas traseiras de vacas frísias pretas e brancas estavam enfileiradas, ventosas de metal penduradas em

seus úberes inchados, o ar preenchido com o zumbido rítmico do leite sendo bombeado. Ela se lembra de como os animais ficavam ali, dóceis e receptivos, e agora se pergunta por que eles Não se opuseram, por que não chutaram quando o Sr. Barry se abaixou para amamentar seus úberes? Ele as bateu? Foi por isso que aceitaram? Foi medo? Talvez, pensa ela, porque ali está sentada na sala de amamentação, em submissão bovina, com os seios sendo alimentados através das aberturas de um sutiã de dormir. Ela quer arrancar a própria carne da boca do bebê. Levantar-se e deixá-lo cair do seu colo. Deixar Gordon lidar com os uivos indignados de seu homônimo. Ela quer sair do quarto, descer as escadas, ir para a rua, onde daria um grande salto no meio da via, sentindo o ar frio e o luar em seu corpo livre, com uma manada de vacas trotando atrás, em sua própria fuga desajeitada em busca de liberdade. Ela se sente eufórica e horrorizada com a violência dessas imagens. Mas ela não é como o marido; jamais agiria por esses impulsos. O bebê acaricia sua clavícula enquanto mama. Ela sente o olhar dele sobre ela, procurando por ela, desejando que ela olhe para ele. Ela encosta a cabeça na cadeira e aperta delicadamente a mãozinha dele entre o polegar e o indicador. É tudo o que ela pode dar.

No dia seguinte, a parteira liga com um formulário para Cora preencher, aparentemente com o intuito de diagnosticar depressão pós-parto: Tenho aguardado com prazer as coisas: a) Tanto quanto antes, b) Bem menos do que antes, c) Definitivamente menos do que antes, d) Quase nada. Como esse pedaço de papel pode esperar desvendar a complexidade da vida dela? Da vida de qualquer pessoa? Ela nem sequer tenta apresentar nuances em suas respostas e marca a opção "plena alegria" todas as vezes.

“Nossa, estamos nos sentindo bem animadas, não é?” diz a parteira enquanto analisa as respostas de Cora.

Naquela manhã, Gordon aparecera atrás de Cora, afastando seus cabelos sujos para lhe dar um carinho. "Sabe, se você estiver tendo Se tiver problemas, não precisa envolver nenhuma louca. Pode vir diretamente a mim, e posso pedir a alguém no trabalho que lhe prescreva a medicação.”

E ela fechou os olhos enquanto ele beijava a lateral do seu pescoço, não porque estivesse gostando, mas porque estava cansada e, com os olhos fechados, conseguia se desligar e se desconectar quase que completamente do próprio corpo.

“Agora entre nesse chuveiro e se arrume. É só um ensaio para a reunião de hoje, então posso cuidar do Gordon por alguns minutos”, disse ele, dando um tapinha leve na bunda dela.

E aqui está ela: lavada, seca com secador, vestida com roupas limpas. *Não aquela, Cora, aquela tem vômito no ombro* .

A parteira mergulha um biscoito no chá, lambendo os lábios com a língua enquanto fala. "Para ser sincera, eu provavelmente deveria verificar seus pontos antes de te liberar, mas já fizemos dois partos e não sei se vou conseguir atender todos hoje. Você se importaria de falar com seu marido se tiver algum problema, já que ele é médico? Ou devo voltar mais tarde esta semana?"

A parteira termina de preparar o digestivo e, mesmo dizendo para ela não se levantar, Cora a acompanha até o corredor e fecha a porta, encerrando seu breve capítulo de cuidados domiciliares. Ela se observa enquanto faz isso. Tem passado muito tempo assim ultimamente — se observando de cima enquanto se move pela casa, trocando fraldas, passando as camisas de Gordon, cozinhando para os pais dele. Quase como se fosse outra pessoa fazendo essas coisas. Só com Maia ela ocasionalmente sente que está reabitando seu corpo.

Cora senta-se ao lado dela enquanto assiste à televisão, e Maia aconchega-se ao seu lado e diz: "Hum, tem o seu cheiro", antes de voltar a atenção para a tela.

Cora sente como se tivesse deixado algo por dizer, algo no ar: *Tem o seu cheiro... mas, de alguma forma, não é você.*

"Qual é o meu cheiro?", pergunta Cora.

“Mãe, claro.”

Mais tarde, Cora se pergunta se imaginou tudo, mas de qualquer forma, aquilo a traz à tona. Ela encara a tela, dizendo a si mesma que fará melhor amanhã. Assim como fizera com Maia, ela soprará beijos de língua na pele do bebê, lerá para ele em voz alta um dos livros do marido, embalando-o para dormir com o som de sua voz, as bochechas dele ficando rosadas e quentes contra a sua pele conforme as horas da tarde passam. E mais tarde, quando guardar a roupa lavada, ela o carregará de um cômodo para o outro em seu moisés, conversando com ele enquanto dobra as roupas nas gavetas. Juntos, eles encontrarão Maia depois da escola, comprarão biscoitos de gengibre e se sentarão na prateleira de arenito perto da Pedra do Porco, e a bolha ao seu redor, que continha apenas ela mesma nessas últimas semanas, se expandirá para acolher seus dois filhos ao seu lado. Então, para onde quer que forem, se moverão como um só. A bolha se estica enquanto Maia corre à frente, remodela-se quando Cora para para se afastar do carrinho do bebê por um instante, mas sempre se contrai novamente para manter os três juntos em segurança.

Mas quando a manhã chega, ela descobre que não tem energia para essas coisas, que não consegue dissipar a apatia que a envolve. O mesmo acontece no dia seguinte. E no outro. Ela alimenta o bebê olhando através das portas do pátio, para os pinheiros no fundo do jardim, que de alguma forma dão a ilusão de que está chovendo mesmo quando o céu está claro. Então, ela o leva para o andar de cima e o coloca delicadamente em seu berço, e quando o ouve acordar depois Vinte minutos depois, ela se apressa para a cozinha e liga o rádio, fingindo que não ouviu nada, pois ele deveria dormir por mais tempo. Acordar tão cedo não estava nos planos. Ela coloca a roupa na máquina de lavar, liga a lava-louças, o zumbido dos eletrodomésticos ajudando a abafar o choro do bebê. É uma surpresa quando, algum tempo depois, ajoelhada no chão da cozinha, esvaziando a sacola de plástico para que caiba mais facilmente na porta da despensa, ela vê a mão de Gordon pelo canto do olho e sente seus dedos apertando seu braço. Ela solta um gritinho, chocada por encontrá-lo — qualquer pessoa — em casa com ela.

“Pelo amor de Deus, Cora”, diz ele, soltando-a para desligar o rádio. “Graças

a Deus que voltei para casa. Você não consegue ouvi-lo aí em cima? O que você está fazendo?", pergunta ele, observando as sacolas espalhadas pelo chão da cozinha.

Ela olha para ele, com uma mão suspensa no meio da dobra, e gesticula sem jeito com a outra, sem palavras. Porque, na verdade, nem ela sabe o que está fazendo.

"Você não merece ter filhos se é assim que cuida deles", diz ele. "Isso é negligência, Cora. É negligência pura e simples."

Ele se vira e sai do quarto, e ela fica parada, deixando sacolas plásticas caírem ao seu redor. Ela sobe as escadas correndo atrás dele. "Me desculpe." Ela já está chorando, quase histérica. "Gordon, me desculpe." Ele a ignora, sobe os últimos degraus de dois em dois. Ele está tirando Gordon do berço quando ela entra no quarto e vê que o filho está com o rosto vermelho e coberto de lágrimas. O vômito coalhado cobre o macacão e os lençóis do berço.

"Por favor", ela diz, estendendo a mão para ele. "Por favor, me dê ele", disse ela, com as mãos estendidas, precisando consertar as coisas. Mas Gordon se vira para ela e Quando ela tenta se esticar para passar por ele, ele a empurra com o cotovelo e segura o bebê mais alto no ombro.

"Você é uma mãe inadequada", diz ele por cima do choro do bebê.

"Eu não queria, por favor, me dá ele, por favor", ela diz, e pela primeira vez desde que ele recebeu o nome, sente um impulso em direção ao seu bebê. Uma necessidade primitiva de confortá-lo, de sentir o choro dele se acalmar em seus braços. Ela se move em direção a ele novamente, e Gordon levanta o bebê, erguendo-o no ar para mantê-lo fora de seu alcance. "Não, não faça isso", ela diz, ouvindo a intensidade do choro da criança aumentar. "Eu vou me comportar, eu vou me comportar." Ela não sabe de onde vêm essas palavras, apenas que elas têm a intenção de fazê-lo parar. Uma oferta de sua submissão imediata e total.

Os pés do bebê balançam perto da testa de Gordon, seus gritos frenéticos preenchendo o ar. Cora recua, senta-se na cadeira de balanço, segurando os braços do bebê com as mãos para se impedir de se atirar sobre ele novamente. E quando Gordon espera o tempo suficiente para ter certeza de que ela ficará ali, ele coloca o bebê em seu ombro, com os olhos fixos nos de Cora. Ele dá tapinhas nas costas ofegantes da criança, que bate o rosto impotentemente nas lapelas do pai, sujando-as com bolhas de baba e lágrimas.

"Se eu voltar para casa e encontrá-lo assim de novo, vou tirar os dois de você, e você nunca mais os verá. Entendeu?"

Cora acena com a cabeça, desesperada, ainda agarrada aos braços da cadeira enquanto lágrimas escorrem pelo seu rosto. O ambiente parece carregado, como se uma bomba tivesse explodido, como se pedaços de destroços ainda estivessem caindo ao redor deles, flutuando no ar que ressoa com o eco do que acabou de acontecer ali.

"Agora faça seu trabalho e alimente nosso filho", diz Gordon. Ele balança a cabeça, observando-a. E então, "Eu resolvo as coisas lá embaixo".

Um minuto depois, ela ouve a porta da frente abrir e o estrondo de algo

pesado batendo na parte interna da lixeira que acabaram de esvaziar. "Não, infelizmente não", ela o ouve dizer, com a voz alterada, falando com um vizinho. "Ela pifou." E ela sabe que ele jogou fora o rádio dela, um Roberts com caixa de madeira que sua mãe havia enviado da Irlanda no Natal retrasado. Uma dor aperta seu peito e imagens passam pela sua mente: sua mãe comprando o rádio; embrulhando a caixa em papel pardo na mesa da sala de jantar, as mãos macias e manchadas alisando as dobras; colocando-o no carro para enviar pelo correio assim que as aulas terminarem. *Você fez isso. A culpa é sua* , ela diz a si mesma.

Por alguns dias, Cora sente uma mudança. Uma convicção de reconstruir os laços que a conectam com seu filho. A vontade está lá, o desejo está lá, mas algo na criança mudou. Onde antes ele se voltava para ela, agora ele se afasta.

“Acho que ele não está mamando”, ela diz a Gordon algumas noites depois, enquanto estão sentados na cama. Ele desvia o olhar do livro e toca a fontanela afundada do bebê. No dia seguinte, após a cirurgia matinal, ele coloca seis mamadeiras e uma caixa de fórmula infantil, sem dizer uma palavra, sobre a bancada da cozinha.

Mas não é o alívio que Cora esperava. As mamadeiras representam sua negligência, representam o volume alto do rádio para abafar o choro dele; representam os uivos dele enquanto Gordon o mantinha fora de seu alcance. Ela sente repulsa por si mesma em suas tentativas patéticas de cuidar dele. Em seu desespero para que ele não chore nos momentos antes de ela poder alcançá-lo. Em como ele já não parece se confortar apenas por estar em seus braços. Ela não consegue enxergar um caminho de volta à normalidade.



QUANDO o bebê completou seis meses, Mehri ainda perguntava toda semana: "A Maia gostaria de jantar com a Fern depois da natação? Não tem problema nenhum", e Cora aceitava, agradecida. Mehri parecia entender que o convite só podia funcionar em uma direção.

“Onde está aquele seu lindo menino?”, pergunta ela ao deixar Maia em casa, estendendo a mão para o bebê, que parece vibrar de excitação, um átomo carregado nos braços de Cora com a perspectiva de ser entregue a ela por alguns instantes.

Um dia, elas se encontram por acaso do lado de fora da padaria e, depois de se inclinar sobre o carrinho de bebê de Gordon para mimá-lo, Mehri coloca a mão no braço de Cora. "Eu queria te dizer", diz ela, fixando os olhos nos de Cora como se estivesse tentando sondar o que ela esconde, "você pode conversar comigo, sabe, se precisar."

Cora agradece e se pergunta o que Maia teria dito e se já é hora de começar a buscá-la para que ela mesma não se molhe. Ela leva a mão à testa, protegendo-a do sol, e semicerra os olhos, imaginando que ela mesma está sentindo a luz.

Quando ela se afasta, de costas eretas, com o que espera parecer compostura,

acha que consegue sentir os olhos de Mehri sobre ela, embora, ao apertar o botão para atravessar no semáforo, olhe para trás e veja que ela já se foi. Cora sente um frio na barriga, como se tivesse saltado de um avião sem paraquedas, com o chão vindo em sua direção muito rápido. Mas antes que possa ser dominada pela sensação, o sinal verde para pedestres aparece e ela atravessa a rua, grata por ter o carrinho de bebê para se apoiar.

Sete anos depois

1994



Urso



BEar corre pela rua, braços estendidos, mochila batendo contra o corpo, os cachos castanhos quase alisados pelo vento. Sua boca solta um sonoro "O" de alegria. Quando chega perto de Maia, deixa cair no chão a mochila, a lancheira e um robô feito de papel alumínio e rolos de papel higiênico enquanto

a abraça pela cintura.

“Abelhas!” ele grita. “Você voltou!”, ela ri e tenta se manter em pé. Fern diz que viver com o Urso deve ser como ter um cachorro; não importa o humor da Maia, ele ainda acha que ela é a melhor coisa do mundo.

Quando entrou no apartamento meia hora antes, largou a mala com roupas sujas e balas de fruta, compradas com seus últimos francos no duty-free de Calais, e sentiu alívio por estar em casa. Cansada de ser hóspede na casa de outra pessoa a semana toda. De tentar disfarçar o entusiasmo cada vez menor em conversar com Valerié, que a deixava nervosa ao fumar o cigarro do pai dela. Gauloises pelos lábios pintados de vermelho com maquiagem roubada da farmácia no fim da rua. Antes, ela imaginava que elas poderiam ser como irmãs, ou que Valerié poderia até ser seu primeiro amor. Ela havia imaginado conversas profundas sentadas no muro do porto ao entardecer, conduzidas com mais vocabulário francês, confiança e roupas da moda do que possuía em casa. Mas então ela percebeu que as francesas eram iguais às inglesas. E pior, que *ela* era exatamente a mesma pessoa na França também. Mas agora, com Bear, esses pensamentos desaparecem. Ela é apenas Bees, e há algo acolhedor e descomplicado nisso.

Maia era apaixonada por abelhas desde que o Urso aprendeu a falar. Quando bebê, ele engatinhava pela casa, batendo as palmas das mãos no chão enquanto ela o perseguia: " *Estou indo pegar seu mel, Urso! As abelhas estão atrás de você! Bzzz!"* E ele gritava de alegria, até que a velocidade superou a coordenação e ele desabou sobre os próprios braços, com o rosto colado no chão, rindo, enquanto ela se inclinava sobre ele. " *Vou te encher de beijos, Urso!",* dizia, cobrindo suas bochechas rosadas, quase as mordendo. Ele era delicioso para ela.

Certa vez, quando ele tinha três ou quatro anos, numa visita rara e constrangedora dos pais do pai, a avó disse para ninguém em particular: "Vocês não acham que já está na hora de ele chamá-la pelo nome certo?" E então, em voz alta, como se Bear fosse surdo, completou: "Vocês sabem que o nome dela é Maia!"

Mas o Urso se inclinou para o lado da irmã, onde estavam sentados no sofá, e disse: "Somos criaturas. Eu sou o Urso, ela é a Abelha."

A avó dela soltou um suspiro exagerado e disse: "Bem, se você precisa mesmo chamá-la por esse nome ridículo, pelo menos que seja apenas uma abelha."

E Bear respondeu, como se estivesse constatando um fato: "Ela é um enxame."

Maia sentia-se radiante por ser incluída em sua selvageria. Ela observava como os adultos reagiam a ele. "E qual é o seu nome?", alguém perguntava, debruçando-se sobre o balcão de uma loja, algo em seu rosto suavizando-se ao ouvir. Afeição instantânea. Encantamento. Ele era como um botão-de-ouro segurado sob o queixo: *Você gosta de manteiga?* Sim, sempre sim. Não havia ninguém com quem não funcionasse. E Maia se banhava no calor de seu brilho.

Às vezes, Fern dizia: "Ai, meu Deus, você tem tanta sorte! Mãe, por que não

tínhamos uma dessas?"

E Mehri ria e dizia: "O mundo só pode ter um número limitado de ursos. Você não acha que eles mereciam um mais do que nós?"

“Ah, não seja tão razoável. Vem cá, Urso, eu preciso de você. Me abraça como você abraça as abelhas. Quero que você esmague meus ossos.” Outras vezes, ela o puxava para perto e traçava o contorno da marca de nascença em forma de coração em seu antebraço. “Olha só, *um coração de urso* ! Um coraçãozinho de urso perfeito e macio!”

Para Bear, sempre foi assim. Mas para Maia, a vida se divide em duas metades. Antes. E depois. No depois, sempre existiram Mehri e Fern. É engraçado pensar que um dia elas foram apenas colegas da aula de natação, mas agora são família, ou pelo menos é assim que se sentem. O pai de Fern passa meses em turnê e, quando ele está fora, Maia sente como se a vida delas fosse um casulo de aconchego, intimidade, risadas e culinária. Mehri estende uma colher e elas experimentam o ensopado ou molho que ela está preparando. Um pouco mais de cominho? Mais pimenta, mais limão, mais sal; juntas, elas decidem o sabor da comida e da vida que compartilham. Elas falam uma por cima da outra, compartilham roupas e Até mesmo mães e filhas parecem intercambiáveis às vezes — Cora e Fern, Mehri e Maia — elas transitam entre si sem esforço. Bear demonstra seu amor com a mesma facilidade com que é amado, mas todos sabem que seu coração pertence a Maia.

O pai da Fern é legal. Ele traz coisas para as duas meninas: quimonos combinando do Japão; bonequinhos de eucalipto com chapeuzinhos de feltro da Austrália; barrinhas de chocolate Milka com embalagens lilás da Suíça. E sempre tem alguma coisa para o Bear também. Mas a casa da Mehri e da Fern parece diferente quando o Roland está lá, e a Maia para de colocar os pés no sofá ou de se servir na geladeira.

"Você não precisa agir de forma estranha só porque ele está aqui", diz Fern para ela.

"Eu não sou."

“Sim, você é. A maioria dos pais não é como o seu era, sabia?” Maia sabe disso. Mas há uma diferença entre saber e sentir.

Às vezes, durante as aulas, ela olha pela janela e imagina como teria sido a vida se o " *Antes* " tivesse continuado, e quando a professora grita "Maia!" para chamar sua atenção de volta, ela se assusta e, naquele instante, sabe. O sangue pulsa em seus ouvidos enquanto ela pisca furiosamente para afastar as lágrimas que surgem do nada. É uma *reação de luta ou fuga* , Peggy havia dito. Mas ser capaz de nomeá-la não a elimina. Na sessão seguinte, ela disse a Peggy que não achava que fosse nenhuma dessas coisas para ela, que era mais como *congelar* . E Peggy disse: "Você tem razão — eu deveria ter dito isso. Pode ser *luta* , *fuga* , *congelamento...* e também *submissão* . Essa é a quarta resposta. Aquela em que você talvez tivesse que confiar quando morava com seu pai."

Maia sabia o que ela queria dizer, mas de alguma forma foi a imagem literal de um filhote de veado — com as patas trêmulas, pintas coloridas, vulnerável —

que a deixou Ela estava sentada com um lenço de papel se desfazendo nas mãos, pequenas bolinhas brancas de fiapos grudando na lã da saia do uniforme. Quando o tempo acabou, Peggy a abraçou. "Na semana que vem, talvez você possa me contar no que estava pensando agora." E então ela abriu uma gaveta da escrivaninha e tirou um lenço recém-passado. "Só para levar. Às vezes, lenços de papel não dão conta de um choro forte, né?"

Maia certificou-se de que o lenço estivesse lavado e bem esticado para a próxima sessão. Ela o guardou no bolso interno do blazer e, quando contou a Peggy sobre o filhote de cervo, não se permitiu chorar, mas sua mão pairou sobre o lenço. Só quando se levantou para ir embora, ela se obrigou a dizer: "Ah, quase me esqueci—"

Mas antes que pudesse tirá-lo, Peggy disse: “Meu lenço? Eu devia ter dito que podia ficar com ele”, e pela primeira vez em toda a semana, Maia sentiu o corpo relaxar. Ela ainda o carrega consigo, mesmo vendo Peggy apenas uma ou duas vezes por ano, só para saber como ela está.

Assim que os meninos percebem o quanto ela está assustada, eles se divertem tocando em seu ombro ou puxando a ponta do seu rabo de cavalo quando ela menos espera. "Deixem ela em paz", diz Fern para eles. Mas é tão divertido que eles não conseguem se controlar.

"Idiotas", diz Mehri. "Eles só estão tentando provocar uma reação porque todos têm uma queda por você."

Fern revira os olhos. "É isso que você diz sempre que um garoto faz *alguma coisa* irritante."

“Porque é verdade! Olhem só para vocês dois!”

“Ai, mãe, você está cega de amor por nós. Somos como duas ervilhas feias numa vagem”, e elas juntam os rostos, infla as bochechas e riem. Aí a Fern diz: “Enfim, a Bees gosta de garotas.”

As bochechas de Maia ficam vermelhas, mas Mehri age como se tivesse acabado de descobrir que Bees prefere sultanas a passas. "Infelizmente, isso não vai impedir os meninos de se acharem o máximo."

Maia não sabe quando percebeu que era lésbica. Talvez um ano depois que seu pai a abandonou. Ela se lembra da professora de natação dividindo as turmas em A e B. As do B ficaram na borda da piscina, enquanto as do A foram para dentro. Ela ainda consegue visualizar Fern pulando e emergindo. Cabeça para trás, boiando. Fern sorriu para ela, um semicírculo de cabelo preto e liso se espalhando na superfície. E o estômago de Maia deu um nó, seu peito se expandindo com algo glorioso e surpreendente. Como um balão sendo inflado. Ela teve que desviar o olhar. Sabia, mesmo naquela época, que Fern a amava, mas não daquele jeito.

Então, Maia e Urso recolhem as coisas dele da calçada e sobem a colina em direção a casa enquanto ele faz perguntas sobre a França e ouve metade de uma resposta antes de interromper com outra. "A Mamãe Ursa está em casa?", pergunta ele quando chegam à porta, e Maia responde que ainda não. Ela deixou um bilhete na mesa dizendo que tentará terminar o trabalho até as cinco e que

vai buscar pizza.

"Hum. Espero que ela também peça Sprite. E a Mehri?", ele pergunta, e Maia o lembra de que Roland está voltando do Japão esta noite, então ela e Fern não estarão por perto.

“O que você acha que ele trouxe para nós?”, pergunta ele. Maia diz que não sabe e que eles não devem esperar nada, embora ela mesma esteja se perguntando isso.

Na cozinha, Maia prepara milkshakes, mergulhando o batedor de leite para cima e para baixo na jarra até que todo o pó de morango esteja misturado. As bolhas começam a se formar. "Mais forte, Abelhas, queremos que fique bem fofinho", diz o Urso, ficando na ponta dos pés para observar.

"Espuma."

“Espuma”, repete o Urso.

“Eeee”, ela diz enquanto começa a servir.

“Eeee”, ele repete, com os olhos percorrendo o copo acompanhando a linha ascendente do leite.

Quando ele lambe o bigode de morango, Maia se lembra dos caramelos de frutas e deixa o Urso escolher um de cada sabor. Ele fica sentado na cama dela mastigando enquanto ela desempacota as malas. Ela separa as roupas claras das escuras e tira uma moeda de um centavo do bolso da calça jeans antes de colocá-la na pilha de roupa suja.

“Aqui está, esta é francesa”, diz ela a Bear, e ele aproxima a moeda do nariz e aspira profundamente, antes de correr para o seu quarto para buscar o seu cofrinho. Ele o sacode de cabeça para baixo até que uma moeda de dois centavos deslize de volta pela fenda, depois coloca as moedas lado a lado e cheira uma após a outra.

“Igual”, conclui ele. “Mas o cheiro do dinheiro é engraçado. Quando você sente o cheiro, sabe exatamente qual seria o gosto, não é?”

Maia acena com a cabeça. "Sujo."

“É como sujeira de calçada misturada com a sujeira dos banheiros públicos da escola.”

“Os urinóis?”

“E também”, diz ele, inspirando novamente, “com um gosto metálico. Podemos provar, só para conferir?”

"Você quer lamber uma moeda depois de dizer que ela cheira a mictório?"

"Sim!" ele diz, e Maia absorve o som de sua risada. Ela sentiu falta disso.



CORA ESTENDE A MÃO pela densa folhagem da forsythia, procurando por ninhos de pássaros antes de escolher alguns galhos para remover perto do centro da planta. Ela ouve as conversas do fim do dia enquanto os visitantes voltam para o estacionamento, suas vozes se aproximando e depois se afastando. Ela nunca

tem certeza — enquanto caminha pela cidade ou atravessa o parque — se as pessoas a reconhecerão e se lembrarão dela. Sua foto não apareceu na imprensa e, como diz Mehri, " *Diga-me, azizam, como alguém poderia reconhecê-la se você mal saiu de casa?"*. Mesmo assim, Cora gosta que aqui as pessoas raramente a notem; conversando sem serem interrompidas, como se ela e os outros jardineiros da mansão ouvissem tão pouco quanto as plantas que cuidam. Isso, Cora pensa, é parcialmente verdade. Ela pode perder horas inteiras podando as rosas ou remodelando os arbustos em cúpulas perfeitas, alheia até mesmo aos seus próprios pensamentos. Mas então ela levanta os olhos e percebe que estava refletindo sobre algo que uma das crianças lhe contou, alguma novidade em suas vidas. Ou uma lembrança de antes.

"Estéril" , ele dissera. Passaram-se anos entre o nascimento de Maia e a chegada de Bear. Culpa dela. Sua incapacidade de engravidar. Embora ela alguma vez tivesse se permitido pensar se o problema não seria com ele? Sua memória é nebulosa. Talvez sua maneira de suportar tudo isso na época tenha sido simplesmente não pensar, não sentir. Ela corta os galhos externos e se pergunta agora se ele estava certo. Se foi culpa dela. Se, em algum nível profundo e subconsciente, foi uma forma de autoproteção. Para si mesma, para um filho que ainda não havia nascido. Às vezes, mesmo agora, ela ouve a voz dele em sua cabeça, as coisas que ele diria se pudesse ler seus pensamentos. *Que bobagem . Olha só você, tentando fazer parecer que tudo isso foi uma demonstração suprema de esperteza da sua parte, quando na verdade, Você era estéril.* A palavra perdeu seu impacto. E com o sol do início da noite em suas costas, as mãos sujas de terra, ela pensa, mais uma vez, como a vida é diferente agora.

Ela começa a juntar os galhos cortados, ansiosa para voltar para casa, para Maia e Bear; para Mehri e Fern. Então se lembra que Roland também volta hoje. Mesmo depois de todo esse tempo, ela ainda sente uma leve hesitação ao pensar em comandar seu navio sozinha. Não é que ela não veja Mehri durante as visitas de Roland, mas Cora percebe que ela está menos disponível.

Nos primeiros dias, depois que Gordon foi levado, eles vagavam de um cômodo para o outro, como se procurassem algo indefinido que não conseguiam encontrar. Imagens da tela da televisão passavam diante de seus olhos sem significado, e os dias se tornavam turvos, pontuados por um fluxo constante de visitantes. Policiais, assistentes sociais, uma mulher de uma instituição de caridade para vítimas de violência doméstica, alguém do Ministério Público. Todos eram peças de uma engrenagem gigante que havia sido posta em movimento nos bastidores. Ela não fazia ideia de que tantas pessoas estavam à espreita, esperando para entrar em ação. Algumas visitavam regularmente, enquanto outras apareciam sem avisar, exibindo um cartão postal com foto em um cordão como forma de apresentação. A mãe de Cora, Sílbhe, se movia pela casa silenciosamente, preparando xícaras de chá, lavando roupas, improvisando refeições que não deixavam vestígios na cozinha. Todas as noites, ela se instalava aos pés da cama onde Cora e as crianças dormiam, uma protetora de

cabelos grisalhos que se colocava entre elas e a porta.

“Ele está preso”, disse Cora para ela. “Estamos seguras agora.” Mas ela percebeu uma nova ferocidade na mãe e sabia que ela não as deixaria dormir sozinhas. Não a princípio.

“Sinto muito, eu não sabia; simplesmente nunca vi”, sussurrou Sílbhe. Ela colocou a mão macia e sardenta na de Cora certa noite, enquanto esta estava sentada na cama alimentando Bear.

“Porque eu não deixei – era muito arriscado pedir ajuda. Ninguém tinha como saber.”

“Mas eu sou sua *mãe* . Era minha obrigação saber.”

Com o passar das semanas, o hematoma que cobria um lado do rosto de Cora foi perdendo a cor, até finalmente desbotar para amarelo e, em seguida, se fundir com sua pele. O zumbido constante em seus ouvidos também diminuiu, revelando o som do silêncio; sua própria respiração; o som de pequenos ossos se movendo e rangendo em algum lugar dentro de seu ouvido enquanto ela mastigava.

As portas do pátio foram envidraçadas novamente e, onde haviam sido fechadas com tábuas, a luz inundou o cômodo mais uma vez. No dia anterior ao seu retorno à Irlanda, Sílbhe esfregou o pátio com uma escova áspera e inúmeras bacias de água com sabão, até que um vizinho, que provavelmente a viu de uma janela do andar de cima, assumiu o trabalho com sua lavadora de alta pressão. Cora sentou-se no quarto de Maia, na frente da casa, com Bear dormindo em seu ombro, incapaz de testemunhar o esforço necessário para apagar a mancha de sangue de Vihaan. Ela pensou em Lady Macbeth e se perguntou se seus vizinhos também pensavam nisso; a lavagem do sangue, de alguma forma, sinônimo da culpa de uma mulher. Mesmo agora, uma citação anônima em um artigo publicado no jornal local ressoa em sua mente: " *O Dr. Atkin era um homem tão gentil, sempre disposto a ajudar as pessoas. Se foi assassinato, é preciso se perguntar o que o levou a isso. É inacreditável."*

Na manhã em que um táxi chegou para levá-la ao aeroporto, Sílbhe disse: "Não me dispensem com acenos. Isso tornará a partida muito difícil."

E assim eles ficaram sentados na sala de estar — Cora, Maia e Bear — e ouviram o carro partir, deixando-os em um silêncio sepulcral. Silêncio, de alguma forma maior do que o espaço que sua mãe ocupava. E mesmo que Cora não quisesse que ela fosse, precisava saber que era capaz de fazer isso sozinha. Seja lá o que *isso* signifique.

“Muito bem, vocês dois”, ela disse, querendo fazer algo — qualquer coisa — para dar o primeiro passo. “Vamos assar. Você pode supervisionar”, disse ela a Bear, colocando o brinquedo de segurança dele sobre a mesa da cozinha. “E você, minha adorável garotinha, pode ser a principal misturadora, controladora de qualidade e provadora.”

Enquanto pesavam a farinha, o açúcar e a manteiga gelada, recém-saída da geladeira, a ansiedade de Cora começou a se dissipar. Ela observou Maia despejar a massa nas formas de bolo, derramando-a pelas laterais, e percebeu

que era só isso que precisava fazer. Bastava seguir um passo de cada vez.

Os meses que antecederam a condenação de Gordon pareceram uma pausa no tempo. Mesmo que Cora tivesse certeza do desfecho, de alguma forma não conseguia seguir em frente com suas vidas, se acomodar e dizer para si mesma — para Maia, para Bear — *então será assim* . Ela tinha uma sensação de desenraizamento, quase como se estivessem de férias, onde as regras e os padrões que antes regulavam seus dias tivessem sido temporariamente deixados para trás. Os poucos trechos de rotina que restavam — escola, refeições, aulas de natação — pareciam surpreendentes; coisas com as quais precisavam se adaptar. Mas, uma vez dentro de casa, com a porta trancada e a corrente na janela, as horas se tornaram amorfas, abertas a possibilidades. Elas se pegavam tomando banho às quatro da tarde e aprendendo a tabuada durante as mamadas noturnas de Bear. Aos sábados, Cora e Maia comiam torradas com calda dourada e flocos de arroz crocantes, espalhando migalhas sobre a capa do edredom e o macacão de Bear. "Isso é comida saudável", disse Maia para Bear, "cada floco de arroz crocante enriquecido com ácido fólico!" E o Urso chutou as pernas e a recompensou com sorrisos banguelas.

Havia uma leveza em fazer as coisas conforme surgiam, e Cora se perguntava sobre a estrutura que havia ditado seus dias até então. Como, com a partida de Gordon, eles também haviam se livrado de todas as outras amarras que ordenavam suas vidas. Pela primeira vez em mais de uma década, Cora começou a dançar novamente, apenas pela pura e íntima alegria da dança. No início, timidamente. Quando Maia estava na escola, às vezes ela empurrava a mesa e dava piruetas pela cozinha, enquanto Bear a observava do seu assento, rindo. Um som contagiante que a fazia vibrar por dentro; alguma parte há muito reprimida de si mesma ressurgindo.

E durante todo esse tempo, Mehri chegava com comida caseira. No início, Cora percebeu como a textura do purê de batatas de outra mulher, ou a cremosidade do seu molho de queijo, era de alguma forma distintamente diferente da sua. Mas então essas coisas se tornaram familiares, até mesmo queridas, e elas frequentemente acabavam compartilhando as refeições.

As meninas eram tão jovens naquela época, apenas nove anos. Agora têm dezesseis. Fern é a mais confiante das duas — *atrevida* , como Mehri gosta de dizer, com orgulho. E Maia é incrivelmente capaz. No início, Cora tentou impedi-la de sempre ajudar com Bear, mas a conselheira disse que as pessoas muitas vezes fazem instintivamente o que é necessário para se curar. "Você vai ver se é demais para ela."



QUANDO CORA CHEGA em casa com a pizza, está exausta. Mas de um jeito bom. Ela abraça Maia para cumprimentá-la, depois lava a sujeira debaixo das unhas, enquanto Maia pega os copos e espera a torneira ficar livre para contar a Cora

sobre a viagem à França, fazendo uma pausa para lembrar Bear de usar suas frações para dividir as fatias que ele está distribuindo.

Cora enxuga as mãos. "Espere um pouco", diz ela, inclinando-se para cortar um pedaço de... Um fio de mussarela pendendo entre a caixa e o prato. Mas Bear leva o prato embora, rindo, observando até onde consegue ir antes que o queijo se desfaça. É nesses momentos — domésticos, apertados, os três se movimentando pela pequena cozinha do apartamento — que Cora se sente mais impressionada. *Ah. Nós realmente estamos fazendo isso. Estamos todos aqui, e estamos fazendo. OK* .

Julian



JUlian se agacha sobre a lata de miçangas, procurando um cristal da mesma cor do vinho que sua avó bebe depois que ele e Maia vão para a cama à noite. Ele os deixa escorrer por seus dedos como uma chuva suave de pequenos tesouros até encontrar o que procura. "Achei."

“Ah, que bom”, diz Eileen da mesa. Ele gosta de Eileen; conhece-a desde que chegaram à Irlanda, há dois anos. Ela é a vizinha mais próxima e a pessoa com

quem ele fica quando a avó precisa fazer compras. Eles passam a maior parte do tempo sentados em silêncio, sem sentir necessidade de preencher o espaço com conversa fiada. O trabalho dele é montar laços de miçangas; um peso decorativo que pende da ponta de cada bobina para manter a tensão da renda de Eileen na medida certa.

Sentado à mesa, Eileen trabalha com as bobinas que ele terminou em visitas anteriores, que fazem um leve tilintar enquanto ela as joga delicadamente sobre a almofada verde em forma de cúpula. Parece que Julian está brincando com isso. Como se seus movimentos fossem aleatórios, como se ela estivesse mexendo nas bobinas entre os dedos sem ordem ou cuidado, mas ainda assim, no topo do travesseiro, uma intrincada teia de renda cresce, mantida no lugar por uma camada elevada de pinos de aço inoxidável. Às vezes, na escola, ele pega um maço de lápis da caixa e os coloca sobre a mesa, embora, ao movê-los uns contra os outros, não produzam o mesmo som satisfatório. Ele havia perguntado a Eileen sobre isso uma vez. "É o eco das cavidades dentro da madeira", ela disse. "Gosto que você perceba — não são muitos que notam."

Ele enfia joias em fios de latão, junta as pontas e as segura contra a luz que entra pela janela do jardim de inverno. Ele só mostra a Eileen as melhores combinações e, quando ela se encanta com uma, pede que ele faça outra, porque as bobinas sempre funcionam em pares e Eileen gosta de colocar lantejoulas combinando nelas. Esse é o nome mesmo. No começo, Julian achou que era uma palavra que ela tinha inventado para ele, mas uma noite, ele ficou até mais tarde e, quando o grupo de renda de Eileen chegou, ouviu-as dizer a palavra e sentiu-se estranhamente satisfeito por ter recebido o termo correto. Elas distribuem biscoitos amanteigados com uma camada brilhante de grânulos de açúcar dançando por cima, porque benditas sejam as rendeiras; é o que elas dizem sempre que comem bolo ou biscoitos. Elas riem e depois oferecem o prato a ele, porque benditas sejam também as artesãs de lantejoulas. Ele faz lantejoulas para algumas das outras também, mas guarda as melhores para Eileen. Antes, ele passava as miçangas pelo arame e deixava para a Eileen prender na bobina, mas ultimamente, ela lhe entregou o alicate e o cortador de arame. É fácil para seus dedinhos passar o arame duas vezes pela última miçanga, apertá-lo bem e depois cortar. o fio bem na base. Eileen diz que ele é um presente de Deus para ela, principalmente por causa da artrite nos dedos.

Quando Maia e sua avó chegam da terapia para buscá-lo, sempre parece que isso quebra a quietude que se instala no quarto quando estão só ele e Eileen, e como se ele estivesse fechando a tampa de uma parte de si mesmo ao fechar a caixa de contas. Mas ele também sente alívio. Mesmo quando está absorto em sua tarefa, ele percebe a ausência delas. Imagens delas passam pela sua mente: o pequeno carro da avó na estrada longa e sinuosa que corta os campos. Céu cinza, carro azul, grama verde, líquen amarelo, rocha escura. Sua avó e Maia lá dentro, o leve cheiro de gasolina e o couro das luvas de direção da avó.

"Por que você usa luvas para dirigir?", ele lhe perguntou certa vez.

“Antigamente — até mais antigamente do que a minha época”, disse ela,

sorrindo pelo retrovisor, “os volantes eram de metal ou madeira. Era preciso proteger as mãos do frio. Ou das farpas.”

Ele se lembra das mãos do pai no volante, grandes e firmes, com alguns fios de cabelo no dorso delas. Ele pisca para afastar a imagem.

"Por que a mamãe nunca aprendeu a dirigir?", ele havia perguntado recentemente. Ele viu os ombros da avó subirem e descerem no banco da frente daquele jeito que sempre acontecia quando ele fazia uma pergunta cuja resposta era desconfortável e tinha a ver com a mãe dele.

“Bem, ela estava em Londres desde os quatorze anos, então perdeu a oportunidade de eu lhe dar aulas. E depois, acho que ele não queria que ela aprendesse.” E então ela se corrigiu. “Não, não é isso. Ele não deixou.”

Ela piscou para ele no espelho, com os dois olhos fechados por um instante, do mesmo jeito que sua gata, Thistle, faz. "É o jeito que uma gata tem de dizer ' *eu te amo'* . Ela só faz isso com quem ela realmente gosta", explicou ela quando chegaram. A avó dele diz que o ama em voz alta o tempo todo, mas ele gosta ainda mais das piscadelas silenciosas dela.

Ele não a deixou . Nunca chamam o pai dele pelo nome. Chamam-no de " *ele"* ou *"dele"* . Julian percebe que as pessoas falam de Deus da mesma maneira. Não a vovó Sílbhe — ela não acredita mais nele —, mas na escola, quando atravessam a rua para a missa da manhã, Julian ouve o padre dizer "ele" e "dele". Há "Pai isso" e "Pai aquilo", e parece uma confusão de pais que Julian não consegue decifrar. Ele ainda não fez o Sacramento da Penitência, mas falam sobre isso no pátio da escola e os outros meninos estão quase eufóricos com o que será sua primeira confissão.

"Vou dizer que foi um lápis roubado!", diz Reggie. "Você devia contar sobre o dinheiro que pega da bolsa da sua mãe para comprar sorvete", provoca outro. Os olhos deles estão arregalados. Todos concordam que os pecados não podem ser tão graves a ponto de causar problemas, mas o suficiente para justificar uma confissão.

“A mamãe falou com alguém quando te buscou hoje?”, ele se lembra do pai perguntando naquela época, quando ele estava no primeiro ano da escola e eles ainda moravam na Inglaterra. “Ninguém? Você não mentiria para ela, mentiria?”, respondeu ele com a voz rouca como uma unha abrindo um grampo. “Ela andou usando o telefone de novo? Eu vou saber se você não disser a verdade, Julian.”

Agora, a ideia de contar seus pecados ao padre faz com que ele sinta como se estivesse perdendo o fôlego. A avó Sílbhe diz que eles não farão nada disso. Que ele só precisa manter a cabeça baixa e tenta se encaixar na escola. Mas, ainda assim, as palavras que ouve nas aulas giram na mente de Julian, sombrias e ameaçadoras como o céu baixo que se instala sobre os campos ao redor da casa antes de uma tempestade. *Ó, meu Deus, eu me arrependo profundamente de tê-Lo ofendido. Detesto todos os meus pecados por causa do Seu castigo… Temo a perda do paraíso e as penas do inferno…*

Julian não quer as dores do inferno. Mas, mais ainda, ele não quer ser quem causa a dor. Quando brincam de esconde-esconde, Julian só consegue ficar

escondido por um ou dois segundos depois que Maia entra na sala. De alguma forma, observá-la espiando atrás do sofá ou da porta a faz parecer vulnerável demais. E mesmo sabendo que essa é a brincadeira, é insuportável. Ele não quer sentir a surpresa dela; vê-la pular e ficar com medo por um instante. Então, ele tenta controlar o tom de voz perfeitamente — nem muito alto, nem muito baixo — “Maia, estou aqui.”

Ele observa Maia sentada à mesa da cozinha, trabalhando, os cabelos caindo sobre os livros escolares, o rosto absorto em seus pensamentos. A distração dela o deixa inquieto; presente, mas ausente. *Maia* , ele sussurra, quando a solidão se torna insuportável, *Maia* .

E ela suspira, a franja se erguendo num suspiro suave. "Estou concentrada, Jules." E mesmo que um instante depois ela estenda a mão por cima das páginas e aperte a dele, ela não levanta o olhar, a caneta ainda pairando sobre um diagrama, identificando as partes de uma célula vegetal ou de um coração humano.

Ele ouviu a avó Sílbhe conversando com Eileen. Dizendo que ele — Julian — ficará bem; que mal se lembra da noite em que sua mãe morreu. É com Maia que ela realmente se preocupa. E ele percebe que essa sensação de instabilidade não é algo que outras pessoas consigam ver.



ALGUMAS NOITES, DEPOIS QUE Julian finalmente adormece, Maia se levanta e se junta à avó na sala de estar, onde conversam em voz baixa e a avó lhe serve um pouco de vinho — apenas um pouco no fundo do copo, *para lhe fazer companhia* .

Certa noite, Maia toma coragem e diz: "Eu sei que a mamãe não gostava que eu fizesse isso, e sei que você provavelmente também não vai gostar, mas será que eu poderia continuar com o balé? Será que a gente consegue encontrar uma aula por aqui?"

“Por que você faria isso?”, pergunta Sílbhe. “Pensei que você só tivesse ido porque ele insistiu?”

“Sim, mas—”

“Desculpe, você pode dizer isso. Sei que você terá seus motivos.”

“Minha mãe nunca quis que eu dançasse por causa do estresse que isso causa no corpo. E acho que também porque ela percebia que eu nunca gostei tanto quanto ela. Mas agora eu sinto falta. É como uma... uma conexão com ela.” Ela para. Há outras coisas que ela poderia dizer, mas sua avó já está assentindo, sugerindo que elas encontrem uma aula e vão até a cidade uma noite por semana.

“Mas nada de sair daqui antes dos dezoito”, adverte a avó. Assim que termina de falar, seu rosto se fecha e, por um instante, parece que vai desmoronar completamente. Mas então ela leva o dedo aos olhos. “Você vai me ouvir, reclamando de você com todo o meu arrependimento? Como se alguém não

pudesse ir a uma aula de dança sem sair do país.” Ela pega a mão de Maia por cima da mesinha lateral e a aperta em sinal de desculpas, embora não a olhe. Nem quando acrescenta: “Mas ela era muito nova; eu percebo isso agora. Ela precisava de mais cuidados. Ela precisava *dos pais* ... Eu não sei o que estávamos pensando, deixando-a ir embora.” "Sair pelo mundo assim." Maia entende o subtexto do que ela está dizendo e imagina sua mãe na cadeira onde ela está sentada agora. Antes de ela e Jules nascerem, a existência delas nem sequer era imaginada.

Após um tempo, Maia quebra o silêncio. "Sabe que eu jamais gostaria de sair desta cidade, muito menos da Irlanda." E enquanto fala, ela sente a verdade em suas palavras.



NA AULA DE BALÉ, as outras meninas a observam, só demonstrando interesse quando já avaliaram seus jetés e o ângulo de seu brisé. Um sorriso, uma queixa compartilhada enquanto tiram os pés doloridos das sapatilhas. Ela vê sua mãe por toda parte. Nas outras meninas com seus pescoços alongados, no hábito da professora de ficar completamente imóvel, calcanhares juntos na primeira posição quando quer a atenção delas. Sua mãe costumava adotar essa pose na pia da cozinha, lavando a louça, ou esperando por Maia no portão da escola. Maia sempre pensou que tinha renunciado completamente ao balé, mas agora percebe que ele sempre esteve ali.

“Sua mãe tem muita inveja”, ele costumava dizer, a dureza do seu olhar exigindo que Maia erguesse os olhos, como se, com os olhos fixos neles, ele pudesse sobrepor os pensamentos dela aos seus. “Ela não suporta ver você conseguir o que ela nunca pôde ter. Mas não é sua culpa que o corpo dela tenha desistido; você não deveria pagar o preço por isso.”

Naquela época, na Inglaterra, ela não gostava de dançar. Dançava porque ele pagava as contas e insistia para que Cora a levasse toda semana. Maia sabia que jamais alcançaria o nível da mãe. Não tinha aquela motivação, aquela inclinação natural. Era um dever, algo para agradar o pai. Mas agora, na Irlanda, a dança mudou, se transformou. para algo diferente. E ela anseia por isso. Para habitar o mesmo espaço intangível que sua mãe um dia ocupou. Ela a sente em suas próprias panturrilhas e coxas tensas, na planta dos pés pressionada contra o chão.

Às vezes, no meio da noite, Julian se aconchega na cama com Maia, aninhando seu pequeno corpo contra o dela. Ele adormece enrolando os cabelos dela nos dedos no escuro, com sua respiração suave e delicada na nuca dela. Nessas noites, ela fica acordada o máximo que consegue e só quando sente os olhos começando a se fechar contra a sua vontade é que leva Julian de volta para a cama dele. Ela o deita, o cobre e volta para seus lençóis impermeáveis e amassados. Todas as manhãs, ela tira os lençóis da cama, coloca-os na máquina de lavar e, quando chega da escola, eles estão secos e crocantes por causa do

vento, e a vovó Sílbhe os colocou de volta na cama dela. Sua vergonha é guardada em silêncio entre elas, mesmo sabendo que não é julgada por isso. "Quem não se sentiria assim depois de tudo o que você passou?", disse a avó na primeira vez. Mas, ainda assim, Julian é nove anos mais novo e mantém os lençóis secos. Às vezes, ela passa a mão pelo colchão dele para verificar, e depois se sente mal por ter ficado desapontada.



NÃO ERA A APOSENTADORIA que Sílbhe havia planejado. Ela imaginava uma desaceleração gradual até a penúltima fase da vida. Não era assim que acontecia? Infância, início da vida adulta, casamento, filhos, meia-idade, aposentadoria, até finalmente… Mas isso foi antes da chegada dos filhos. Será que ela teria aproveitado esse tempo de forma diferente se soubesse? Costurado mais colchas, lido mais livros, ido a Veneza? Encontrado o amor novamente, pensa ela, em momentos mais sinceros.

Ela conhecia Cian desde a escola. Sempre houve algo entre eles. Ela ainda se lembrava dos lábios macios e juvenis dele aos dezesseis anos, simultaneamente ansiosos e gentis. Mas então ela conheceu Hugh, e Cian conheceu… Ela não consegue se lembrar do nome dela agora. Fazia tanto tempo, ou talvez ela estivesse simplesmente encantada demais por Hugh para se importar. Eles perderam o contato. Mas então, alguns anos atrás, depois de uma chuva torrencial, ela pegou um caminho diferente para casa quando a ponte estava fechada, e seu carro parou aos trancos na faixa desconhecida de asfalto cinza que serpenteava pela paisagem acidentada. Ela ficou sentada por um tempo, deixou o motor estalar e suspirar enquanto esfriava, mas quando girou a chave, nada aconteceu, então ela seguiu a pé.

A um quilômetro e meio estrada acima, com a luz começando a se dissipar, ela viu a silhueta de uma casa emergindo por trás de uma colina à medida que se aproximava. Estava às escuras, mas mesmo assim, ela a contornou, na esperança de encontrar alguém que pudesse ajudar. Havia um pequeno estúdio, separado do prédio principal, com um brilho na janela. Ela bateu na porta e, quando Cian abriu, sentiu alívio e surpresa. Mas também algo mais: como se uma expectativa estivesse sendo atendida, como se, em algum lugar no pano de fundo daqueles anos desde a morte de Hugh, ela soubesse que seus caminhos se cruzariam novamente. Cian sorriu, abriu os braços — um gesto ao mesmo tempo passivo e confiante —, convidando-a a entrar em seu abraço.

"Ora, se eu não soubesse que você apareceria assim na minha porta um dia desses... O que te atrasou tanto?", disse ele. "Vamos até a sua casa? Vou desligar o ferro de soldar e podemos subir para tomar um drinque."

Ele desligou o ferro da tomada, uma leve fumaça negra saindo da ponta, e ela notou a pilha de pequenas caixas creme com a inscrição em relevo. Então, era o sobrenome dele. Ela os reconheceu da vitrine da joalheria lá na cidade, mas

nunca tinha feito a associação; Brennan não é um sobrenome incomum por aqui.

Ela o vira mais algumas vezes. Cian era interessado e interessante, com coisas a dizer sobre livros, arte e política, e quando lhe perguntava sobre a vida dela com Hugh — sobre a filha dela na Inglaterra —, fazia isso com carinho e generosidade. Encontrar Cian novamente era como abrir uma ostra e encontrar uma pérola dentro.

Ao deixá-la em casa depois do jantar certa noite, ele estendeu a mão por cima do espaço entre as cadeiras, e ela se viu inclinando-se também em sua direção. O beijo dele lhe pareceu familiar, e quando entrou, ficou encostada na porta fechada, tonta, como uma adolescente novamente. Naquela noite, sentou-se em frente à cômoda, passou o dedo pelos lábios e se virou para a foto de Hugh, que havia partido há mais de vinte anos. O sorriso dele na foto sempre parecia encorajá-la. *Vai em frente, faça isso. O que você tem a perder?* Talvez estivesse apenas vendo o que queria ver, disse a si mesma. Velha tola. Mesmo assim, se viu tirando delicadamente os anéis do dedo e colocando-os no pequeno prato de cerâmica que ele lhe dera de presente de Natal. Pronto.

Mas então, apenas alguns dias depois, ela recebeu a ligação. Uma ligação que a fez jogar freneticamente coisas em uma mala, esquecendo o que realmente precisava; teve que comprar roupa íntima no aeroporto. Quando retornaram algumas semanas depois, ela estava sobrecarregada. Pela perda de sua amada filha. Por cuidar de duas crianças que passaram a ter medo do escuro, que se assustavam quando um pedaço de lenha estalava e chiava na lareira, e se atraíam como ímãs se ela deixasse cair a tampa de uma panela. E a ideia de Cian Brennan… bem, ela mal parou para pensar nisso.

Ele tinha aparecido tarde da noite, quando Maia e Julian finalmente estavam dormindo. Ela ficou parada na porta, ele no frio. Só agora, depois de tanto tempo, ela percebe que ele estava de camisa de mangas curtas, provavelmente com o casaco no carro; ele esperava ser convidado a entrar. Ela contou a ele em frases curtas e hesitantes o que tinha acontecido, tentando escolher palavras e expressões que não evocassem imagens em sua cabeça. Mas, ainda assim, foi o suficiente. Ele abriu os braços para ela, mas ela permaneceu na porta.

“Cian, sobre—” Ela sabia *que “nós”* era a palavra certa a usar, mas não conseguia. Ela procurou sua aliança de casamento e o olhar dele se voltou para as mãos dela.

“Nós?”, perguntou ele. E então, com as palmas das mãos erguidas em sinal de submissão, disse: “Eu entendo. Não é a nossa hora”. Ela assentiu, grata por ele ter dito isso por ela. “Mas se precisar de mim. Para qualquer coisa. Qualquer coisa mesmo”, e ela inclinou a cabeça novamente e ele soube que já tinha dito o suficiente. Ele tocou seu braço, sua mão áspera estalando contra as fibras estáticas de seu suéter de lã, e então se virou para voltar para o carro. Uma parte dela queria ficar no limiar entre dois mundos e vê-lo partir, mas a porta aberta deixava o ar frio entrar na casa, e ela não queria arriscar que as crianças acordassem e não a encontrassem onde esperavam. Ela não guarda ressentimento delas, mesmo agora, dois anos depois. Apenas dele — o pai delas. E de Deus.

Ela sente uma necessidade tão feroz de viver sua vida atual que isso dissipa o cansaço, afasta qualquer ideia de aposentadoria iminente, de interesse próprio, de seguir seu próprio caminho. Ela é tudo o que eles têm. Sua vida não foi planejada para ter filhos pequenos novamente. Ela mora a quarenta e cinco minutos da escola secundária mais próxima e, embora Maia pudesse pegar o ônibus no último trecho da viagem, isso economizaria apenas vinte minutos, e Sílbhe não busca atalhos. Não quando se trata deles. As noites são dedicadas ao balé, um clube de arte para Julian. Terapia para todos eles. Inclusive para ela, embora ela encaixe suas próprias sessões durante o dia, enquanto eles estão na escola, reservando um horário no início da manhã para que não precisem vê-la com os olhos inchados na hora de buscá-los. *Heroica, corajosa* , como uma jovem a chamou no rádio depois de entrevistá-la sobre homicídio doméstico, mas não era assim que ela se sentia. Ela se sente como se tivesse sido girada na máquina de lavar e depois estendida para secar com os lençóis de Maia no varal. Mas ela também está energizada, forçada a uma segunda juventude não solicitada. O que mais ela poderia fazer? O que mais alguém faria?

Gordon


GIN
London
1821

Gordon está sentado à sua mesa, procurando a cor certa em seu novo estojo. O estojo tem o rosto de um macaco estampado, com olhos grandes e inquisitivos, como se alguém tivesse acabado de contar uma piada. Ele o escolheu com o pai, *só os meninos juntos* , porque não se pode confiar na mãe para ir às compras. Depois, foram ao Pizza Express e sentaram-se um de frente para o outro em uma das mesas de mármore cinza, com os talheres cuidadosamente dispostos sobre guardanapos com o logotipo em espiral.

Gordon queria ser divertido, dizer o tipo de coisa que seu pai gostaria de ouvir, então contou uma piada que se lembrava do seu livro *"Toc, Toc"* , e quando isso não funcionou, relatou um episódio de *Dogtanian e os Três Mosqueteiros* em que a espada de Dogtanian quebrou.

“Não sei como ele vai se proteger sem isso”, disse Gordon ao pai. Ele estava com o estômago embrulhado desde o ocorrido. E dois episódios depois, Dogtanian ainda não tinha conseguido consertá-lo adequadamente.

O pai assentiu com a cabeça e inclinou-se para a frente, baixando-a até a altura de Gordon. "Então, me diga, o que a mamãe andou fazendo enquanto eu estava trabalhando durante as férias de verão?"

“Ah, não sei”, disse ele, desapontado por não irem falar da espada. Tentou se lembrar do que sua mãe fazia, mas era difícil; ela simplesmente estava *lá*. “Hum, cozinhar, passar pano no chão, regar as plantas.” Seu pai cruzou os braços e recostou-se na cadeira, e Gordon se viu desesperado para dizer algo que o fizesse voltar a prestar atenção. “E uma vez, ela disse um palavrão”, ofereceu, e, como esperava, seu pai deixou de parecer entediado e se inclinou para frente novamente.

"Prossiga."

Foi uma sensação tão boa, uma sensação vertiginosa e intensa, como andar de bicicleta sobre uma lombada na calçada, fazendo seu estômago revirar. Ele quebrou a cabeça tentando se lembrar de mais indiscrições, coisas que pareciam fazer o rosto do pai se iluminar, ficar mais atento, como se ele estivesse absorvendo as palavras de Gordon. Ele se pegou embelezando a história, confundindo o que tinha acontecido com o que *poderia* ter acontecido, ou até mesmo com o que ele gostaria que tivesse acontecido: “…e depois de termos acariciado o gato por um tempo, a mamãe disse: 'Ele não tem coleira, então vamos levá-lo para casa e guardá-lo debaixo da sua cama e o papai nunca vai saber!'”

Ele percebeu que aquele era o momento em que tinha ido longe demais. "A conta, por favor", dissera seu pai ao garçom. E então ele ficou sentado, olhando para o nada, como se uma cortina tivesse se fechado.

“Toc, toc”, disse Gordon, tentando encontrar o caminho de volta para dentro. O pai não respondeu, então ele fez os dois papéis, deixando a frase incompleta antes da piada final.

Na rua, ele teve que correr para acompanhar os passos largos do pai. Mesmo assim, no jantar daquela noite, o pai mencionou algumas coisas que Gordon havia lhe contado. Não sobre o gato, que ele certamente sabia que não era

verdade, mas outras coisas. Ele parecia satisfeito com os detalhes, quase como se estivesse provocando a mãe, e Gordon se sentiu vingado. Principalmente porque a mãe não disse que aquelas coisas eram inventadas, mas apenas olhou para o prato, piscando, deixando Gordon se perguntando se ela realmente escondia pacotes de salgadinhos Monster Munch enquanto ele e Maia estavam na escola; se ela realmente tinha usado o sabonete líquido de banho que ele ganhou de aniversário.

Mais tarde, Maia apareceu à porta do quarto dele. "Você precisa ser tão...?" Gordon não tinha certeza de qual palavra ela ia dizer, só sabia que era uma palavra feia. E que o motivo de ela não ter dito era porque eles tinham ouvido o pai subindo as escadas. Na cama, ele sentiu uma estranha sensação de incômodo no estômago. Algo como fome, mas misturado com algo feio e triste. Ele se virou e enterrou o rosto no travesseiro, tentando bloquear a lembrança da mãe piscando daquele jeito estranho. E de Maia, olhando feio para ele.

A professora coloca um retângulo de cartolina na frente de cada criança, explicando que eles usarão esses retângulos na frente das bandejas onde guardarão seus cadernos de exercícios e diários de ortografia pelo resto do ano. Ela pede que escrevam seus nomes e criem uma borda decorativa ao redor deles. Gordon senta-se por um instante, observando o que seus colegas estão fazendo, e então se concentra em seu próprio pedaço de cartolina. Usando sua caligrafia mais cuidadosa, soletrando as letras mentalmente para garantir que esteja absolutamente correto, ele escreve: LUKE, com caneta hidrográfica laranja. Quando está satisfeito com a caligrafia, começa a trabalhar em uma borda com foguetes e naves espaciais, planetas com anéis e estrelas cadentes. Suas canetas são tão novas que ele toma o máximo cuidado para que as cores não se misturem e sujem as pontas. Ele está pensando na escuridão aveludada do céu, em astronautas com capacetes de bolha, em comida espacial e em colocar pasta de dente em escovas flutuantes, quando percebe a criança na carteira ao lado se inclinando em sua direção.

“É, professora! Esse não é o nome verdadeiro dele!”, diz o menino. Outros alunos se levantam das cadeiras e se aproximam dele. Gordon cobre o papel. Mas então surge a sombra da professora sobre ele, e a Sra. Bellamy puxa a ponta do seu cartão, fazendo com que seu trabalho cuidadoso borre ao ser retirado de debaixo do seu braço.

A professora olha para o papel e depois o rasga ao meio. Gordon sente o lábio tremer, ouve alguém dizer: "Gordon vai chorar!". Ele morde com força para conter o tremor e sente o gosto metálico do sangue na boca.

“Eu sei exatamente quem você é, Gordon.” A professora olha para ele, vê seus olhos marejados e, com uma mistura de frustração e pena, diz: “Ah, pelo amor de Deus. Vá sentar no corredor até terminarmos.”

Ele quer explicar, mas percebe que nem para si mesmo consegue explicar, exceto que sempre quis ser chamado de Luke. Do lado de fora da sala de aula, ele se senta encostado na parede, beliscando a marca de nascença em seu antebraço, observando o contorno disforme de um coração desaparecer e se

reformar, desaparecer e se reformar.

Mais tarde, quando ela o chama de volta, ele olha para a fileira de bandejas onde as outras crianças colaram seus nomes. É fácil Ele consegue identificar o seu próprio cartão entre os cartões ricamente decorados. A professora o imprimiu em letras pretas grossas e indeléveis: GORDON.

Ele se vê tentando conter as lágrimas novamente, e desta vez, consegue. Sente a tristeza se dissipar e se transformar em raiva. E enquanto caminha até sua cadeira, quando uma garota se recosta, com os cabelos espetados como a cauda de um cavalo, ele não esbarra nela *de propósito* , mas também não faz nenhum esforço para contorná-la. Ela chora, agarrando o rabo de cavalo desalinhado, enquanto seu nome é gritado pela sala. Ele gostaria de estar em outro lugar. Gostaria de ser outra *pessoa* . Mas ele é Gordon. Na turma 2C, no início de um novo ano letivo. Será o nome *dele* que será murmurado na sala dos professores. Maldito Gordon. Gordon Atkin, o idiota. E ele pressente algo disso, a sensação de ser rejeitado.

Naquela noite, durante o jantar, seu pai perguntou como tinha sido seu primeiro dia de volta. "Bom", respondeu ele, enquanto enchia a boca com garfadas de macarrão.

“Não fale de boca cheia”, diz o pai, olhando em seguida, com um olhar significativo para os cotovelos levantados do filho, projetados em ângulos estranhos enquanto ele manuseia os talheres com dificuldade. Gordon os abaixa.

Ele repara na bebida da mãe e pergunta: "Posso ter um canudo também?"

“Não”, diz Maia.

“Não depende de você. Por que a mamãe ganha um e eu não? Ela nem é criança.”

“Estou me recuperando de um tratamento dentário”, diz ela. Maia suspira e o pai a encara com um olhar severo. Gordon para de cavar, olha fixamente para o rosto da mãe e vê o inchaço na bochecha esquerda, como se ela tivesse enfiado uma bolinha de pingue-pongue lá dentro. E, sem entender bem o porquê, ele percebe que ela não está falando a verdade e que os outros também sabem do segredo. É sempre assim. Os três, sabendo Algo que ele não faz. E de repente, ele anseia por outro passeio com o pai, para serem *apenas meninos juntos* novamente, para afastá-lo de Maia e da mãe e redefinir alianças. Desde o Pizza Express, ele vem pensando em outras coisas que poderia dizer ao pai, coisas que o agradariam. Então agora ele as guarda na cabeça, uma lista no estilo *"minha avó foi ao mercado e comprou"* de todas as coisas que sua mãe faz de errado.



MAIA ESTÁ SENTADA NO SOFÁ, o prato de biscoitos que a Sra. Radley deixou para ela meio vazio. Ela gosta de cuidar dos Radleys. Eles moram a apenas algumas ruas de distância, mas enquanto a casa de Maia tem falsas colunas ladeadas por vasos de plantas bem cuidados, a deles tem um caminho de ladrilhos antigos que

parecem ter estado ali desde sempre, cercado por plantas exuberantes que fazem cócegas nos tornozelos enquanto você caminha até a porta da frente. Lá dentro, há a bagunça do dia a dia. De pessoas que deixam as coisas onde as colocam e só as recolhem quando a Sra. Radley anuncia que é hora de *uma faxina geral* . Há algo aconchegante e não sujo naquela bagunça, e Maia se entrega a ela, tira seus livros da bolsa assim que as crianças vão para a cama, espalha-os sobre a mesa de centro, coloca um deles de forma casual no chão, querendo integrar suas coisas às deles.

Em casa, as almofadas estão sempre fofas, as bancadas limpas, como se uma aparência organizada pudesse purificar a realidade de suas vidas. Mas, de alguma forma, não funciona. Quanto mais arrumado, mais parece que estão escondendo algo.

“Nossa, Maia! Parece uma casa de revista”, disse uma garota da sua turma certa vez, quando apareceu de surpresa para pegar seu tutu emprestado. para um recital. “Onde estão suas coisas?”, perguntou ela, olhando para a sala de estar enquanto Maia subia correndo para pegar a saia. “Ah, guardamos muita tralha na garagem”, respondeu, esperando que ela não pedisse para ver.

Quando os Radley chegam em casa, ela os ouve na calçada, antes mesmo de colocarem a chave na fechadura. Eles estão sempre conversando ou rindo de alguma coisa, e quando a Sra. Radley o chama de idiota por ter deixado as chaves caírem, ele apenas ri. Enquanto a Sra. Radley procura na bolsa o dinheiro da babá, o Sr. Radley conversa com Maia, mas seus olhos são atraídos de volta para a esposa como se ela fosse uma fatia de bolo de chocolate e ele estivesse educadamente esperando o momento em que Maia saísse para que ele pudesse se servir. Ela os imagina como os personagens do vídeo de educação sexual da escola, onde um casal de desenho animado se persegue pelo quarto tentando fazer cócegas um no outro com penas, parecendo felizes e animados. Ela sabe que sexo não tem nada a ver com penas, mas o Sr. e a Sra. Radley parecem ser do tipo que se divertiriam assim. Às vezes, ela ouve o próprio pai resmungando através da parede. Ela puxa as cobertas sobre a cabeça, mas é um hábito querer saber se a mãe está bem. Ela se esforça para ouvir debaixo do edredom, mas não ouve nada. Isso a faz pensar que sexo provavelmente é algo que seu pai faz *com* sua mãe. Não o ato recíproco de que falaram na segunda parte da conversa sobre menstruação na escola no ano passado.

Maia não se interessa por garotos. Às vezes, quando sua amiga Sadie está falando, ela se pega hipnotizada pelo rosa suave dos lábios dela e imagina como seria se inclinar e beijá-los. Mas ela não faz nada, porque parece complicado. Toda a sua concentração está em entrar na universidade para estudar medicina.

Parece estranho seguir os passos do pai, mas quando o vê em ação profissionalmente, o medo que ela frequentemente sente é ofuscada por algo próximo à admiração. Ela se maravilha com a voz tranquilizadora que ele usa com os pacientes; o jeito como ele sacode o termômetro antes de ler a temperatura, seu rosto jamais demonstrando alarme, não importa o quão alta esteja a febre dela; a calma precisão com que ele aplicou uma injeção de

adrenalina quando Gordon foi picado por uma vespa. Por um instante naquele dia, pareceu que ele poderia morrer ali mesmo, na mesa de piquenique, com sua fantasia de Batman, mas então seu pai vestiu a capa invisível de médico e o salvou. Um herói, ainda que fugaz. Ela anseia por possuir esse tipo de competência e controle.

Mesmo com o grosso guia da UCAS na sala de convivência do ensino médio, Cora repara num aviso no mural de pais e mestres e, nos dias seguintes, sugere algumas universidades para onde Maia poderia se candidatar. "Diz que você precisa escrever uma declaração pessoal. Você sabe o que é isso?", pergunta Cora. Maia lembra-lhe que está apenas no primeiro ano do ensino médio e que só precisa fazer isso no início do ano que vem. A mãe parece entrar em pânico, como se pudessem esquecer-se disso entretanto. Maia olha para os lugares que sugeriu num mapa. Manchester, Leeds, Cardiff, Edimburgo, até mesmo um na Irlanda, onde mora a avó Sylvia. Todos muito, muito longe.

Maia sabe que sua mãe raramente fala com a avó Sylvia. O pai não gosta que ela faça ligações interurbanas e elas nunca se visitam. Às vezes, a avó Sylvia envia cheques de Natal ou de aniversário que o pai deposita em uma conta bancária, junto com o dinheiro que Maia ganha cuidando dela. "Mãe", ela perguntou uma vez, "por que o nome da vovó está escrito *Sílbhe* aqui?"

“Ah, esse é o nome dela. É a versão irlandesa de Sylvia.”

“Então por que não a chamamos assim?” Ela viu a mãe fazer uma pausa, abrir ela abriu a boca e depois fechou-a novamente. "Bem, como se pronuncia então? Corretamente, quero dizer?"

“É *Shilva* ”, disse-lhe a mãe, e o rosto dela suavizou-se ao pronunciar a palavra. Maia compreendeu então por que o pai queria apagar qualquer ligação com a Irlanda.

Maia pronuncia o nome mentalmente, deixando-o girar em seus pensamentos à mesa de jantar como um ato de desafio. Sílbhe. Ela aprecia o pequeno movimento acima do í, como a chama de uma vela que se recusa a se apagar. Na escola, começa a escrever seu próprio nome como Maía, uma mudança tão sutil que ninguém percebe, exceto ela.

Aos poucos, a avó Sílbhe passa a parecer a única possível salvadora. Maia imagina aparecer na porta dela ou ligar de uma cabine telefônica e perguntar se ela pode reverter a cobrança. Mas, no fim, ela escreve uma carta, pagando um selo com o dinheiro que encontra no chão. Basta uma ou duas semanas caminhando com os olhos baixos no caminho para a escola e na volta para casa. As pessoas não jogam dinheiro nas ruas perto de casa, mas no pequeno conjunto de lojas, no parque, na máquina de bilhetes da estação de trem, ela encontra moedas de cobre por toda parte. Ela quer contar isso para a mãe, para que ela também tenha dinheiro, mas sabe que sua mãe — a esposa do médico — não pode ser vista procurando moedas nos dentes-de-leão que crescem ao redor do contêiner de garrafas de vidro como uma mendiga. Maia pensa nisso e fica chocada ao perceber o quão pouco as separa. Sua mãe mora em uma casa aquecida e recebe roupas de presente, mas não tem mais dinheiro ou liberdade

do que a mulher que empurra um carrinho de compras cheio de tesouros encontrados pela cidade.

Certa noite, tarde da noite, ela desceu para beber um copo d'água. A luz da sala estava apagada, e Maia ficou parada na escuridão. Invisível, enquanto seu pai se ajoelhava sobre sua mãe, com os pulsos presos atrás das costas dela, enquanto ela comia de uma tigela no chão da cozinha, sua voz baixa e calma ao lado dela. "Talvez agora você pense duas vezes antes de nos fazer viver como animais, Cora. Não é legal, não é? Espero que isso te ajude a lembrar de limpar a geladeira da próxima vez. Ninguém quer ter que comer comida estragada assim."

Maia se virou, carregou silenciosamente o que tinha visto escada acima e vomitou no tapete do patamar. Ficou parada por um instante, olhando para as paredes salpicadas de pedaços de cenoura que não se lembrava de ter comido, sem saber o que fazer. Então, gritou fracamente do alto da escada: "Passei mal!", e momentos depois seus pais apareceram, sem nenhum vestígio em seus rostos do que ela acabara de presenciar na cozinha.

Na manhã seguinte, ela escreveu a carta na biblioteca da escola, em páginas cuidadosamente arrancadas do final de seu caderno de exercícios.



É UMA manhã de terça-feira quando Sílbhe liga. Cora está esfregando as grelhas do fogão e repassando mentalmente a "Dança da Fada Açucarada". Algumas sequências ela se lembra instintivamente, outras ela tem menos certeza e se pergunta se está acrescentando seus próprios trechos de coreografia para preencher as lacunas em sua memória.

“Cora, você está sozinha?” A voz do outro lado da linha é tão familiar, mesmo que elas raramente conversem. Cora evita fazer ligações que apareçam na conta, mas sua mãe parece ter interpretado sua falta de comunicação como um sinal para não ligar com tanta frequência. E, de alguma forma, é mais fácil assim. “Você pode falar?” Cora olha em volta, como se sua mãe pudesse saber algo que ela não sabe.

"Sim?", ela responde, quase como uma pergunta.

“Recebi uma carta da Maia, querida. Eu sei o que está acontecendo.”

Cora senta-se no braço do sofá, ofegante. E então, por reflexo, levanta-se, lançando um olhar pela janela da cozinha para verificar se ele não está voltando durante o intervalo entre os pacientes.

“Mãe, eu não acho... não tenho certeza se consigo fazer isso agora.”

“É verdade?” Cora não diz nada e o silêncio se estende pelos fios do telefone que as conectam. “Quem me dera saber.” Cora continua sem dizer nada. Ela se pergunta o quanto Maia contou. Se pergunta o quanto Sílbhe sabe. “Eu sei que você não consegue acessar sua conta bancária, então vou mandar um cheque para a Maia. Ela pode sacar o dinheiro para você, e eu quero que você use o dinheiro para comprar passagens para vir para cá.”

Cora riu, uma risada rápida e aguda de descrença que ela não pretendia deixar escapar. "As crianças não têm acesso às suas contas, mãe. Ele cuida de tudo isso."

“Quer dizer que eles nunca receberam? O dinheiro que eu envio para eles.”

“Tenho certeza de que provavelmente está tudo guardado em algum lugar seguro para quando eles forem mais velhos. Mas eles não podem simplesmente ir a um banco e sacar o dinheiro. Eles não têm cartões bancários nem nada parecido.”

A linha fica em silêncio por um momento. "Mas eu poderia te mandar dinheiro pelo correio? E você receberia? Ele está no trabalho quando a correspondência chega pela manhã, certo?"

Cora suspira. "Não é tão fácil. Se eu tentasse ir embora, perderia a guarda dos meus filhos. Ele pede para alguém do consultório me receitar remédios, está tudo registrado no meu prontuário — antipsicóticos ou algo assim."

“Você é psicótico?”

“Não, claro que não. Mas se até minha própria mãe precisa perguntar… É a garantia dele. Ele fez parecer que eu estou louca para que eu não entendesse a situação.” “As crianças. Ele me contou.” A mãe dela permanece em silêncio. “Mas nada disso importa; não é tão ruim assim. Não sei o que Maia te contou, mas estou bem e as crianças estão sendo bem cuidadas. Elas têm roupas limpas, bastante comida, atividades extracurriculares, balé…” Cora hesita ao perceber a distorção da situação; as aulas não foram escolha de Maia. Mas então ela continua. “Ele não as toca. Elas têm tudo o que poderiam desejar. Algumas crianças vivem na pobreza, sabia?”

“Mas não está certo, Cora.” Ela continua olhando pela janela. Quanto mais a ligação se prolonga, mais convencida fica de que ele está prestes a virar a esquina e aparecer. Às vezes, ele coloca a chave na fechadura silenciosamente, na esperança de pegá-la desprevenida. Ela o imagina parado logo atrás da porta da frente, ouvindo tudo, sem que ela sequer perceba sua presença.

“Só um segundo”, diz ela, colocando o telefone sobre a mesa enquanto espia o corredor. Quando atende novamente, está mais firme. Ela nunca deveria ter se deixado levar por isso. O choque de sua mãe saber, de perceber que Maia havia lhe contado, o sotaque irlandês de casa, tudo a pegou de surpresa. “Mãe, me desculpe por Maia ter te preocupado. Ela nunca deveria ter dito nada. Está tudo bem.”

“Pense nisso, Cora, por favor.”

Cora pensa nisso o tempo todo. Em Gordon fazer dezoito anos. Faltam apenas onze anos e ela já vive assim há muito mais tempo. Mas ela não conta nada disso para a mãe.



QUANDO MAIA CHEGA da escola, Cora coloca um desenho animado para Gordon

assistir, prepara um lanche para ele e depois segue Maia até a casa dela. Ela está sentada na cama, usando um pedaço de lixa quase lisa que pegou na oficina de design e tecnologia da escola para polir as unhas até ficarem com um brilho vítreo.

“Você escreveu para a vovó?”

Maia para de polir e olha para cima, com o rosto expectante. "Ela vai nos ajudar?"

Cora se ajoelha no chão à sua frente. "Eu sei que as coisas poderiam ser melhores", diz ela, "mas você entende o que pode acontecer se começar a envolver outras pessoas assim?"

Maia olha para baixo e passa os dedos pela lixa. "O quê?"

“Eu não teria permissão para ficar com você. Ninguém acreditaria em mim. Papai é médico. Ele daria um jeito de fazer as coisas parecerem de um jeito específico e o tribunal concederia a guarda a ele. Eu poderia até não ter permissão para te ver.” Maia não diz nada. “Nada que ele possa me fazer seria pior do que isso.”

Maia pensa em sua mãe agachada sobre a tigela no chão da cozinha.

"O quê?", pergunta Cora, percebendo a expressão que passa pelo rosto da filha.

“Eu vi. Na noite em que estava doente. Eu vi.”

Cora sente como se fosse desabar, mas em vez disso, endireita a coluna, contrai o abdômen, alonga a respiração e sente o diafragma se elevar.

“Não faça isso”, diz Maia.

"O que?"

“Isso. Essa coisa de balé. Serve para te ajudar a se apresentar no palco, não para enganar sua própria filha.”

Cora se deixa cair suavemente. "Há algo que você não tenha notado?"

Seus olhares se cruzam por um instante, e o mesmo sorriso triste e contido surge entre elas. Maia passa a ponta do dedo sobre uma unha alisada. Ela vê a mãe inclinar o pulso para ver as horas e olha pela janela do quarto, esticando o pescoço para vislumbrar o fim da rua sem saída. "Ele ainda não chegou", diz ela.

“Seria sempre pior — a *pior* coisa — perder você e o Gordon. Não estar aqui para vocês. Eu tenho uma escolha”, diz ela, “e esta é a minha escolha.” Maia ergue as sobrancelhas. “Eu tenho. Eu sei que não é muito, mas eu tenho. Esta é a minha escolha. Sempre.”

“Mas não poderíamos simplesmente dizer como ele é? Dizer que queremos ficar com você. Certamente, teríamos alguma influência na decisão?”

Cora balança a cabeça. “Ele diria que eu era uma mãe inadequada. Eles não podem deixar você ficar com alguém que eles acham que pode te machucar ou que não vai cuidar de você direito. E seu irmão… ele pode até não *querer* ficar comigo”, diz ela, a voz quase num sussurro. Ela pisca, tentando não demonstrar o quanto dói admitir isso. Maia aperta sua mão. “Me desculpe. Não era assim que eu queria que as coisas fossem. Eu nunca quis que você crescesse tendo que ver coisas como—” Ela para, porque dizer em voz alta torna tudo mais real, mais

horrível. “Espero que você não me odeie por isso. Quando você for mais velha. Espero que você não pense que eu era fraca ou—”

"Mãe!" a voz de Gordon interrompe, chamando-a do alto da escada. Cora se levanta, as juntas estalando onde estava ajoelhada. "Mãe!" mais alto desta vez, a impaciência dele abafando a resposta dela.



SUA MÃE LIGA todos os dias daquela semana, embora Cora tenha parado de atender e deixe o telefone tocar na casa silenciosa, pronta para atender apenas se for a voz de Gordon na secretária eletrônica. Ela sabe que sua mãe não a colocará em risco deixando uma mensagem e é grata por isso. Ela não quer ouvir coisas que possam abalar a estrutura cuidadosamente construída ao redor de sua vida. Sem ninguém para questioná-la, ela quase consegue se permitir acreditar que é normal. Mas as palavras da mãe ameaçam a base de tudo, deixando-a com a sensação de que essa estrutura pode desmoronar. E onde ela estaria então? Ainda no mesmo lugar, na mesma situação, sem saída.

Cinco dias depois da última vez que ligou para a mãe, alguém bate à porta e, quando Cora abre, vê um policial com o chapéu debaixo do braço. Ela repara nesse detalhe e sente alívio, lembrando-se de algo que o pai dissera certa vez: que eles só mantêm o chapéu na cabeça quando vêm avisar que alguém morreu.

O cabelo do policial está bem curto, e ela quase consegue ouvir o zumbido da máquina de cortar cabelo que ele deve usar todas as manhãs, os olhos acompanhando o progresso da lâmina no espelho, a pia abaixo coberta por uma fina camada de penugem. Ele arrasta os pés enquanto lhe conta por que está ali, e só quando Cora diz que sua mãe tem demência, explicando como ela tem tendência a inventar coisas, é que o semblante dele se suaviza.

“Ah, graças a Deus”, ele ri e logo se corrige. “Desculpe, sem ofensas. Não quis dizer isso. É que teria sido muito constrangedor se fosse verdade. Ele é meu médico. Tivemos que tirar a sorte na estação para ver quem viria para esta consulta”, diz ele. “Eu sou o novato. Acho que sempre vou tirar a sorte menor até que alguém melhor apareça.”

Ela observa por um instante enquanto ele sobe a entrada da garagem. Ao chegar ao fim, ele coloca o chapéu de volta na cabeça. E então ela sente. A morte silenciosa de algo.

Sete anos depois

2001



Urso



A criança na mesa do outro lado do corredor tem três ou quatro anos. Seus choros competem com o barulho do trem e vazam pelas bordas dos fones de ouvido de Bear, abafando o som do White Stripes. Ele espera até que a menina olhe em sua direção, pronto para cruzar olhares. Leva um instante, mas

ela para no meio do choro, com a boca entreaberta, enquanto o observa fazer um movimento rápido e inquieto surgir em suas sobrancelhas, primeiro uma, depois a outra.

Ela fica olhando fixamente, e ele tira os fones de ouvido e pergunta: "Quer ver de novo?". A criança acena com a cabeça quase imperceptivelmente, incerta, mas sem desviar o olhar. "Você está olhando?", ele pergunta, mesmo sabendo que os olhos dela estão fixos nele. A mãe da criança também está olhando. Desconfiada; ela não tinha visto o que havia chamado a atenção da menina.

O urso se inclina para a frente, atravessando o corredor. "Pronto então." Ele sorri e repete o truque da sobrancelha, e desta vez a criança ri e ele vê. A mãe relaxa, solta o aperto protetor. "Mais uma vez?", ele pergunta. A menina acena com a cabeça e alguns dos outros passageiros se viram para olhar, agradecidos ao menino que conseguiu acalmar a criança que chorava descontroladamente.

Ele atravessa o corredor e senta-se na poltrona vazia em frente a eles. "Ei", diz ele, "querem ver outra coisa?"

“Sim, por favor”, diz a mãe. Bear espera até que a menina assente com a cabeça, depois abre o zíper da mochila e pega uma folha de papel A4 de dentro dela.

“Tudo bem, você pode ter um cisne, sabe, com um pescoço beeem comprido. Uma borboleta. Ou um urso”, diz ele, abrindo os braços e dando um pequeno rugido.

A criança dá uma risadinha. "Urso", diz ela.

“Urso. Boa escolha. Esse também é o meu nome. Eu sou o Urso. Qual é o seu?”, pergunta ele enquanto começa a dobrar o papel, alisando as dobras com a lateral da mão.

“Robyn”, ela diz.

“De jeito nenhum! Igualzinho ao pássaro?”

Quando termina, ele caminha com o urso pela mesa em direção à criança, transferindo o peso entre seus pés triangulares.

“Quer que eu faça um pisco-de-peito-ruivo para acompanhar?”, pergunta ele, e a menina acena com a cabeça, com a mão no animal, desviando o olhar do rosto de Urso apenas por um instante. “É um pássaro mais genérico, na verdade, mas talvez se você tiver canetinhas em casa, possa colorir a barriga dele de vermelho.”

Quando o trem chega ao fim da linha em Brighton, Maia observa das catracas enquanto Bear acena em despedida para uma mulher e uma criança; as mãos da menina estão cheias do que Maia sabe que serão animais de papel. Ele se vira e a vê, e seu rosto se ilumina enquanto ele caminha pela plataforma, com os braços estendidos nos últimos passos. Ele a abraça por cima da barreira, antes mesmo de chegar ao outro lado. "Abelhas", diz ele, "senti sua falta". O corpo inteiro de Maia se enche de calor.

Eles param em uma loja de peixe com batatas fritas, depois caminham pela orla marítima e abordam os tópicos preliminares: mãe, escola, a última excursão de geografia do Bear, o treinamento de homeopatia da Maia, e então entram no

vai e vem fácil de tudo e nada.

"Então, como ela é?", pergunta Maia, quando Bear lhe conta que convidou alguém para sair.

“Ela é meio quieta, mas também muito confiante e gentil. Inteligente também. A gente tá discutindo algum livro na aula de inglês e todo mundo começa a falar um monte de besteira, aí ela diz alguma coisa e a sala inteira fica tipo, sei lá, dá pra perceber que ela tá em outro nível. Mas não é como se ela fizesse isso pra nos humilhar. É só o jeito dela.” Ele não menciona que os sobrenomes deles são quase iguais — só que o dela é Atkins com um “ *s*” — ou que ele também senta do lado dela na aula de matemática, matéria na qual ela não é tão boa; ele quer guardar alguns detalhes para si. Uma gaivota sem um dedo do pé pula na direção deles, e Bear quebra uma das suas batatas fritas ao meio e joga para a ave, que a abocanha com avidez e voa para longe.

“Com quem ela costuma sair, então?”

“Lily? Ela não é uma das crianças populares”, diz Bear, entendendo o que ela realmente está perguntando, “mas todo mundo gosta dela.”

Fern disse uma vez que Bear era um daqueles garotos que poderiam estar no grupo dos populares, mas acabavam escolhendo um grupo diferente, mais obscuro, e Mehri concordou com um sorriso. Maia percebeu que era verdade, que Bear conseguia transitar sem esforço pelas linhas invisíveis que definem o dia a dia escolar da maioria das crianças. E que para ela nunca tinha sido assim.

“Ela tem um cabelo assim. Sempre me faz pensar em caramelo de alcaçuz ou algo do tipo…” e ele para de falar, envergonhado de si mesmo.

“Gosta dos doces da vovó Sílbhe? Nossa, Bear, você está mesmo apaixonado”, diz Maia, e eles riem, e ele cutuca o ombro dela com o seu enquanto estão sentados olhando para o mar em um dos bancos turquesa enferrujados. “Então, qual é a cor dos olhos dela?”, pergunta Maia, provocando.

De volta ao apartamento de Maia, eles tomam chocolate quente sentados de pernas cruzadas em um sofá coberto com uma manta que ele não reconhece. Bear se pergunta se Maia e sua namorada escolhem essas coisas juntas, ou se a sala de estar é uma mistura dos pertences de ambas. Ele decide que mais tarde usará parte do dinheiro que ganha entregando jornais para comprar algo para ela em uma das lojas do bairro, talvez uma almofada.

“Aconteceu uma coisa estranha na aula”, diz ele. “Nem me lembro como chegamos a isso, mas devíamos estar falando sobre *Os Contos de Canterbury* , sobre como os homens são definidos pelo que fazem, mas as únicas mulheres... Bem, é mais sobre quem elas são em relação a um homem. Como a Mulher de Bath, ou até mesmo a freira, de certa forma.”

“Não me lembro das histórias, mas diria que definitivamente a freira.”

“De qualquer forma, de alguma maneira, a professora acabou nos perguntando, se tivéssemos que dar um título à nossa vida, onde fôssemos definidos por outra pessoa, qual seria esse título. E eu percebi—”

“Ah”, diz Maia, compreendendo onde ele quer chegar. Porque, até ela se mudar, aquilo sempre esteve ali, pairando no fundo da sua mente.

“Sabe o que eu estava pensando?”

“Sim, acho que sim. Depois que aconteceu, eu sempre pensava nas pessoas nas lojas, nos professores, nos nossos vizinhos… Bem, que eu os via no caminho…” rua, e eles pensariam: " *Ah, lá vai..."* Ela faz uma pausa por um momento e então recomeça. " *Ah, lá vai a filha do assassino."*

Eles ficam sentados em silêncio. Maia move os pés para que se encontrem com os de Bear, onde as almofadas do sofá se juntam. E por um instante, ficam olhando para as pontas dos dedos dos pés.

“O que é estranho é que levei quatorze anos para ter esse pensamento. Que eu sou o filho do assassino.”

"Mas você realmente sente essa ligação com ele? Mesmo mal o conhecendo?"

"Acho que não. Na maioria das vezes, não penso em mim como alguém que tem um pai. Você pensa?"

“Sim, mas em outra vida. Tipo, eu tinha uma, mas agora, nesta vida, não tenho mais.”

“Você acha que ele pensa em nós? Como se fôssemos dele?”

Maia volta a observar as meias deles. As listras da dela e o preto desbotado da dele. Ela já se perguntou sobre isso várias vezes, mas não compartilha seus pensamentos: que ela acredita que ele provavelmente ainda a vê como sua filha, mas talvez não veja Bear como seu filho. Ela gostaria de ter o mesmo anonimato na mente do pai. "Eu não sei", ela diz por fim.

“Ele vai sair da prisão no ano que vem, não é?”

Maia quer encerrar o assunto. Para impedir que ele contamine a mente de Bear ou interfira no tempo que passam juntos. Mas ela sabe que precisa ceder um pouco. Que negar que isso também faz parte da história dele só o deixará mais ávido. "Se ele se comportar bem", diz ela.

"Você acha que ele vai ficar bem?"

“Sim”, diz Maia, sentindo um arrepio na espinha. “Eu e a mamãe ficamos surpresas por ele não ter saído antes. Ele era incrivelmente charmoso. "Acho que ninguém acreditaria em como ele tratou a mãe, se não fosse pelo que ele fez com o Vihaan."

Elas pronunciam o nome dele como se o conhecessem. Mas não é familiaridade; é uma questão de honra, um reconhecimento do que ele sacrificou por elas. "Nunca devemos esquecer que só temos nossa liberdade porque ele morreu por nós", diz Cora. Para Maia, sempre soou como se ele fosse o seu próprio Jesus. Elas não frequentam a igreja, mas todos os anos, no dia 16 de outubro, até hoje, vão ao túmulo de Vihaan e depositam flores em sua homenagem. Às vezes, já há flores lá, começando a murchar. Foi só quando ficaram mais velhas que ela reconheceu as flores — açafrões, narcisos, peônias, dálias, ciclâmenes — como as favoritas da mãe e percebeu que precisava ir com mais frequência.

“Você acha que ele vai, sabe, atrás dela? Ou de nós?”

“Ah, Bear”, diz Maia. “Já faz tanto tempo. E ele nunca tentou entrar em

contato.” É o que ela diz a si mesma quando se deita na cama à noite. Ou quando caminha para casa depois de escurecer, com o coração acelerado, sentindo-o à espreita, pronto para agarrá-la e sussurrar ameaças em seu ouvido. Mas logo, ela não terá mais a certeza de que é apenas uma mente agitada.

Bear se sente estúpido por ser melodramático, mas o que aconteceu quando ele era bebê parece tão distante da vida que ele conhece que às vezes ele acha difícil de acreditar. Ultimamente, porém, ele se pega imaginando vários cenários. O rosto do pai na janela quando ele vai fechar as cortinas à noite, mesmo que o apartamento deles fique no segundo andar de um prédio vitoriano. Um vizinho deixando a porta da frente aberta, o pai deles escondido embaixo da escada comum. O fio do telefone cortado… Às vezes ele atende o telefone, só para checar. Ele sabe que vão avisar quando houver uma data de lançamento, mas mesmo assim.

Ultimamente, ele se pega desejando que sua mãe tivesse conhecido alguém. Alguém corpulento, com um lado cruel que só se manifesta quando sua nova família está ameaçada. Ele se pergunta sobre Aaron, que vem consertar o encanamento velho do apartamento deles a cada poucos meses, nunca cobrando a taxa de visita devida da mãe e sentando com Bear para jogar uma partida de *Mario Kart* antes de ir embora. Ele não percebeu nenhuma faísca entre eles, e pode até ser casado, pelo que Bear sabe, mas tem certeza de que Aaron saberia se virar se precisasse.

Não é que Bear ache *que* não conseguiria se virar sozinho, mas sim que nunca foi posto à prova. Na escola, se vê alguém sendo intimidado, ele intervém, e não sabe bem porquê, mas o valentão sempre recua sem oferecer resistência. Certa vez, ele se perguntou se era por causa do pai; se eles recuavam porque achavam que Bear poderia ter herdado esse mesmo gene de espírito indomável. Seja o que for, ele não tem certeza se sua presença teria esse efeito em alguém capaz de matar.

Ele também se preocupa com quem ele será se o pai deles os procurar agora. Ele moldou a vida deles por meio de sua ausência. E se a presença dele mudar quem Bear é, seu senso de identidade sendo abalado tão facilmente quanto uma bola de sorvete de uma casquinha?

"Você acha que ele terá mudado muito?", pergunta Bear.

Maia dá de ombros. "Grande parte de quem ele era vinha do respeito que inspirava, da admiração que as pessoas tinham por ele. Não sei o que restará dele quando não for mais médico. Se ele não estiver morando em uma casa grande e perfeita. É como se tudo que o definia tivesse sido arrancado *dele* ."

"Um dia fui lá de bicicleta", diz Bear. "Não conseguia me imaginar morando lá."

Para Maia, é estranho pensar em Bear atravessando a cidade de bicicleta para ficar em frente àquela casa — eles tinham se mudado para o apartamento perto de Mehri. E Fern está logo depois do julgamento, antes do primeiro aniversário dele. Ela pensa na vida dele como relativamente intocada pelo pai, mas agora ela consegue vê-lo, com os dedos dos pés apoiados no asfalto para equilibrar a

bicicleta, olhando para as janelas, preenchendo as lacunas do que sabe com coisas que podem ou não ser piores do que a verdade. Ela se pergunta quem mora lá agora e se eles sentem isso. Se eles percebem a violência do que aconteceu ali. Não apenas com Vihaan, mas com tudo o que aconteceu antes. "É, o apartamento sempre foi mais *a nossa cara* ", ela diz. "Você não deveria ir lá. Para a casa antiga, quero dizer."

“Não estou tentando desenterrar nada. Eu só…” Ele para de falar.

“Sim, eu sei”, diz Maia, e aperta o pé dele.



CORA VAI a um encontro. Ela se senta em frente ao pequeno espelho de mesa em seu quarto e gira a embalagem de um batom para revelar um rosa escuro e puro. Ela desliza a ponta delicadamente sobre os lábios e então se encara. No balcão de beleza, cercada por outras mulheres, aquilo lhe parecera normal — até divertido —, mas agora lhe parece estranho escolher uma parte específica de si mesma para destacar dessa maneira. Uma seta de neon: *Aqui, é aqui que você deve olhar* . Ela percebe que seus lábios se tornaram tão insensíveis quanto um cotovelo ou um joelho, e se assusta ao pensar que talvez se espere que eles despertem novamente, que se tornem algo mais.

“Você não precisa beijá-lo”, disse Mehri. “É só um encontro. Vocês vão, conversam, jantam juntos. Não precisa ser nada além disso, a menos que você queira.”

O nome dele é Felix. Ele tem um sorriso aberto e cabelos cacheados que caem sobre ele. O olhar dele se volta para os seus olhos como uma mola que retorna sempre que ele a afasta. Aos quarenta e oito anos, ele é apenas um ano mais velho que ela, e isso a faz lembrar de como ela é jovem, porque ele não parece nada velho. Ele veste uma camisa de algodão macio e escovado, com os botões da gola abertos, e ela se dá conta do pequeno triângulo de pele que isso revela — fresca e de um branco cremoso. Quente, ela imagina. Depois, o movimento do pomo de Adão dele. A leve penugem no queixo.

Ele é veterinário e fala sobre os animais e seus donos como se fossem personagens de um livro que ele considera particularmente cativante. “É estranho, sabe? Meu contato com as pessoas é através desse prisma singular, mas é incrível como acabo sentindo que as conheço profundamente. Vejo como lidam com o estresse e o luto, como reagem quando seus animais de estimação ficam incontinentes e começam a deixar presentes no sofá.” Seus olhos se enrugam nos cantos. “Na maioria das vezes, nunca saberei o que fazem da vida, mas ouço o jeito como falam com o gato enquanto o tiram da caixa de transporte. Há… não sei… uma vulnerabilidade nisso. No fato de me deixarem entrar.” Ela consegue imaginá-lo ali, com seu sorriso tranquilizador. O medo dos animais. O leve cheiro de desinfetante.

Ele enche o copo dela com o vinho que pediram, faz perguntas interessantes.

É fácil conversar com ele. Ela gosta dele. Ele é o tipo de pessoa por quem ela poderia se sentir atraída. Ele é gentil com ela. Agradável. E esse é o ponto crucial. Ela está acostumada a que as pessoas sejam gentis com ela — seus filhos, Mehri e Fern, Roland, os outros jardineiros no trabalho — mas essas, ela pensa, são interações que não têm a mesma consequência. Enquanto Felix fala, ela se vê avaliando cada gesto, cada frase, como se fosse de um parceiro em potencial, alguém que ela poderia deixar entrar em sua vida. E enquanto conversam, ela percebe tudo o que inclina a balança. O equilíbrio a seu favor perturba alguma outra medida interna. Ela sente como se tivesse entrado num parque de diversões de espelhos, onde o que está à sua frente pode não ser o que parece.



MAIS TARDE, AO TELEFONE COM MEHRI, ela tenta explicar: "Nenhum homem consegue me conquistar. Se ele é gentil, parece que está apenas tentando me encantar. Quando ele começou a fazer perguntas, sabe o que eu pensei?"

“Que ele estava em uma missão de reconhecimento para encontrar seus pontos fracos.”

“Sim. Estou guardando-as para usar contra mim mais tarde. Não quero um homem que seja horrível comigo, mas como posso confiar em um homem que é legal?”

“Porque a maioria dos homens não é como Gordon.”

“Eu sei disso logicamente, mas isso não muda o que eu *sinto* . Mesmo sabendo que você — Roland — não me apresentaria a qualquer um, mas—”

"Escuta, o Roland conhece a ex desse cara. O Felix ainda é amigo dela. Esse não é o histórico de relacionamentos de um abusador, né?"

“Por que você não me disse isso antes?”

“Eu não sabia. Só fiquei sabendo enquanto estava aqui sentado esperando você ligar que o Roland disse.”

“Você estava preocupado comigo?”

Mehri suspira. "Não. Ou talvez um pouco. Mas só como eu fiquei quando Fern foi ao primeiro encontro."

"Eu me lembro disso. Você adormeceu no sofá depois de uma garrafa de vinho e só soube no dia seguinte se ela chegaria em segurança."

“Ela ainda está viva”, Mehri ri. “Nenhum mal aconteceu. Ele era um bom rapaz. Jake ou Joseph. Algo que começa com J. Mas escuta, Cora, eu Adoro ter você só para mim, mas não é justo. Você merece ser amada. E por alguém bom.

"Você me ama."

“Sim, mas não vou tirar suas roupas e te violentar. Você também precisa disso.”

“Não tenho certeza se quero essa parte”, diz Cora.

“Claro que não. Você reprimiu esse lado seu para se concentrar nas crianças.

Mas veja bem, o Bear tem quatorze anos — ele está saindo com a Bees — quem sabe, no ano que vem ele pode estar passando o verão inteiro em Brighton com ela.”

“Você está agindo como se eu não tivesse vida. Isso é demais para uma noite só”, diz Cora. “Eu estava num encontro e agora você está—”

"Desculpe, você tem razão", diz Mehri, e ambas riem, e a conversa passa a ser sobre a Sra. Wilbur, vizinha de Mehri.

Na manhã seguinte, domingo, Cora quer aproveitar seu dia de folga e a tranquilidade do apartamento antes da chegada de Bear, mas sabe que não conseguirá relaxar até resolver a situação com Felix. Então, às 7h30, senta-se na cama e escreve uma mensagem que espera ser amigável, mas que também deixa claro que a noite anterior foi um caso isolado. Seu celular vibra algumas horas depois.

Olá Cora,

Obrigada por me informar sobre a minha situação. De qualquer forma, tive uma noite adorável.

Tudo de bom, Felix.

E em sua polidez perfeitamente pontuada, ele é novamente alguém que parece bem-educado e gentil, e alguém que ela não consegue... Confiança. Ela olha para o relógio. Faltam algumas horas para o Bear chegar. Ela poderia folhear o catálogo de sementes que trouxe do trabalho, colocar um Tchaikovsky para tocar e alongar os músculos. Normalmente, são coisas que lhe dariam prazer. Mas hoje, ela está ansiosa para servir o almoço e ligar a máquina de lavar com as roupinhas do Bear do fim de semana. Ela quer voltar a ser apenas *mãe* .

Julian



EU Faz muito tempo desde a última vez que Sílbhe visitou o estúdio de Cian. Enquanto caminha pela lateral da casa, tudo está exatamente como ela se lembrava, mas de repente ela se sente constrangida, consciente dos anos que se passaram e de como envelheceu visivelmente com a perda de Cora. Mesmo se sentindo mais jovem em muitos aspectos, como se tivesse regredido a uma fase diferente da vida por causa da segunda maternidade.

Ele abre a porta. Sílbhe havia se esquecido de que ele também ficaria mais velho. Ela percebe que a gentileza e o carinho dele estão gravados com mais profundidade em seu rosto, emoldurando os cantos da boca.

"Sinto muito por ter demorado tanto", ela lhe diz.

“Não, não. Não seja boba”, diz ele. “Você esteve ocupada. Eu entendo. Entre, entre”, e então ele faz uma pausa, com um toque de nervosismo transparecendo. “Ou você prefere ir até a casa? Onde você prefere?”

“Não, está ótimo”, diz ela.

Ele prepara um chá para eles e eles se sentam ao redor de sua bancada, ela ainda de capa de chuva, a luz forte de um abajur ofuscando-a. Ele apaga a luz, deixando apenas as luzes do teto acesas. "Desculpe, é um pouco demais. Minha visão não é mais a mesma." Ele sorri sem jeito. "O que a traz aqui, afinal? Ou é só um encontro social?" Ele inclina a cabeça, sorri; uma porta aberta indica que ela seria bem-vinda. Ela se sente culpada por não ser.

“Bem, social. Mas eu não tinha certeza se você poderia me ajudar com alguma coisa.”

“Ah, claro, pode continuar”, diz Cian.

“É meu neto, Julian.”

“Ele está bem?”

“Sim, sim, ele é bom. Ele é como você — gosta de trabalhos manuais. Arte, marcenaria, metalurgia. Esse tipo de coisa.” Ele espera que ela diga mais. “Mas ele é... não sei, ele não é como os outros meninos. Ele se dá bem com os outros. Não sofre bullying, principalmente. Mas ele é diferente.” Ela faz uma pausa, porque parece demais explicar como o passado dele o afetou; admitir que sua impressão é de que ele vivencia a vida em tons de cinza, em vez de se permitir mergulhar em todas as suas cores. Que há uma certa monotonia nele. Em vez disso, ela diz: “Talvez seja por passar tanto tempo com a avó, mas ele se dá melhor com adultos.”

“Compreensível”, diz Cian.

“Tentei matriculá-lo em um curso. Na Educação de Adultos. Ele quer aprender ourivesaria. Mas ele tem quatorze anos; dizem que o seguro não cobre.”

“Então, você quer que eu dê aulas para ele aqui?”

“Eu não teria perguntado, mas quando vi que você era o tutor do curso, pensei __”

Cian percebe que ela está constrangida, sabe que ela se sente desconfortável em lhe pedir algo depois de tanto tempo. Não deve ter sido fácil virar a vida dela de cabeça para baixo assim. Por dois filhos com os quais ela mal teve contato.

Ele acena com a cabeça. É tudo o que ela precisa saber para ter certeza de que ele fará isso. E ele não quer que ela tenha que agradecer, que se sinta em dívida, então muda de assunto. "E Maia? Esse é o nome dela, não é? Quantos anos ela tem agora? Deve ter uns vinte e um, talvez?"

“Vinte e três anos”, diz Sílbhe. “Eu costumava me preocupar que ela fosse embora, que voltasse para a Inglaterra, mas agora não tanto. Ela é caseira, não se

interessa muito por socializar ou por garotos. Ela ajuda com as crianças pequenas na sua antiga aula de balé uma vez por semana. Só para ganhar um dinheirinho, na verdade", admite. "O trabalho dela mesmo é no Doyle's, lá na cidade."

"O bar de sanduíches?"

"É isso. Ela é uma menina brilhante — só tira notas máximas na escola — ela poderia ter feito mais. Mas isso muda a sua perspectiva. Eu só quero que eles sejam felizes. Ou pelo menos estejam satisfeitos."

"Você é?"

"Será que sou mesmo?"

"Conteúdo?", ele pergunta.

"Eu?" Ela ri, surpresa com a franqueza da pergunta dele. "Não sei se parei para pensar nisso." Eles ficam sentados em silêncio enquanto a água escorre pela calha lá fora. "Sinto", diz ela finalmente, "como se tivesse um propósito. E acho que há uma satisfação nisso. Em saber quem eu sou, o que devo fazer nesta Terra. E você, Cian Brennan?"

"Ah, eu tenho razão", diz ele, olhando ao redor de sua oficina. E tem mesmo. Quando está trabalhando. Quando as horas são absorvidas por... Moldando metal. Mas ele também se sente sozinho. Sente que o tempo está passando por ele. Como se tivesse perdido algo. Ele acha que talvez ambos percebam isso, mas ela não insiste no assunto.

"Então, devo trazê-lo aqui?"

"À noite, ou no fim de semana. O que for melhor para você."

"Uma terça-feira?", ela pergunta.

Ele acena com a cabeça. "Estarei ansioso por isso."

"E quanto ao pagamento—"

Ele levanta a mão. "Vai ser divertido. Não precisa disso."

Ela sabia que ele diria isso e já estava pensando em como compensá-lo. Vinho, uísque, um vale-livro. Ela sabia dessas coisas sobre ele, as coisas de que ele gostava, e espera que ainda goste.



DESDE A PRIMEIRA vez que sua avó o deixou no estúdio e ele caminhou sobre o cascalho, vendo a oficina pela janela, Julian sentiu como se algo tivesse sido despertado. Sua mente fervilhava de possibilidades que iam muito além de suas habilidades atuais.

Quando Cian dá aulas na Educação de Adultos, ele começa com um projeto definido. Algo que introduza os conceitos básicos e proporcione uma sensação fácil de realização. Mas, algumas semanas depois, ele percebe a frustração de Julian e diz: "Tudo bem, desenhe o que você quiser fazer. Liste os detalhes e você aprenderá na prática."

Durante toda a semana na escola, Julian preenche as margens do seu caderno

com esboços. Ele tem dificuldade em escolher um tema. Quer desenhar tudo. Mas, por fim, decide desenhar duas folhas de castanheiro pendentes. A maior em prata, a menor aninhada acima. em ouro. A princípio, ele desenha todos os detalhes — as veias e vênulas à mostra como um diagrama em seu livro de biologia. Mas depois, imagina essa peça em contato com a pele de alguém e a simplifica, mantendo apenas o contorno longo e fino da folha e sua nervura central. Ele sabe instintivamente que isso se aproxima mais das joias que deseja criar. Deitado na cama, percebe que não quer que os metais preciosos sejam altamente polidos como os broches e colares que as amigas de sua avó usam. Em vez disso, quer-os foscos, com uma leve textura, como a superfície de um papel aquarela. Acende o abajur e adiciona isso às suas anotações e esboços, e quando se deita novamente, todo o seu corpo parece vibrar, como se estivesse vivo *demais* , energizado demais, vibrante demais para dormir. Aquela antiga sensação de inquietação interior ganha uma nova forma; em vez de preocupação e solidão, às vezes — agora — também é excitação.

Ao ouvir a descrição da obra, Cian escuta atentamente, estuda os planos de Julian e comenta: “É contemporâneo, com certeza, essa mistura de metais. Gostei”. O rapaz tem uma visão clara do que quer, e Cian se lembra de ter a mesma certeza quando começou. Ele sente um lampejo daquela antiga expectativa ao se aproximar da prateleira e pegar alguns materiais.

Nas próximas semanas, eles aquecem e esfriam, dobram e giram, soldam e martelam, soldam e lixam. Em uma aula de inglês, a professora de Julian compartilha um poema de Sylvia Plath — “Canção da Manhã” — e o primeiro verso fica martelando em sua cabeça como a letra cativante de uma música pop. Ele quase consegue sentir seu interior pulsando como um relógio de ouro robusto quando pensa em estar no estúdio, com as ferramentas nas mãos, criando algo do nada; Cian sugerindo que ele mude o ângulo ou use uma lima com um corte mais fino, vendo a diferença que isso faz; uma tarefa O que momentos antes parecera repleto de atrito, de repente se tornou domável. Ele se sente tonto com isso. Isso — a ourivesaria — isso é amor, pensa ele. Foi isso que o impulsionou.

As sessões de Julian com Cian começam a se estender além do previsto. Ele vai até a casa principal e liga para a avó para perguntar se pode ficar até mais tarde.

“Mas volto a tempo para o jantar”, diz ela.

"Certo. O Cian se ofereceu para me levar para casa. Você não precisa sair."

Você já agradeceu?

Ele não responde e, em vez disso, diz: "Posso convidá-lo para jantar?"

“Ah… tudo bem então”, diz ela, envergonhada por não ter pensado nisso, já mentalmente vasculhando a gaveta de legumes da geladeira, repensando o que havia planejado fazer quando fossem apenas os três.

Foi assim da primeira vez. Um convite casual que abriu caminho para a união de suas vidas, já que às terças-feiras havia uma pessoa a mais à mesa, e depois em alguns sábados. Mais tarde, almoços de domingo e jantares de Natal, porque,

afinal, por que não? Havia comida de sobra, e ele ficaria sozinho em casa.

Para Cian, Sílbhe e seus netos são como um gole de uísque que lhe aquece o coração com o prazer intenso do contato humano. De ser convidado a entrar e se aquecer. E para Sílbhe, há o arrependimento de não ter feito isso antes, de ter perdido tempo, porque ela percebe o quanto a presença dele faz bem às crianças. Ter outro adulto em quem confiar. Inicialmente, Maia estava receosa, mas acabou se afeiçoando a ele. E ambas começam a lhe pedir coisas — uma carona até a cidade, ajuda para colocar a corrente da bicicleta de volta — sentindo que podem e que ele dirá sim.

Certa noite, Cian busca Maia no trabalho em meio a uma nevasca. Faz anos que ele não via tanta neve. "Não tinha certeza se os ônibus ainda estariam circulando", diz ele enquanto abre a porta do passageiro para ela, "e eu já estava na cidade mesmo." Ela não precisa saber que ele deixou o trabalho de lado, fechando o estúdio mais cedo assim que ouviu a previsão do tempo no rádio.

O aquecedor sopra ar quente ao redor do carro e flocos de gordura dançam acima do para-brisa, antes de se achatarem contra o vidro. Maia sente o calor, bem no âmago do seu ser. "Obrigada", diz ela. "Isto é ótimo."

Mais tarde, enquanto o carro sobe a ladeira com um zumbido e ele se inclina para a frente no banco do motorista, olhando para o para-brisa e concentrando-se nos trechos de estrada que vislumbra no instante após a passagem dos limpadores, ela lhe conta sobre o trabalho. Sobre os clientes habituais que vêm e pedem o mesmo sanduíche todos os dias. "A senhora McCarthy, da loja de ferragens. Você a conhece?"

“Sei disso”, diz Cian.

“Ela foi pagar esta manhã e disse: 'Olha só, é uma das suas', enquanto entregava uma moeda de libra esterlina.”

"Ah?" Os olhos dele ainda estão fixos na estrada, mas ela sabe que ele está ouvindo, imaginando que ela tenha mais a dizer.

“Recebemos moedas de vez em quando. A Rita não se importa de trocá-las quando a taxa de câmbio nos é favorável, embora talvez isso mude quando passarmos a usar euros.”

Cian diminui a potência do ventilador e fica mais silencioso, a corrente de ar preenchendo o espaço entre eles se torna menos intensa. "Eu aumento de novo se começar a embaçar", ele diz a ela. E então: "Você está com sentimentos confusos?"

Ela não diz nada, apenas sente os olhos arderem inesperadamente. Ele lança um olhar de relance. Sílbhe lhe contou que os frequentadores habituais a chamam de Garota Inglesa, e ele se pergunta se ela ainda sente saudades de casa.

“Sim. Mas eu só estou brincando.”

Ele estende a mão e toca o braço dela. "Pequenas coisas como essas criam uma conexão, não é?"

"Ainda sinto muita falta dela." Sua voz falha ao dizer essas palavras. Ela enxuga o rosto com a lã áspera do seu casaco de inverno.

“Só encontrei sua mãe uma ou duas vezes na cidade, quando ela ainda era

bem pequena. Mas sabe, Maia, se algum dia você quiser falar sobre ela — como você se lembra dela, por exemplo — eu gostaria de ouvir. Embora, claro, ela continue tão presente no seu coração quanto você, é claro."

Maia sorri ao ver a timidez de Cian e por ter a oportunidade de se lembrar, de dizer em voz alta os bons momentos. "Ela era linda. E mesmo que nunca mais tenha dançado depois... depois que nos teve, ela tinha essa graça. Dava para perceber."

Cian apenas acena com a cabeça, então ela continua. "E ela adorava livros. Ele não a deixava ter os seus próprios, mas ela gostava de ler para mim, os meus livros. Todas as noites antes de ele chegar em casa. *Anne de Green Gables* . *Mulherzinhas. O Sol É Para Todos.* Ela continuou lendo para mim — para nós — até o fim. Qualquer livro que eu escolhesse na biblioteca da escola. Ela nunca julgava, nunca dizia: ' *Este não'* , ou ' *Você não deveria estar lendo isso'* . Eu ainda me lembro. Aquela sensação de estar sendo lida para ela, de estar envolvida pela sua voz, por aquelas palavras, qualquer lugar para onde a história nos levasse. Parece bobagem, mas era como um tapete mágico."

"Quer se desligar de tudo por um tempo?"

"É, como se tivéssemos realmente ido a algum lugar juntos. Quer dizer, viajado." "Daquela casa, dele." Ela encara os flocos de neve que se espalham contra a janela, o suave reflexo de Cian gravado no vidro. "Ela era uma boa mãe. Queria o melhor para nós. Por isso ficou." Ela enxuga o rosto novamente. "Odeio que tudo isso... Eu só ia te contar as coisas boas. Mas está tudo ligado a ele. Eu nunca a conheci sem ele. Ou só durante aquelas semanas no abrigo."

"Como ela estava naquela época?"

"Quase não me lembro. Havia tantas outras famílias — mulheres e crianças — amontoadas lá dentro. Com algumas delas tínhamos algo em comum. Além *disso* , quero dizer. Mas com outras, simplesmente tentávamos conviver. Não eram necessariamente pessoas com quem escolheríamos dividir uma cozinha. E as pessoas nem sempre estavam no seu melhor. Todas tinham passado por muita coisa. Mamãe tinha alguém com quem conversar sobre as coisas enquanto estávamos lá — uma assistente social ou algo assim — mas conosco ela era apenas mamãe. Acho que ela devia estar com medo."

"Com certeza", diz Cian, mudando de marcha para reduzir a velocidade por causa de um carro que se aproxima.

"Eu nunca tinha realmente sentido medo. Pelo menos não antes disso. Mas senti depois que fomos lá. Às vezes eles apareciam. Os homens. Não sei como descobriram onde estavam suas esposas, mas eles vinham, batiam na porta e gritavam. Não ele, outros. Mas eu sentia que ele poderia aparecer a qualquer momento. Ou que ele poderia me sequestrar na rua quando eu voltasse da escola."

"Foi só uma vez? Que você ficou lá?"

"Sim. Mas aí ela recebeu uma carta. Do tribunal ou algo assim. E ela sabia que ele provavelmente ficaria com a guarda. Então fomos para casa e parte de mim ficou aliviada."

Cian acena com a cabeça. "Compreensível."

Maia concentra-se no para-brisa. Na neve e na paisagem branca e sem limites além. "Eu tinha quatorze anos quando aconteceu; a idade de Julian agora."

“Você não precisa me contar, sabe?”, ele diz. “Mas pode. Se isso ajudar.”

“Quanto você sabe?”, ela pergunta.

“Não muita coisa. Não foi noticiado na Irlanda. E a internet não era tão difundida assim. Sua avó me contou algumas coisas, mas eu não quis, bem, você sabe, ser intrometida. Mas eu a ouço sendo entrevistada no rádio de vez em quando. Acredite ou não, eu tenho o programa *Woman's Hour* tocando todas as manhãs no meu estúdio.”

Ele solta uma risadinha e Maia ri também. "Eu devia ter imaginado."

Ele sorri. "Acho que muitos homens escutam, sabe?"

“O que você ouve? O que ela diz, quero dizer? A vovó Sílbhe.”

“Ela disse que o momento mais perigoso é logo antes de uma mulher ir embora, ou logo depois. Que é nesse momento que o risco de vida é maior”, diz ele, sem saber como contornar o assunto, como encontrar as palavras certas. “Ela disse que é por isso que as mulheres ficam, porque deixar um homem assim é ainda mais perigoso.”

“Ele sempre foi horrível com ela”, diz ela. “Mas não desse jeito... eu não fazia ideia do que ele era capaz, até aquela noite. Estávamos no quarto ao lado. Ele tinha colocado alguma coisa na frente da porta, então eu não conseguia entrar. Eu não conseguia chegar até ela. Eu não conseguia ajudá-la. Tapei os ouvidos do Julian com as mãos. Mas isso significava que eu não conseguia tapar os meus. Então eu ouvi.”

Cian balança a cabeça negativamente.

“Os sons. Mesmo agora, consigo ouvi-los. Eles se repetem na minha mente.” como uma fita em loop. Não sei como ele descobriu que estávamos saindo de novo.”

“Ele era médico?”

“Sim”, ela diz. E sabe o que isso implica. Que havia inúmeras maneiras pelas quais ele poderia ter descoberto. Que seu consultório — seus colegas — talvez até tivesse ligações com o abrigo, com o cuidado das mulheres ali. É algo em que ela pensa com frequência. A situação de sua mãe era ainda mais impossível por causa do que ele fez. De quem ele era. “Desgraçado”, acrescenta, a palavra presa na garganta.

Cian nunca tinha ouvido Maia falar palavrões e suas sobrancelhas se ergueram involuntariamente. Ele espera que ela não tenha visto. "Nenhuma palavra é forte demais para aquele homem", diz ele. "Você pode dizer o que quiser sobre ele. Eu vou entender. Ou tentar."



ALGUMAS SEMANAS DEPOIS, quando Cian já tinha saído para ir embora, Maia

estava recolhendo os pratos do jantar e encontrou uma das caixas creme Brennan dele em seu lugar à mesa. Ao abri-la, levantou a tampa de cetim e encontrou uma fina lâmina de prata com a face de uma moeda de uma libra impressa nela. Ela se acomodou na cadeira e ficou olhando para aquela coisa linda repousando na palma da sua mão. Era a fila do refeitório da escola; a Sra. Radley entregando o dinheiro da babá — dela, ainda que por pouco tempo. Era a Inglaterra, que era a mãe e o lar. E agora, era Cian cuidando dela — debruçado sobre sua bancada para fazer algo só para ela. Ela observou a face intrincada da moeda, com uma rosa, um alho-poró, um cardo, um trevo. Ela nunca tinha estudado a moeda assim antes. Mas havia um conforto em vê-la capturada na delicadeza daquela coisa que Cian tinha feito para ela.

Mais tarde, sentada na cama de Julian, ela diz: "Você sabia que ele estava fazendo isso?"

Ela estende a joia para que ele a examine, a corrente caindo entre seus dedos. Ele não a pega, mas admite: "É, é bonito o que ele fez. Simplesmente a transformou em prata fundida assim. Assim, não parece mais um medalhão, sabe?" Ele não diz que não a quereria. Que também não consegue entender por que ela a quereria. Ele odeia a Inglaterra.

“Fiquei tão emocionada por ele ter feito isso para mim.” Ela passa o polegar sobre a tatuagem, traçando o relevo e as curvas do desenho. Eles ficam sentados, cada um com seus próprios pensamentos, até que Maia pergunta: “Qual você acha que é o acordo? Entre ele e a vovó?”

Julian dá de ombros. "Não sei. Nada, eu acho. Ele só está aqui, não é?"

“Acho que eles se fazem felizes”, diz Maia.

Julian dobra o arame de um clipe de papel, flexionando-o ao máximo sem que o metal quebradiço se rompa. "Acho que sim. Mas não estão muito velhos?"

"O quê? Ser feliz? Estar apaixonada?" Ela cutuca-o nas costelas. "Ela tem sessenta e sete anos, devia ter uma vida independente de nós, sabe?"

Ele a afasta com um gesto brusco. Eles não têm aquela facilidade para se divertir que ela imagina que irmãos comuns teriam. Há uma seriedade na maneira como eles se relacionam, e seu momento de brincadeira fingida — de fingir ser outra pessoa — a faz se sentir boba.

Ela boceja, sem jeito, depois se levanta para ir embora, e Julian percebe que a magoou. "Desculpe", ele diz.

“Está tudo bem”, ela responde, sem se virar. “Boa noite.”

"Te amo", ele diz quando ela está à porta.

“Sim, você também”, ela diz, mas Julian quase consegue ouvir a tristeza em seus passos enquanto ela se afasta pelo corredor.

As palavras de Maia sobre Cian e Sílbhe ficam na sua cabeça. E enquanto trabalha no estúdio de Cian, pensamentos vêm e vão como água pelos canais ao redor de um castelo de areia. As horas passam voando como minutos. Ele se pergunta como eles eram quando mais jovens, antes de sua avó se casar. Ele se pergunta como as coisas mudariam se Cian se tornasse uma parte mais central de suas vidas. E percebe que ele já é essencial no dia a dia deles, e está bem com

isso.

Algumas semanas depois, antes mesmo de perceber que ia falar, ele se pega dizendo: “Você vai se casar com ela? Com a minha avó?” Ele se arrepende do tom possessivo do “ *minha* ” e acrescenta: “Com a Sílbhe, quero dizer.” Ele percebe o rubor nas bochechas de Cian sem precisar levantar os olhos.

"Fiz alguma coisa que te chateou? Passei dos limites?", pergunta Cian.

Julian balança a cabeça. "Só quis dizer que para mim não haveria problema. Se você fizesse isso. Para Maia também."

“Ah”, diz Cian. “Bem, muito obrigado. Que gentileza sua mencionar isso.” E alguns instantes depois, “Mas acho que sua avó teria algo a dizer sobre isso.”

“Sim, você precisaria perguntar a ela”, diz Julian, com um sorriso pairando nos lábios enquanto aperta uma faixa de metal entre alicates.

Gordon


GIN
London
1821

Maia segue o registrador para fora da sala. O pager dele toca, e ele franze a testa para o aparelho antes de olhar para o relógio e sair apressado pelo corredor. "Sr. Davies, posso falar com você?", diz Maia, tentando acompanhá-lo.

“Vai ter que esperar. Estou atrasada para uma cirurgia e tenho exatamente três minutos para almoçar antes de entrar na sala de operação.” Ele a olha então, como se estivesse se perguntando pela primeira vez quem ela é e o que está fazendo ali.

“É sobre sua última paciente, afinal. Acho que não pode esperar.” Ele suspira enquanto ela o segue pelo corredor em direção ao refeitório. Ela está apenas na quarta semana de estágio em Obstetrícia e Ginecologia, e o Sr. Davies já é conhecido por fazer os residentes chorarem. “Quando você perguntou se algo poderia ter acontecido para provocar isso, notei que o parceiro dela apertou a mão dela.”

“Você está interrompendo meus poucos minutos de paz para me dizer que ela tem um parceiro que a apoia, senhorita—”

“ *Dr.* Atkin”, ela corrige, “sou médica residente. Mas não, acho que ele estava a encorajando a não dizer nada. Há sangue seco nas narinas dela; os olhos estão lacrimejantes, as pupilas dilatadas; e ela estava irritada quando o senhor considerou mantê-la internada.”

O Sr. Davies para e se vira para ela. "E qual é o seu ponto?", diz ele, checando novamente seu pager.

“O descolamento prematuro da placenta pode ser causado pelo abuso de substâncias.”

“Estou bem ciente disso.”

“Acho que esse pode ser o problema aqui.”

"Certo. Não tenho tempo para isso. Mas se você acha que é isso que está acontecendo, peça ao laboratório para verificar a urina dela e adie a alta."

“E se for?”

“Avise a Irmã, e ela tomará as providências necessárias.” Maia acena com a cabeça, e enquanto caminham em direções opostas pelo corredor, ele grita: “Boa observação, Dra. Atkin.” E ela sente como se tivesse recebido um elogio direto de Deus.



O JARDIM NA COBERTURA é, na verdade, apenas um banco de madeira, uma cadeira de plástico e um vaso de plantas com bitucas de cigarro encharcadas. Os blocos do hospital ao redor bloqueiam qualquer vista de Londres, mas Maia sempre acaba indo para lá quando está de folga. Uma fileira de armários impede a entrada pela porta externa, então ela e alguns outros médicos passaram a entrar pela janela da sala dos funcionários. Só depois de sair, quando seria constrangedor voltar, é que ela consegue ver se já tem alguém lá dentro. Hoje é

Kate, outra médica residente.

“Você se importaria de ter companhia?”

“Sim, embora eu já vá embora.”

“Ah, posso voltar”, diz Maia. “Não preciso interromper o seu tempo.”

“Não, não”, Kate sorri, acenando para Maia se aproximar. “Quer dizer, eu realmente preciso voltar daqui a pouco, mas até lá, adoraria sua companhia.”

Ela estende um maço de Marlboro Lights, que Maia recusa. A aparência de Kate parece destoar dos cigarros; seu rosto lembra uma pintura pré-rafaelita — lábios rosados, bochechas coradas, cabelos caindo em ondas castanhas pesadas.

“Acabei de ajudar no parto do bebê Portobella”, diz Kate, sorrindo enquanto solta uma baforada de fumaça, e Maia se senta ao lado dela. “Um nome inédito para o hospital, possivelmente para o mundo.”

"Sério? Aposto que ela será uma garota divertida", diz Maia.

"Sim", Kate ri. "Ela é uma gracinha."

“Entendi o que você fez aí.”

“Ah, isso foi sem querer, mas tenho certeza de que ela vai passar o resto da vida com isso.”

Só então Maia percebe que, nas poucas frases que trocaram, ela se apresentou de forma distorcida; raramente faz piadas. Mas algo em Kate a faz mostrar uma versão mais extrovertida de si mesma.

“A propósito, meu nome é Kate.”

“Maia. Acho que nós duas estávamos em St. Thomas na nossa última rotação, mas nossos caminhos nunca se cruzaram de fato.”

"Sério? Tenho certeza de que me lembraria de você", diz Kate, arqueando uma sobrancelha.

Maia fica surpresa com a paquera desinibida. Às vezes é difícil decifrar os sinais de outras mulheres, mas nessa conversa, há uma certeza rara. Maia sorri. "Acho que minha melhor frase foi: 'Pode ir, eu fico com a próxima.'"

“Como entrar nos elevadores?”

"Sim."

“Bem, obrigada, embora com atraso”, diz Kate. Ela se levanta, prendendo o cabelo em um coque, e sorri para Maia. “Gostaria de tomar um drinque hoje à noite? Termino às sete.”

“Só saio às oito.”

“Posso esperar.”

"Ótimo", diz Maia, e então se encolhe ao pensar que Kate possa achar que ela rimou com a resposta de propósito.

Kate se vira e sorri, e Maia percebe como seu nariz se enruga ao fazer isso.

Maia senta-se no banco ao sol e se pergunta por que agiu como uma tola nos poucos minutos que passou com essa mulher, e se Kate ainda gostará dela quando perceber que Maia não é só conversa fiada e trocadilhos.

Ela também se pergunta se Kate adivinharia imediatamente o motivo caso Maia sugerisse um lugar diferente do pub da esquina, e talvez decidisse que não quer se envolver com alguém que ainda não se assumiu. Às vezes, ela pensa que

teria sido mais fácil não ter seguido os passos do pai na medicina. Se tivesse escolhido viver em um mundo completamente diferente.



A SUÍTE PARA VIOLONCELO Nº 3 DE BACH está tocando no CD player e, quando termina, Gordon tira a mão do volante e aponta para o porta-luvas. "Antes que eu me esqueça, tem algo aí para você."

Cora coloca os dedos na trava e hesita até que ele acene com a cabeça, indicando que ela pode abrir. Dentro, há um CD e sua capa. Coberto por um Post-it. *Para Cora, com amor x* , escrito na caligrafia impecável de Gordon. Ela levanta o bilhete. São as suítes *de Peer Gynt , de Grieg* . Ela segura a caixa contra o peito e suspira.

Gordon sorri. "Coloque para tocar. É a quarta faixa", diz ele. "Na Gruta do Rei da Montanha". É um presente altruísta; ele detesta o teatro afetado desta peça. No início do relacionamento deles, ele se referia a ela como a "disneyficação" da música clássica. Comida de má qualidade orquestral. *Meu Deus, Cora! Até o próprio compositor a odiava. Era para ser uma sátira!*

Para Cora, porém, é a "Fada Açucarada" com personalidade e um toque a mais de ousadia. Ela se acomoda na cadeira para ouvir, fecha os olhos e visualiza o ambiente aveludado do auditório, sente o brilho branco intenso do holofote do palco. Seus membros formigam com movimentos imaginários. Gordon tira uma das mãos do volante novamente e a coloca sobre a dela.

Quando a música termina, ele desliga o rádio e eles percorrem os últimos quilômetros em silêncio pela paisagem rural de Cotswolds, Gordon tirando a mão da dela apenas ocasionalmente para trocar de marcha. Ela pisca por trás das pálpebras fechadas — uma concha de lágrimas que surgiram do nada; a tristeza que vem depois da última nota e a incerteza de quando ouvirá aquilo de novo. E o anseio de que essa cena seja como parece. Apenas um homem e uma mulher, em um casamento normal, fazendo coisas normais, tão simples que quase poderiam ser tomadas como certas.

No hotel, eles deixam as malas e Gordon pega na mão de Cora enquanto vão se juntar aos outros casais que já estão tomando drinques perto do saguão.

As esposas recebem Cora de braços abertos e, afetuosamente, protestam por não a verem com mais frequência enquanto se abraçam. Ela sabe que elas socializam sem os maridos nos meses entre esses encontros anuais. E isso Com o passar dos anos, tornou-se aceito que, por algum motivo — sua relativa juventude, introversão, balé (que todos ainda parecem presumir que faça parte de sua vida) — Cora não estará lá. Eles não parecem guardar rancor por isso. Em vez disso, a tratam como uma borboleta rara, aceitando esses momentos em que ela está entre eles e aparece, mesmo que brevemente, para deslumbrar. Gordon disse a ela certa vez que a vida média de uma borboleta é de vinte e nove dias. Ela se pergunta, ao somar esses momentos em que existe no mundo, se sua vida

será mais longa. E o que seria melhor? Ter esses dias condensados em uma explosão intensa de cor, ou ter o alfinete removido do tórax de vez em quando, as asas empoeiradas voltando à vida, um pouco mais de tempo conquistado antes de ser trancada novamente?

Alguém pediu o chá da tarde, e enquanto Cora dá uma mordida em um scone com camadas de creme de leite coalhado e geleia de morango, a doçura a faz fechar os olhos por um instante. Quando os abre, Gordon a vê sentado mais adiante na mesa com os outros maridos e ergue seu copo em sua direção. Ela se sente desprevenida, como se o último degrau da escada tivesse chegado antes do esperado, mas sorri, e por um momento, antes de retomarem suas conversas, ficam a sós.

As mulheres conversam sobre um livro que leram, e Dorie diz a Cora que terminou sua cópia durante a viagem e que a entregará a ela mais tarde. A conversa prossegue, mas os pensamentos de Cora se detêm na possibilidade de as regras mudarem, se ela e Gordon poderiam sentar-se na cama, lado a lado, lendo juntos antes de dormir. Talvez ela pudesse terminar o livro antes de voltarem para casa. Ela olha para Gordon, que agora está conversando com os homens. Ele está rindo; parece feliz e relaxado.

À tarde, partiram a pé, primeiro por tranquilas estradas rurais e depois através de campos em direção à Broadway Tower. Gordon ficou para trás e caminhou com as mulheres, e Cora percebeu que elas estavam gostando de sua companhia e das perguntas que ele fazia sobre suas vidas. Ele só estava reforçando a excelente opinião que já tinham dele. Alguns anos antes, em voz baixa, reunidas em volta de uma mesa no final da noite, as outras mulheres o haviam declarado o marido ideal: atencioso, realizado, impecavelmente vestido, atlético, um bom pai. Alguém que tinha o dom de fazer com que qualquer pessoa com quem conversasse se sentisse especial. O tipo de rosto em que se confia instintivamente. Olhos bondosos, um sorriso aberto, bonito, mas não perigosamente. Cora ouvira, piscando. Porque, sim, tudo aquilo era verdade.

“Basicamente, todas nós somos apaixonadas pelo seu marido, Cora”, disse Dorie.

Outra riu: "E provavelmente todos os nossos maridos estão apaixonados por *você* ." Mas Cora sabe que isso é apenas uma gentileza; ela é um vazio, uma invisibilidade.

O campo acima deles é definido por picos e vales paralelos, que descem em cascata a cada dois metros, aproximadamente. "O que vocês acham que causou isso?", pergunta Dorie, sem se dirigir a ninguém em particular, e Gordon explica como a terra outrora fora dividida em faixas para serem cultivadas por diferentes famílias, e como sulcos e cristas se formaram com o uso repetido de arados não reversíveis. Cora se deixa ficar para trás, imaginando aquele espaço cheio de gente, um loteamento do século XVII. Ela observa como o sol incide sobre a grama, fazendo o topo de cada crista brilhar mais intensamente, como ondas de cabelo e o brilho de cem escovas antes de dormir. Mas então Gordon grita. Ele corre em sua direção e, por um instante, ela não sabe o que ele fará quando a

alcançar. Ele está Ele a ataca, e ela fica paralisada, esperando o impacto. Mas ele não vem. Em vez disso, ele a pega no colo — “Vamos lá, caduquinha!” — e a carrega, girando-a, gritando de alegria, enquanto corre para alcançar os outros, e os braços dela estão em volta do pescoço dele e ela ri de alívio enquanto um borrão de botões-de-ouro e campos ondulados passa diante de seus olhos. Ela vê tudo de cima, de frente. Através dos olhos de outras pessoas. Através do clique de um obturador. Lá, mel na torrada.

Eles sobem a Torre Broadway. Dentro da antiga extravagância de pedra, os cômodos são pequenos, e Cora se certifica de ficar perto de Gordon ou de uma das mulheres; para não se colocar em uma posição em que possa acabar sozinha com algum dos outros homens. Ela observa a vista das colinas, lá embaixo, sobre a pequena cidade de Broadway, que se aninha na base. E deseja poder ficar ali para sempre.

Ao chegarem ao hotel, estão com os membros aquecidos e as bochechas coradas, e se jogam em poltronas confortáveis para descansar, antes de retornarem aos seus quartos para se arrumarem para o jantar.



CORA SE maquia em frente ao espelho do banheiro enquanto Gordon se barbeia ao lado dela. Por um instante, eles conversam olhando para seus reflexos. "Eu vi você saboreando aquele bolinho mais cedo", diz ele, e ela sorri, lembrando-se do momento em que ele a olhou. Mas então ele acrescenta: "Talvez seja uma boa ideia se controlar um pouco no jantar", enquanto a observa de cima a baixo no vestido que escolheu para ela usar.

Ela pega um lenço de papel da caixa de vidro acima da pia e se vira para dar leves batidinhas no rosto, tentando evitar borrar o rímel.

Vamos lá, Cora. Não é uma coisa irracional de se dizer com você. "História familiar." Uma segunda faca invisível. O ataque cardíaco fatal de seu pai quando ela tinha dezessete anos, e a culpa que ele sabe que ela ainda sente.

Após a morte dele, ela permaneceu na Inglaterra por alguns dias, sem querer desistir de um papel conquistado com muito esforço em um novo balé. Uma decisão da qual logo se arrependeu. À noite, ficava acordada tentando imaginar o pai curvado sobre a horta, plantando sementes na terra com um dedo sujo. Conseguia evocar sua silhueta, mas a imagem se dissipava ao não conseguir visualizar as roupas que ele vestia. Quando voltou para casa para o funeral, abriu um armário certa noite e perguntou: "Tem Ovomaltine?". Sua mãe se desculpou. "Ah, não, desculpe, papai não toma isso há anos." E ela percebeu que a rotina noturna do pai havia mudado e ela não estava lá para notar. Sua memória dele estava desatualizada muito antes de sua morte.

Gordon fica atrás dela, a abraça pela cintura e, por um instante, ela pensa que talvez ele tenha sido indelicado, mas então as palmas das mãos dele se acomodam, uma logo acima do abdômen dela, a outra logo abaixo, numa

posição instantaneamente familiar. É assim que as mulheres grávidas instintivamente colocam as mãos sobre suas barrigas inchadas. Ele dá um tapinha no espaço entre elas. “ *Bonne Maman* ”, diz ele, beijando seu pescoço. E sorri para ela no espelho, ergue uma sobrancelha, encantado por até a marca de geleia parecer estar conspirando com ele.

Alguém está batendo na porta. Ele afasta as mãos, dá um tapinha na bunda dela e fecha a porta do banheiro atrás de si.

É a Dorie, com o livro que ela havia mencionado antes. Gordon está agradecendo a ela, conversando educadamente, dizendo que Cora está no chuveiro, enquanto ela está de pé, de perfil para o espelho, observando como o vestido delineia sua barriga.



NO RESTAURANTE, eles pedem pratos suficientes para compartilhar na mesa e, enquanto esperam a comida chegar, Alice conta sobre um curso de Eneagrama que fez, que classifica as pessoas em nove tipos de personalidade diferentes. Cora se interessa, mas os homens logo se precipitam, ansiosos para criticar a ideia antes mesmo de saberem qualquer coisa a respeito. *As pessoas não podem ser simplesmente reduzidas a nove tipos definidos. Será que é realmente mais científico do que os signos do zodíaco? Afinal, o que se poderia fazer com essa informação?*

Mas aí Gordon diz que andou lendo algo parecido, que divide os humanos em dezesseis tipos de personalidade. “Então, mais alguns, mas ambos os modelos parecem ter suas raízes na obra de Jung. Para ser honesto, eu estava cético no início, mas alguns de nós fizemos o teste Myers-Briggs no escritório e ele foi surpreendentemente preciso em identificar nossos estilos de trabalho”, diz ele, girando a haste da taça de vinho entre o polegar e o indicador. “É útil para entender como um colega pode ver algo — torna o conflito menos pessoal.”

A conversa descamba para perfis de recrutamento e Jeremy conta uma longa história sobre um caçador de talentos, enquanto Cora se fecha em si mesma, desejando que a conversa voltasse a falar sobre tipos de personalidade.

Quando a comida chega, eles se servem e passam os pratos uns para os outros à mesa. Ela se esforça para colocar apenas um pouco no prato, as palavras de Gordon ainda ecoando em seus ouvidos, mas então ele diz: "Vamos lá, Cora, coma como um passarinho." Ela olha para cima, confusa, enquanto ele começa a servir porções extras, fazendo questão de encher o prato dela. “E deixe-me servir-lhe também um pouco deste dhal”, diz ele, afundando a colher de servir nas lentilhas ao curry.

"Pare", diz ela, frustrada, colocando a mão no pulso dele.

É um toque extremamente leve. As pontas dos dedos dela mal tocam a pele dele. Mas a reação dele sugere que ela usou força, o braço dele se chocando contra uma taça de vinho e fazendo com que um dos outros homens se atirasse

para a frente para impedir que ela caísse.

Gordon a encara, sua expressão facial refletindo a surpresa dela. E, por um instante, a mesa de jantar fica em silêncio, seus amigos paralisados, todos os olhares voltados para Cora. Suas bochechas coram e ela abaixa o olhar, envergonhada e furiosa. Não adianta tentar explicar. Só pioraria a situação.

É Gordon quem quebra o silêncio, fingindo um resgate. "Bem, quem às vezes não conhece a própria força? Não foi intencional, foi, querido?"

Concordância, risos constrangidos. Então, todos se lembram de um interesse educado pelo próprio prato e se concentram na tarefa de colocar a comida nos dentes do garfo. Finalmente, o alívio de poder elogiar os sabores, o que abre caminho para que alguém lance um comentário, alguma coisa forçada e irrelevante que os outros possam usar como gancho até encontrarem um jeito de voltar ao ritmo natural da noite. Mas, mentalmente, eles já estão em seus quartos de hotel, brincos na pequena prateleira embaixo do espelho do banheiro, relógio cuidadosamente colocado na mesa de cabeceira, dizendo: "Bem, isso foi estranho", de alguma forma agora mais prontos para se voltarem uns para os outros nos lençóis de algodão macio e no conforto de seus próprios relacionamentos imperfeitos.



GERALMENTE, QUANDO OS pais viajam, Maia fica em casa. Mas Gordon tem quase quinze anos — idade suficiente para se virar sozinho por alguns dias. Ele fez a lição de casa, comeu uma das refeições prontas direto da embalagem aquecida no micro-ondas, devorou um pacote tamanho família de batatas fritas e, mais tarde, vai a um “encontro”. Ele não tem certeza exatamente do que se trata, se será apenas um pequeno grupo de pessoas ou uma festa de verdade com álcool e garotas. Mas ele sabe que Lily vai. Ela é o motivo do convite. Ele se senta ao lado dela na aula de matemática e a deixa copiar suas respostas. “Obrigada, Atkin”, ela diz. E há algo na maneira como ela pronuncia seu sobrenome — lenta e deliberada — que dá a sensação de que ela está arejando um lençol e deixando sua maciez ondulante se acomodar sobre ele. Sua entonação — At-kin — como se estivesse *em paz* . Ele não está acostumado a que as pessoas o tratem como se ele pudesse ser alguém gentil, alguém que valha a pena conhecer, mas ele gosta disso. Ele quer retribuir o favor, dizer o sobrenome dela — Atkins — da mesma forma, mas de alguma forma o *"s"* muda tudo. E de qualquer forma, ele prefere *Lily* .

Na quinta-feira, alguém na fileira de trás disse "Ei!" em tom de brincadeira, fazendo com que ambos se virassem.

"Você não, seu aleijado", Alfie disse a Gordon.

"Não seja malvado", disse Lily, virando-se para ver o que Alfie queria.

“Vou dar uma pequena reunião no fim de semana, Lily. Quer vir?”

"Talvez", Gordon a ouviu dizer.

“Isso é um sim ou um não?”

"O Gordon também foi convidado?" Ele ouviu Alfie suspirar, ouviu um de seus amigos dar uma risadinha escondida em seu braço.

"Suponho que sim. Se ele quiser", disse Alfie.

"Você quer?", perguntou Lily, voltando-se para a mesa.

“Ah. Er, tudo bem então.”

Ainda faltam duas horas para ele encontrar Lily. Ele anda de um cômodo para o outro sem rumo. É raro sua mãe sair de casa, estar ocupada em algum lugar da casa. Ele não entende por que isso é tão opressivo, mas de alguma forma é, e ele comemora a ausência dela desenhando um arco gigante no tapete recém-aspirado. Depois de um tempo, ele vai até a cozinha, abre a porta da despensa e olha para a prateleira de cima, onde seu pai guarda as bebidas, que só são usadas nas raras ocasiões em que recebem visitas para jantar. Gordon examina os rótulos, sem saber o que escolher, até que seus olhos se fixam em seu próprio nome. *Gin Gordon* . Ele coloca a mão no copo verde-escuro e pega a garrafa da prateleira, sentindo um prazer estranho, uma conexão. "Vem com o papai", diz ele enquanto desenrosca a tampa, sentindo-se instantaneamente estúpido e aliviado por não haver ninguém por perto para ouvir. Ele leva a garrafa ao nariz e cheira. Tem cheiro de pinheiros no fundo do jardim. Ele leva o líquido aos lábios e bebe.

Tem um gosto medicinal desagradável e, se não tivesse o nome dele, ele o devolveria e tentaria outra coisa. Mas, como tem, ele tenta novamente, balança a cabeça, deixando as bochechas relaxarem a ponto de fazerem um som *de "wb, wb, wb"* enquanto tenta se livrar do gosto. Depois de mais alguns goles, começa a parecer mais palatável e, com a cabeça levemente zonza, ele fica menos ansioso com a noite que se aproxima. Ele ergue o copo verde contra a luz. Ainda há bastante, então ele o coloca na mesa do hall perto da porta da frente, decidindo que o levará consigo para beber com Lily a caminho do encontro.

Ele encontra Lily na esquina da rua dela às oito horas. Ela Ela parece diferente fora do uniforme. Mais velha, mas também mais doce. Está usando uma saia florida e botas Doc Martens, e seu cabelo preto está trançado em duas tranças. Deveriam parecer infantis, pensa Gordon, mas nela, ficam até meio fofas.

“Que cabelo bonito”, diz ele.

"Obrigado."

“Olha”, diz ele, abrindo o casaco para revelar a garrafa escondida num bolso interno e erguendo-a para que ela possa ler o rótulo, “minha bebida particular”. Ela ri e ele não tem certeza se ela está rindo dele ou com ele. Mas quando ele pergunta: “Quer um pouco?”, ela acena com a cabeça e se aproxima. Ela inclina a cabeça e delicadamente coloca a garrafa dentro do casaco dele. Ela dá uma risadinha e ele percebe que o cabelo dela cheira a maçãs. Ele a inala e sente que pode perder a cabeça. Principalmente quando começam a caminhar e ela segura a mão dele na sua.

Ao chegarem à casa de Alfie, um garoto da sua aula de história atende à

porta. "Sim, sim!", grita ele para ninguém em particular. "Sou eu, Lily, e o aleijado!"

Um grito de alegria ecoa de algum lugar lá dentro e, enquanto caminham pelo corredor, Lily diz: "Ele só está com ciúmes", e aperta a mão dele. Gordon leva o bolso interno à boca e toma outro gole. Ele não sabe onde está a tampa, mas tudo bem, contanto que não dê cambalhotas.

Na sala de estar, não há espaço suficiente para todos, então Gordon senta-se no braço do sofá e Lily se encosta na perna dele. E de alguma forma é como se uma porta se abrisse. Enquanto os outros garotos conversam, eles ocasionalmente fazem contato visual, e ele sabe que a conversa pretende incluí-lo também. "O que você acha, Gord?", um deles pergunta mais tarde. "Três cigarros para me ajudar com a redação de história."

Gordon leva um instante para entender o que ele quer dizer e se pega dizendo: "É, parece justo", mesmo não fumando.

Mais tarde, ele e Lily saem. Conforme se afastam das luzes da casa, é difícil distinguir onde termina o jardim. Enormes arbustos pontilham o gramado como grandes rochas imponentes. Gordon tropeça no escuro e Lily pergunta se ele está bem. Ele se sente quente e tonto por causa do álcool e por estar tão perto dela. Quando chegam a uma árvore bem longe da casa, ele a puxa para si, a abraça pelo pescoço e a beija.

Os lábios dela são mais macios e carnudos do que ele esperava, e ele gosta quando a língua dela se aventura um pouco em sua boca. Ele retribui o gesto, e leva um tempo para sentir que está fazendo certo, mas de alguma forma, com Lily, isso parece bom. Eles ficam de pé, línguas se explorando, um deles ocasionalmente mudando o ângulo da cabeça, o que faz o beijo parecer repentinamente diferente, como se, mesmo sendo um longo beijo, eles tivessem alcançado uma nova parte. Às vezes, seus dentes se chocam e ele sente o sorriso dela, o que o faz sorrir também. Às vezes, seus lábios se tocam levemente e outras vezes parece que estão grudados por melaço, quase como se estivessem tentando se devorar. Eles se beijam suavemente e depois com intensidade. E quando ele a encosta na árvore e pressiona sua ereção contra ela, ele geme em sua boca, mesmo sem ter a intenção. Eles se beijam e ele se esfrega, e as vozes da casa parecem distantes, enquanto a voz em sua cabeça é alta e eufórica: *Você está fazendo isso! Você está mesmo fazendo isso!*

Ele coloca a mão na coxa dela, por baixo da saia florida, e a princípio ela não o impede. Ela continua o beijando. Ele move a mão, aproximando-se da calcinha dela, e ela se esquiva levemente. E diz algo em sua boca. Ele não tem certeza do quê, porém, e tudo o que consegue pensar é em como quer colocar os dedos dentro dela, para saber como ela se sente. Num movimento fluido, de alguma forma mais rápido e fácil do que ele havia previsto, ele afasta a calcinha dela e seus dedos encontram o caminho até o calor carnudo dela. Ela tenta empurrá-lo, tenta interromper o beijo, mas ele só quer mais um instante e, por isso, pressiona os lábios contra os dela com mais força, empurrando a cabeça dela para trás contra o tronco da árvore, mantendo a boca dela coberta com a sua, mesmo

enquanto ela murmura palavras abafadas. Ele nunca havia percebido o quão forte era. Mesmo quando ela tenta se afastar, ele consegue mantê-la ali. Ele gostaria que ela ficasse parada. Gostaria que ela continuasse com o beijo, como estava fazendo momentos antes. Mas ela está lutando, tentando fazê-lo parar, e finalmente seu cérebro embebido em álcool finalmente percebe que deveria soltá-la. Os dedos dele se prendem no elástico da calcinha enquanto ela se liberta.

“Que diabos—”

"Desculpe. Eu só pensei... Não fique bravo", ele diz.

Eles ficam parados, olhando um para o outro na escuridão. Ele acha que ela pode estar chorando, mas não tem certeza. Estende a mão para confortá-la e pensa, por um instante, que talvez tudo fique bem. Que eles voltarão para dentro juntos, de mãos dadas. Mas, em vez disso, ela diz: "Nunca mais chegue perto de mim, Gordon Atkin", e sai correndo pela grama.

As palavras dela já não soam como um véu suave e ondulante, e ele sente um lampejo de raiva. Fica parado por um instante, sem saber o que fazer. Então leva a mão ao rosto, sutilmente, como se estivesse enxugando algo, e cheira os dedos. Inspira. Sempre quis saber qual o cheiro das mulheres lá embaixo. E Agora sim: um aroma rico e almiscarado. Pelo menos isso ela não pode tirar dele.

Lá dentro, não há sinal de Lily, mas os meninos o incluem facilmente na conversa e ele fica de pé, acenando com a cabeça e rindo.

"Para onde ela foi?", pergunta um deles depois de um tempo.

"Quem?"

"Lírio."

“Ah, não sei”, diz Gordon.

“Pensei que vocês dois estivessem juntos. Mais cedo?”

"Não", diz Gordon. "Para ser honesto, ela é meio vagabunda."

“Eu não recusaria.”

“Você devia”, diz Gordon, “ela fede lá embaixo”.

“Urrgggh!” todos exclamam em coro, dobrando-se de tanto rir. Ele consegue ver uma mistura de choque e deleite em seus rostos, e um deles o prende num mata-leão, bagunçando seus cabelos com o punho. “Você está bem, Gord.” E assim, de repente, ele se torna um deles. eles.

Sete anos depois

2008



Urso



EU No breve intervalo entre a entrega da dissertação e a formatura, Bear volta para casa para pintar os cômodos do apartamento no segundo andar onde cresceu. Uma visita espontânea, depois que Cora mencionou que tiraria uma semana de folga do trabalho para redecorar. "Eu volto", ele ofereceu.

“Nossa, que legal! Eu adoraria”, disse ela, com um sorriso transparecendo em sua voz.

As janelas estão abertas e o frescor do exterior se mistura com o cheiro de tinta fresca, fazendo o cômodo brilhar com uma sensação de novidade. Com os olhos fixos no movimento de seus rolos de pintura, a conversa flui facilmente, assim como os silêncios. Mas, às vezes, Cora precisa afastar os pensamentos que momentaneamente distorcem o ambiente com um horizonte crescente de água salgada. *Lembre-se disso* . Sim, ele esteve na universidade durante todo esse tempo, mas ainda dependeu de sua modesta ajuda financeira, ainda vem passar os feriados e visitar Maia em Brighton. A casa deles permaneceu como uma âncora nesses anos de transição. rumo à vida adulta. Mas em breve, sua carreira o levará para longe definitivamente. Primeiro para uma escavação em Khirbet Safra, na Jordânia, e depois, quem sabe?

Ela quer essas coisas para ele. Mas, ainda assim, uma parte dela anseia por tê-lo de volta em seus braços, por ter sua pequena mão com covinhas na sua novamente. Na mão de Maia. Ela suspeita que, para ser uma boa mãe, precisa guardar a sua parte maternal em uma caixa e fechar a tampa delicadamente. Ela não havia percebido que isso seria exigido dela, não previu o que aconteceria. E, no entanto, ela o fará de bom grado. *Você daria a sua vida pelo seu filho?*, o mundo pergunta em silêncio. Sim, ela já fez isso. Mas ela não sabia que haveria um segundo acerto de contas, onde isso significaria, eventualmente, abandonar os braços da maternidade: cautela, previsão, atenção, lembretes, nutrição, cuidado aberto. Porque um interruptor foi acionado e, em vez de manter a criança segura, se deixada à vista, seu amor pode implodir. Pode dominá-la. Então, ela precisa diminuir a sua própria presença na mente de Bear, abrir espaço para que outros ocupem o primeiro plano. O que restará dela então?, ela se pergunta, e imediatamente se repreende por esse pensamento.

Ela tenta imaginar como Lily poderia estar se sentindo. Mas não pergunta a Bear, não quer acionar gatilhos de culpa que nem sequer lhe pertencem.

"Você já teve medo?", pergunta o Urso.

Cora fica surpresa com a pergunta e continua pintando, confortada pelo fato de que, naquele momento, cada uma estava concentrada em seu respectivo pedaço de parede. "Você quer dizer dele?"

“Sim”, diz Bear.

“Não, acho que não. Não mais. Eu o procuro no Google de vez em quando. Só para saber onde ele está.”

“Eu também. Mas ainda não encontrei nada.”

A ideia de que ele tenha feito isso aperta o coração de Cora; ela gosta de imaginar que a vida de Bear não foi afetada por Gordon. "Você não saberia o endereço dos pais dele. Mas ele está cadastrado no registro eleitoral de lá. Em Londres. Já faz alguns anos. Justiça divina, talvez", acrescenta, e logo se arrepende.

"Como assim?" Bear sabe algumas coisas que Maia lhe contou, mas quer ouvir com as palavras da própria mãe.

"Só que ele provavelmente não se diverte muito lá. Acho que você tinha quatro ou cinco anos quando finalmente paramos de vê-los, mas se você tivesse conhecido o pai dele, bem... isso provavelmente explica um pouco de como ele era."

“De que maneira?”

Cora faz uma pausa e então decide que provavelmente é seguro revelar esses detalhes; não é certo esperar que Bear viva na mais completa ignorância. Não agora que ele é adulto. “O pai dele era um cirurgião incrível. Neurocirurgião. Ele está aposentado agora, mas fez um trabalho pioneiro. E Gordon deveria seguir os passos dele. Mas quando ele estava em seu período de residência em cirurgia, descobriram que ele tinha tremor essencial.”

Urso para de pintar e se vira para ela. "Um quê?"

“Tremor incontrolável. Nas mãos”, diz Cora. “Não é incomum em cirurgiões e geralmente eles conseguem tratar com medicamentos. Betabloqueadores ou algo assim. Mas isso não funcionou para ele, então ele se tornou clínico geral. E o pai dele não conseguiu lidar com isso.”

“Qual era o problema? Ele ainda era médico.”

“Na medicina existe uma hierarquia, e para um neurocirurgião — pelo menos um como o pai de Gordon — um clínico geral é quase como um atendente de sala de espera sofisticado. Eles podem encaminhar pacientes, solicitar exames, prescrever medicamentos, Mas não é a mesma coisa que operar o cérebro de alguém e restaurar a capacidade de fala. O pai dele realmente acreditava ser Deus. E que o filho era um fracasso. Quando o visitavam, ele dizia: " *Ah, é o Dr. Gordon"* , o que era uma provocação, porque como cirurgião ele era um senhor. E estendia a mão e dizia: " *Desculpe, esqueci. Não precisa apertar sua mão, afinal* ."

"O que?"

“Significando que já estava tremendo.”

"Sério? Ele não podia fazer nada se fosse um cirurgião tão importante assim?" O rolo de pintura do Bear está pingando tinta nas meias dele, mas ele não percebe, e Cora prefere não dizer nada.

“Isso foi o mais estranho. Quando nos conhecemos, ele disse que era um tremor essencial, que é neurológico. E foi assim que os médicos viram. Mas para mim parecia mais algo psicológico, porque não existia fora de um centro cirúrgico. Uma vez eu o vi enfiar uma agulha e a mão dele estava rígida.”

Bear faz uma careta. Bees contou-lhe uma vez que o pai costumava remendar os ferimentos que causava em vez de levar a mãe ao hospital. Mas ele não se sente à vontade para mencionar isso, nem mesmo de forma indireta. Ele já está surpreso com a franqueza com que a mãe se expressou. "Você se pergunta se ele teria sido diferente? Se o pai dele tivesse sido, quero dizer", diz Bear.

“Sim. Talvez seja difícil de imaginar, mas em algumas áreas da vida dele, eu realmente acho que ele tentou fazer o bem. Os pacientes tinham uma ótima impressão dele. E ele era bastante visionário na forma como administrava a clínica.”

“É meio reconfortante. Saber que foi o pai dele, e não algo genético.”

Cora vê um lampejo de incerteza cruzar o rosto dele e diz: "Ah, Bear, você nunca conseguiria ser como ele."

“Eu sei”, diz ele, voltando a ser ele mesmo. “Mas é inevitável ficar pensando. Às vezes estou numa fila, impaciente com a pessoa do caixa — como ela nunca consegue achar o código de barras — e começo a pensar: *Será que é isso? Será que é essa a essência dele?”*

Cora ri. "Todo mundo fica impaciente em filas. Mas, Bear, você é completamente diferente."

Eles voltam para a pintura. A luz está diminuindo e a cor está escurecendo nas paredes à medida que seca.

“Posso te perguntar uma coisa?”, diz Bear. Ele tenta manter a voz casual, como se não tivesse conduzido a conversa até esse ponto o tempo todo. “O que aconteceu? Naquele dia. O que o fez perder a cabeça?” Ele já perguntou a Maia várias vezes e ela sempre diz que não sabe. Mas ela não fica pensando junto com ele, o que faz Bear pensar que é porque ela já sabe.

Os ombros de Cora se tensionam e sua mente se enche de pensamentos por um instante, sem saber para que lado pular. Ela se concentra na parede e sente alívio por não estar olhando para Bear quando diz: "Poderia ter sido qualquer coisa — sempre havia algo que o irritava. Coisas pequenas, como a televisão ligada em modo de espera ou o jantar não estar pronto na hora."

Por dentro, ela hesita, sem saber se essa é a abordagem correta agora, embora ela e Maia sempre tenham concordado que esse é um fardo que Bear nunca deveria carregar. E não é algo que ela queira revelar por impulso.

“Então não havia nada mais específico?”, pergunta Bear.

A nuca de Cora se arrepia sob o olhar dele. *Ele sabe* , pensa ela. *Ele sabe, e eu ainda não vou contar para ele* . "Não que eu me lembre", diz ela.

Bear não diz nada. Não quer pressioná-la; nunca sentiu que essa ferida devesse ser reaberta. Mas ele se lembra de um dia, alguns meses antes, quando estava solicitando financiamento. De como algo o fez parar quando viu a data de emissão de sua certidão de nascimento: 16 de outubro. Ele olhou para a tinta preta da caneta do cartório, e a relevância daquela data específica se tornou clara. Era a mesma da morte de Vihaan. A mesma data em que visitavam seu túmulo todos os anos, desde que Bear se lembrava. Ele dobrou a certidão e a guardou na gaveta da escrivaninha, mas a coincidência ficou martelando em sua cabeça. E então, algumas semanas depois, ele estava voltando de bicicleta da faculdade para casa e parou em um semáforo vermelho e, ao colocar o pé no chão para se firmar, teve um pensamento. Sim, seu nome foi escolha de Maia, mas por que um homem como ele concordaria em quebrar a tradição e chamar seu filho de Bear?

DURANTE TRÊS GLORIOSAS semanas, é o verão dos horários estranhos, acordando às 2 da manhã e indo dormir no final da tarde, enquanto Bear e seus colegas de apartamento acompanham o ritmo das Olimpíadas de Pequim. É um trabalho em tempo integral e eles mal saem de casa ou preparam refeições decentes. Bear não se lembra quem comprou o pacote de espetos de bambu, mas já sabe que, quando olhar para trás e lembrar deste período, ele será em parte definido pelos alimentos que eles espetaram neles sobre a mesinha de centro. Pequenos quadrados de pizza de delivery cortados com tesoura cega, pressionados alternadamente contra cebolas em conserva; o sal sobre sal de fatias de salame dobradas intercaladas com azeitonas; um ovo cozido entre folhas de espinafre. "Por que tudo fica tão mais gostoso no palito?", perguntam maravilhados, com os olhos grudados na tela.

Quando Lily entrega sua dissertação e termina seu trabalho voluntário no festival Fringe, ela pega o trem de Edimburgo para passar o resto do verão com Bear, onde os dias passam voando no calendário como se levados por uma rajada de vento — vigésimo quinto, vigésimo sexto, vigésimo sétimo, vigésimo oitavo, vigésimo nono, trigésimo — e desaparecem. Na última noite — com o contrato de aluguel terminando, seus pertences empilhados em caixas encostadas na parede, prontos para serem recolhidos pela Bees em um carro alugado no dia seguinte — eles se deitam na cama. A janela está entreaberta e, lá fora, Bear ainda consegue ouvir ocasionalmente grupos de estudantes passando em meio a frases incompletas e o som estridente de uma voz alta demais. É o tipo de noite em que, mesmo às 2 da manhã, o ar quente envolve os ombros nus. O tipo de noite em que a sensação de fim e de possibilidade é tão inebriante quanto o jasmim que se espalha sob o parapeito da janela.

"Você está acordado?", pergunta o Urso.

“Sim. E você?”

“Sim”, diz ele, cada um sentindo o sorriso do outro na escuridão. “O que faremos?”

“Sobre o quê?”

"Você sabe."

"Eu não achava que chegaríamos tão longe, mas chegamos. Precisamos mesmo de um plano?", pergunta Lily.

“Parece injusto não fazer isso. Pelo menos para você.”

“Porque sou eu que vou ficar? Ou porque você quer terminar de vez?”

“O primeiro.”

“Então vá e faça suas escavações. Eu ficarei bem.”

Ele sorri novamente e aperta a mão dela por baixo dos lençóis. Ele gosta do jeito como ela o provoca, fazendo com que seu meticuloso trabalho de arqueologia pareça um cachorro cavando na areia da praia.

“Mas nunca será diferente. Pode haver algumas semanas entre as escavações, quando eu voltar. Mas na maior parte do tempo—”

“Você acha que—”

"Quer dizer, eu poderia conseguir algum trabalho de gestão de recursos

culturais por aqui — interromper uma construção se encontrarmos algo de interesse, com algum desenvolvedor ansioso me pressionando. Mas não é isso que eu quero."

“Posso falar?”

"Desculpe."

“Ainda não sei o que *vou* fazer. Talvez volte para casa, ou fique em Edimburgo se a vaga no Fringe der certo. Mas também estou pensando em me candidatar a vagas no exterior.”

"Você é?"

“Sim.” Ela não lhe conta que, embora queira essas coisas, é em parte motivada pelo desejo de mostrar que tem uma vida própria, que não está tentando prendê-lo. Não é o motivo certo para buscar algo, mas o resultado é que sua vida está se expandindo, se tornando maior ao tentar ocupar o lugar dessa mulher independente que ela sabe que ele vai amar. Ama. Ama desde os quatorze anos, quando foram colocados um ao lado do outro na aula de matemática. Atkin e Atkins. *“ Somos como nossa própria empresa farmacêutica”* , ele dizia.

Quando foram para universidades diferentes, não fizeram nenhuma promessa, mas naquela primeira pausa de Natal, eles se reencontraram. Na primeira noite em casa, foram ao pub e logo se encaixou novamente. Nunca perguntaram o que o outro fazia durante o período letivo. Se havia mais alguém. Mas para Lily, pelo menos, não havia ninguém. Apenas um beijo experimental com uma garota do seu curso — os lábios de Celeste a surpreenderam por serem muito mais macios que os de Bear; ela pensava muito naqueles lábios. Mas não pensava em Celeste. Às vezes, os garotos a acompanhavam até em casa depois de um ensaio ou lhe ofereciam bebidas no bar subsidiado, mantendo o olhar fixo nela por um instante a mais. E, em resposta, ela desviava o olhar.

E Bear. Bear namorou brevemente uma estudante de História, paga para rebolar em um pódio bem acima dos outros frequentadores da boate, como um messias guiando-os em uma dança sob efeito de drogas, enquanto o suor escorria por seus torsos e copos de plástico com água eram virados e depois esmagados sob seus pés. Ele gostava do corpo esguio dela, de como ela estava disposta a ser admirada.

Mas quando ela dormia lá, dizia: "Me passa o controle, amor", estendendo a mão para pegar um controle que estava tão ao alcance dela quanto dele. E de alguma forma, enquanto ele se inclinava para entregá-lo a ela, sabia que isso não era algo que Lily faria. E que ele não queria essa outra encarnação de garota. O padrão se repetiu várias vezes, como um pano de fundo para aqueles anos. Havia a estudante de química que ria alto demais e cujo cabelo cheirava a acetato de isoamila em vez de maçãs. E a garota na escavação de Silchester em Reading, cujos olhos brilhavam quando falava sobre a camada de sambaqui, a escuridão concentrada salpicada de tesouros arqueológicos, mas cujo corpo parecia uma peça de quebra-cabeça desalinhada quando ela o pressionou contra o de Bear pela primeira vez à noite. " *Espera aí"* , ele disse, se ajeitando delicadamente

sobre ela, confuso quando aquilo também pareceu errado.

No verão entre o segundo e o terceiro ano, ele conheceu Lily na estação quando ela chegou de Edimburgo, e a sensação da mão dela na sua, o jeito como ela o beijou e, mais tarde, como o corpo dela se encaixava perfeitamente ao dele, o tipo exato de nada e tudo sobre o que conversavam quando estavam juntos… tudo parecia certo e inevitável. Ele não mencionou isso para Lily, não querendo pressioná-la a se comprometer. Mas ele parou de se voltar para outras garotas esperando que elas fossem ela.

“Então você está feliz em deixar as coisas como estão?”, ele pergunta.

“Sim. E você?”

"Sim", ele diz, e cada um sente o outro sorrindo na escuridão.



De volta do aeroporto, Cora, Maia, Sílbhe, Mehri, Fern e Lily se aglomeram na porta, observando a natureza-morta do quarto de Bear. Uma poeira já parece ter se acumulado sobre seus pertences. Elas se encostam no batente, umas nas outras, em silêncio, analisando tudo. É um choque entre a infância e a vida adulta, nunca totalmente atualizado para refletir a versão mais recente dele aos vinte e um anos. Finalmente, Mehri diz: “Olha só para nós. Todas suspirando por aquele garoto. Nossa, foi maravilhoso, não foi?” E todas sabem exatamente o que ela quer dizer.

Eles comem pizza e assistem *a "Harry e Sally - Feitos Um Para o Outro"...* Não é tão bom quanto todos se lembravam, e eles conversam durante o filme, imaginando a que horas será quando Bear pousar na Jordânia.

À meia-noite, Lily volta para a casa dos pais. Um gato ruivo miando em busca de atenção enquanto ela se aproxima, corre entre os jardins e sempre reaparece na entrada da garagem, um pouco à sua frente. "Boa noite, gatinho", diz ela, dando-lhe uma última carícia antes de entrar. Ela sobe as escadas e senta-se na beira da cama de sua infância. Sente um vazio profundo. E na luz azulada do seu quarto iluminado pelo luar, a constatação de que Bear talvez nunca seja realmente dela parece se destacar com clareza. Ele não é o único homem no mundo, diz a si mesma. Alguém mais vai querer compartilhar um apartamento, um gato, um carro, uma casa, filhos, um cachorro, uma vida juntos. Mas, mesmo um pouquinho de Bear parece melhor do que nada.

No dia seguinte, Lily recebe uma proposta de emprego remunerado para planejar o Festival Fringe de Edimburgo do ano seguinte. Ela recusa. Ela também precisa ir embora. Não apenas de sua cidade natal, mas também da cidade universitária. É simplesmente doloroso demais ficar para trás. Então, ela se candidata a uma vaga de assistente de um professor de literatura romântica em Roma e, muito antes do que esperava, já está lá.

Ela e Bear se comunicam por mensagens de texto e e-mails com atraso, que chegam em horários estranhos. Lily não lhe conta sobre seu vizinho, Davide, que

reinicia a antiga caixa de fusíveis no canto da sala quando as luzes se apagam, e que a pressiona contra a parede e passa as mãos por suas coxas por baixo da saia, sussurrando seu nome — *Giglio* — em italiano. Ela não se sente culpada, nem acha que isso signifique o fim do relacionamento com Bear; tudo o que ela consegue fazer é se agarrar a um mínimo de amor-próprio, para lidar com o fato de saber que Bear talvez nunca esteja pronto para se estabelecer com ela. Quando Bear escreve, ela tenta não notar os nomes das garotas que aparecem com frequência cada vez maior. Se houver alguma ameaça, ela diz a si mesma, é mais provável que ela não seja nomeada. E assim, ela se concentra nas coisas que ele menciona e tenta ter uma ideia de como é o seu dia, do que ele estará fazendo a qualquer momento. Ela sabe que ele come melancia no café da manhã porque são baratas e abundantes. Que ele se levanta às 4 da manhã porque está muito quente para trabalhar no local à tarde. Que eles cobrem tudo à noite com lonas enormes, mas mesmo assim Criaturas entram e carregam a terra desta década para áreas escavadas de 10.000 anos. Ela e Bear dão apelidos às criaturas e brincam sobre a batalha perdida dele, e ela lhe conta sobre a gíria italiana que está aprendendo e sobre sua desajeitada condição de estrangeira. "É tão constrangedor ser inglesa!", escreve ela. Ele sente o mesmo. Nos fins de semana, longe do sítio arqueológico, ele vagueia por Madaba, absorvendo os sons e os cheiros, e o árabe, que flutua pelas ruas da cidade com suas vogais que se prendem suavemente na garganta.

Depois de alguns dias sem comunicação — quando Lily parava de trabalhar para verificar seu e-mail a cada poucas horas, e depois a cada poucos minutos — Bear reaparecia e lhe contava que estava com disenteria amebiana. Ele enviava uma foto com a legenda: " *De volta ao trabalho, finalmente"* . Ela a examinava. Ele segurava uma pá de pedreiro, com um olhar quase travesso. Seu rosto estava parcialmente na sombra do chapéu de sol, mas, pelo que ela conseguia ver, ele estava magro, e sua camiseta parecia pendurada nos ombros como se estivesse em um cabide. " *Vamos parar com isso"* , pensava ela. *"Vamos voltar para a Inglaterra e fazer coisas seguras e normais"* . Mas seu trabalho estava indo bem, e ela sabia que jamais poderia sugerir que ele abandonasse seus sonhos.



MAIA E CHARLOTTE não estão juntas há muito tempo. Talvez quatro ou cinco meses, e ainda estão naquela fase intensa em que manipulam planos para passar mais tempo juntas e em que as coisas do dia a dia parecem emocionantes simplesmente por estarem na companhia uma da outra.

“Venha amanhã”, diz Charlotte numa sexta-feira à noite, entrelaçando seus longos dedos nos de Maia. “Estamos restaurando a mais bela torre d'água antiga e as estruturas de aço acabaram de ser instaladas para esta enorme extensão curva de vidro de dois andares.”

Maia sabe que não perguntaria se isso pudesse parecer pouco profissional,

mas enquanto leva o nó do dedo de Charlotte aos lábios, ela diz: "Seria estranho?"

“Estranho? Não, o cliente está trabalhando em Amsterdã a semana toda, então ele só está agradecido por eu estar disposta a fazer outra visita de fim de semana. E esta é de última hora porque os construtores dele fizeram uma bagunça.” Ela muda de posição no sofá. “Mas o principal é que vamos dirigir. Três horas de ida e volta. Nunca viajamos de carro juntos.”

Maia gosta da ideia de fazer uma viagem com Charlotte. De compartilhar esse espaço liminar entre A e B. As ruas laterais ao redor de seus apartamentos em Brighton são muito congestionadas para que qualquer uma das duas queira ter um carro, mas o escritório de arquitetura de Charlotte possui alguns que as sócias compartilham para visitas a obras.

"Haverá lanches?", pergunta Maia.

"No carro?" Às vezes, como agora, Maia se pega dizendo coisas só para ver o cabelo preto e liso de Charlotte estremecer em seu queixo antes de voltar ao lugar, junto com sua compostura.

“Sim”, diz Maia. “Estou imaginando como seria bom comer edamame torrado. Todos aqueles grãos de sal presos nas dobras do couro em volta da alavanca de câmbio.”

“Ah, pelo amor de Deus”, Charlotte ri. E então ela se inclina, seus lábios se encontram, seu corpo pressionando contra o de Maia, fazendo com que o gato abandone seu lugar entre elas.



NA MANHÃ SEGUINTE, quando já estavam quase no fim da rua, com a orla marítima brilhando à vista, Maia se arrependeu de não ter levado seu livro. Ela pediu a Charlotte que esperasse enquanto voltava correndo. Mais tarde, ela se pergunta se, caso se lembrasse da primeira vez — se tivesse decidido não voltar de jeito nenhum —, talvez tivesse evitado cruzar o caminho dele.

Em meio à multidão, na cidade, ela está sempre à procura dele. Ela vê a nuca dele, o perfil, o jeito de andar, na forma de cada homem de meia-idade em que ele poderia ter se transformado nas décadas desde a última vez que o viu. Isso faz seu coração disparar, como se a vida — o mundo — estivesse sempre prestes a lançar uma granada sobre ela. Mas hoje ela não está procurando. Ela está perdida na tranquilidade da conversa; na sensação, quando os carros na estrada reduzem a velocidade até parar, de Charlotte colocar o braço sobre o banco do passageiro como um segundo cinto de segurança. Esse pequeno gesto tão instintivo quanto o próprio ato de frear.

Eles ficam sentados. Cinco minutos, depois dez, até que finalmente um caminhão na faixa ao lado deles entra em ação e avança. "Eu odeio isso", diz Charlotte. "Essa sensação de que você está de repente indo para trás."

"Lembro-me de ter lido algo sobre isso. Que é uma ilusão de ótica

relacionada ao fato de o cérebro usar os objetos ao redor como pontos de referência espaciais. Então, nossa faixa de trânsito permanece parada, mas por um instante seu cérebro..."

Enquanto diz isso, Maia se vira para olhar o carro ao lado e, mesmo enquanto continua falando, pensa: " *Será? Não pode ser"* . Ela está tão acostumada a estar errada. Mas, como se pressentisse que estava sendo observada, ele se vira e, por um instante, seus olhares se cruzam e eles ficam se encarando. Incompreensivelmente. Como se houvesse uma falha nos vidros que os separam.

Maia quer desviar o olhar. Se abaixar. Mas também quer mantê-lo à vista. "Tranque as portas", diz ela para Charlotte.

"O que?"

"Tranquem! As portas!" ela grita, em pânico, estendendo a mão para verificar se o botão ao lado dela está abaixado.

Ele virou o corpo todo para ela. Estava olhando diretamente para ela, se remexendo no banco, como se fosse sair. Ela se assustou com o meio clique da trava e ouviu a voz de Charlotte: “Já estavam trancadas. Por que nós—” Mas então se interrompeu: “Ah, isso parece promissor”, e eles começaram a andar, o carro com o pai de Maia parecendo dar ré. O rosto dele — a expressão — já estava mudando, enquanto ele percebia que estava ficando para trás. E um segundo depois, ele e o carro desapareceram de vista.

À medida que a faixa de trânsito ganha velocidade, Maia pisa fundo num pedal imaginário, desejando que eles acelerem mais. "Pelo amor de Deus, vocês não podem simplesmente—"

“O que você quer que eu faça? Bata no carro da frente?” Charlotte parece mais confusa do que qualquer outra coisa, como se estivesse lidando com uma criança. “Aqui”, diz ela, inclinando-se para abrir o porta-luvas. “Eu sei que você estava só brincando, mas viu o quanto eu te amo? Lanches.”

Maia ignora o pacote de edamame e se vira para observar o trânsito. E quando não vê a cor prata do carro dele — ou pelo menos acha que era prata. Mas será que era? Sua memória se inunda de possibilidades. Talvez fosse azul, até preto… Podia ser de qualquer cor. Podia ser de todas as cores — a estrada é um caminho perigoso, cada carro agora uma ameaça. Ela se senta com o corpo achatado contra o encosto, como se tentasse comprimir todo o seu ser no couro, esperando o impacto, esperando que ele os alcance. Eles estão se movendo mais rápido agora, o carro se aproximando do ritmo do seu coração. Trinta milhas por hora. Depois quarenta. O sangue pulsando contra seu peito, fazendo-a querer vomitar pânico e medo por todo o painel do carro.

Charlotte coloca a mão no joelho. "Você está bem?" E Maia a afasta com um gesto. Instinto. O chassi de metal imediatamente transparente, porque se ele se aproximasse, se ele navegasse ao lado delas, ele veria. Ele saberia. E sentiria nojo dela.

DURANTE A visita ao local, ela fica sentada no carro como uma adolescente mal-humorada — livro fechado — revivendo aqueles poucos segundos repetidamente. Ela evoca o rosto do pai, ansiosa por estar distorcendo a imagem a cada repetição. Ela tinha nove anos quando o viu pela última vez. Ele está mais grisalho agora — mais velho —, com as feições mais marcadas por rugas profundas. Mas raiva, vergonha, arrependimento…? É impossível dizer. E será que ele a reconheceu de fato, ou ela pode ter mudado a ponto de ficar irreconhecível? Mas certamente até ele sempre reconheceria a própria filha?

Sua expressão se transforma a cada vez que ela o imagina. Às vezes ele é benevolente, às vezes severo, quase maléfico. Uma palavra tão próxima de magnífico, pensa ela, desviada pela masculinidade. Mas sua expressão é irrelevante. Muito mais importante é a questão de para onde ele estava indo. E quem poderia estar esperando por ele no destino.

Charlotte e sua cliente reaparecem. Só mais tarde, no caminho para casa — quando o dia já está arruinado — é que Maia lhe contará tudo.

Julian



E Todas as manhãs, enquanto Julian caminha pelo corredor até seu estúdio na antiga fábrica de chocolate, ele dá uma olhada através das pequenas janelas internas, absorvendo fragmentos de cada espaço. Alguns estão tão tomados por um caos de ferramentas e bagunça que o artista lá dentro parece quase insignificante diante daquilo, como se seu trabalho ameaçasse consumi-lo. Outros são mais organizados, com um fluxo de trabalho discernível: mesa de

corte, máquinas industriais, rolos de tecido, moldes pendurados em enormes ganchos de açougueiro.

A velha fábrica ressoa com o som de batidas e perfurações, com o zumbido das máquinas, mas Julian percebe uma quietude em meio ao barulho, e depois de algumas semanas percebe que se trata da relativa ausência de vozes. Como ele, as pessoas estão quase sempre absortas em seus próprios pensamentos, concentradas no trabalho que têm em mãos. Existe uma etiqueta tácita: música restrita a fones de ouvido; xícaras de chá oferecidas apenas se a porta estiver aberta; Eles não ficam se observando enquanto trabalham. Julian mantém a porta fechada, mas se imagina como parte de uma colmeia.

A ideia de alugar um espaço ali não tinha sido dele, mas sim de Sílbhe e Cian. "Você vai dar uma olhada nas garagens que eles reformaram lá na cidade?", perguntou a avó, colocando um jornal na frente dele.

Ele balançou a cabeça e deslizou o papel de volta pela mesa sem parar para olhar. "Estou bem na casa do Cian, obrigado."

Mas algumas semanas depois, enquanto dirigia para a cidade para entregar pessoalmente os pedidos às diferentes joalherias onde os produtos eram vendidos, Cian disse: "Sabe, Jules, não vou me ofender se você quiser expandir seus horizontes, ficar perto de pessoas da sua idade. Ainda nos veremos em casa à noite, sabe?" Julian não disse nada, e Cian acrescentou: "Só uma ideia."

Embora Sílbhe já tivesse lançado as bases, as palavras de Cian foram inesperadas, e Julian as sentiu como um leve esvaziamento no peito, como o ar sendo gentilmente retirado de uma bolsa de água quente. "Talvez eu veja o que está acontecendo então", ele dissera.

Ele sabia que sua vida havia se tornado mais isolada desde que saíra da escola três anos atrás, mas não sentia que estivesse perdendo nada. Sua amizade com Connor e Liam nunca girou em torno de interesses em comum. Em vez disso, eles foram forçados a ficar juntos pelo que não faziam. Eles não arrebentavam as alças dos sutiãs das meninas nem jogavam coisas nas costas da professora quando ela se virava para escrever algo no quadro, e quando deixaram de ser obrigados a participar dos jogos gaélicos durante o último ano do ensino médio, os três desertaram. No caso de Connor e Liam, era porque detestavam o frio e a lama, e o jeito como os professores gritavam com eles, mesmo quando alguns deles carregavam jugos duas vezes mais pesados que eles. O tamanho os fazia voar. Para Julian, era mais complicado. Ele era forte o suficiente e gostava da sensação de elasticidade e agilidade do seu corpo enquanto corria atrás da bola, mas se via incapaz de dar os carrinhos, diminuindo a velocidade ou desviando no momento em que deveria ter se chocado contra os ombros de outro garoto. O professor de educação física berrava da lateral: “Que tipo de você é? Se liga e para de se preocupar em se machucar!”

Quando Connor e Liam murmuraram sua indignação no vestiário, Julian resmungou junto. Porque parecia menos vergonhoso do que a verdade: que ele tinha medo de magoar alguém. Quando as aulas terminaram, eles mantiveram contato pelo Facebook, mas Julian previu que provavelmente não se

encontrariam novamente na vida real e, depois de um tempo, deletou seu perfil. Ele tem contas comerciais em algumas plataformas de mídia social, mas não dedica muito tempo a mantê-las. Ele tem trabalho suficiente por meio dos contatos de Cian e do boca a boca. Cian lhe diz que ele deveria almejar mais, que deveria entrar em contato com revendedores em Londres. Mas a ideia de enviar suas peças através do Mar da Irlanda lhe causa um pressentimento ruim. Ele não volta à Inglaterra desde os cinco anos de idade. É a terra de seu pai; a terra que falhou em proteger Julian, Maia e sua mãe.

“Sua avó Sílbhe se preocupa. Quer ter certeza de que, se nós, os velhinhos, morrermos, você terá gente por perto.” Os dois sorriram com isso; é uma piada recorrente que a avó dele viverá para sempre. Aos setenta e quatro anos, ela está mais em forma do que nunca. Acorda às cinco e meia todas as manhãs e sai do calor da cama que divide com Cian, veste uma calça legging que fica folgada em seu corpo esguio e corre uma volta de dez quilômetros pelos campos ao redor, voltando para preparar o café da manhã antes mesmo de qualquer outra pessoa se mexer. Um dia, enquanto Julian estava Enquanto fazia suas contas na mesa da cozinha, alguém entrevistado no rádio comparou o ato de correr ao desejo de escapar de algo. "Escutem só isso", ela zombou. "Estou correndo *em direção à* minha vida — a vocês três — não fugindo dela."

Julian sorriu, sem saber bem o que dizer.

Sílbhe continuou: “Quando você começa, dizem para se concentrar em algo à distância, como um poste de telégrafo ou um portão, e correr em direção a isso, e então, quando chegar lá, defina um novo alvo e corra em direção a ele. Eu costumava imaginar seu próximo aniversário, ou um de vocês trazendo alguém para casa pela primeira vez, e eu corria em direção a isso.”

"Por favor, me diga que você não está esperando que isso aconteça!" Julian quase desistiu de acreditar que alguma garota possa se interessar por ele.

Sílbhe também riu. “A qualquer momento. Mas como eu estava dizendo, em um dia tranquilo, é mais do mesmo. Aí em outros, eu olho em volta e sinto isso... essa euforia, sabe? Tipo, olha esse céu magnífico, essas árvores e essa grama. E se isso não é a coisa mais maravilhosa do mundo, eu não sei o que é. Eu também penso na sua mãe. Em como ela era quando criança. E no que ela passou depois.”

Em seguida, ela se ocupou virando o pão sob a grelha.

As próprias lembranças de Julian sobre sua mãe são vagas. De alguma forma, ele se lembra mais dela , como se o medo tivesse impresso essa presença nele mais profundamente. As lembranças de sua mãe parecem pouco confiáveis, como se ele as tivesse construído em torno de coisas que Maia lhe contou. Mas quando "Lucy in the Sky with Diamonds" toca no rádio, ele tem certeza de que se lembra de sua mãe substituindo o nome por alguma variação de um nome próprio. Juley, talvez. Ele tem a imagem de estar tirando partículas de poeira em frente a uma porta de correr e ela, ajoelhada logo atrás dele, dizendo para ele fazer um pedido. Em outra ocasião, ele está Sentada no colo dela sobre uma manta de piquenique, ele quase consegue tocar o algodão quente da blusa dela.

Ele se lembra de uma cozinha — linóleo azul, portas de armário creme — dela o protegendo atrás da saia, a textura macia do tecido, e o som de gritos, antes de Maia pegá-lo pela mão e levá-lo embora. Ele não sabe se foi naquele dia que tudo aconteceu.

Ele sabe que sua mãe era linda. A prova está nos porta-retratos espalhados pela casa, mas, de alguma forma, isso só a torna mais enigmática, como alguma atriz de Hollywood que morreu tragicamente jovem. Ele tenta imaginar rugas em sua pele macia, fios grisalhos em seu cabelo, pensando que, se pudesse visualizar a pessoa que teria conhecido agora, talvez a tornasse mais real. Mas não funciona. Ele acha que provavelmente é mais difícil para Maia, que sabe o que perdeu.

Há uma garota nos estúdios. Foi a arte dela que chamou sua atenção primeiro. Enormes tapeçarias que o fazem lembrar das colchas de retalhos que as amigas da avó faziam, mas em vez de tecido, as peças que se encaixam são recortadas de réguas de madeira velhas e desgastadas, daquelas que ele se lembra da escola. A geometria das formas, como elas se interligam, o jeito como polegadas e centímetros desmembrados marcam a superfície, o faz querer parar e observar por mais tempo. Mas sempre que passa por ali, percebe uma pequena figura loira debruçada sobre a bancada e só se permite diminuir o passo brevemente a caminho do seu próprio estúdio. Depois de algumas semanas, ela começa a olhar para cima quando ouve seus passos. "Ei", ela chama.

"Você está bem?", ele pergunta de volta, as palavras saindo da sua cabeça, e ele se perde nos cantos escuros do corredor enquanto continua andando.

Mais tarde, ele ouvirá essa frase ecoando em sua mente enquanto lustra uma lâmina ou martela um disco de prata para replicar a perfeição. recesso arredondado de um bloco de concreto. As palavras não serão abafadas pelo barulho de suas ferramentas, mas amplificadas e repetidas incessantemente até perderem o sentido e se tornarem ainda mais ridículas para ele do que quando saíram de sua boca. Ele começa a temer essas breves interações diárias.

Mas então, um dia, quando ele está com os braços cheios de uma entrega de novos suprimentos que acabou de pegar na recepção, ela aparece à sua porta.

“Julian?”

Ele coloca os pacotes na bancada. Fica surpreso por ela saber seu nome. Ela parece perceber e diz: "Reconheci suas caixas", apontando para a prateleira onde estão empilhadas, cada uma com seu nome em relevo. "Eu tenho uma peça—" Ele olha para o pescoço dela, depois para a mão. Ela ri. "Não estou usando. Não quero parecer uma fã histérica — seria como tocar a própria música do Ronan Keating. Não que eu goste de Boyzone..." Ele não diz nada, então ela acrescenta: "Mas eu uso bastante. Ou melhor, usava, até você chegar. É um colar — um aro de ouro com uma barra de prata atravessando."

Ele conhece a obra. "Ah, *Equilíbrio* . É esse o nome. Tecnicamente", diz ele, sentindo-se pretensioso por ter mencionado o nome, como se levasse seu trabalho muito a sério. "Mas você talvez não soubesse disso, a menos que a tivesse comprado pelo site." Ele está divagando, e ambos sabem disso.

“Comprei na Pears”, diz ela. A joalheria em Dublin foi uma das primeiras lojas a vender suas peças. Ele acena com a cabeça, decidindo não dizer mais nada, pois certamente só o deixaria ainda mais sem jeito do que já está.

“Então, Julian, o joalheiro”, e ele percebe uma covinha aparecer enquanto ela diz isso, e então se vê focando na suavidade de sua bochecha. esperando que reapareça. "Alguns de nós vamos ao pub mais tarde. Eu... *nós*... nos perguntamos se você gostaria de se juntar a nós."

“Ah. Ah.” Ele repassa mentalmente os motivos pelos quais não pode. Que precisa avisar Sílbhe que vai se atrasar para o jantar. Que o próximo episódio da série que está assistindo passa hoje à noite. Mas até para ele mesmo acha que os motivos são fracos, então se ouve dizendo: “Seria ótimo.”

Ela sorri e a covinha reaparece. "Vou bater na porta para você. Tudo bem para terminarmos por volta das cinco?" E, ao se despedir, acrescenta: "A propósito, meu nome é Orla."

Há apenas quatro deles no pub — poucos o suficiente para uma conversa, em vez de se dispersarem em grupos. Ele fica contente com isso, embora logo perceba que não é o tipo de conversa pela qual teve que fingir entusiasmo com Connor e Liam: esportes, carros, carros esportivos. Em vez disso, a conversa parece familiar, como se um reflexo de seus próprios pensamentos tivesse criado asas e voado pelo mundo. Frap está contando a eles sobre um problema com um globo que está desenvolvendo, que pode girar em qualquer direção em um eixo duplo, permitindo até mesmo o estudo dos polos Norte e Sul. Equilibrar a esfera de gesso para que ela sempre retorne à posição vertical está se provando mais complicado do que ele imaginava, e eles discutem o peso e o que pode estar causando o desequilíbrio. E então a conversa muda de assunto, e Orla está contando a eles sobre um filme ambientado no Marrocos, onde um piso de azulejos em uma mesquita levou seu trabalho para um rumo completamente novo. Ela encontra uma captura de tela no celular e elas discutem como ela lidará com a replicação do centro, onde as pontas de uma estrela de dezesseis pontas convergem. Na mesquita, há rejunte entre as peças, o que permite imperfeições, mas Orla quer que seus pedaços de madeira se encaixem perfeitamente. contra as outras perfeitamente, o que significa que cada uma deve conter um ângulo interno preciso de 22,5 graus. Existe um entendimento entre essas pessoas que trabalham com as mãos. Elas vêm de diferentes disciplinas, mas todas são capazes de prever os problemas potenciais e aplicar o conhecimento de sua própria área à de outra pessoa.

Algumas semanas antes, Julian havia se deparado com um artista de papel tridimensional que morava em Ann Arbor, Michigan. Algo na geometria do trabalho dele o fez lembrar do de Orla, e agora ele se vê mostrando a ela. Ela amplia a imagem com os dedos. "Uau", diz ela. "Isso é incrível." Eles examinam atentamente o que o homem cria e discutem se ele está usando corte a laser para as formas.

Julian percebe que, sempre que Orla se anima ou quer enfatizar algo, ela toca momentaneamente o braço ou o joelho dele com a mão. Parece um gesto

espontâneo, e ele se pergunta se ela faz isso com todo mundo. Frap e Seamus estão do outro lado da mesa, mas não perto o suficiente para perceberem esses toques casuais, então é difícil ter certeza.



MAIS TARDE, DEPOIS DE assistir ao episódio que Cian teve a ideia de gravar para ele, ele sobe até o quarto de Maia no sótão e pergunta: "Você acha que eu saberia porque sou... mulher?". Ela ri, mas não é uma risada fácil. "Talvez se eu tivesse tocado em mais braços de homens, eu não seria uma solteirona de trinta anos ainda morando com a minha avó."

Eles ficam sentados em silêncio por um tempo e Maia parece prestes a chorar. Julian não tem certeza por que presumiu que ela saberia. Mas a reação dela o deixa inquieto. Até então, ele nunca havia realmente parado para pensar se ela estava feliz com a vida que levava.

Ele está prestes a dizer algo, mas quando abre a boca, Maia interrompe. “Então, como ela é, essa garota? Além de ser carinhosa?”

Ele quer dizer que ela é ousada. Que ela parece perceber que ele está preso em sua própria timidez e não interpreta isso como uma ofensa. Ela parece curiosamente fascinada por ele, como se ele fosse uma das formas em suas obras de arte que precisa ser encaixada. E embora uma parte dele se sinta desconfortável com a atenção, outra parte a anseia. Mas ele não diz isso a Maia. Em vez disso, oferece um evasivo: "Ah, só um elogio, sabe?"



JULIAN COMEÇA A DEIXAR a porta do seu ateliê aberta com mais frequência e descobre que gosta das interrupções, de largar as ferramentas para ir ao refeitório tomar uma xícara de chá. É um espaço aberto ao público, mas sempre há alguém dos estúdios lá dentro também, e a combinação de pessoas que ele encontra muda a cada vez. E ele percebe que se sente à vontade com qualquer uma delas. É surpreendente, mas também muito... comum. Se Orla está lá, ele se sente atraído por ela e tenta equilibrar sua atenção, forçando o olhar para Frap ou Gráinne. Ele observa Orla em momentos fugazes, esperando que sua covinha apareça. Ele sabe agora que ela é afetuosa com todos, não apenas com ele, e não apenas com homens. Ele se sente aliviado. E decepcionado.



NO INÍCIO DE AGOSTO, a chuva cai forte desde o raiar do dia, batendo com força nas janelas da antiga fábrica de chocolate. Por volta da hora do almoço, Julian ouve o som de pessoas fechando seus estúdios mais cedo. Seamus coloca a cabeça para dentro antes de sair. "Não fique muito tempo", diz ele. “Os ralos estão começando a transbordar. A esquina da Lower Geraldine com a Mill já está debaixo d'água.” Julian não está preocupado. Já choveu tanto neste verão; eles estão acostumados a ver o final da rua acumulando a água da chuva onde as duas ruas se encontram no pé de uma colina. Julian está imerso em seu trabalho — uma nova peça que parece uma pequena antena parabólica martelada em ouro, um diamante montado descentralizado em uma base de prata polida que ele vem aprimorando a manhã toda. Conforme a tarde avança, ele percebe vagamente que raramente ouve carros passando na rua lá embaixo, apenas o som da chuva batendo nas janelas. Além disso, há um silêncio quase sobrenatural. Ele continua trabalhando, fazendo uma pausa apenas quando sente cãibras nas costas. Então, ele vai até a janela e vê que a rua lá embaixo está um rio, e quando estica o pescoço para olhar para o alto da Rua Dooley, um carro sem motorista parece estar flutuando sobre o cruzamento. Ele estava com o celular no silencioso e, quando o tirou do bolso, encontrou várias mensagens de Sílbhe avisando que o rio perto de casa havia transbordado e que a estrada ficaria intransitável até o nível da água baixar.

Ele ficará bem aqui, conclui, contanto que tenha comida. Desce até o refeitório e encontra o prédio vazio. As luzes da cantina estão apagadas. Nunca a tinha visto sem clientes.

Sobre o balcão, bolos repousam sob cúpulas de vidro. Ele deixa algumas moedas ao lado e coloca uma fatia de bolo de cenoura em um prato, depois o põe sobre a mesa e se acomoda no velho banco de igreja atrás dele. Com a primeira mordida, percebe o quanto está faminto e, de cabeça baixa, começa a arrancar os pedaços de bolo esfarelado com o garfo, quando ouve algo. Olha para cima e vê Orla. Sua calça jeans é de um azul escuro intenso. da coxa para baixo, e seus tênis Converse rangem com a água no chão de cimento. "Meu Deus, está tudo molhado lá fora", ela diz.

“Não me diga”, Julian sorri.

"Meu carro pifou quando um idiota num 4x4 passou em alta velocidade e fez uma onda gigante passar por baixo dele. Então, estou de volta."

Ele pousa o garfo. "Posso te ajudar a tirá-lo da rua?"

“Não, só espero que ainda esteja lá amanhã.”

“Como você conseguiu entrar sem inundar o lugar?”

“A porta dos fundos. São cinco degraus”, diz ela. “Embora a água já esteja no quarto degrau.”

Ela senta-se num banco na mesa ao lado e começa a desamarrar os tênis. Julian percebe que ela provavelmente também pretende tirar as calças jeans.

"Vou tapar os olhos", diz ele, rindo suavemente.

“Você tem uma irmã. São apenas um par de pernas.”

Mas enquanto os seios de Maia são macios e com covinhas em alguns

lugares, os de Orla são firmes e lisos. Ele percebe que sua atenção é atraída para eles, discretamente, entre uma mordida e outra do bolo de cenoura, que ele já não deseja mais, mas continua comendo para se distrair do ato de se despir.

"Posso pegar um avental para você?", pergunta ele, acenando com a cabeça em direção à cozinha.

Ela faz uma pausa. "Parece um daqueles aventais de hospital, todo recatado na frente, mas quando você se vira... não, obrigada!"

Julian ri.

De volta ao andar de cima, ele coloca a calça jeans e as meias dela sobre o radiador em seu estúdio e sacode o cobertor cinza áspero que mantém enrolado atrás da mesa para abafar o som das marteladas. Ele o entrega a Orla, que está sentada com as costas encostadas no velho radiador vitoriano, com aquelas pernas — aquelas pernas perfeitas — com os joelhos dobrados à sua frente.

Ele está de pé ao lado de sua bancada, e ela diz: "Você pode fazer algo para mim? Você consegue fazer isso? Fazer algo em apenas algumas horas?"

“O que você gostaria que eu preparasse para você, Orla?”

“Você decide. Mas me diga o que está fazendo. Em cada etapa. Assim, saberei como foi feito.”

Ele vai até as prateleiras rasas onde guarda os metais e depois volta, avaliando o tom da pele dela, embora já o conheça. "Usarei principalmente prata", diz ele, pegando uma pequena folha, "porque combinará melhor com a sua cor."

“Qual cor você acha que eu tenho?”

“Legal”, diz ele, e pede para ela observar as veias na parte interna dos braços. “Pessoas com pele mais quente têm veias mais esverdeadas, mas as suas serão roxo-azuladas.”

Ela examina a parte interna dos pulsos e acena com a cabeça, mas não olha para ele. Ele sente como se tivesse acabado de passar o dedo pela pele dela, mesmo estando do outro lado da sala. Ele se pergunta se ela também sente isso.

Ele conversa com ela enquanto trabalha. Explica cada etapa, como ela pediu. "A ponta azul é a parte mais quente da chama", diz ele, enquanto a ajusta, "mas queremos apenas aquecer o metal suavemente, então estou usando uma chama amarela mais densa."

“Uma chama em forma de rabo de raposa”, diz ela, e ele concorda com a cabeça.

Ele tenta manter um tom normal, cotidiano, mas não consegue evitar a sensação de que suas explicações são uma forma estranha de sedução. Como se houvesse intimidade no fato de ela lhe pedir para compartilhar essas coisas. Ela é atenciosa, ocasionalmente fazendo perguntas, mas principalmente Ela escuta, e em algum momento, Orla, o cobertor e as pernas que estavam embaixo dele saem de perto do radiador e vêm se sentar ao lado dele na cadeira giratória de madeira que ele havia trazido da casa de Cian quando se mudou para lá.

“O recozimento amolece o metal”, diz ele, com a voz mais baixa agora que ela está mais perto, inclinando-se sobre o seu trabalho. “Você vê o arco-íris que

se forma?” Ele resfria o metal quente em água fria, mergulha-o na solução de decapagem para realçar o seu brilho e lixa as bordas até ficarem lisas. Seus movimentos são repetitivos, reconfortantes, previsíveis. Amolecer, dobrar, esculpir, martelar, alisar, esfregar, resfriar até endurecer novamente. Repetir.

Já estava escuro quando ele terminou de polir a peça até que brilhasse, alisar as bordas e prender os fechos na parte de trás para segurar a corrente. Ele entregou o colar pronto para ela, mas, em vez de pegá-lo, ela afastou o cabelo do rosto. Ele se posicionou atrás dela e desceu a corrente até o pescoço. Viu os finos fios de cabelo que continuavam abaixo da linha do cabelo, o nódulo ósseo na nuca acentuado pela cabeça baixa. Tentou fechar o colar sem tocar na pele dela, mas, com os dedos grossos, quase deixou cair uma das pontas da corrente. Ouviu a própria respiração enquanto se concentrava em pegar a argola do fecho. "Pronto", disse ele quando finalmente conseguiu, a palavra saindo como um suspiro de alívio.

Ela gira a cadeira lentamente meia volta para ficar de frente para ele, com um pé no chão de madeira e uma perna à mostra, coberta apenas pelo cobertor. Ela procura a parte da frente do colar, passa os dedos pela curva martelada e o deixa cair suavemente de volta no lugar, logo abaixo da covinha do pescoço, exatamente onde ele queria que ficasse. "Obrigada. É lindo", diz ela, e a covinha aparece.

Ele não tem certeza de como a noite deve prosseguir agora que ela já tirou as calças e ele fez essa joia para ela. Mas, de qualquer forma, ele sente uma expectativa. Dela. Dele mesmo. Da situação.

Ele se desculpa e caminha pelo corredor até o banheiro. Coloca uma mão de cada lado da pia e olha seu reflexo no espelho. Ele não é feio, sabe disso. Mas, de alguma forma, lhe falta a confiança que sente que deveria combinar com esse rosto. É como se pertencesse a outra pessoa, e ele tem certeza de que outro homem o usaria melhor. Mantendo o queixo firme onde o seu é frágil. Mantendo contato visual onde ele o deixa escapar. Lava as mãos, mais por obrigação do que por necessidade. Sente o calor suave da água na pele, a espuma do sabão entre as palmas das mãos. É mais fácil se concentrar nessas coisas do que na garota que está sentada seminu em seu estúdio, esperando que ele volte.

Quando finalmente desliga a água e se olha novamente, seus pensamentos estão mais claros. Ele gosta de trabalhar ali. Gosta da nova tranquilidade que sente dentro dessa comunidade de artistas. Gosta de Orla. Mas, para preservar isso, precisa interromper o que quer que esteja acontecendo entre eles. Há coisas sobre si mesmo — sobre sua família — que parecem difíceis demais de revelar.

Quando ele entra novamente em seu estúdio, ela está de costas para ele. O cobertor foi abandonado na cadeira giratória e ela está de pé junto à janela. Ele levanta os olhos e vê seu reflexo observando-o na escuridão dos vidros.

Ele vai até o radiador à esquerda dela e pega a calça jeans dela. Ela está ressecada e rígida, então ele a sacode delicadamente, tentando desembaraçá-la. Ele as areja e as deixa macias, e então as entrega a ela. "Parecem secas o suficiente para eu vesti-las agora."

Ele percebe a surpresa dela e sente um aperto no estômago ao se dar conta de que a magoou. Ambos desviam o olhar, mas não antes que ele veja as bochechas dela corarem de brancas para vermelhas, tão rápido que parece que alguém lhe deu um tapa. Ele sente o constrangimento dela enquanto ela enfia os pés nas pernas de papelão da calça jeans. Ele ouve isso no zíper seco da braguilha. Na saída rápida e descalça dela do quarto. No atrito da serra cortando madeira no corredor, e no longo bocejo da noite. E ele sente muito. Sente muito enquanto está sentado à sua mesa, imóvel, exceto pelas pontas dos dedos, que empurram sem rumo as lascas de prata e ouro descartadas sobre a superfície. Mas ele tem certeza de que deve ser melhor assim.



AO AMANHECER, Sílbhe fica de pé junto à janela. Os campos além do jardim parecem exuberantes, mas ela consegue ver, pela poça rasa nas lajes, que ficarão alagados e que provavelmente torcerá o tornozelo, ou pior, se sair para correr. Ela deixa a cortina fechar e volta para a cama. Cian estende o braço. "Gosto quando você fica em casa comigo", diz ele, e ela se deixa envolver pelo calor do seu corpo, sabendo que Julian não está no quarto ao lado para ouvir e que Maia está no sótão que reformaram no ano passado. Ela nunca deseja que eles desapareçam, mas ainda assim, é grata por esses momentos fugazes em que ela e Cian se encontram a sós. Já se passaram seis anos, mas o romance deles ainda parece novo.

Mais tarde, Cian calça seus chinelos e vai até a cozinha. Ele traz de volta um bule de chá, um prato de torradas e mel. Sílbhe se recosta em seu peito enquanto comem, e eles riem da discreta decadência de cobrir o edredom com migalhas e do luxo de terem encontrado um lar um no outro.



LÁ EM CIMA, NO SÓTÃO, Maia está sentada na cama com o laptop no colo. Ela tem sete anos a menos do que a mãe tinha quando morreu. E só recentemente, depois de algo que Jules disse, ela sentiu uma urgência em preencher a vida com as coisas que a mãe não pôde fazer. Ela não se refere a viajar pelo mundo ou pular de bungee jumping de aviões, mas às pequenas coisas do dia a dia que a mãe nunca teve a oportunidade de vivenciar. Maia é uma das favoritas do pessoal do Doyle's, mas ultimamente sente a vida escapando por entre os dedos, percebendo que viu crianças de doze ou treze anos se tornarem mães, empurrando carrinhos de bebê pela porta com suas mães, agora avós, ao lado. E enquanto as vidas delas mudaram e evoluíram, com a troca de papéis entre as gerações, a de Maia permaneceu a mesma.

No início da primavera, Maia começou a descer do ônibus alguns pontos antes. Pisava no asfalto cinzento e observava o veículo se afastar, tornando-se um ponto na paisagem, antes de começar a caminhar. Ansiava por colocar um pé na frente do outro e pelo espaço para pensar que isso lhe proporcionava. De repente, se viu observando a dança de acasalamento do melro, as flores amarelas brilhantes que cobriam os barrancos íngremes ao lado da ponte, o desabrochar de pequenas flores nos campos de ambos os lados da estrada; coisas que sua avó sempre lhe mostrava, mas que, de alguma forma, Maia nunca tinha realmente notado. Mesmo assim, seus nomes lhe vieram à mente. Então. Prímula. Violeta-brava. Estrela de Belém. Ela se abaixou, o peso da bolsa desequilibrando-a enquanto estudava as pétalas branco-esverdeadas aninhadas entre a grama viçosa.

Naquela noite, procurando cotonetes em um armário, ela avistou o pequeno frasco de Rescue Remedy que costumava carregar no bolso do blazer da escola. Desrosqueou a tampa e inalou o aroma intenso do álcool conservante. Sua avó lhe dera o produto logo após chegarem da Inglaterra. "Só quatro gotas quando estiver um pouco nervosa e isso acalmará seus nervos", dizia ela. E, de alguma forma, sempre que estava longe de Sílbhe, a leve ardência daquelas gotas em sua língua lhe oferecia todo o conforto de um São Cristóvão. No banheiro, ela virou o frasco para ler a curta lista de ingredientes: Rosa-de-rocha, Clematis, Impatiens, Ameixa-cereja, Estrela de Belém. *Estrela de Belém* . O nome que evocava aquela estranha sensação que surge quando algo raramente lembrado aparece, e reaparece, em rápida sucessão. Como se o universo estivesse puxando sua manga, dizendo que aquilo era significativo.

Ela pesquisou na internet, seguindo links como migalhas de pão em uma floresta. De Florais de Bach à homeopatia; de manchetes que afirmavam o efeito placebo a artigos que explicavam sua teoria; de profissionais locais a cursos de formação de quatro anos…

No dia seguinte, quando o motorista a deixou à beira da estrada, ela caminhou até chegar a um trecho de grama salpicado de estrelas-de-belém. Ela se abaixou, roçou as palmas das mãos nas pétalas, esperando um sinal. Do universo. De sua mãe. Mas não havia nada, apenas sua própria insegurança. Ela ficou parada, contemplando a paisagem. Vasta em sua imensidão; pequena em sua familiaridade. Ela não almejava uma vida grandiosa... mas se perguntava se, dentro dos limites do que lhe parecia seguro — sua avó, essa paisagem, a Irlanda — ela poderia abrir uma fresta para algo novo.

Agora, lá em cima, no sótão, ela checa seu e-mail e observa as mensagens não lidas inundarem a tela. A maioria são e-mails de vendas aos quais ela nunca se inscreveu, algumas notificações do Facebook, mas entre eles está aquela que ela estava esperando. Aquela que lhe disseram que chegaria por volta do dia dez. Ela passa o cursor sobre ela e clica para abrir.

Querida Maia,

Temos o prazer de confirmar que sua candidatura tardia foi aprovada para ingressar na turma deste ano da Escola Irlandesa de Homeopatia, onde você iniciará seu primeiro ano de estudos para se tornar um homeopata qualificado…

Depois de ler o e-mail e percorrer as páginas de anexos, ela coloca o laptop de lado, sai da cama e fica parada na janela do sótão. Ela observa a paisagem, deixando o olhar repousar na linha tênue onde o azul-acinzentado encontra o verde. E mesmo com a água da enchente nos campos ao seu redor, pela primeira vez, ela sente como se estivesse pronta para ir a algum lugar.

Gordon


GIN
London
1821

Gordon sabe que seu pai e avô buscavam satisfação na carne e nos ossos do corpo humano, mas ele viu o que acontece quando não se consegue vencer, ou ao menos se igualar, ao líder da família. Por isso, ele deixa a medicina para Maia e, discretamente, se volta para a respeitabilidade dos números. Ele os incorpora a todas as áreas da sua vida, apreciando a lógica e a ordem que os compõem. Encontra conforto no giro de um Cubo de Rubik. Na grade de um Sudoku com um cronômetro ajustado para dois minutos e meio. No embaralhamento de letras e dígitos na gangorra da álgebra. Nos 1s e 0s do código binário subjacente à tecnologia. Na segurança do padrão de criptografia avançada de 256 bits. Na linguagem precisa do código de computador.

```
var c = new System.Security.Cryptography.SHA256Managed();
 byte[] hash = c.ComputeHash(Encoding.UTF8.GetBytes(s));
```

Quando está em casa para as festas de fim de ano, ele deixa linhas de código indecifrável abertas na área de trabalho, na esperança de que seu pai as veja. Texto branco, amarelo e azul sobre fundo preto, impresso em uma fonte monoespaçada imponente. Essas são as ferramentas do seu ofício: seus bisturis, suas pinças, seus retratores. Às vezes, ele rola a tela para frente e para trás, deixando os números das linhas borrarem enquanto seu código limpo e preciso passa rapidamente. O fato de ele entender o que é impenetrável para os outros, de ter escrito cada linha entre colchetes e ponto e vírgula, torna tudo belo. E o cérebro do computador comprova isso ao processar seus comandos, produzir o resultado desejado e dizer: " *Sim, isso faz sentido. Você é Deus* . "

Mas quando ele conta ao avô que seu diploma lhe garantiu uma vaga em um dos grandes bancos, programando algoritmos capazes de tomar decisões de investimento num piscar de olhos, ele parece sentir um cheiro desagradável. Gordon sente um lampejo de irritação, a camisa apertando demais nas costas. Ele chama o garçom e pede uma dose dupla de uísque, bem cara. Ele prefere gim, mas não tem o mesmo impacto que os homens da família. Quando a bebida chega, Gordon gira o uísque no copo e a engole de uma vez, em dois goles rápidos que queimam a garganta. O avô amassa o guardanapo e o joga sobre a mesa. "Com você, sempre será jogar pérolas aos porcos. Acho que terminamos por aqui", diz ele, pedindo a conta.

O pai de Gordon não diz nada, apenas ergue as sobrancelhas quase imperceptivelmente, provavelmente aliviado por não estar na linha de fogo desta vez. Enquanto os três esperam em silêncio sepulcral, a imagem de um brinquedo de infância vem à mente de Gordon. Enquanto Maia havia ganhado um trio de bonecas russas tradicionais, cada uma com o mesmo sorriso bonito, o conjunto dele era pintado à mão com rostos de monstros, cada um mais perturbador que o outro. Por último, às vezes, ele costumava virá-los de costas para a parede antes de se deitar à noite. E, tantos anos depois, ele se sente desconcertado ao perceber uma semelhança ao redor da mesa agora, algo sombrio e desagradável

conectando o mais velho ao mais novo.

Seus dias começam cedo, quando o mercado abre. Ele observa os outros homens em busca de sinais de como se comportar e logo percebe que não há código de conduta. Vale tudo. Ele pode ser a versão mais desagradável de si mesmo, e a pessoa ao lado dirá ou fará algo pior. É uma fraternidade. E mesmo tendo começado na base da hierarquia, ele é atraído para os braços musculosos dos rapazes da cidade que encerram o expediente assim que o pregão fecha e vão para os bares de vinho para se embebedar com champanhe. Seus dias são uma longa festa de trabalho e bebida, e Gordon adora isso. É como se estivesse afundando o rosto entre os seios de uma mulher voluptuosa e ficando lá, deixando que sua carne macia e quente o envolva. Ele não imaginava que o mundo bancário seria assim, mas de alguma forma é. É excessivo, selvagem, babilônico.



TERÇA-FEIRA É DIA DE desinfetar as xícaras de café com suco de limão, aspirar as cortinas, varrer a entrada, limpar os armários da cozinha e passar um cotonete na borda de cada porta para aparar qualquer migalha que possa ter caído ali. É dia de lavar a roupa de cama, tirar o pó das plantas e fazer lasanha. É dia de olhar para o calendário vazio pendurado na parede da cozinha e relembrar todas as terças-feiras idênticas que já passaram e todas as que virão. Como um daqueles espelhos que revelam a mesma coisa repetidamente, só que cada vez menor. Porque Cora encolhe a cada semana que passa, a cada semana. que se interpõe entre ela e qualquer vida que ela já teve como mãe, dançarina, estudante, filha de alguém, com o coração batendo forte no peito enquanto aprendia a andar de bicicleta ou sentia a felicidade de morder um flapjack quentinho, saído do forno, antes que a calda tivesse a chance de endurecer.

Cora sempre dissera a si mesma que, assim que os filhos saíssem de casa, ela também iria. Mas ainda assim parecia arriscado, considerando que Gordon precisava de um lugar para voltar entre os semestres da universidade. Ela poderia nunca tê-lo visto se estivesse a quilômetros de distância, em alguma cidade da qual ele nunca tivesse ouvido falar. Mas agora ele realmente se foi, e seu quarto é um santuário para uma época que ela não tem certeza se poderia chamar de feliz ou digna de ser preservada. No entanto, como ela poderia saber o que constitui uma infância feliz? Toda família tem seus altos e baixos.

Ela tem cinquenta e quatro anos e sente que o mundo inteiro está seguindo em frente sem ela. Recebeu uma vida, mas de alguma forma não conseguiu vivê-la. Não trabalha fora de casa desde os vinte e três anos. Não tem amigos em quem confiar, quase nenhum relacionamento com a própria mãe. Sua filha raramente pede para falar com ela quando liga e, se pede, é algo que acaba no final da ligação. *Preciso ir. Tenho que correr. Não posso parar. Nossa, já é essa hora?* Ela sabe que o contato entre elas terminará antes mesmo de Maia terminar de

falar. E Cora não se agarra a ela nem tenta convencê-la. Apenas diz à menina que a ama, para se cuidar, para se lembrar de se divertir. Porque está feliz por ter saído dessa situação e ter sua própria vida em Londres. Ela não tem o direito de se sentir abandonada. Nunca foi problema de Maia resolver isso. Mas, de alguma forma, tudo isso fez com que seu marido se tornasse sua única constante, a única pessoa que a faz sentir que existe.

Ela nem sequer tem mais a televisão como companhia — o controle remoto vai e volta do trabalho com o marido. pasta. O telefone fixo no corredor foi substituído pelo celular dele, mas às vezes Cora ainda pega o fone e escuta o vazio absoluto do auricular. Desconectado, ele sequer oferece o eco de uma concha, uma possibilidade. É simplesmente um pedaço de plástico encostado em sua orelha. Um dia, ela lava um pote de iogurte e o encosta na lateral da cabeça, deixando-se levar pela sensação de outro mundo que ouve ali. Ela se lembra de quando fez um furo no fundo e o conectou a outro com um barbante. E ela e Maia se sentavam, uma na cozinha, a outra na sala, deixando as vibrações viajarem entre elas.

Em alguns dias, ela se deita de costas nos retângulos distorcidos de luz solar que incidem sobre o tapete da sala, vindos das portas do pátio, apenas por aquele instante em que a luz muda de direção ou escurece. Sua planta favorita é a calathea que Maia lhe enviou no Dia das Mães. Não apenas por ser um presente dela, mas porque suas grandes folhas se fecham formando uma coluna vertical à noite e, durante o dia, se abrem lentamente como palmeiras. Ela adora os pequenos sons que a planta emite quando suas folhas se desdobram e roçam na parede.

Mas há dias, como hoje, em que ela se sente furiosa com essas coisas, que não bastam e apenas acentuam sua solidão. Então, ela quer pegar as folhas com o punho e arrancá-las dos caules, atirar a planta do outro lado do cômodo, cobrir o chão imaculado com terra e esfregá-la no tapete com os pés descalços.

Em vez disso, Cora leva uma bacia com água quente e sabão para fora, deixa a porta da frente aberta e umedece um pano para limpar a pintura branca das falsas colunas do pórtico. A água esfria rapidamente e suas mãos ficam rígidas e frias enquanto ela enxágua o pano cada vez que ele fica manchado de sujeira.

“Desculpe, estou um pouco atrasado esta manhã”, diz o carteiro, fazendo-a sobressaltar-se. Quando ela se vira, ele está estendendo a correspondência para ela pegar, com a mochila a tiracolo como um adolescente. Ela olha para ele, e ele aproxima a correspondência um pouco mais, como se quisesse deixar claro que não tem o dia todo. Ela aceita sem pensar, surpresa por ele não perceber que aquilo é ilegal. Porque ultimamente a correspondência tem sido entregue diretamente na caixa recém-instalada na parede externa, acima do canteiro de flores, para a qual só Gordon tem a chave.

"Obrigada", diz ela finalmente. O carteiro volta a subir a entrada de carros e ela observa enquanto ele percorre as casas vizinhas.

Lá dentro, ela está sentada no sofá, com a correspondência no colo. Ela sabe que Gordon está em uma reunião com um representante de uma empresa

farmacêutica até o meio-dia. Às vezes, ele menciona esses detalhes para pegá-la de surpresa, aparecendo exatamente na hora em que disse que estaria em um compromisso. Mas esta manhã, o celular dele tocou e ela ouviu a voz do homem do outro lado da linha enquanto combinavam de adiar a reunião por meia hora. E assim, ela permanece sentada, sentindo o peso das cartas. É improvável que haja algo de seu interesse, mas ela quer o que elas representam: possibilidade, uma conexão com o mundo exterior. Ela baixa o olhar e examina cada carta, uma a uma. Estuda o carimbo postal, a letra miúda do remetente no verso. Lloyds Bank, BX1 1LT. Onde fica BX? Buxton, Brixton? Ela não se lembra de bairros londrinos terem CEPs tão específicos. Em seguida, um envelope A4. Ela sente a espessura, traça o contorno do conteúdo e conclui que se trata de uma revista médica.

O terceiro envelope é endereçado a ela — Sra. Cora Atkin — impresso em elegantes letras pretas. Que engraçado, pensa ela, que as pessoas, Empresas ainda lhe escrevem, acreditando que ela é uma mulher que receberá sua própria correspondência, a abrirá, analisará o conteúdo e tomará as devidas providências. Ela se levanta, sai e coloca as duas primeiras cartas na caixa de correio trancada. Em seguida, retorna com a terceira, que parece vibrar em seu colo. Ela sente que, se a encarasse por tempo suficiente, o texto dentro poderia se tornar visível através do branco do envelope. Mas, como isso não acontece, ela a leva para a cozinha, ferve a água na chaleira e a segura sobre o bico fumegante, sentindo o calor picar seus dedos. A cola não se solta tão facilmente quanto ela esperava, exigindo o auxílio da lâmina de uma faca de manteiga. Mas, finalmente, ela consegue. Ela olha para o relógio: 11h35. Com a cirurgia da manhã ainda em andamento, ela tem certeza de que Gordon não aparecerá em casa antes da reunião, então retira o papel dobrado.

Prezada Sra. Atkin,

Em relação ao espólio da Sra. Sílbhe Murphy, confirme o recebimento dos fundos referentes à venda do imóvel da falecida e de qualquer saldo remanescente após o pagamento de taxas e dívidas pendentes.

Sinceramente seu,
David Causley, Advogado

Cora lê as palavras. Uma, duas, três vezes. E depois uma quarta. E uma quinta. Incapaz de compreender o que vê. Sua mãe. Uma herança. Falecida. Ela sente uma pulsação forte nos ouvidos. Não precisa de potes de iogurte nem de pedaços de barbante, nem do roçar de folhas de plantas no gesso. Ela consegue ouvir a pulsação do próprio sangue, do próprio ser. E está repleta de fúria.

Ela vai até o corredor, pega um casaco do cabide e o veste rapidamente,

enfiando a carta no bolso. Ela não tem a chave, mas fecha a porta atrás de si, sem se importar com o que Gordon vai pensar ou como ela vai voltar depois, caso mude de ideia.

Já se passaram mais de duas décadas desde que suas filhas faziam aulas de natação juntas. Mas não há mais ninguém a quem recorrer. Ela é a única pessoa que já colocou a mão no braço de Cora e disse que estaria lá se ela precisasse. Rua Charles. Ela não consegue se lembrar do número da casa, apenas de uma porta da frente azul e um vitral representando um farol. Ela sente como se estivesse voando até lá, embora leve uns bons vinte minutos até chegar à rua. Ela observa as casas, tentando ver qual delas se encaixa em sua memória. E então lá está ele, o farol. A porta agora pintada de um amarelo-manteiga claro. Ela bate e uma mulher mais jovem, por volta dos trinta anos, da idade de Maia, abre a porta. "Fern?", diz Cora.

A mulher balança a cabeça negativamente e, atrás dela, a voz de uma criança pequena chama: "Mamãe, eu não consigo alcançar". Ela começa a fechar a porta.

“Espere. Mehri e Fern. Elas moravam aqui. Você sabe para onde elas foram?”

“Ah, Mehri”, diz a mulher, com reconhecimento no rosto. “Sim. Não me lembro, só que eles estavam hospedados por perto.”

Você poderia anotar? O novo endereço deles?

A criança chama novamente e a mulher diz: "Desculpe, já faz cinco anos que estamos aqui. Mal me lembro que dia é hoje, quanto mais o endereço de alguém de tanto tempo atrás."

Cora observa a mulher atentamente agora. Ela tem aquele ar de exaustão que parece dominar algumas mães, como se seus filhos continuassem a sugar vitaminas e minerais delas muito tempo depois de pararem de amamentar, deixando uma tez pálida como arroz doce e bochechas desejando rosa mosqueta.

"Desculpe incomodar", diz Cora. E ela realmente se desculpa, mas enquanto se afasta, sente vontade de chorar, porque não tem ideia do que fazer em seguida.

Então ela caminha. Não sabe para onde vai, apenas que precisa se mover, colocando um pé na frente do outro para impedir que seus pensamentos a dominem. O rosto da mãe surge em sua mente — suas mãos, seu perfil. Mas ela não pode se permitir pensar nisso e, cada vez que uma imagem de Sílbhe aparece, Cora pisca, apertando as pálpebras com força como as mandíbulas de um caminhão de lixo, comprimindo, esmagando, até que a imagem desapareça. Em vez disso, pensa em Gordon. No que fazer a seguir. Ela não tem a chave para entrar em casa. E percebe que deixou o envelope descartado no sofá. Se tivesse deixado *toda* a correspondência do lado de fora, poderia simplesmente dizer que o carteiro a entregou a ela e que viu algo endereçado a ela. Ele não gostaria, mas talvez passasse batido. Mas o fato de metade da correspondência ter ido parar na caixa de correio e um envelope ter sido aberto sugere que ela estava tentando enganá-lo. "Droga", ela murmura enquanto caminha por uma rua que nunca viu antes. "Droga, droga, droga."

É isso, e não o fato de ele ter omitido o falecimento da própria mãe dela, que a faz sentir que não pode voltar para casa. Mas ela não tem para onde ir. Ela não

sabe o número de telefone de Maia. Ela não tem dinheiro. A polícia nem sequer é considerada uma opção depois da visita que fizeram anos atrás. Ela não pode ir à biblioteca onde Gordon está. Costumam pegar livros emprestados e, às vezes, devolvem-nos juntos aos sábados de manhã.

Então, ela vai ao único lugar que consegue imaginar onde eles não têm nenhuma ligação, onde espera que Gordon seja desconhecido. Onde talvez haja algum código de ética em relação à confidencialidade. Onde talvez haja pessoas que se importem.

Dentro da clínica veterinária, ela diz à recepcionista que seu cachorro não está bem, que os olhos dele estão revirando, e pergunta se poderia falar com um veterinário por um instante.

"Mas você não está cadastrado conosco?"

"Acabei de me mudar para cá", diz ela baixinho, embora não reconheça as pessoas sentadas nas cadeiras de plástico cinza da sala de espera. Ela examina os rostos, observa a porta e o estacionamento além dela.

O veterinário de cabelos cacheados a chama entre um paciente e outro, com o cotovelo apoiado na borda da mesa da recepcionista, o pomo de Adão subindo e descendo enquanto engole em seco.

"Poderíamos, hum… poderíamos ir—" e Cora acena com a cabeça na direção da sala de consultas de onde ele acabou de sair.

"Ah, sim, claro", diz ele, perplexo. "Não vamos fazê-la esperar muito", diz ele à senhora idosa sentada com uma cesta de gato aos seus pés.

Eles estão de pé, um de cada lado de uma mesa de metal com tampo de borracha, onde normalmente um animal seria retirado de sua caixa de transporte para receber tratamento. O que ela precisa dizer parece dramático, como algo sensacionalista de um filme ou livro. Mas ela está ali agora e não tem outra escolha.

"Preciso de ajuda", diz ela, sentindo o lábio inferior começar a repuxar. Ele pega uma caixa de lenços de papel no parapeito da janela, experiente em lidar com situações assim. As emoções de seus clientes. Ela pega o lenço, mas não o usa. Se parar, não conseguirá continuar. "Não tenho dinheiro, não tenho telefone, não tenho amigos. E meu marido é…" — há a sensação de estar dirigindo sobre uma ponte arqueada, sem estrada do outro lado para ampará-la — "ele não é gentil". Ela percebe que o veterinário não entende e tenta novamente. "Quer dizer, acho que ele é um homem abusivo. Comigo."

"Só um momento", diz ele. E abre a porta alguns centímetros e diz à recepcionista: "Se você pudesse encaixar meus pacientes com a Carolyn, por favor. Estarei indisponível por um tempo."

Ela não sente o tempo passar, mas quando olha para o relógio, vê as horas e as coisas que Gordon pode estar fazendo a poucos quilômetros de distância. Ligando para casa depois da consulta com o representante. Cirurgia à tarde. Uma pausa de quinze minutos às 15h. O veterinário sai da sala rapidamente para fazer ligações e volta para atualizá-la. Ele lhe traz um cobertor. Ele se desculpa — é um que eles usam para os animais — mas garante que está limpo. Ela não tinha

percebido que estava com frio, mas quando ele a envolve com o tecido, o peso e o calor parecem algo que ela estava desejando. "Todos nós sentimos mais frio quando estamos em choque", ele lhe diz.

Ela está em choque?, ela se pergunta. Sim, talvez esteja.

“Você se identifica mais com gatos ou com cachorros?”, pergunta o veterinário, enquanto aguardam o retorno de uma organização que ele espera que possa ajudar. E ela percebe que não sabe. Que não tem ideia de seus gostos e desgostos, de quem a pessoa dentro do seu próprio corpo possa ser. Ela mal se considera uma pessoa.

“Minha mãe tinha um gato”, diz ela, sentindo os olhos começarem a lacrimejar.

A recepcionista toca a campainha e ele sai da sala para atender uma ligação. Quando retorna, está segurando um pequeno gato cinza. "Este é o Smokey." Ele diz: “Ela está conosco há alguns dias, mas já está pronta para voltar para casa assim que o dono terminar o trabalho hoje à noite.” Ele coloca a gata no colo de Cora e, quase que por reflexo, ela começa a ronronar. Ela leva a mão até a pelagem espessa do animal e é como afundar os dedos em veludo.

São quase 17h quando uma mulher entra na sala, com a veterinária atrás dela. A princípio, Cora pensa que é a dona de Smokey, vindo buscá-la, mas então ela se apresenta. “Olá, Cora, eu sou Della. Sou do Abrigo para Mulheres Bowen House. Você está segura agora.” E Cora se deixa levar pelo alívio, porque acredita nela, porque ela parece ao mesmo tempo doce e forte, como se botas com biqueira de aço e destemor pairassem sobre sua acolhida. É isso que lhe dá a coragem de atravessar a sala de espera vazia e ir até o carro de Della.

Só quando se afastam e ela vê o rosto do veterinário desaparecer de vista é que percebe que não o agradeceu, não sabe o seu nome, não se lembra de quando o gato foi retirado do seu colo. Olha para baixo e vê que as suas roupas estão cobertas de pelos do animal. Toca-os com a mão e lembra-se da saia da escola, também com pelos exatamente da mesma forma. Quantos anos teria ela? Quatorze, o último ano em que usou uniforme, antes de vir para Londres estudar balé.



MAIA ESTÁ NO final de um turno que consumiu grande parte da sua noite, obrigando-a a mandar mensagens para os amigos primeiro para avisar que chegaria atrasada e depois que não iria de jeito nenhum. Ela está sentada no banco no centro da sala, com o armário aberto, tentando reunir energia para trocar de roupa, quando seu telefone toca.

O número é mantido em sigilo, e ela quase não atende, até que ela Ela se lembra do encanador que disse que ligaria para ela ou para Kate para marcar um horário para consertar o chuveiro que vaza água no teto do corredor, e a mancha aumenta de tamanho a cada manhã.

Mas quando ela toca no botão verde para atender a chamada, é a voz de sua mãe que ela ouve. "Maia?"

“Mãe?”

Os pais dela não têm mais telefone fixo e, ultimamente, quando Maia liga para o celular do pai, o tom de discagem pesado soa em seus ouvidos e, de alguma forma, ela não consegue se obrigar a dar o passo necessário para pedir para falar com a mãe. É com ele que ela tem falado mais recentemente. Ela ligou durante o expediente para pedir conselhos sobre como lidar com um dos consultores, e ele ficou tão contente em falar com ela, tão generoso em compartilhar seu conhecimento, que ela quase se esqueceu do monstro que ele era quando ela morava com eles. Ela não se lembra da última vez que falou com a mãe. Mas agora, ela está do outro lado da linha — sem ser convidada, inesperadamente — e sua voz soa trêmula e diferente da sua. “Você está bem, mãe? O número do papai não apareceu — eu não sabia que era você.”

“Sim, estou bem. Posso... posso te passar o telefone para... para a Della? Seria mais fácil”, diz a mãe, a voz embargando na última palavra como se cada sílaba fosse uma montanha a escalar e contornar.

“Sim, mas quem é Della?”

Maia ouve o som abafado do telefone sendo entregue e então a voz de uma mulher. Firme, confiável, mas sem qualquer traço de suavidade. "Maia, aqui é Della. Estou ligando de um abrigo para mulheres. Você está em algum lugar onde possamos conversar?"

Maia se endireita. "Acho que sim", diz ela, olhando para o vestiário vazio.

“Pelo que sua mãe lhe contou, você sabe dos abusos que ela vem sofrendo em casa.” Maia engole em seco — é como engolir uma pedra. Porque, sim, em algum nível, ela sabe; não acredita que os abusos tenham parado no momento em que ela saiu de casa. “Fomos chamados hoje porque a situação se agravou. Sua mãe está fora de perigo imediato, mas tenho notícias difíceis para compartilhar.”

Maia engole em seco novamente, desconfortável, e protege os olhos com a mão, embora o quarto escuro esteja mergulhado em penumbra.

“Acreditamos que sua avó faleceu há alguns meses, e—”

“Não, isso não está certo.” Alívio. Vindicação. “Falei com ela semana passada—”

“Desculpe, Maia, eu quis dizer do lado da sua mãe. Sua avó Sílbhe”, diz Della. O coração de Maia dispara com o nome inesperado. Ela vê a chama nele — í — e então, enquanto processa as palavras de Della, sente-a vacilar, como se uma rajada de vento tivesse surgido. Há uma longa pausa. Um silêncio em que Maia quase se esquece de que a mulher está do outro lado da linha. “Você ainda está aí, Maia?”

"Sim."

"Sei que não estou te dando muito tempo para assimilar tudo isso, mas estou prestes a ir para casa e não quero te deixar no escuro caso seu pai entre em contato."

“Meu pai?”

“Sim. Receio que ele tenha escondido essa notícia da sua mãe e acreditamos que tenha desviado parte da herança para evitar que ela se tornasse financeiramente independente.”

“Você falou com ele? Você realmente sabe disso?” Maia pergunta, consciente, mesmo enquanto as palavras saem de sua boca, de que está tomando o partido dele. E de que essa mulher, Della, a julgará por isso.

“Maia, vou deixar você assimilar tudo isso durante a noite. Imagino que você terá algumas perguntas amanhã, então, se quiser, posso ligar para você em algum momento do dia.”

“Ah. Sim. Obrigada.” Ela pensa na sua agenda de amanhã, surpresa ao perceber que ainda tem uma vida e compromissos além dessa ligação. “Meio-dia? Isso me daria tempo antes do meu próximo plantão. Sou médica”, acrescenta, sem ter certeza do que essa mulher já sabe sobre ela.

“Posso tentar, mas meus dias são imprevisíveis. Então, se eu não ligar nesse horário, entrarei em contato assim que tiver oportunidade.”

"Você tem um número para eu ligar de volta? Se eu sentir sua falta?", pergunta Maia, afastando o telefone da bochecha antes de perceber novamente que o número é privado.

“Acho melhor eu te ligar agora.” E Maia entende a mensagem implícita. Que Della não tem certeza se está do lado dela.

Quando a ligação termina, Maia se senta nos escombros de sua realidade desmoronando. Ela sente o peso de não ter atendido às expectativas da mulher. Ou talvez, pior, de ter confirmado suas próprias expectativas. E enquanto assimila as notícias sobre Sílbhe, seu pai, sua mãe, ela também se dá conta de seu próprio papel em tudo isso. Ela, Maia, é uma pessoa que ajuda. Ela é incansável no cuidado que oferece aos seus pacientes. Admirada pelos colegas por sempre reservar um tempo para enxergar o quadro geral. Respeitada pela maneira como conecta os pontos para tratar a pessoa como um todo, e não apenas o sintoma apresentado. E, no entanto, em sua própria vida, ela fingiu que o que sabia não era real, porque parecia grande demais e difícil demais para lidar. Aos dezoito anos. E em todos os anos que se seguiram.

A porta se abre e, quando Maia levanta os olhos, vê o rosto de Kate, com seus grossos cabelos ruivos ainda presos, como se tivessem passado o dia todo com o cabelo enrolado. "Você está bem?", pergunta Kate, com uma expressão que deixa claro que ela já percebeu que Maia não está.

E é então que Maia recebe outro choque. Um choque que a percorre por completo, infectando cada célula com vergonha, mesmo enquanto Kate, sem saber, a abraça e lhe dá um beijo estaladiço na bochecha. Porque diante dela se revela que ela não apenas escondeu seu relacionamento com Kate de sua família, como também escondeu de Kate a verdade sobre sua família. Ela apagou todas as partes desagradáveis de si mesma, deixando uma versão que está longe da verdade.

Sete anos depois

2015



Urso



EU É novembro. Bear e Lily deveriam ir assistir a uma banda que ele queria ver. Ela ouviu algumas músicas deles no iPhone e achou o som mais acessível do que imaginava pelo nome. Uma espécie de pop-metal. Mas quando Bear não terminou seu trabalho de consultoria sobre alguns artefatos no

Egito, ele mandou uma mensagem se desculpando, dizendo que não poderia ir e que remarcou o voo para visitá-la em Paris. Durante uma tarde, Lily organiza os livros da biblioteca com uma brusquidão incomum, fervendo de raiva pela mudança de planos de última hora, pelo fim de semana vazio que a aguardava, pelo dinheiro desperdiçado. E o fato de que nem era uma banda que ela queria ver! Mas quando seus pensamentos e um carrinho de devoluções são reorganizados, ela encara o teto de vidro da Biblioteca Nacional da França e se permite — sua decepção — ser insignificante diante dele. Ela fecha os olhos, respira, tenta encontrar algo parecido com serenidade.

Ela combina de deixar os ingressos na recepção para um colega. irmão mais novo, mas ele a procura pessoalmente. E ele está tão encantado, tão sem fôlego em seus agradecimentos sussurrados — um skate debaixo do braço, as bochechas vermelhas pelo frio — que ela se sente quase satisfeita por ela e Bear não terem podido ir.

À noite, uma amiga manda uma mensagem perguntando se ela já jantou. São quase 21h e, embora esteja absorta em um trabalho de tradução, seu estômago ronca. Assim que o laptop desliga, ela passa batom, borrifa perfume na garganta, encosta os pulsos nele por um instante, veste seu longo casaco de inverno, apaga as luzes e deixa a porta se fechar atrás de si, colocando um cachecol no pescoço enquanto desce as escadas correndo. Uma gata tricolor mia no hall de entrada pedindo para sair, e elas saem juntas para a rua, seguindo em direções opostas. “Até breve, minou.”

Bear está deitado no sofá de um apartamento perto do Nilo, relendo um livro de bolso abandonado que encontrou quando chegou. Ele não está realmente interessado. Só precisa das palavras à sua frente, algo para distrair a mente do tédio da noite. Os últimos dias em um emprego atrasado sempre parecem os mais longos. Ele está ansioso para visitar a livraria inglesa na rue de Rivoli com Lily e fazer suas próprias escolhas. Bear suspira, e Cameron, que também partirá em alguns dias, sugere uma partida de rummy de sete cartas, já pegando o baralho.

Às 21h25, enquanto Lily caminhava pela rua Faidherbe, mandou uma mensagem para Bear: “Encontrando V para jantar, sem seu lindo equipamento. Queria que você estivesse aqui. Beijos.” É o nome que dão ao La Belle Équipe, um restaurante onde já comeram algumas vezes; Bear adora fazer traduções ruins.

Cameron se mexe desconfortavelmente. Debaixo do romance que ele havia descartado, a tela de Bear se ilumina.

Lily guarda o celular de volta no bolso do casaco e repousa a mão sobre ele, sem querer perder a vibração de uma resposta.

Urso olha para suas cartas. Três ases e uma sequência de quatro cartas. Qual a probabilidade disso?

Lily vira na rua de Charonne. Uma brisa açoita seu cachecol, e ela pega a ponta que se soltou e a joga de volta por cima do ombro.

Bear dá um gole em sua cerveja e mostra a mão.

Lily está quase chegando ao restaurante. Veronique está sentada a uma mesa sob o toldo, o rosto iluminado por luzes de fada e pelo brilho de um aquecedor externo.

"Que sortudo", diz Cameron, recolhendo as cartas.

Um SEAT Leon preto vira na rue de Charonne.

Cameron se mexe despreocupadamente. Debaixo do livro, o celular de Bear acende silenciosamente de novo.

Lily dá um beijo de cumprimento em Veronique, reconhecendo o aroma familiar do perfume da amiga. As portas do carro se abrem.

Cameron distribui as cartas novamente.

Um homem grita. Suas palavras são em outra língua, mas é uma frase que qualquer um reconheceria, embora seu significado tenha sido distorcido pelo uso indevido ao longo dos anos. Os olhos de Veronique se arregalam por cima do ombro de Lily.

É tarde demais para mudar alguma coisa.



QUANDO BEAR VOLTA para seu livro e olha para o celular embaixo, vê tanto a mensagem de Lily quanto o boletim de notícias da BBC na tela de bloqueio, um acima do outro, como se sempre tivessem sido planejados para estarem ligados.

Encontro com V para jantar, sem seus lindos equipamentos. Queria que você estivesse aqui. Lx.

Últimas notícias
Múltiplos ataques em Paris.
Pelo menos 18 pessoas morreram.



OS DOIS dias seguintes são um vazio de mensagens não respondidas e uma avalanche de ruídos. A agitação do Cairo dá lugar a um saguão de embarque branco e impecável, um borrão de pessoas, a atualização incessante das notícias no celular de Bear, procurando o rosto dela ao fundo nas mesmas fotos, o tecido do seu casaco, enquanto o número oficial de mortos aumenta. Uma noite em claro. Uma longa espera por um voo, com mensagens chegando em um fluxo de notificações que nunca são as esperadas. Depois, o zumbido constante do avião o atravessando. A espera ansiosa no controle de passaportes. O tumulto de Paris, que coloca obstáculos no caminho do seu táxi enquanto ele dá uma volta pela

cidade. Ele registra seu nome e os dados de Lily com os recepcionistas do hospital, que já lidaram com tantas pessoas desesperadas que a compaixão se tornou rotina.

E então, enquanto estão presos no trânsito, chega uma mensagem dos pais de Lily. Frases curtas e concisas, como um telegrama, com poucas palavras.

Ela foi encontrada.
Na UTI do Hospital Salpêtrière.
Vivo.
Ela foi baleada.

Bear redireciona o táxi e depois senta-se no banco de trás, soluçando, finalmente alheio ao resto do mundo. Ela está viva. O fato de estar ferida mal lhe ocorre. Ele enxuga o rosto na manga do casaco, sob o olhar atento do motorista pelo retrovisor.



NOS DIAS que se seguem, os pais de Lily orquestram tudo do lado de sua cama, insistindo que tudo será mais fácil quando ela voltar para a Inglaterra com médicos que falam *o idioma* , embora Lily seja fluente. "O que ele está dizendo?", pergunta a mãe, antes mesmo do cirurgião terminar de falar. Em conversas que só Lily consegue traduzir, eles discutem se a reconstrução inicial do quadril foi bem-sucedida, a possibilidade de danos à cartilagem, aos nervos. Uma possível prótese de quadril. Enquanto isso, seus pais repetem em sussurros angustiados: "Graças a Deus não foi a coluna", e falam sobre ela voltar a morar com eles, como se fosse algo inevitável. Eles não consultam Bear. Mas Lily também não. Ele fica surpreso, mas não consegue demonstrar. Em vez disso, quando têm um breve momento a sós, ele diz: "Diga-me o que posso fazer por você. Como posso ajudar."

Ele quer que ela diga: " *Fique aqui. Fique ao meu lado.* " Mas ela diz: "Arrumar minhas coisas?", e novamente ele é tomado pela estranha sensação de que as coisas não são como ele esperava.

Ele recolhe caixas vazias no supermercado perto de Lily e volta para o apartamento dela. Começa por empacotar os livros. Depois, os dela. O laptop dela, os papéis. As gavetas da escrivaninha. Aqui ele diminui o passo, manuseando os pertences dela com reverência. Há algo na forma de cada item que lhe diz que foi escolhido com o mesmo cuidado que o grampeador que ela selecionou semanas antes, quando ele estava ao lado dela em uma loja no Marais. Mas há também uma frugalidade. Ela não tem nem precisa de muita coisa.

Ele tira os suéteres dela das gavetas e os transfere para uma mala vazia,

reparando naqueles que não têm gola, como se Lily tivesse achado a etiqueta áspera e a tivesse arrancado. No guarda-roupa, onde cardigãs e blusas estão pendurados, alguns tecidos dizem a Bear: *este café, aquele dia* , enquanto outros pertencem a uma vida que ele não reconhece. Ele dobra as peças com cuidado, inalando o cheiro dela, que parece impregnado nas fibras. *Lily.* Quando passa para a impessoalidade das calças jeans e de alfaiataria, ele se pergunta como é que estas não carregam as mesmas histórias. Por que será que apenas a parte de cima da roupa de uma pessoa fala?

No chão do guarda-roupa, há duas caixas grandes e baixas. Ele levanta a tampa da primeira e tem a sensação desconfortável de ver seu próprio reflexo na vitrine de uma loja quando menos espera. A caixa está cheia de envelopes endereçados com sua própria caligrafia, com os selos que comprou em cada novo país. Ele viajou com menos bagagem do que Lily e percebe que não tem a sua parte na troca de correspondências. Não se lembra de ter jogado as cartas dela fora. Mas talvez as tenha deixado na gaveta de uma escrivaninha improvisada ou as tenha abandonado em meio a uma pilha de papéis. Ele fica atônito com a própria certeza de que sempre haveria mais palavras dela, de que poderia tratá-las com tanta indiferença. Como se fossem inesgotáveis. Ele esteve tão perto de ficar sem nada; de ter apenas seus próprios pensamentos para reler.

Ele abre a outra caixa, com a palavra *"Nós"* na tampa. "Eles". Ele e Lily. É mais bagunçada, como a camada de terra pedregosa, rica em artefatos do cotidiano, coisas que contam uma história. Algumas são fáceis de entender. Ingressos de museu. Cartões de embarque. Uma pulseira de festival. Mas há outras que o deixam intrigado: um pequeno saco de papel listrado em cinza e branco com uma pena dentro. Ele o segura, repassa mentalmente os detalhes, tentando encontrar alguma conexão, mas nada lhe vem à mente. Ele examina os itens e os cataloga mentalmente.

Seixo de granito em forma de coração com veio de calcita branca. Origem desconhecida. Pergunte à Lily.

Guardanapo creme dobrado, com uma marca de café. Logotipo: Irini's Café. Uma busca no Google revela que o café fica em Santorini, onde eles passaram uma semana juntos em setembro de 2010 — Lily estava catalogando uma coleção de livros para o leilão de bens de um italiano; e Bear estava desempregado, depois de terminar o que ele passou a chamar de "a escavação de baratas voadoras". Ele se lembra de comer baklava e tomar café da manhã no mesmo lugar todos os dias.

Uma asa de borboleta azul-acinzentada. Parcialmente desintegrada. Preservada dentro de um lenço de papel não utilizado. Azul-de-giz? Talvez ele a tenha encontrado em Totternhoe Knolls e a tenha dado a Lily quando voltou. Isso teria sido no final de 2003, quando eles tinham dezesseis anos.

Ele vasculha a caixa, tentando preencher as lacunas em seu conhecimento. Estuda cada item em busca de pistas, sua memória sendo despertada por um logotipo ou um código de área, e encontrando lapsos de memória em outros. Já passa das duas da manhã quando ele cuidadosamente reempacota a caixa. Sente

como se tivesse viajado no tempo através dos anos que passaram juntos. E dos anos que passaram separados. Ele se deita na cama de Lily e se vira de lado, de frente para a parede. Sua mente se enche de imagens fragmentadas de homens sem rosto entrando em um carro. Andando pela cidade enquanto Lily se vestia, enquanto caminhava em direção a eles. Enquanto ele jogava cartas. Sua cabeça gira com arrependimentos, analisando como seus destinos mudaram sem que percebessem, como se estivessem em placas tectônicas. Não uma, mas duas vezes. Primeiro, evitando o show que fora alvo dos ataques — cambaleando, prestes a cruzar uma falha geológica para outro plano, até que a pressão, a liberação. Eles continuaram. Só para Lily encontrar outra falha.

Ele se pergunta onde eles estariam agora, se ele tivesse chegado na hora certa? Ter ido ao show teria sido melhor ou pior? O irmão mais novo da colega dela saiu ileso, pelo menos fisicamente. Teria sido diferente se ele tivesse visto a mensagem da Lily antes, se ela tivesse parado na rua por um instante para ler a resposta dele? Quase certamente. Alguns segundos poderiam ter feito toda a diferença. Ele vê dedos enluvados no gatilho, o branco do osso, uma radiografia em uma tela retroiluminada, o rosto dela, a barreira formada pelos pais, cuja presença parece dizer a Bear: " *Você não foi suficiente"* . A expectativa deles de que ele não se supere.

Ele pensa nas caixas de lembranças de Lily e percebe que ali residem as verdadeiras riquezas. O que diabos ele esteve fazendo, pensa, vasculhando a terra em outro continente, procurando os fragmentos da vida de alguém de mil, ou dez mil, anos atrás? Procurando cacos de porcelana, lascas de barro, como se fossem preciosos. Como se tivessem mais importância do que os alicerces de sua própria vida com Lily, que ela cultivou durante todo esse tempo.

Na manhã seguinte, Bear senta-se na beira da cama e observa o pedaço do banheiro que se vê através da porta entreaberta. É o único cômodo que ele ainda não arrumou. Ele vê a toalha de banho dela dobrada no varão. Os frascos de perfume e loções dela, cuidadosamente dispostos nas prateleiras. E ele se dá conta, mais uma vez, dos espaços onde esteve ausente. Como seriam suas vidas, ele se pergunta, se seu creme de barbear e cortador de unhas não estivessem guardados em uma nécessaire, mas misturados às coisas dela?



De onde Lily está deitada, ela consegue ver a bolsa do cateter pendurada na lateral da cama, quase cheia. Ela está repleta de um líquido amarelo-palha que parece dissociado do seu próprio corpo. Ela observa os tubos finos que entram na bolsa de plástico e se pergunta o que acontecerá se ninguém vier esvaziá-la logo. Será que o líquido voltará para os seus rins? O alarme está fora do seu alcance. Ela pensa em bater na mesa de cabeceira ou gritar por alguém. Mas não quer ser *tão* paciente. Acordar a pessoa que ronca baixinho no quarto ao lado. Então ela espera, e enquanto a luz da aurora se espalha pelas paredes, seus

medos se intensificam. Ela não quer ficar sozinha. Ouvir as palavras do cirurgião ecoarem: " *Vous avez failli mourir sur la table"* (*Você quase morreu na mesa*). Ela só quer a mãe. E quer ir para casa.



BEAR E LILY sentam-se lado a lado num banco, com vista para o lago onde ele trabalhara como barqueiro entre os períodos letivos da universidade, e a cadeira de rodas dela está no caminho próximo.

Após a confusão de novembro passado, Lily percebeu em seus pais — em Bear — um desejo de seguir em frente, de se livrar do que aconteceu como um casaco de inverno que ficou pesado demais. Mas ela não tem certeza se está pronta, já que ainda luta para entender tudo. Ela consegue se locomover pela casa dos pais, mas a ferida dói e ela ainda sente um cansaço debilitante em todo o corpo se tenta andar por muito tempo.

“Li outro desses artigos ontem”, diz Lily. “Sobre como alguém é grato por estar vivo. Como essa pessoa nem se importa de ter perdido a perna.”

“Por que lê-los se eles te fazem sentir mal?”

“Porque espero que um deles se sinta como eu”, diz Lily, olhando para o outro lado do lago, onde uma mãe e seu filho alimentam os patos, com cisnes se aproximando e deslizando velozmente pela água. “Eu sempre achei que os humanos fossem essencialmente bons. Sabia que existiam os maus, mas de alguma forma eles não me pareciam tão reais. Até isso. Agora eu me sinto tão… tão *vitimada* . Que esse homem me viu sorrindo, me viu abraçando Veronique. Mas mesmo assim ele quis me matar.”

“Essas pessoas — os terroristas — nem sequer pensam dessa forma. Podia ter sido qualquer um. Sim, o que fazem é motivado pelo ódio, mas não é nada pessoal.”

“ *É* algo pessoal.”

"Eu sei que as consequências são pessoais. Mas o ato em si não foi. Pensar assim vai te corroer por dentro."

Ela se vira para ele. "Você precisa fazer isso?"

"O que?"

"Racionalize isso. Eu sei de tudo isso, mas não muda o que eu sinto."

Alguns cisnes estão agora na margem, abrindo as asas, fazendo com que a criança se encolha atrás do carrinho. A mãe joga pão na água para atraí-los para longe. Urso e Lílian observam o drama se desenrolar em silêncio, não perto o suficiente para ouvir o que é dito, apenas para testemunhar a ação: a mãe convencendo a criança a voltar para perto do carrinho. carrinho de bebê, e sua lenta retirada em direção à saída no lado oposto do parque.

“Desculpe. A Maia sempre diz que os homens também fazem isso. Mas eu entendo que seja irritante.”

“É algo *que você* faz; não me importo com o que os outros estão fazendo”,

diz Lily.

“Sim. Desculpe, é algo que *eu* faço.”

"Que saco", murmura Lily. E eles ficam ali, fervendo de irritação, até que finalmente ela pergunta: "Quando vocês voltam?"

"Para onde?"

Lily emite um pequeno som agudo e, embora não sejam parecidos, isso o faz lembrar da mãe dela. Bear imagina que os pais dela perderam a paciência com ele, que vêm dizendo a Lily que o relacionamento é impossível. Que ele não está comprometido. Ele espera que ela o defenda, mas teme que ela sinta o mesmo.

Ele pretendia esperar para mencionar isso, mas agora parece urgente. "Tenho uma entrevista em um museu."

"Qual delas?", pergunta Lily. "Penn? Peabody? Giza ainda está em construção, não é?"

“Não, quero dizer aqui. Na Inglaterra.”

“Ah.” Silêncio. E então: “Por quanto tempo?”

“É um cargo permanente.”

"Entendo." Lily observa a mãe empurrando o carrinho de bebê reaparecer, refazendo o caminho, patrulhando a faixa de terra da qual os cisnes as assustaram minutos antes. Ela está se abaixando agora, a criança se inclinando para fora das alças para inspecionar o que quer que a mulher tenha retirado do chão.

À medida que o silêncio se prolonga, Bear sabe que ela não acredita que ele possa... Aceitar algo permanente. Ela nem sequer pensa duas vezes. Em vez disso, observa um caminhão contornando lentamente o lago, parando ao lado de cada lixeira enquanto o guarda-parques a esvazia. Desde os ataques, Bear percebeu que ela está atenta a tudo ao seu redor, concentrando-se apenas parcialmente nele e em suas conversas.

“Sabe, quando eu era mais novo, a Bees fazia uma coisa. Ela me prendia numa armadilha debaixo das pernas dela — uma armadilha para ursos — e eu tinha que tentar me soltar. E quando eu conseguia, ela me ensinava a levantar as mãos, a dizer que eu era o Urso, que eu era livre e selvagem.” Ele levanta as palmas das mãos, os dedos se transformando em garras, desviando a atenção de Lily do caminhão por um instante. “Era só uma dessas bobagens, mas não sei, talvez eu sempre tenha acreditado nisso, que eu deveria estar lá fora, vivendo aventuras. Uma criatura selvagem.” Urso olha para Lily, mas de lado, é difícil decifrar sua expressão. “Mas desde Paris, fico pensando que talvez eu tenha entendido tudo errado. Que talvez a liberdade seja apenas escolher a vida que você quer. Mesmo que essa vida seja num só lugar, fazendo compras juntos. Discutindo sobre quem esqueceu de comprar papel higiênico.”

Lily acena levemente com a cabeça, e Bear não sabe como suas palavras foram recebidas. Mas então ela diz: "Bom trabalho, Atkin", exatamente como fazia quando tinham quatorze anos e sentavam um ao lado do outro na aula de matemática, embora seu tom agora tenha um tom mais áspero. "Mas talvez você pudesse perceber isso sem que eu precisasse quase morrer."

Ele estende a mão para ela e a aperta. "Pensei que nós dois fôssemos felizes. Que nós dois estivéssemos fazendo o que queríamos?" É uma pergunta, mas ele sabe que isso é apenas parcialmente verdade.

Ela ri então, uma risada fraca. "Acho que só posso admitir isso agora, quando não estou mais disposta a jogar, mas sinto que tenho sido..." Desde a adolescência, tenho me esforçado para me tornar a mulher que você amaria. Nunca pedindo demais, nunca te prendendo. Mostrando o quão independente e experiente eu podia ser. Sua igual." Ele tenta interrompê-la, mas ela levanta a mão. "Mas estou cansada disso. Estou tão cansada. E não sei se você fala sério; se realmente aceitaria um trabalho no Reino Unido, se seria capaz de ficar por aqui definitivamente. Então, serei honesta. Sim, quero que você tenha um emprego que te traga de volta para casa todas as noites. E isso pode ser uma surpresa, mas sim, também quero ter filhos. E não de uma forma vaga e distante, mas em breve. Nos próximos anos. E não, não quero criar um filho sozinha." E não, eu não quero ter que passar o resto da minha vida me desculpando por isso, ou me sentindo como um ogro que prendeu uma borboleta em uma rede, ou sendo julgado pela Maia por pedir ao seu precioso irmãozinho que coloque outra pessoa em primeiro lugar—"

Ela para abruptamente. Como se estivesse chocada com as próprias palavras — com a menção de Maia — quando, momentos antes, parecia que ela estava apenas começando.

Eles ficam sentados em silêncio. Por um minuto, depois dois. Até que, finalmente, Bear ri. É uma risada que faz o encosto do banco tremer. Lily olha para ele, incerta. E então ele diz: "Meu Deus, eu tenho sido insuportável, não tenho?"

Ele se levanta e se agacha no chão à sua frente, apoiando as palmas das mãos em suas coxas. Encosta a testa nos joelhos dela e, por um instante — para ele, para ela —, parece que, sem querer, assumiu uma postura semelhante à de uma oração. Arrependimento, pedido de perdão. Por um momento, ele fica sem palavras.

"Obrigado", ele diz, olhando para a saia dela. "Por esperar. Por me aturar." Ele levanta o olhar. "Você sabe o que eu amo em você?" "Lily? Amor mesmo?" Ela balança a cabeça. "Porque, sim, é verdade, eu adoro que você fale tantas línguas, que conheça bem as cidades europeias, que seja minha igual. Aliás, não só minha igual; você é melhor do que eu. Mas também adoro o jeito como você dorme enroscada como um rato-do-campo", diz ele, imitando a pose dela. "Adoro que, quando você me manda cartas, assina com seu nome e sobrenome, e eu nunca soube por que você faz isso, mas não perguntei, caso isso te faça parar. Adoro que você coloque limão em tudo o que cozinha. Adoro que, no inverno, você guarde aqueles aquecedores de mão estranhos na bolsa para dar aos moradores de rua. Adoro que eu consiga te reconhecer na multidão, não só pelo seu cabelo ou rosto, mas pelo seu jeito de se mover. Adoro que os gatos te sigam até em casa e que você ache que isso acontece com todo mundo — e acontece, mas não todo dia. Não toda vez que eles saem de casa." Ela está sorrindo, mas

ele ainda não terminou. “Eu adoro que, quando te apresento a alguém, você saiba exatamente o que dizer para fazê-la se sentir bem, mesmo que nunca tenham se visto antes. E, embora não seja bom para o meu ego, adoro que a pessoa saia gostando mais de você do que de mim. Adoro como suas roupas têm um caimento fluido — não sei explicar, mas o jeito que seus pulsos ficam onde encontram os punhos da camisa é sexy, e adoro seus tornozelos no verão, quando você usa jeans, e o osso comprido que percorre o peito do pé.” Ela está rindo agora. “Estou falando sério. Sei que não estou me expressando corretamente, mas acho que tem a ver com graça. Adoro o quão graciosa você é. E adoro quanta graça você me deu. Mas sinto muito que você tenha tido que fazer isso. E sinto muito por ter sido tão desajeitado . Por ter agido como uma espécie de Indiana Jones idiota todos esses anos.”

Lily se inclina para a frente e beija a testa de Bear. "Eu adoro saber disso." "Coisas." Ela respira fundo. "Mas não sei se é o suficiente. Preciso saber o que isso significa, se é que significa alguma coisa. Para nós. Para o nosso futuro. Se é que teremos um juntos."

Ele se levanta, massageia os joelhos por um instante para recuperar o fôlego e, em seguida, tira a carteira do bolso. Olha dentro dela, vasculhando o conteúdo até encontrar o que procura.

“Me matriculei numa academia”, diz ele, estendendo um cartão enquanto se senta ao lado dela. Lily pega o cartão e examina a pequena reprodução digital do rosto dele. Ele está sorrindo e vestindo uma das camisetas antigas e largas da Cora. “Você vê o que está escrito embaixo do meu nome?” Ela encara as palavras “ *Assinatura Anual* ” e depois olha para ele. “Fiz isso há alguns meses. Antes de me candidatar à vaga no museu. Porque eu já sabia, mesmo naquela época, que ia ficar.”

“Mas por que você não me disse? Por que não me contou que tinha se matriculado em uma academia por um ano inteiro?”

"Não sei. Porque sou esquisito. Porque precisava testar como era a sensação sem te enrolar? Porque as pessoas sempre se matriculam em academias e desistem depois de um mês? Mas estou te contando agora, porque não houve um único dia em que me senti preso a isso. Ao que isso representa."

Ela estende a mão por cima do banco e pega na dele. Por fim, diz: "Não consigo te imaginar numa academia. O que você faz lá?"

“Principalmente levantamento de peso. Os outros caras são todos fortes como geladeiras, mas são gente boa. Eles até se oferecem para me ajudar agora.”

“Continue”, diz Lily, deixando-o explicar essa nova terminologia.

“Basicamente, alguém fica ali pronto para intervir se você não conseguir — isso significa que você pode levantar mais peso sem o risco de se machucar. Mas também torna tudo mais social, porque obviamente vocês acabam conversando.”

Você já consegue notar alguma diferença?

Bear viu seu reflexo no espelho do vestiário e seus bíceps parecem mais definidos. Seu peito agora tem dois pequenos relevos, em vez da superfície plana de sempre. "Provavelmente não", diz Bear. "Ainda é cedo."

"Por que você está fazendo isso?" Lily se virou para olhá-lo, não prestando mais toda a sua atenção à van do guarda florestal ou ao menino que fazia embaixadinhas com uma bola de futebol perto do lago.

“Não tenho muita certeza.”

"É para você se defender de possíveis agressores?" Os olhos dela riem, embora não de forma maldosa, e ele sente como se um pequeno pedaço do muro que ela construiu ao seu redor estivesse desmoronando.

Ele pondera se há alguma verdade no que ela disse, se *é* por isso que ele está fazendo isso. Porque ele nunca foi de frequentar a academia. É algo estranhamente fora do comum. Quase constrangedor; ele nem contou para Maia. Bear caminha lentamente pelo banco em direção a Lily e a cutuca, dando-lhe um beijo de lado nos cabelos. "Aquilo que você mencionou antes. Nada disso me assusta, sabe? Acho que também quero essas coisas."

“Ah. Que bom”, diz Lily, inclinando-se para ele e aninhando a cabeça no calor com cheiro de biscoito entre o ombro e o queixo dele, enquanto contemplam o lago.



BEAR SEMPRE achou estranho quando as pessoas se estabelecem perto de onde cresceram, como se lhes faltasse imaginação para ir para outro lugar. Mas depois de sete anos no exterior, a ideia de estar perto... Bees e sua esposa, Charlotte, moram em Brighton, e Cora, Mehri e Roland vivem a apenas uma hora de distância... parece perfeito.

Lily está largada no sofá, empoeirada por ter desembalado caixas. "Olha só", diz Bear, contemplando a mistura de telhados iluminados em tons de vermelho e dourado pelo sol da tarde, que emolduram a vista para a orla marítima.

“Acho que vou gostar de ficar no alto desta colina”, diz Lily, aproximando-se para apoiar os cotovelos no parapeito da janela ao lado da dele. “Eles virão daquela direção.” Ela olha para o final da rua, pensando na estação de trem onde seus pais e Cora poderiam chegar, na casa de Charlotte e Bees.

“Como um castelo. Conseguiremos vê-los chegar.”

“Acho que não há nenhum inimigo”, diz Lily, rindo. “Gosto da sua irmã.” Foi uma tentativa desajeitada de tranquilizá-lo; ambos queriam se mudar para Brighton, mas, ainda assim, esta é a cidade natal de Maia. Ele percebe que Lily disse *“gostar”* . Não “amar”, no entanto. E também que ela percebeu o que ele estava tentando fazer. Ele se inclina mais para fora da janela, tentando ver a rua ao lado. “Você espera que eu fique te vigiando assim todas as noites quando você chegar do trabalho?”

“Quem dera”, diz ele, inclinando-se para trás e torcendo os lábios para lhe dar um beijo preguiçoso na bochecha, embora, na realidade, espere que Lily esteja com o nariz enfiado em um livro. Antes dos ataques, ela lia vorazmente, sua mente um vasto arquivo de autores e títulos, pronta para ser consultada durante

provas ou sempre que um amigo lhe pedisse uma recomendação. Mas agora ela tem mais dificuldade para se lembrar das coisas, reclamando que seu raciocínio parece fragmentado. Que às vezes, quando lhe pedem para procurar algo no sistema de computador da biblioteca, leva alguns segundos para que as palavras da pessoa que fez a pergunta cheguem à ponta dos seus dedos. Seus médicos dizem isso. É normal se sentir assim depois de um evento traumático, mas ela está atordoada. "Você precisa ir para a cama agora?", pergunta Bear, pensando que a mudança possa tê-la deixado exausta.

"Sim, Bear, preciso ir para a cama com você — desesperadamente — agora mesmo!", diz ela, revirando os olhos.

"Imaginei", ele sorri, feliz por ser mal interpretado.



BEAR ESTÁ no museu há seis meses. Ele não sabe por que alguma vez achou que esse tipo de trabalho seria restritivo; ele conversa com especialistas do mundo todo e viaja quando considera adquirir uma peça específica para a coleção permanente. Mas o que mais o surpreendeu foram as crianças. Assistir a uma oficina certa tarde foi como abrir a porta de uma sala secreta. Ele observou enquanto elas procuravam fragmentos de porcelana quebrada, colocados pelos funcionários em uma caixa de lama, e ouviu suas conversas peculiares: " *Essas coisas são tão antigas quanto um dinossauro"; "É, eles pisaram em todos os pratos e quebraram"*. Quando Bear percebeu uma criança relutante em participar, ele se ajoelhou ao lado dela e demonstrou como usar sua ferramenta para cavar a terra sem danificar os artefatos escondidos. Alguns minutos depois, quando ela e outra menina colocaram fragmentos com a mesma estampa azul e branca lado a lado, seus colegas suspiraram, como se duas metades de um cachorrinho de verdade tivessem sido reunidas. Ao voltarem a peneirar, Bear viu um menino que antes atacava a terra com uma pá, agora usando a borda para delicadamente retirá-la, camada por camada, atento para não deixar nada para trás. Ele se lembra da própria alegria que sentiu com isso. De ser um menino com uma energia grande e selvagem e encontrar a quietude quando descobriu uma maneira de concentrá-la. Quando a canalizou para um trabalho cuidadoso e meticuloso. trabalho. Ele se perguntava quem seria se não tivesse passado todas aquelas horas esfregando a terra enquanto sua mãe trabalhava por perto.

Mais tarde, ele perguntou ao chefe se poderia liderar uma sessão infantil semanalmente. Richard sorriu como se estivesse falando com um dos participantes e explicou: "Na verdade, seguimos uma estrutura específica para as escolas, tudo cuidadosamente planejado com meses de antecedência para oferecer uma experiência completa". Bear ficou sentado no trem naquela noite, irritado, sem ter certeza se trabalhar na burocracia de uma grande organização era realmente o certo para ele. Mas então ele pensou em sua antiga vida nômade e, de alguma forma, aquilo também não parecia mais certo. Ele queria —

precisava — estar com Lily. E com sua família.

Eles discutiram bastante, com Bear apresentando ideias e Richard rejeitando-as, o que levou Bear a formalizá-las primeiro por escrito e, mais tarde, em uma apresentação de PowerPoint. Até que um dia Richard se sentou na beirada da mesa de Bear e disse: “Houston, temos um acordo. Eu movi o mundo para conseguir isso, então esta é realmente minha oferta final. Que tal você organizar uma sessão semanal para alunos em ensino domiciliar? Pode ser mais”—Richard girou a mão como se quisesse sugerir algo indefinido e abstrato—“informal. Você pode basear o conteúdo nos seus próprios caprichos e nas crianças que aparecerem. Pode existir completamente fora do programa da nossa escola. Uma sessão aberta, por assim dizer.”

Ao final da última aula do Urso, um garoto quieto de cabelos cacheados — agora um frequentador assíduo — esperava por ali, enquanto sua mãe o observava ansiosamente do fundo da sala. Quando o Urso terminou de responder às perguntas e de dispensar os alunos, o menino se aproximou. "Obrigado, Urso", disse ele, e então, abrindo um sorriso, acrescentou: "Eu realmente *gosto* das suas aulas". O Urso percebeu que o menino havia guardado a piada a semana toda.

Eles bateram as mãos e Bear sugeriu que encerrassem oficialmente a próxima sessão com alguns minutos para piadas sobre arqueologia. Ele já planejava usar uma camiseta velha que Cora havia comprado para ele, que dizia "MINHA VIDA ESTÁ EM RUÍNAS" na frente.



Lily e Charlotte estão preparando o almoço, esperando Bear, Maia e Cora voltarem. "É um dia estranho, não é?", diz Charlotte. "Na maioria das vezes, sinto que estamos todos juntos nessa, mas aí, todo ano, chega o aniversário e me lembro de que eles estão unidos por essa coisa terrível. E é algo que eles sempre carregarão consigo."

Lily seca as folhas de alface com leves batidinhas entre camadas de papel toalha. Ela está pensando em Bear. No que ele lhe disse na véspera do seu aniversário, algumas semanas antes. "Sabe, Charlotte, Bear disse uma coisa outro dia. E não tenho certeza se é algo que eu poderia perguntar para Cora e Bees... mas pensei que talvez você pudesse—" Charlotte para de mexer no milho que escorre pela peneira na pia e se vira para ouvir, a mecha do seu cabelo preto voltando a cair sobre o queixo. "Bear pensa... ele se pergunta se existe algum tipo de ligação entre o fato de ele se chamar Bear e a morte de Vihaan. Ele simplesmente... ele não consegue imaginar o pai concordando com um nome como o dele. Ele percebeu, alguns anos atrás, que a data de emissão da sua certidão de nascimento é a mesma do aniversário."

Charlotte está acariciando os grãos de milho como se fossem um terço, e quando seus olhares se encontram, Lily percebe que, com seu silêncio, Charlotte

está lhe perguntando se ela realmente quer saber. Se ela quer considerar o que faria com a informação. Lily pensa em Bear. No que ele ganharia se seu palpite se tornasse fato. Se seu próprio nome — sua essência — tornou-se inextricavelmente ligada à morte de um homem. E Lily pensa em como se sentiria se decidisse não compartilhar o que descobriu com Bear e ficasse com o conhecimento só para si. "Desculpe, esqueça que eu disse alguma coisa", ela diz. "Talvez seja melhor não saber de qualquer forma."

“Hum, acho que sim.”

"Obrigada", diz Lily, percebendo a implicação na resposta de Charlotte, mas grata por ainda poder alegar ignorância.



À NOITE, depois que as crianças voltam para suas vidas, Cora senta-se com Mehri em seu jardim nos fundos, as duas envoltas em um cobertor de lã para se protegerem do frio do outono.

“Este dia sempre me faz parecer uma boba”, diz Cora. “Mais um ano que Vihaan não viveu por causa das minhas escolhas.”

“Bem, sim”, diz Mehri. “Gostaria que eu lhe passasse aquela vassoura? Tenho certeza de que vai ajudar com a sua autoflagelação.” Ela toma um gole de vinho. “Mas falando sério, quanto tempo até chegar o ano em que você aceitará que a culpa não é sua? A culpa é *dele* — daquele monstro que a enganou para se casar com ele. Admitir isso não significa que você esteja menos triste pela morte de Vihaan.”

Cora sente a verdade em suas palavras, mas não é tão fácil seguir em frente. Ela nem tem certeza se quer. Estar em dívida com Vihaan a força a tentar viver uma vida melhor. "Fern ligou ontem à noite", diz Cora, pronta para mudar de assunto, pelo menos. "Principalmente para dizer que estaria pensando em mim, mas acabamos conversando um pouco."

"Alguma novidade?"

“Nada que ela provavelmente já não tenha te contado pessoalmente.”

"Ha, como se eu soubesse o que se passa na vida dela — eu sou apenas ela." “Mãe.” Mehri ri, mais orgulhosa do que ressentida. “Aquela garota voa como uma libélula. Ela é mais dedicada ao trabalho do que qualquer homem.”

“Ela disse que parou de consultar o microbiologista”, diz Cora. Eles nunca conhecem os parceiros de Fern e é mais provável que os conheçam por seus cargos ou hobbies do que por seus nomes.

“O que é desta vez — mais orgasmos do que orgasmos?”

Mesmo que Fern não esteja lá para ouvir, Cora se sente culpada — ela não tem certeza se deveriam sequer *pensar* na vida sexual de Fern, muito menos discuti-la, embora saiba que Mehri diria isso na frente de Fern e que ela responderia abertamente. Mehri sempre encarou a maternidade como se estivesse cozinhando algo em uma grande panela: uma pitada disso, uma pitada

daquilo, e ela tem certeza de que tudo dará certo no final. A abordagem de Cora sempre pareceu mais com assar um bolo: medir cuidadosamente os ingredientes e tentar não estragar tudo. Ela admira o jeito de Mehri.

“Ela não mencionou isso especificamente”, diz Cora, “apenas que estava com uma *má impressão* . Eles saíram para jantar há algumas noites e ele tentou fazer o pedido para ela.” Mehri solta uma risada abafada no banco ao lado dela. “Eu sei, isso não demonstra um grande conhecimento sobre o Fern, mas ele parecia bem promissor até agora. Eu me perguntei se era uma reação exagerada. Se ela é sensível a essas coisas por causa do que aconteceu.”

"Sério, já estamos de volta aqui? Cora, você é minha melhor amiga, então digo isso com carinho, mas você não é responsável por tudo o que acontece no mundo inteiro. Sim, a vida das pessoas se cruza e se choca, e acabamos seguindo caminhos diferentes. Mas essa é a vida. Não é algo exclusivo seu. Cada um faz suas próprias escolhas."

“Você acha que eu sou egocêntrico?”

“Um pouquinho”, diz Mehri, e Cora não precisa olhar para saber que seus olhos brilharão de tanto rir. “Mas eu sou mandona e como e bebo demais; você e Roland ainda me amam. Todos nós temos defeitos, azizam”, diz Mehri, dando um tapinha na mão dela. *Querida. Meu bem* . Cora sempre se sente tão amada quando Mehri a chama assim.

Em algum lugar nas ruas vizinhas, alguns fogos de artifício matinais estão sendo lançados, e as duas mulheres levantam a cabeça enquanto o céu se enche de borrões de cor.



CERTO FIM DE SEMANA, QUANDO Bear voltou à casa de Cora para consertar uma torneira pingando na cozinha, com a cabeça enfiada no armário embaixo da pia, ele disse: "Perguntei ao Cian se ele podia fazer algo para mim". Cora ficou surpresa. Ela mantinha contato com Cian de vez em quando, mas já fazia alguns anos desde a morte da mãe, e eles nunca tiveram muita certeza do papel que ele desempenhou na vida de Sílbhe. Sempre se referiam a Cian como "o namorado da vovó", entre si, mas Sílbhe nunca explicou o motivo, apenas mencionava o nome dele com frequência suficiente para que a família soubesse que eles tinham algum tipo de relação. " *Ah, eu e o Cian vamos à ópera"* ou " *Não, o Cian pôde me levar de carro"* .

No funeral dela, os olhos do homem estavam vermelhos desde o início, e ele soluçava em um lenço engomado como se ela tivesse sido tudo para ele. Antes, o agente funerário havia expressado o desejo dele de que ela fosse enterrada com duas joias. Quando Cora abriu a primeira caixa, encontrou a aliança de casamento da mãe. Ela não tinha certeza de quando havia parado de usá-la, talvez quando seus nós dos dedos ficaram nodosos por causa da artrite. Mas uma delicada corrente de colar havia sido adicionada. que parecia nova. A segunda

continha uma pulseira tão pequena que só poderia ter sido feita para o pulso delicado da mãe dela. Nela estava gravada a inscrição: **Você vai com meu coração. Com amor, sempre, Cx**

“Temos sua permissão?” perguntou o agente funerário. E Cora assentiu, sentindo-se intrusiva por ser consultada, intrusiva por examinar aquelas coisas que Cian havia preparado com tanto cuidado.

"Quando foi a última vez que você falou com ele?", pergunta Cora, entregando a chave inglesa que Bear estava pegando.

“Nós costumamos trocar cartas. Depois que a vovó morreu, continuei enviando e-mails de onde eu estivesse. E acho que não parei só porque voltei. Eu gosto dele. E tem sido útil, sabe, depois de Paris e tudo mais.”

“Ele responde às mensagens?”

“Sim. Não estou apenas enviando mensagens para o vazio.” Bear ri de dentro do armário.

Cora sente aquela estranha e momentânea surpresa que às vezes a atinge ao perceber que Bees e Bear são adultos independentes que mantêm relações familiares sem qualquer incentivo da parte dela. Ela não sabe por que, aos trinta e oito e vinte e nove anos, isso a surpreende, mas surpreende. E ela se sente mal por não ter sido mais dedicada em manter um relacionamento com Cian.

“O que você vai pedir para ele preparar para você?”

“Ah, não sei, algum tipo de tornozeleira. Talvez um medalhão”, diz ele, rindo.

"Ah", diz Cora, estalando os dedos de repente. "Você quer dizer um anel! Pelo amor de Deus, Bear, saia desse armário e me diga."

Ele aperta a conexão de compressão e sai arrastando os pés. “Você Sabe, só quando estava arrumando o apartamento dela é que percebi que tudo que a Lily tem é perfeito. Sabe, como se ela tivesse pensado muito nisso.” Cora sorri. “Então pensei que gostaria que fosse algo realmente ergonômico, sabe?” E então ele se interrompe e Cora percebe que ele está realmente nervoso com isso. Incomumente desajeitado em sua vontade de acertar. “Nossa, parece que estou falando de comprar um espremedor de alho novo para ela, não é?”

“Não, eu sei o que você quer dizer. É o tipo de coisa que ela gostaria de girar no dedo só porque é agradável ao toque.”

“Sim”, ele diz. “Foi mais ou menos isso que eu disse ao Cian por telefone na semana passada. E acho que ele entendeu. Pedi a ele para fazer em ouro e platina.”

“Ah, isso é bem contemporâneo, misturar metais. Gostei”, disse Cian com uma risadinha discreta. “Quando você vai precisar disso?” Bear respondeu que não havia pressa — era apenas algo que ele queria colocar em prática. “Bem, meu rapaz, será uma verdadeira honra fazer isso.”

E mesmo sendo apenas uma expressão, por um instante ele se sentiu inesperadamente tocado, quase sem fôlego, por ser chamado daquela forma. *Meu garoto* . Quando ouve Cian falar, Bear sente uma estranha nostalgia por algo que nunca... tive.

Julian



Julian percorre o supermercado na Fitzgibbon Street, indo do corredor de batatas fritas e biscoitos aos freezers de sorvete, com um pote de picles já na mão. Assim como os desejos de Orla parecem existir em um nível primitivo, a vontade de Julian de satisfazê-los parece estar codificada em seu âmago. E como um participante de um programa de auditório, ele ouve o tique-taque de um relógio enquanto procura os itens de que precisa. Nos caixas, ele para por um

instante, absorvendo as manchetes do jornal: ATAQUES TERRORISTAS MATAM MAIS DE 100 — FRANÇA DECLARA ESTADO DE EMERGÊNCIA; MASSACRE EM PARIS .

Quando ele entra, Orla diz: "Você voltou!", como se ele fosse um explorador retornando de uma expedição. Ela lhe contou uma vez que, quando o convidou para ir à loja, temia que ele pudesse ser atropelado e o futuro deles fosse arruinado por causa de sua paixão por sorvete de menta com gotas de chocolate. Isso o faz sorrir ao perceber. A fome supera essas preocupações. *Jules ou biscoitos de gengibre? Jules ou biscoitos de gengibre? Biscoitos de gengibre.* Ela parece ter uma fé intrínseca de que tudo ficará bem. Mas quando ele ouve falar de algo como os ataques em Paris, isso só confirma sua visão de que tudo *pode* ser tirado dele num instante. Sua própria vida lhe diz que essas coisas acontecem com pessoas reais.

Eles estão sentados no parapeito da janela, os pés dela no colo dele, enquanto ela come sorvete direto do pote. Ele passa a palma da mão pelos pelos claros e por fazer nas pernas dela; ela revira os olhos, mas não se mexe.

“Então”, pergunta Orla entre uma garfada e outra. “Você já pensou em nomes?” Orla sugeriu que homenageassem a mãe dele: Cora para uma menina; Cormac, se for menino. Ele gosta da ideia de incluí-la, ela a quem foi negada a oportunidade não só de ser mãe, mas agora também avó. Talvez fosse uma forma de afastar a escuridão com uma nova esperança. Mas Julian se lembra dela como *Mãe* . Uma palavra suave, que pertencia apenas a ele e a Maia. Cora era uma das palavras *dele* . Ele se lembra da sensação de ouvir o nome dela pronunciado de um jeito específico. *Cora!* como um sinal de alerta. *Cora!* como um alarme. Mesmo agora, a lembrança faz seus ombros enrijecerem, seu estômago revirar. Ele se pergunta se poderia resgatá-la para ela, para a próxima geração. Libertá-la. No entanto — e parece desleal admitir, como se a culpa pudesse ser dela — ele se incomoda com a ideia de criar um elo entre o bebê deles e alguém que morreu tão tragicamente. *Tragicamente* . *Tragédia* . *Trágico* . Palavras que pertencem a notícias. E à sua família, embora ele não as queira.

Ele nunca quis nada disso. Enquanto sua avó busca oportunidades para falar sobre o ocorrido, para conscientizar as pessoas, ele nunca quis se deter no assunto ou demonstrá-lo como parte de quem ele é. Ele odiava isso. Ter que confessar seu passado para Orla; só de pensar nisso, ele já estava em alerta máximo na noite do dilúvio, tantos anos atrás.

Foi Cian quem o incentivou a consertar as coisas. "Não te ouço falar muito daquela garota ultimamente. Orla, era esse o nome dela?" E quando Julian assentiu, Cian disse: "Ainda sinto falta dos anos que não passei com a sua avó, sabia?" Julian olhou para cima, viu os olhos de Cian brilhando, e as palavras dele permaneceram com ele nas semanas seguintes, rondando sua cabeça enquanto trabalhava.

A princípio, ele pensou em escrever para ela, expondo tudo em uma carta onde pudesse escolher as palavras certas. Mas ele não queria registrar os fatos sobre seus pais no papel.

Então, numa noite em que ambos ficaram até tarde, ele esperou que a serra de

fita dela parasse de funcionar e bateu no vidro da porta aberta. Ela olhou para cima e, ao vê-lo, um lampejo de incerteza cruzou seu rosto.

“Você tem um minutinho para falar comigo?”, perguntou ele, e quando ela assentiu, ele atravessou o cômodo e se encostou na parte superior do radiador. “Eu queria me desculpar pelo que aconteceu naquela noite da enchente.” Ela disse que não precisava, e começou a varrer os restos de comida para o canto com um ar eficiente de *quem precisa seguir em frente* . “Eu queria explicar uma coisa. Você pode largar a vassoura por um instante, Orla?”

"Eu sou-"

Ele interrompeu onde normalmente teria se contido. Agora que estava ali, só queria terminar logo com aquilo. "Quando eu tinha cinco anos, minha mãe foi assassinada." Ela parou de varrer nesse instante. Ficou parada no meio do quarto, sem saber o que dizer. "Não é algo que eu costumo contar para as pessoas. Acho que, quando digo costumo, quero dizer nunca. Mas naquela noite, eu senti que não conseguia me envolver em nada sem, sabe..." me abrindo. E eu não tinha certeza se estava pronta. Eu não queria perder o que tínhamos. Sua amizade.”

Ela ergueu os olhos. Não com maldade, mas como quem diz: " *Bem, isso não correu muito bem* ". E ele disse: "É", reconhecendo o que havia ficado subentendido. Por um instante, a tensão se dissipou e eles riram. "Mas quero te contar agora. Se você me ouvir."

Ela sentou-se num banquinho, e ele reparou na forma como ela apoiou as mãos no colo, com as palmas para cima. Um gesto — embora talvez ele estivesse a interpretar demais — que parecia sugerir uma falta de discernimento.

“Meu pai”, disse ele. E a palavra ficou presa em sua garganta como uma bola de chiclete. Ele não estava acostumado a usar termos que implicassem posse, não para aquele homem indigno de um nome. “Ele era... Bem, ele abusava da minha mãe. Tipo violência *doméstica* , eu acho. E aí, um dia, ele a matou.”

“Meu Deus.” As mãos já não estavam abertas, mas pressionadas contra o rosto dela. Julian ficou parado, sem saber que tipo de reação poderia estar surgindo no espaço entre eles; os segundos se transformaram em minutos, horas, dias em sua mente. Mas, finalmente, Orla olhou para cima e perguntou: “Você está bem?” A mão foi até a boca no instante seguinte. “Claro que você não está bem. Desculpe, eu sou uma idiota.” E então: “Não sei o que dizer. Mas isso é horrível. Coitadinha.”

Julian queria varrer a conversa para um canto, junto com a serragem. Ele dispensou o pedido de desculpas dela com um gesto de mão, tentando amenizar o que não tinha como ser amenizado. "Mas entende? Eu não teria conseguido me meter em nada sem te contar primeiro."

"Porque você ainda está lidando com isso?", perguntou ela, incerta.

“Não. Porque é o justo. Eu não queria te enganar para nada, sabe, entrar num relacionamento ou algo do tipo.” "Poderia ter sido... e aí você pensaria: ' *É, aquele cara que você está vendo... bem, ele tem metade dos genes de alguém capaz de cometer um assassinato.'"*

“Ah”, disse ela.

Ele sentiu aquela palavra — *assassinato* — pairando no silêncio, suja e contaminante. "Você entende agora? Por que foi tão difícil para mim? Aquela noite."

Orla fez círculos na poeira com a ponta do sapato. E quando olhou para cima novamente, perguntou: "Você realmente acredita nisso? Nos genes?"

“Bem, acho que não demonstro nenhum sinal. Sabe, tenho um temperamento bastante equilibrado e tal, mas—”

"Não faça isso", disse ela. "Eu já sei." Ela olhou para além dele pela janela por um instante antes de falar. "Então, eu saí com alguns caras. Mas nunca me ocorreu contar a eles que meu pai teve um caso com a secretária dele."

“É diferente”, disse ele.

“Não tenho tanta certeza. Acho que o gene da infidelidade é algo que a maioria dos parceiros em potencial gostaria de saber.”

“O gene da trapaça não vai matar ninguém.”

“Nem você, Jules. Uma pessoa capaz disso não revela toda a história da família antes mesmo de beijar uma garota.”

Ele sorriu então, ou pelo menos deixou a careta desaparecer do seu rosto. "Então, você não teria se sentido enganado, sabe? Você não teria ficado horrorizado?"

“Só pelo que você viveu. Que algo assim pudesse ter afetado alguém que eu conheço e de quem gosto.”

“Você também faria isso—”

Ela interrompeu. "Era isso que eu ia dizer antes. Não achei que você estivesse interessado. Estou saindo com alguém."

"Ah", disse ele, com o alívio que sentira momentos antes começando a se dissipar.

E assim, desenvolveram uma amizade peculiar. Uma amizade fácil de confiar e afetuar, mas desconfortável devido à atração que existia entre eles, palpável, porém não mencionada.

Mas algo na conversa deles naquela noite, sobre quem ele era e do que era feito, mudou as coisas, e foi como se uma porta tivesse se aberto, através da qual Julian pôde vislumbrar relacionamentos em potencial e sua vida se expandindo. Mesmo que não fosse com Orla.

Durante dois anos, permaneceram naquela terra de ninguém, trabalhando um de frente para o outro. Camaradas, colegas, amigos. O relacionamento de Orla não durou muito, mas mesmo assim eles se aproximavam e se afastavam. Até que uma noite que deveria ser apenas um drinque rápido ainda estava em andamento quando o dono do bar fechou as portas. Ele se lembra do som dos sapatos deles na calçada molhada, da conversa ecoando enquanto caminhavam sem rumo pelas ruas fechadas, da sensação do braço dele roçando o dela, de dois pacotes de batatas fritas e do gosto salgado do beijo dela.

Mais tarde, Orla diria que sempre soube que eles acabariam juntos. Mas ela pressentia que Julian precisava de tempo para se tornar mais ele mesmo.

“Como se eu fosse um girino reunindo coragem para me transformar em

sapo, enquanto você estava sentada na beira de um lago esperando para me beijar?" Julian riu. "Sério, Orla."

"Não, você está falando sério? *Talvez suas calças jeans já estejam secas* ."

Ele ri sempre que ela toca no assunto. Sente-se uma pessoa diferente agora. Aquela sensação instável está mais calma, mais tranquila. Não desapareceu completamente, mas se fosse um pedaço de papel ao lado de um ventilador, este estaria na potência mínima, deixando-o apenas balançar suavemente com a brisa.

Mas algumas coisas continuam sendo áreas proibidas. Como a Inglaterra. Onde ele Apesar do crescente interesse, ele não possui nenhum distribuidor atacadista. Às vezes, recebe encomendas de clientes em Londres, Bath ou alguma outra cidade desconhecida. Atualmente, está trabalhando em uma, um anel de noivado encomendado por um homem de Oxford chamado David, que viu o trabalho de Julian enquanto estava de férias com a namorada na Irlanda. Durante as longas trocas de e-mails sobre o design, detalhes sobre a vida dele e da namorada foram surgindo. Que a namorada tem cabelos escuros e pele clara, que leciona inglês no ensino médio. Que, assim como Julian, ela assistiu recentemente à retrospectiva sobre Philippe Petit atravessando o vão entre o que antes eram as Torres Gêmeas. Que o nome dela é Lily.

No último fim de semana, eles viram um gavião-vespeiro, raro na Inglaterra; David se pergunta se eles são mais comuns na Irlanda. Julian pergunta a Cian, que lhe diz que provavelmente aparecem mais tarde no ano, desviados da rota por ventos fortes. Julian contou um pouco a David sobre seu trabalho na Fábrica de Chocolate Antiga; mencionou que está prestes a ser pai. Ele imagina que os dois casais teriam coisas em comum o suficiente para tomar um drinque juntos pessoalmente, e está feliz que o anel que fez fará parte da vida de David e Lily. Mas ainda assim, quando pensa em enviar caixas em massa através do Mar da Irlanda, cada uma cheia de algo que ele criou, parece demais.

Orla já sugeriu isso várias vezes, principalmente agora que o bebê está a caminho. O dinheiro ajudaria. Mas Julian não quer suas joias — as caixas com seu nome — expostas lá, como se fosse um lugar pelo qual ele não sentisse nenhuma animosidade, um lugar com o qual ele estivesse em paz. Quando não foi apenas seu pai que matou sua mãe, mas também o país que a acolheu — onde pessoas que poderiam tê-la salvado durante todos aqueles anos de abuso simplesmente ignoraram a situação.

Assim como a avó, ele também culpa Deus. Porque, certamente, se Deus existe, ele também decepcionou a mãe. Ele não quer que o filho seja batizado nessa religião quando chegar a hora. Orla diz que é apenas um rito de passagem obrigatório para entrar em 90% das escolas locais. Que não precisa significar nada mais para ele. Mas há algo nisso que lhe parece hipócrita.

Enquanto Orla coloca a caixa de sorvete vazia no chão, Julian pergunta: "Por que você ainda vai à igreja?"

"Tradição", diz ela.

"Mesmo que você reclame disso todo domingo?"

"Só enquanto ainda estou na cama. Isso não significa que eu não tire proveito

disso quando estou lá. Nem é bem a parte religiosa. Simplesmente te aquece, os rostos familiares, a sensação de fazer parte de algo. E o incenso também. Cheira a lar. Seguro, sabe? E você fica sentado lá no silêncio, ouvindo, e começa a pensar em algo com que tem lutado. E eu não sei se são aqueles tetos altos que simplesmente levam embora tudo isso — o espaço abençoado —, mas quando saio, sempre me sinto mais leve. Pronto para começar a semana."

"Mas e a confissão? Por que você iria querer contar seus pecados para alguém?"

"Então posso ser perdoada", diz ela, como se fosse a coisa mais óbvia do mundo. "A alternativa é ficar remoendo isso. Deixar que cresça dentro de você e faça seu rosto parecer leite azedo."

"É assim que eu pareço?", pergunta ele, com uma expressão amarga.

"Você não precisa ficar fazendo caretas. Até sorrindo você consegue azedar o creme fresco." Orla ri, cutucando a barriga dele com os dedos dos pés.

Ela está sentada no banco da janela com vista para a pequena rua onde moram. Seus cabelos loiros são iluminados por trás pela luz do sol. Sua mão Ela está deitada de bruços. "Aí está você, parecendo a Virgem Maria. Que coisas ruins você faz que precisam ser confessadas?", pergunta Julian. Ele não consegue pensar em uma única coisa que ela faça que mereça ser chamada de pecado.

"Coisa."

"Que tipo de coisa?"

"Não sei. Talvez seja o fato de nem sempre ter bons pensamentos. Então, quando o trabalho da Gráinne foi exposto em Londres no ano passado, em vez de ficar feliz por ela, eu fiquei com uma inveja horrível martelando na minha cabeça. Pensando em como o trabalho dela nem é tão bom assim e como aquela peça amarela enorme que os críticos adoraram parecia algo que uma criança pequena poderia ter feito. E como às vezes acho que ela é melhor em atribuir significados ao seu trabalho retrospectivamente para fazê-lo parecer profundo, em vez de simplesmente fazer um bom trabalho desde o início." As bochechas de Orla coram como pele de pêssego. "É, talvez eu ainda carregue um pouco disso." Ela ri, e sua aura encantadora parece ficar ainda maior e mais adorável para Julian.

"Mas concordo com tudo isso", diz ele. "É realmente um pecado só pensar nisso? Você a abraçou e pagou uma rodada para comemorar. Não é como se você tivesse entrado no estúdio dela e rasgado suas telas."

"Ah, mas provavelmente eu queria! Mas, sim, isso faz parte de tentar ser um bom católico. Perceber quando seus pensamentos não são saudáveis. Fazer penitência e tentar melhorar da próxima vez. Mas de um ponto de vista egoísta, também impede que isso te consuma demais."

A versão de religião de Orla sempre faz sentido para Julian. Mas aí ele pensa nos padres, nos coroinhas abusados, nas mães solteiras obrigadas a entregar seus bebês. Nos homens que batem em suas esposas e depois vão ao confessionário em busca de absolvição. E ele não quer ter nada a ver com isso.



MAIA ATRAVESSA A PONTE e, na estrada principal, vira para o sul em direção à cidade, que está coberta por uma densa camada de nuvens escuras. Ela desliga o rádio e aproveita o resto do trajeto para refletir sobre os pacientes do dia.

Ela olha para o relógio e corre para o outro lado da rua, em direção ao Doyle's, enquanto grossas gotas de chuva começam a cair. Quando a campainha acima da porta toca, Maureen olha para cima e sorri. "Se eu ainda tivesse você atrás do balcão... Hoje, teve gente querendo um café da manhã completo, viu? E a Lizzy ligou dizendo que está doente. De novo. Aquela menina... ela vai me matar, com certeza."

“Bom, pelo menos eu posso fazer meu próprio café”, diz Maia, indo para a cozinha.

“Ah, vá embora daí. Vai sujar todo o seu uniforme”, diz ela, mandando Maia embora. Maia nunca pensou no guarda-roupa azul-marinho e branco que usa nos dias de trabalho como um uniforme, mas imagina que, de certa forma, seja.

Ela atravessa a rua novamente, tentando não derramar a bebida quente na roupa, e liga as luzes e o aquecimento em sua sala de ensaio.

Sua primeira paciente do dia é uma mulher de meia-idade. Ela a procurou inicialmente com dores de cabeça persistentes na época do divórcio, retornando um ano depois com sintomas da menopausa. Maia faz perguntas para ajudá-la a escolher o remédio mais adequado. *Você prefere bebidas quentes ou frias? Sabores picantes ou ácidos?* Às vezes, esses detalhes não revelam um quadro claro e Maia sabe que passará horas consultando seu exemplar surrado da *Matéria Médica de Murphy* . Mas outras vezes, Um pequeno detalhe é como receber uma peça de quebra-cabeça, e os outros sintomas se encaixam ao redor dela. "Acho que sei o que vamos tentar desta vez", diz Maia, indo até seu armário de remédios. Há algo reconfortante em abrir uma gaveta e ver todas as tampas cuidadosamente organizadas em ordem alfabética, com etiquetas indicando suas diferentes potências.

Enquanto Maia coloca as pílulas em um frasco e prepara o rótulo, a mulher menciona ter visto o ex-marido com uma antiga amiga. "Como você se sente em relação a isso?", pergunta Maia.

“Não sei”, admite ela. “Às vezes, parece mais fácil não pensar. Seria como abrir uma represa.”

Maia acena com a cabeça. Ela conhece esse sentimento. Ela tem feito terapia nos últimos anos, mas também tem demorado a levantar as pedras mais pesadas e encarar a terra escura sob seus pés, onde seus medos e preocupações fogem da luz como tatuzinhos-de-jardim. Ela falou sobre sua infância, mencionou o suficiente daquele dia terrível para reconhecer sua existência. Mas esconde os detalhes até de si mesma.

Ultimamente, ela também tem se debatido com outras coisas. A ideia de que

Julian, nove anos mais novo que ela, está seguindo em frente com a vida num ritmo que ultrapassa o dela: casado, com uma hipoteca e um bebê a caminho. As pessoas dizem para ela ir ao festival anual de encontros na pequena vila de Lisdoonvarna, onde casais são formados há mais de um século. Brincam dizendo que ela precisa pôr as mãos no livro da sorte de Willie Daly para quebrar o feitiço e encontrar o Sr. Certo. E ela sorri e ri junto porque quer ser divertida. Mas por dentro, ela sente uma certa ingenuidade: o que isso tem a ver com eles e por que ela tem que ser *divertida* o tempo todo?

Mas não é só isso — Julian a ultrapassando, sem conseguir encontrar o homem certo. Uma noite, assistindo à televisão com Sílbhe e Cian, um A reportagem sobre o referendo para a legalização do casamento entre pessoas do mesmo sexo começa. "Não é apenas uma questão de bom senso que as pessoas sejam deixadas em paz para viverem suas vidas?", questiona Cian.

“O fato de ter demorado tanto é culpa da Igreja”, diz Sílbhe.

Maia fica surpresa ao se sentir confortada ao ouvir suas opiniões confirmadas em voz alta.

A televisão mostra uma montagem da opinião pública — num ponto de ônibus, nos corredores de um supermercado. A maioria é a favor, com exceção de um senhor de idade de boné que diz gravemente: "Não, não acho que esteja certo."

Duas mulheres são entrevistadas em uma praia. Uma loira, a outra morena. Elas usam gorros de tricô. Uma tem as orelhas furadas, a outra um pequeno piercing no nariz. Elas não estão se tocando, mas dá para perceber que estão juntas. E elas irradiam luz. Simplesmente irradiam. A pergunta do apresentador se perde no ar, mas a resposta delas é clara. Elas dizem que estão apaixonadas, que só querem a oportunidade de passar a vida juntas como qualquer casal heterossexual.

Ao assistir ao restante do noticiário, Maia sente o mesmo desconforto que sente sempre que uma cena de sexo aparece na TV quando está assistindo com Sílbhe e Cian. Como se não pudesse se mexer, como se não pudesse demonstrar que está ciente do que está acontecendo na tela, lembrando-os de sua existência. Mesmo que imediatamente sinta uma vontade enorme de descruzar as pernas, de tirar uma mecha de cabelo do rosto, de respirar. Ela percebe que tem um envolvimento pessoal com o referendo e fica vermelha — embora não saiba bem por quê; eles já deixaram suas opiniões bem claras. Para eles, não faria diferença se ela fosse gay.

Portanto, não é a pressão familiar, a culpa ou a Igreja que a levam à terapia. Mas algo mais difícil de lidar: seu próprio julgamento.

“Eu sempre achei que fosse por causa do que aconteceu com a minha mãe.” É por isso que não estou com ninguém. Mas aí, eu estava assistindo a uma entrevista na televisão sobre o referendo com um casal de mulheres. E percebi que talvez eu quisesse aquilo. Que de alguma forma parecia certo, sabe? Mas aí também me senti envergonhada.

"Porque você pode ser gay?"

"Porque eu posso ser uma impostora. Aproveitando a onda."

“Pode dizer mais alguma coisa?”

Maia olha para o relógio, tentando se convencer de que ainda tem tempo suficiente para abordar o assunto. "Todo mundo diz que ser gay não é uma escolha. Que você nasce assim. Mas eu tenho trinta e sete anos. E só estou pensando nisso agora."

Elas revisitam essa ideia ao longo de várias sessões. E Maia sente que ela e sua terapeuta são como duas senhoras idosas do grupo de patchwork da avó, reunidas com lupas, examinando os pontos, inspecionando de todos os ângulos. *Bem, parece uma colcha. Tem a textura de uma colcha. Definitivamente tem uma camada de enchimento ali dentro. Mas será que é mesmo uma colcha?*

"E se eu só quiser um relacionamento com uma mulher porque tenho medo de ter um com um homem? Caso ele se revele como *ele* ."

“Isso faria diferença para você?”

“Sim. Eu estaria tomando decisões de vida por medo, por evitação.”

A conselheira faz uma pausa. "Estou tentando me colocar no seu lugar..." Maia olha para os seus tênis e imagina a terapeuta calçando-os com ela. Ela se lembra de andar assim pela sala de estar com a mãe. Seus pés apoiados nos da mãe, as pernas se movendo em sincronia. "E se essas duas coisas coexistissem?", pergunta a conselheira. "E se você pudesse ser gay *e*, compreensivelmente, ter medo de um relacionamento romântico com um homem?"

Maia afasta a lembrança com um estalar de dedos e pondera sobre a pergunta. "Então, minha homossexualidade é, o quê, natural *e* artificial?" Ambas riem da escolha de palavras dela. "Mas continuo me perguntando por que agora."

“E você chegou a uma resposta?”

Obviamente, isso não teria sido uma opção na casa do meu pai. Mas eu moro com a minha avó há tantos anos.

“Mas as coisas que você não consegue admitir para si mesmo em uma idade formativa, de repente se tornam aceitáveis com uma mudança de circunstância ou porque você completou dezoito anos?”

Maia não pensa em como poderia conhecer alguém, não se inscreve em um site de namoro nem considera contar para a família. Em vez disso, ela simplesmente pondera a possibilidade de ser gay como uma pedrinha lisa na palma da mão, e ocasionalmente pensa no casal da televisão. E quando o direito ao casamento entre pessoas do mesmo sexo é consagrado em lei em 16 de novembro de 2015, uma bolha de esperança se infla em seu peito, como se uma parte distante de seu futuro tivesse sido garantida.

Gordon


GIN
London
1821

Nenhum dos dois chegou em casa ainda. O filho dela vai encontrar Maia depois do trabalho; o marido está… onde? Ele não avisa a Cora quando não vai estar em casa. Então, esta noite, ela prepara o jantar como de costume e, conforme as seis e meia se transformam em sete, enquanto a cobertura de queijo derretido do gratinado de espinafre com feta começa a endurecer, ela espera. Espera pela chave dele na fechadura, espera para ver qual será o humor dele. Sua mente divaga sobre a ideia de que, desta vez, ele pode estar morto. Que talvez, em algum lugar entre o trabalho e casa, ele tenha sido atropelado por um motociclista ao atravessar a rua e agora esteja em um hospital, com os médicos tentando reanimá-lo. Mas então ela afasta o pensamento, como se ele pudesse voltar capaz de discernir o que ela está pensando.

Às oito horas, ela cobre o prato intocado com papel alumínio e o coloca na geladeira. Em seguida, prepara um pão com manteiga e o come em pé, preparada para jogá-lo no lixo se necessário.

No ano que vem, ele vai se aposentar. Ela tenta imaginar como será sua vida então e pensa que talvez as coisas mudem quando ele não for mais médico. Depois de ter concordado em voltar da última vez, ela acreditou que seria em termos diferentes, só para depois perceber que não era o que esperava. No começo, ele tinha sido gentil e carinhoso, elogiando sua comida, conversando com ela sobre seu trabalho, livros e política, levando-a para jantar. Trouxe para casa um suéter de cashmere, presenteou-a com joias. Ele até sugeriu que renovassem os votos. Levantava-se cedo todas as manhãs — “Não, fique aí, está tudo bem” — e trazia chá e torradas na cama. E ela acreditou em tudo. Sentiu-se como se estivesse flutuando em uma nuvem.

Ela também se sentia cansada. Gordon disse que provavelmente era a turbulência emocional, o alívio de estar em casa novamente após seu último episódio. Era assim que ele se referia às tentativas dela de ir embora, como se fossem breves flertes com a loucura. Mas ele beijava sua testa, preparava o jantar e, todas as noites, ela adormecia, com a cabeça encostada no peito dele, o braço dele em volta dela, enquanto ele compartilhava as notícias do dia — como o primeiro-ministro havia renunciado; o anterior, reintegrado. *Quem precisa de TV ou rádio quando se tem a mim?,* ele brincava. E assim eles entraram nessa rotina, dele cuidando e ela sendo cuidada. E as semanas e os meses pareciam passar num piscar de olhos. Um período confuso, em que ela questionava os ressentimentos que sentira, se perguntando se havia interpretado mal as ações dele; se realmente não havia percebido o sacrifício dele em fazer as compras do supermercado toda semana depois de um dia inteiro no consultório? Será que ela não parava para apreciar os pequenos mimos que ele procurava para ela, como o maço de aspargos que às vezes aparecia, mesmo sendo um dos seus alimentos favoritos, que ele detestava?

"Eu adoro a primavera", disse ela, admirando os narcisos no jardim de um vizinho enquanto abria as cortinas certa manhã.

“Mas ainda é muito cedo para fevereiro”, ele respondeu. E ela tinha certeza de que era abril.

Ela se perguntou se ele poderia estar certo; se seu cansaço não era apenas alívio por estar em casa, pela mudança em seu relacionamento depois de todos esses anos. Mas algumas semanas depois, o cansaço não havia passado, e seus pensamentos estavam cada vez mais nebulosos e confusos. "Não se preocupe", ele disse enquanto a envolvia em seus braços. "Pode ser algum tipo de fadiga pós-viral. Vou providenciar uma avaliação."

“Que tipo de avaliação?”, ela perguntou.

“Só para garantir que está tudo bem, cognitivamente. Nada demais: é o que eu faria com qualquer um dos meus pacientes. Procedimento padrão depois dos sessenta; eu provavelmente deveria me internar também.” Ela ficou comovida com esse momento incomum de vulnerabilidade. Era tão estranho ele admitir qualquer tipo de fraqueza.

No dia da avaliação, ela se sentiu mais enérgica e se perguntou se aquilo era realmente necessário. "Talvez seja a adrenalina", disse Gordon. Mesmo assim, quando lhe pediram para contar de dez para trás, ela tropeçou nos números, e quando disse o nome do primeiro-ministro atual e o mês em que estávamos, viu o avaliador olhar para Gordon por um instante. "Mas eu pensei—" e Gordon cobriu a mão dela com a sua. "Está tudo bem, você está indo muito bem", disse ele, e ela teve certeza de que algo não estava certo, mas também se sentiu estranhamente confortada por ele se importar com ela.

Ela já havia se acostumado com a ajuda de Gordon em casa. Acostumada à sensação de ser amada. Isso a fazia lembrar dos primeiros tempos do relacionamento deles. relacionamento e a fez sentir-se justificada por ter ficado com ele todo aquele tempo. Mas então, sem aviso prévio, tudo pareceu mudar. Certa noite, enquanto ela jogava detergente na máquina de lavar louça e perguntava: "Você quer lavar ou secar?", ouviu-o suspirar.

“Você parece muito melhor agora. Tenho certeza de que você pode voltar a cozinhar e limpar.”

“Ah, sim, claro”, ela gaguejou. E assim, eles voltaram aos seus postos normais — ela lavando a louça na cozinha, enquanto ele assistia ao noticiário da noite na sala de estar.

Cora não se lembra agora do que o fez perder a cabeça. Só se lembra de como tudo terminou. Com as costelas machucadas, ela juntando suas coisas para ir embora de novo; ela não tinha voltado para isso. Mas então Gordon lhe apresentou o documento. *Uma Procuração Duradoura* . Prova de seu controle legal sobre a saúde e o bem-estar dela, sobre suas finanças e bens.

“Ah, Cora. Você realmente achou que eu deixaria você ir embora de novo depois da última vez?” Ele tocou a bochecha dela com um dedo, como se quisesse consolá-la. Depois, voltou para o sofá. “Pensei que você pudesse dificultar as coisas para mim… Mas não, você está tão desesperada por amor.” Deu um tapinha no assento ao lado, convidando-a a sentar. “Mas você realmente acreditou que eles tinham tirado o John Major do armário para liderar o país de novo?” disse ele, balançando a cabeça em sinal de reprovação à ingenuidade dela.

Naquele momento, seu plano ainda era encontrar uma maneira de contatar Maia. Até mesmo a polícia. Ela só precisava esperar até que ele saísse para o trabalho na manhã seguinte. Mas, ao acordar, ele disse que um médico substituto cobriria seu horário de atendimento matinal e que eles iriam viver uma aventura. Ela sabia que ele estava brincando com ela, mas mesmo assim ficou surpresa quando chegaram ao estacionamento de um asilo. Mas então, quando ele disse à recepcionista que tinham uma visita agendada e que estavam interessados em ver o andar dedicado à demência com o objetivo de acomodar um parente, ela entendeu.

A ala de demência ficava três andares acima — *proteção extra para qualquer pessoa propensa a se perder* , explicou Erica, a gerente, enquanto os conduzia através das portas de segurança duplas com um chaveiro eletrônico. Erica era profissional, mas fazia questão de cumprimentar cada residente calorosamente pelo nome, entre uma resposta e outra às perguntas de Gordon. *Sim, teríamos o maior prazer em continuar administrando qualquer medicação que o residente já tivesse recebido; Não, nunca tivemos um residente que tenha escapado dos limites do prédio; Sim, estamos acostumados a lidar com paranoia — acusações contra funcionários e familiares são comuns com pacientes com demência.* E como se para demonstrar seu ponto, ao entrarem na sala de convivência, uma senhora sentada em uma poltrona revestida de vinil, usando um babador de plástico, começou a gritar: “Não, não, não! Eu sei o que vocês querem! Não me machuquem!” Seus olhos estavam tão selvagens quanto seus cabelos despenteados.

“Essa é a Elsie”, disse o gerente, como se dizer o nome dela pudesse explicar seu sofrimento.

Eles dirigiram para casa em silêncio. E só quando chegaram à entrada da garagem e Gordon desligou a ignição, ele falou. "Pronto, não é bom estar em casa?" O motor roncou enquanto esfriava. Ele não precisava dizer mais nada. Ela entendeu. Sentia como se sua coluna, os espaços entre as vértebras, estivessem cedendo. Como se estivesse afundando no estofamento do carro e talvez nunca mais conseguisse se levantar.

As coisas mudaram, porém, com o filho voltando a morar com eles. Cora continua esperando que tudo volte a ser como era antes — eles contra ela —, mas o rapaz é diferente. Cora percebe que há algo de bruto nele, como pele clara sob um sol escaldante, olhos piscando sob uma luz forte demais. Ela quer atraí-lo para si, abraçá-lo, mas esse nunca foi o tipo de relacionamento que eles tiveram, e ela não sabe por onde começar.



ROB ABRE O pote de plástico com cola de pele de coelho, e o cheiro atinge Gordon imediatamente. Não cheira mal quando está fresca, mas quando não está, lembra que algo morreu. Rob faz uma careta ao fechar a tampa. "É o que dá sair

de férias. Que tal preparar mais um pouco enquanto me conta como você está?"

“Qual a proporção — oito para um?”, pergunta Gordon, sabendo da consistência que Rob prefere para selar uma tela.

Rob acena com a cabeça enquanto Gordon abre o armário. Ele está grato por poder realizar essas tarefas simples — ter um propósito no estúdio de Rob ajuda quando ele precisa sair da casa dos pais; para que o relacionamento entre eles pareça mais recíproco do que simplesmente patrocinador/apadrinhado. "E aí, como foi a semana passada?", pergunta Rob, ligando um aquecedor elétrico respingado de tinta no canto.

“Está bem, acho que sim”, diz Gordon.

“Ah? Isso não parece nada bom. Você bebeu?” Rob estava preparando seu pequeno estúdio de artista, acima de uma loja de animais, para começar a trabalhar, mas agora está encostado no aparador abarrotado de tintas e materiais, observando. Ele faz isso, Rob. Tem a capacidade de fazer parecer que estão apenas batendo um papo, e no instante seguinte deixa Gordon com a sensação de que toda a sua atenção está voltada para ele. Não da mesma forma que seu pai, mas mais como alguém assistindo ao seu time de futebol favorito levar uma penalidade: mal conseguindo piscar de tanta vontade de... Veja o volume na rede. É bom ter alguém torcendo por ele, mas também é estranhamente intenso.

“Não, não, não é nada disso”, diz Gordon, e Rob visivelmente relaxa. “É só, sabe, aquela coisa de olhar para trás e ver o quão babaca você foi com diferentes pessoas ao longo da sua vida.”

Rob dá uma risadinha discreta. "É, eu conheço essa."

Rob não bebe álcool há mais de uma década, mas seus olhos estão permanentemente vermelhos, como se seu corpo tivesse escolhido exibir seus arrependimentos como uma tatuagem. Ele já teve esposa e filho.

A própria decadência de Gordon o faz estremecer. Foi extravagante e cinematográfica, mas não de uma forma boa, apenas de uma forma que parece clichê. Perder a compostura no trabalho; chegar na segunda-feira ainda cambaleando de bêbado do fim de semana. E onde antes ele era um dos caras — *Gordy-boy!* — em meio à névoa, ele se sentia se tornando um pária. O clímax aconteceu perto do entroncamento 8 da M25, onde ele capotou um Porsche e seu corpo teve que ser retirado da lataria retorcida com um sistema hidráulico. Ele se lembra de alguém falando com ele, avisando-o sobre qualquer barulho alto, garantindo que tudo ficaria bem, e se lembra de ter preferido morrer a ter que suportar a bondade injustificada daquela pessoa.

Apesar de ter perdido tudo, ele sentiu um alívio surpreendente. Ele sempre aspirou a ser alguém, e agora que não é nada, descobre que isso, de alguma forma, lhe parece mais do que realmente é.

“Eu estava pensando naquela garota. Lily”, Gordon diz a Rob enquanto nivela uma medida de grânulos cristalizados de pele de coelho. “Eu — nós — tínhamos quatorze anos. Eu sentava ao lado dela na aula de matemática. Ela era — agora que penso nisso — uma das poucas pessoas da escola que era realmente gentil comigo. Sem motivo algum. Só porque ela queria. E eu…”

Ele conta para Rob sobre a noite da festa, quando a prensou contra uma árvore e, mais tarde, como se voltou contra ela e incentivou os outros garotos a fazerem o mesmo. "Eu não sabia o que isso faria com ela. Como tudo terminaria. Mas foi diferente depois disso. Quando os garotos passavam por ela nos corredores — mesmo os que não eram da nossa turma — eles cheiravam os dedos e faziam, sei lá, barulhos de ânsia de vômito ou algo assim."

Enquanto Gordon abre uma garrafa de água deionizada, ele olha para cima para avaliar a reação de Rob. Rob está com uma das mãos apoiada no queixo, o polegar roçando a barba por fazer de dois dias. Mas ele parece mais pensativo do que crítico, então Gordon continua, mesmo desejando poder simplesmente guardar tudo isso em uma caixa.

“E as meninas, simplesmente se afastaram dela. Ela começou a gaguejar na aula. E eu não sabia o que estava acontecendo na época, mas agora, bem, acho que ela também começou a ter crises de pânico. Depois daquele ano letivo, ela nunca mais voltou. Pensei que ela tivesse se mudado ou algo assim, mas aí uma das meninas — a mãe dela devia conhecer a mãe da Lily — descobriu que ela tinha surtado completamente. Lembro de estar sentada lá rindo com as outras, fazendo piadas sobre o hospício local — Maudine, era o nome; acho que já não existe mais — mas fiquei chocada.”

“E você acha que as duas coisas estavam ligadas? O que aconteceu e o colapso dela, quero dizer.”

“Provavelmente. Ela era apenas uma garota normal antes disso. Bem, não normal. Especial. Inteligente. Muito boa em inglês e tal. E muito gentil, como eu disse.”

Gordon sabe que muito do que disse saiu errado. *Completamente desvairado. Doido.* Gostaria de ser melhor em escolher as palavras certas. Houve um tempo em que ele provocava a mãe para conseguir o que queria. A aprovação do pai; ser *um dos rapazes* no trabalho — quando suas palavras faziam sentido. Eram até esperadas. Mas agora nada disso parece com ele, nada disso parece com ele, ou pelo menos não uma parte de si que ele queira preservar.

Algumas semanas atrás, quando chegou cedo para uma reunião, Gordon sentou-se em um jardim próximo, ao lado de uma reprodução de *Davi coberta de líquen* : nariz arrancado, um membro decepado. E desde então, ele não consegue se livrar da imagem da estátua despedaçada — não apenas um braço faltando, mas um verdadeiro amontoado de entulho; lábios e dedos desmembrados, uma mistura de partes do corpo quase indistinguíveis. Gordon tem a forte sensação de que o que ele está fazendo aqui — no grupo, com Rob, em todas as áreas da sua vida — é tentar usar esses pedaços fraturados e disformes para construir algo novo. E a constatação que o atinge é que simplesmente não é possível esconder as rachaduras.

Gordon volta sua atenção para Rob. "Enfim, eu a procurei online outro dia. É, eu sei", diz ele, vendo Rob fazer uma careta como quem diz: " *Isso nunca é uma boa ideia"* . "Ela é casada. Dois filhos. Trabalha na área jurídica. No começo, eu só fiquei feliz por ela, que tudo tivesse dado certo, sabe? Mas aí eu entrei no site

do escritório dela." Ele estremece ao se lembrar, ao perceber o momento. "E ela é... uma advogada de direitos humanos, especializada em justiça para mulheres e meninas. Estupro, agressão. E eu só... eu só pensei: ' *Eu fiz isso* . O que eu fiz mudou completamente o rumo da vida dela.' E ela ainda carrega isso consigo." Ele suspira. “É provavelmente isso que a motiva, o que a torna boa no trabalho. Quer dizer, não estou tentando levar o crédito por isso — muito pelo contrário. Ela transformou a minha…” — embora Rob já esteja assentindo com a cabeça, Gordon faz uma pausa, tentando encontrar a palavra certa desta vez — “minha escuridão em algo bom. Ela venceu, apesar de mim.”

Gordon percebe que Rob não disse nada durante todo esse tempo e de repente se preocupa por ter ultrapassado os limites; ele não tem certeza se deveria expor seu patrocinador dessa forma. "Desculpe, isso foi um pouco demais?"

Rob balança a cabeça e seus olhos ficam ainda mais vermelhos do que o normal. "Sinto pena de você. E dela. Mas você tem razão, ela conseguiu tirar algo de bom disso." Eles ficam em silêncio por um tempo e, finalmente, Rob diz: "Mas você não bebeu nada?"

“Não, eu só me senti uma merda.”

"Ótimo", diz Rob, com um olhar de suave satisfação.

"POSSO ir com você?", pergunta Kate, batendo um cigarro no cinzeiro da mesa de cabeceira. Maia se ocupa procurando algo na bolsa. "Maia?", repete Kate, sentando-se na cama.

“Já passamos por tudo isso”, diz Maia. Kate nem deveria estar livre hoje; só virou um problema porque o Dr. Shah perguntou se ela toparia trocar de turno.

“Isso foi antes do acidente. Antes de você dizer que ele parecia estar se transformando em alguém de quem você realmente gostava.”

“Ainda é muito cedo.” Ela imagina Gordon na ala psiquiátrica depois do acidente. Ele sempre teve uma presença física imponente. Sólido, bem-apessoado. Mas quando ela entrou no quarto pela primeira vez, ele estava sentado em uma cama de hospital, concentrado em colocar uma fatia de cenoura cozida demais no garfo, e parecia tão abatido. Tão vulnerável. Eles nunca se tocaram — não naquele momento —, mas ela colocou a mão em seu pulso e sentou-se ao lado dele na cama. Nenhum dos dois disse nada, mas depois de um tempo, lágrimas enormes caíram em seu prato. Ela traçou o contorno da marca de nascença em seu pulso. Ela passou a ponta do dedo pelo antebraço, contornando a borda. "Parece um coração", disse ela. "Nunca tinha reparado nisso." Ele se afastou então, não bruscamente, mas de modo que apenas a parte interna do braço ficasse visível. "Está deformado", disse ele, com a voz rouca. Ela se esforçou para entender suas palavras enquanto ele acrescentava: "Devo ter sido mau mesmo antes de nascer." Ele soluçou tão alto que a enfermeira do setor olhou para cima. Sob o olhar dela, Maia sentiu-se compelida a se inclinar e

confortá-lo, a deixar seu ombro se umedecer com a dor dele.

"Cedo demais para quem? Para ele ou para você?", pergunta Kate. "Porque, depois de tudo o que ele passou, não acho que descobrir que você é gay vá ser um grande problema para ele."

“Isso nunca foi o grande problema. O grande problema é ele contar para o nosso pai.”

“O que eu ainda não entendo. Você tem trinta e oito anos, Maia.”

“Trinta e sete.”

“O quê? Pare de desconversar. Eu poderia ir como amigo, seu colega de apartamento. Você nem precisa contar para ele.”

“Não faça isso.”

“Fazer o quê?”

“Isto”, diz Maia, enquanto confere o cabelo no espelho e tira uma das longas mechas ruivas de Kate, que deve ter se soltado da escova. “É conversa fiada. Não é você.”

“Não, não é. Não é mesmo. Exceto com você, porque você não me dá escolha. Passei sete anos — sete anos! — fingindo para todo mundo no trabalho que não tínhamos um relacionamento, caso alguém contasse para alguém e essa pessoa por acaso conhecesse seu pai e, por acaso, comentasse com ele. Tipo, ' *Ei, Dr. A, ouvi dizer que sua filha é gay!',* porque esse é o tipo de coisa que as pessoas ainda se dão ao trabalho de mencionar em 2015.”

“E já faz sete anos que estamos tendo a mesma discussão.”

Kate dá uma tragada no cigarro e, quando fala novamente, sua voz está mais calma. “Tudo o que peço é que me deixe conhecer seu irmão. Porque eu te amo. E quero conhecer sua família, mesmo que não sejam perfeitos.” Ela vê o maxilar de Maia se tensionar e acrescenta: “Não me refiro ao seu pai. Mas ao Gordon. À sua mãe, se houver um momento apropriado para isso.”

Maia senta-se na beira da cama, dobrando e desdobrando o tecido do vestido. Kate ajoelha-se ao lado dela, afasta os cabelos de Maia para um lado e roça o nariz na pele quente do seu pescoço.

"Quanto tempo você levaria para se arrumar?", pergunta Maia em voz baixa, enquanto lá fora a chuva bate forte na janela e uma lixeira recém-esvaziada faz barulho no beco lateral.

“Não vai demorar muito.”

"Tudo bem então", diz Maia, sem ter muita certeza do que está aceitando, mas sabendo que Kate merece mais.

Kate já começou a prender o cabelo num coque enquanto desaparece no banheiro, e enquanto ela se apressa para se trocar, Maia fica sentada de casaco, esperando. Ela se sente fisicamente cansada pela discussão, mas quando pensa em caminhar até a estação de metrô, fica feliz por ter Kate com ela. Ela lidará com o resto — seu irmão, o jantar — conforme for acontecendo.

SUA IRMÃ APRESENTA a mulher apenas como Kate. E Gordon não tem certeza do porquê, mas enquanto estão na esquina decidindo o que fazer com a hora antes do jantar, com Maia lutando para que seu guarda-chuva não vire do avesso, ele percebe que provavelmente são um casal. Maia nunca Ela mencionou um homem, mas também não falou de nenhuma mulher. Com nove anos de diferença entre eles, ele nunca soube muito sobre a vida dela. Só nos últimos meses isso começou a mudar. Agora, ele sabe que ela gosta de assistir a séries médicas para tentar diagnosticar o paciente antes dos médicos na tela; que ela nunca ficou com o saldo negativo na conta, embora tenha acumulado uma multa de 20 libras na biblioteca e esteja envergonhada demais para ir lá pagar; que ela vai de bicicleta para o trabalho todos os dias, mas não consegue correr porque seus tornozelos são fracos devido aos anos de balé que praticou quando era mais jovem; que ela tem uma gata chamada Poppy.

Maia olha dele para Kate com aquele nervosismo característico de quem acabou de apresentar duas pessoas e não tem certeza do que elas podem estar pensando uma da outra. Gordon decide que provavelmente é melhor presumir que eles são um casal e deixar que o corrijam se ele estiver errado, e enquanto caminham pela St. Martin's Lane em direção à galeria onde decidiram se abrigar, ele pergunta a Kate: "Há quanto tempo vocês dois estão juntos?"

“Já faz sete anos, eu acho. É isso mesmo, não é, Maia?” diz Kate, e Maia concorda com a cabeça, corando.

Gordon faz uma careta. "Sete anos. Desculpe, acho que nunca perguntei."

“Ah, tudo bem — meu irmão ainda não conheceu a Maia. Pelo menos não pessoalmente”, diz Kate. “Ele mora na Austrália.”

Gordon está grato por Kate estar tentando fazer com que tudo pareça normal. Mas, pela segunda vez hoje, ele sente que está sendo confrontado com a pessoa que ele era antes. Primeiro na escola com Lily, e agora, apenas alguns meses atrás, antes do acidente. Alguém em quem não se podia confiar, nem mesmo sua própria irmã.

Suas vozes, até mesmo seus passos, ecoam na galeria, e ele Rob se pergunta se aquele era o melhor lugar para ter vindo. Embora ele converse frequentemente com Gordon sobre arte, quando Kate comenta sobre a luz ou a expressão de um personagem, ele não consegue pensar em nada interessante para dizer em resposta, então apenas murmura em concordância. Maia está mais quieta que o normal, mas algumas vezes ele percebe um mínimo de intimidade entre as duas mulheres — um olhar, o jeito como elas ficam diante de uma pintura com os ombros quase se tocando — e se sente desolado. Como se estivesse de fora, quando mal começou a se sentir à vontade com a irmã. Ele se recompõe, sabendo que não tem o direito de sentir ciúmes. "Gostei deste", diz ele, apontando para um Cézanne, determinado a se esforçar.

Kate parece não se importar com a simplicidade da declaração dele e diz: "Ah, eu também. Essa é uma das minhas favoritas."

“Sim, muita energia”, diz Gordon, e desta vez, Maia se vira para olhá-lo. Seus olhares se encontram por apenas um segundo, mas ele percebe algo indefinível,

como gratidão ou aprovação. Parece que isso a permite relaxar em seu próprio corpo pela primeira vez desde que se conheceram hoje.

Eles param diante de uma imagem horrenda, uma pintura emprestada de uma galeria em Madri. Ela mostra um homem nu, frenético e com olhar selvagem, devorando uma figura menor, cujo corpo ensanguentado e sem cabeça está entre suas mãos. Maia acena com a cabeça na direção da pintura e diz baixinho: "Isso te faz lembrar do papai?"

Gordon estuda a obra de arte — seus olhos percorrendo-a, absorvendo cada detalhe — e depois a legenda ao lado. *Saturno Devorando Seu Filho, Francisco Goya, c. 1820–23.* Seu estômago revira. Aquilo revela uma crueza que ele desconhecia, e a sensação é insuportável, impedindo-o de continuar olhando.

NUM restaurante de massas perto da estação de metrô, as três conversam animadamente enquanto enrolam o espaguete nos garfos. O clima só muda quando a chuva dá uma trégua e Kate se desculpa para sair e fumar um cigarro. Assim que ela sai da mesa, Maia diz: “Desculpe, eu não devia ter dito aquilo antes. Na galeria, sobre o quadro e o papai. Foi uma bobagem.”

Gordon parece surpreso por ela ter mencionado isso e ignora o pedido de desculpas. "É assim que você vê as coisas?", diz ele. " *Você* acha que papai me consumiu?"

Ele parece tão vulnerável, tão sincero, que Maia deseja mais uma vez poder voltar atrás com suas palavras. Ela olha pela janela para o perfil familiar de Kate, recortado contra a parede. A ponta do cigarro brilha na escuridão, primeiro perto do rosto dela, depois repousando ao seu lado, o ponto de luz vermelha oscilando levemente enquanto ela bate a cinza com o dedo indicador. Maia não precisa da luz do dia para preencher as lacunas; ela conhece as unhas curtas e limpas de Kate e o jeito como ela fecha os olhos por um instante antes de expirar. Ela se vira para Gordon, sentindo o olhar dele sobre ela, esperando uma resposta. "Não sei se *'consumida'* é a palavra certa. Manipulada, talvez. Você foi recompensada por ser horrível com a mamãe, antes mesmo de ter a chance de... sei lá, formar sua própria consciência, eu acho."

Ela faz uma pausa, sem saber se é isso que ele precisa ouvir. Mas ele ainda está sentado ali, parecendo um animal preso numa armadilha, implorando para que ela o solte, então ela continua. "Então isso te afetou. Ele não se importava que você se tornasse uma pessoa independente, ele só queria te moldar em algo que pudesse machucar a mamãe."

A cabeça de Gordon baixa e ambos ficam em silêncio. O garçom chega e pergunta se está tudo bem com a refeição, e ambos assentem e dizem que está deliciosa, mesmo com a massa endurecendo em seus pratos. Eles conversam amenidades, mas é como se a pintura ainda estivesse com eles, e de repente nenhum dos dois tem apetite para o que está diante deles.

Maia vê Kate apagando o cigarro com a sola do sapato do lado de fora e, num turbilhão de palavras, numa tentativa de salvar a situação, diz: “Sabe, não é só você. Nós duas decepcionamos a mamãe. Você pensaria que, na minha idade, na minha profissão, eu já teria encontrado um jeito de ajudá-la, de consertar as coisas. Mas é diferente quando se trata de família. Não consigo entender como ele tem tanto poder sobre ela.” Kate se aproxima da mesa. “Não entendo por que ela fica; por que ela volta. A única coisa que podemos fazer é estar lá quando ela precisar de nós.”

Kate senta-se. "Está tudo bem?", pergunta, com o cabelo escurecido em algumas partes onde a água da chuva deve ter pingado do toldo.

“Sim. Estávamos conversando sobre o papai. Nada como isso para estragar o clima.” Maia olha para Gordon em vez de Kate enquanto fala, esperando que ele entenda que estão juntos nessa. Porque sempre que pensa na mãe, sente uma profunda culpa. Por não ser suficiente. Por não ser uma filha em quem Cora confie. Por não ter confrontado o pai à medida que foi crescendo, porque no momento em que está na presença dele, volta a ter nove anos, vazia e assustada, como se o vento a atravessasse. Medicina é o único ponto em comum entre eles. O único assunto seguro. O que é um alívio, mas também uma traição. Então é mais fácil não pensar muito. Existir na calmaria entre os momentos de pânico intenso e avassalador, que chegam sem aviso e deixam sua respiração ofegante até... Kate a convenceu a desistir. Até que ela encontre uma maneira de normalizar o fato de sua mãe ainda estar naquela casa. Sem acesso direto aos próprios filhos, sem nem mesmo uma chave para entrar e sair quando quiser.

Eles dispensam a sobremesa e Kate pede a conta.

"Desculpe", diz Gordon, enquanto Maia abre a carteira.

“Fui eu quem sugeriu o jantar. Está tudo bem.” Ela sabe que houve uma época em que ele teria jogado o cartão de crédito na mesa com a maior naturalidade e que deve doer nele não poder contribuir agora.

Lá fora, os três se abrigam na entrada de um prédio do outro lado da rua. "Espero que isso não tenha sido demais para você", diz Maia, procurando pistas no rosto de Gordon, mas qualquer conexão que tenham estabelecido parece ter se desfeito. Ele evita contato visual, encarando as pessoas através das janelas do restaurante que acabaram de deixar.

ele provavelmente está com medo de voltar para casa . A ideia dos três naquela casa a deprime. Ainda reunidos sem alegria em volta daquela mesa. Sua mãe já foi embora quatro vezes. Na primeira e na segunda vez, Maia achou que seria definitivo. Ela começou a contar essas tentativas, vendo seu único propósito como algo que os aproximava um pouco mais do número sete. Sete é o número mágico. Um talismã. É o número médio de vezes que uma mulher tenta deixar um parceiro abusivo antes de finalmente conseguir. Ela disse isso uma noite antes de dormir e percebeu, pela pausa de Kate, pela respiração quase silenciosa e pelo aperto de mão na de Maia, que ela estava pensando: " *Mas é uma média. Haverá exceções . Haverá algumas que nunca conseguirão ou que desistirão da vida tentando."* E Maia sabe o quão pouco científico, o quão

irracional, é seu pensamento quando se trata de sua família.

“Então, adeus”, diz Gordon.

Mas Maia ainda não está pronta para se separar. Ela precisa arrancar algum tipo de garantia dele. "Você não vai... Gordon?" Ela usa o nome dele para tentar chamar sua atenção de volta para ela. "Você não vai, hum, mencionar isso para o papai, vai?"

"Mencionar o quê?", ele pergunta, e ela percebe que ele não está realmente ouvindo.

“Sobre mim e Kate, e—”

"Ela preferiria que você não contasse ao seu pai que ela é gay", diz Kate, categoricamente.

“Ah, certo. É, nem uma palavra.”



Os olhos de Gordon voltam-se para o casal na janela, para a taça de vinho na mão da mulher, o líquido aveludado escorrendo em direção à borda enquanto ela a inclina para beber. Maia está dizendo algo, e ele sabe que está agradecendo e dizendo que foi uma noite agradável e que deveriam repetir a experiência mais vezes, mas em sua mente, ele já está a meio caminho da rua.

Assim que se despedem na estação de metrô Leicester Square, Gordon segue pela rua. A calçada está cheia de gente, mas ele não vê ninguém. Seus olhos estão fixos nas placas acima das lojas, pensando no vermelho aveludado do vinho da mulher. Ele já consegue senti-lo na língua, captar o sussurro do aroma enquanto imagina abrir a garrafa que vai comprar.

Por fim, ele encontra uma loja de esquina e vê a iluminação branca fluorescente no interior. Ele percorre os corredores com a concentração de um cão farejador, desviando-se dos outros clientes como se fossem inanimados. obstáculos. E então ele encontra o que procura. Fileiras de Merlot, Shiraz, Pinot Noir, Malbec. Gordon escolhe um Cabernet Sauvignon mais barato e sente um conforto instantâneo ao ter a garrafa em suas mãos, com seu rótulo impecável, seu conteúdo escuro e promissor. Ele quer mergulhar nele, consumi-lo e deixar-se consumir por ele.

Mas então, quando se aproxima do caixa, seus olhos se fixam nela. Ali, na prateleira atrás do balcão. *Gordon's* . O familiar copo verde. A caligrafia cursiva que soletra seu nome. Que diz " *Seu"* . E que agora também diz " *Lily"* . E *"advogado"* , e *"agressão"* , e como ele se sentiu hoje quando compartilhou suas lembranças daquela noite e suas consequências com Rob. E mais tarde, percebendo que sua própria irmã não confiava nele. E ele pensa: " *Meu Deus"* , e deseja estar bem longe daquela garrafa, daquele nome, do *seu* nome, do Sauvignon Blanc tinto e do erro que estava prestes a cometer. Ele empurra o vinho de volta para uma prateleira próxima, amassando-o entre pacotes de batatas fritas tamanho família. E então ele se vira e sai correndo da loja.

“Ei!” alguém grita atrás dele. E ele ergue as mãos vazias para quem quer que esteja na rua observando-o partir, e corre.

Sete anos depois

2022



Urso



Pearl cava a terra seca com uma pequena pá e, quando sente que o buraco está grande o suficiente, larga a ferramenta e organiza uma espécie de cruz com galhos sobre a cavidade, escolhendo os comprimentos certos para preencher o espaço. Ela leva um pequeno regador azul até a torneira externa nos

fundos da casa. A voz da mãe a chama de dentro, perguntando se ela precisa de ajuda, e Pearl responde: "Tudo bem. Eu consigo", enquanto segura a alavanca de metal rígida e a solta. Ela sorri. Orgulhosa por, como na maioria das coisas, *ter* conseguido. Ela leva o regador de volta ao buraco no gramado e despeja um pouco de água sobre o que fez. Observa a terra escurecer e os galhos se acomodarem melhor. Então, ela se agacha, com a barra do vestido arrastando na lama. Pega três folhas brilhantes que havia arrancado do arbusto de louro mais cedo e as coloca sobre os galhos para escurecer a cavidade embaixo. Um esconderijo perfeito para tatuzinhos-de-jardim e outros bichos rastejantes. Ela vai verificar amanhã para ver se algum deles tem... Venha. Mas, enquanto isso, ela atravessa o gramado para verificar as tocas que criou nos dias anteriores, descascando lentamente uma folha de cada vez, com cuidado para não assustar as criaturas com um súbito clarão de luz.

Lily observa Pearl pela janela enquanto ela dobra uma cesta de roupas limpas. Ela vê muito de Bear nela. Em sua independência, seu amor por vasculhar a terra, sua gentileza. Durante o confinamento, enquanto Lily trabalhava catalogando os e-books da biblioteca, Bear cuidava dos estudos dela, passando por cima das tarefas online que os professores passavam, preferindo coisas práticas. Na colina em frente à casa delas, elas levantavam os tijolos da calçada para procurar tesouros embaixo deles. Praticavam adição e subtração com dinheiro romano. Lily ouvia Pearl tentando pronunciar os nomes em latim: *aureus* , *denarius* , *quinário* , e rindo com Bear sobre um imperador que cunhou treze moedas diferentes com sua própria imagem durante um único ano de reinado. "Vamos fazer moedas com a nossa imagem?", perguntou Pearl. "Até mais do que Quietus!"

Mais tarde, quando o trabalho de Bear no museu passou para o ambiente online, ele e Pearl transmitiram suas aventuras arqueológicas para a comunidade de ensino domiciliar e os incentivaram a enterrar suas próprias cápsulas do tempo.

Lily tinha gostado daqueles dias. As três sempre ao alcance da voz uma da outra, protegidas como num casulo. Uma teia protetora envolvia sua casa. Na hora que antecedeu o pôr do sol, elas se aventuravam a sair. "Lembrem-se das máscaras!", dizia Pearl, na esperança de parar no café que servia sorvetes em uma janela aberta.

E na beleza tranquila do mundo, elas deslizavam pelo centro de estradas desertas em suas bicicletas, a suavidade sedosa do asfalto passando sob suas rodas, Pearl sentada no colo de Lily. guidão. "Mais rápido, mamãe, mais rápido!" ela gritava, enquanto Urso uivava ao lado deles, com gaivotas grasnando acima. Dias de paz. Dias que, em meio ao medo, brilhavam com uma estranha novidade e liberdade.

Era uma quinta-feira quando aconteceu. Um dia comum, cuja agenda foi ditada pelas batidas noturnas da caixa d'água fria no sótão.

"Eu conserto hoje", disse Bear para o travesseiro, enquanto a luz do sol finalmente penetrava o fino véu das cortinas. Sentando-se na cama, ele repassou

mentalmente as soluções que encontrara em um fórum de encanadores no início da semana. Instalar aletas defletoras dentro da caixa d'água, substituir os diafragmas ou, por sua própria escolha, instalar uma boia maior.

“Poderíamos colocar alguém lá”, disse Lily.

“Por que arriscar? E eu posso levar a Pearl; ela vai gostar de ficar passeando por lá.”

Ansiedades — a área de vigas expostas perto do beiral, o buraco enorme da escotilha aberta do sótão — passaram rapidamente pela mente de Lily e logo se dissiparam. Ela se espreguiçou, satisfeita, porque Pearl estaria com Bear. A esposa de Bees, Charlotte, certa vez contou a Lily como, carregando uma cesta pelos amplos corredores do supermercado chique da cidade, se sentiu protegida, como se nada de ruim pudesse acontecer enquanto ela era acolhida por sua arquitetura espaçosa, cercada por seus produtos cuidadosamente organizados. "É assim que me sinto quando estou com Bear", disse Lily, as palavras se formando antes mesmo que ela tivesse a chance de refletir sobre elas.

Charlotte riu. "Que sorte a sua. Não conte para as Bees, mas vou precisar continuar indo ao Waitrose para comprar o meu."

Lily ficou constrangida. Com o quão clichê sua visão de Bear — um homem — poderia parecer. Ela acrescentou: "Acho que são todos aqueles anos no exterior fazendo suas escavações. Acho que você acaba se tornando muito capaz quando..." Você passa tanto tempo no meio do nada.” Embora ela percebesse que não era bem isso. Era sobre como ele havia mudado depois de Paris.

Charlotte assentiu com a cabeça, os cabelos escuros roçando seu queixo. "Sim, é verdade — é *estranhamente* reconfortante tê-lo por perto. E você, claro, mas você sabe o que eu quero dizer."

Lá no sótão, Urso e Pérola pegaram a tampa do reservatório de água fria. "Você conseguiu?", perguntou Urso. Pérola se aproximou para segurar uma das laterais e, juntos, encostaram a tampa nas vigas, gotas de condensação penetrando no piso de aglomerado empoeirado.

"Consigo ver o jardim da Sra. Greene daqui", disse Pearl, ficando na ponta dos pés para olhar através da pequena janela empoeirada na parede da empena.

Bear mergulhou as mãos na água, posicionando sua chave inglesa contra uma porca de latão. "Como estão as vagens dela?"

“Alta. Muito alta. A tenda dela é maior que a nossa.”

O que você acha? Que as varas mais altas incentivam o crescimento dos feijões, ou que ela as plantou porque eles cresceram demais para as mais curtas?

"Não sei ao certo", disse Pearl, com o rosto colado ao vidro empoeirado. "Mas eu adoraria saber o segredo dela."

Bear sorriu para si mesmo — ele adorava ouvir Pearl usando expressões de gente grande.

Enquanto ele trabalhava, Pearl vasculhava uma pilha de livros antigos. "Não me lembro de nenhum deles. Você está guardando para o caso de haver outro bebê?", perguntou ela, virando as grossas páginas de tecido e parando para observar um círculo que refletia sua própria imagem.

“Não. Principalmente para que, quando estivermos velhos, possamos nos lembrar de lê-las para você”, disse Bear enquanto apertava o braço de metal da nova boia. “Pronto. Quer ajudar a colocar a tampa de volta?”

Ela colocou o livro de lado e se levantou. "Por que precisa de uma tampa?"

“Para manter os ratos afastados.”

"Tem ratos aqui em cima?", perguntou Pearl, olhando para dentro do beiral, enquanto recolocavam a tampa de plástico no lugar.

“Não, é mais por *precaução* ”, disse ele, limpando o rosto com a escova ao sentir um leve toque em sua pele. “Droga!”

Pearl cobre a boca, dando risadinhas. "Cinquenta centavos!"

"Acho que fui picado." Mesmo antes de terminar a frase, Bear sente a dobra entre o nariz e a bochecha começar a inchar.

Pearl pisca para ele através da penumbra. "Ai, eu sei onde isso te atingiu. Está doendo, papai?"

Ele pressiona o dedo na almofada de pele que está repuxando. “Só um pouquinho. Mas vou ficar bem. Espero que não tenhamos um ninho aqui em cima”, diz ele, olhando em volta. “Embora eu tenha certeza de que teríamos ouvido. Talvez um deles tenha nos seguido até aqui.” Ele nota a pilha de livros espalhados que Pearl deixou para trás. “Agora vamos arrumar esses livros e escolher alguns para levar de volta.” Eles passam muito tempo debruçados sobre as páginas. Meia hora se passou quando Pearl pega “ *A Lagarta Muito Faminta”* e declara que, se quisesse se transformar em borboleta, com certeza começaria com sorvete. Ela pergunta a Bear o que ele escolheria primeiro, e quando ele responde melancia, percebe que sua voz está rouca. Que sua garganta está estranha. Ele lê rapidamente as últimas páginas e depois arruma a pilha de livros.

“Vamos lá, vamos descer. Aqui, plataforma elevatória”, diz ele com a voz rouca, enquanto coloca Pearl no ombro e sobe os degraus de metal com uma só mão. Ela ri baixinho de novo, e ele se sente aliviado por ela não perceber sua urgência, não notar a rapidez com que ele a coloca no tapete e desliza a escada de volta para o lugar, a destreza com que a empurra. Ele recoloca a escotilha do sótão no lugar com a vara em forma de gancho. Mas por dentro, seu coração está acelerado, e ele sente o rosto se expandir, a língua engrossar, enquanto se move pelo patamar. Ele desconecta o iPad em seu escritório e faz um gesto para que Pearl vá até seu quarto. Lá, ele toca no ícone da programação infantil, e Pearl fica encantada ao ver desenhos animados antes do anoitecer. Antes do almoço, inclusive.

Ele está tonto agora, mas só precisa se manter firme até estar longe o suficiente de Pearl. Ele desce as escadas cambaleando, agarrando-se ao corrimão. Onde está Lily? No jardim? Na cozinha? Ele olha para a sala de estar vazia e a chama pelo nome. Mas as palavras se perdem na garganta e na língua, que — a cada instante — se expandem como massa de pão fermentando. Ao se jogar no sofá, ele bate com a mão fechada na mesa de centro. Uma, duas vezes —

“Urso? É você?” E então Lily está lá. Na porta. Vestido branco, cabelos

escuros, lábios se movendo em palavras que ele não consegue decifrar. Ela se ajoelha ao lado do sofá, tentando fazê-lo falar, para que ele entenda o que ela está vendo.

“Pérola! Pérola? Você sabe o que aconteceu com o papai?” Urso agarra o pulso de Lílian, balança a cabeça de um lado para o outro, mas é tarde demais. Pérola já está na escada, seu rostinho aparecendo entre os balaústres de madeira, assustada demais para se aproximar. “Ai, meu Deus, eu não pensei nisso”, diz Lílian, olhando para Urso. Ele afrouxa o aperto em seu braço. Pisca. Como se dissesse: *Está tudo bem; não há nada que possamos fazer agora* .

Lily suaviza a voz e se vira para Pearl. "Você sabe o que aconteceu? Você estava com ele no sótão."

“Nós lemos livros”, diz Pearl, com os olhos arregalados.

“Mas não aconteceu nada?” Ela observa o rosto inchado de Bear e toca-o com a mão. “Nada o machucou?”

O lábio inferior de Pearl treme. Ela acena com a cabeça. "Uma vespa."

E Lily tem segundos para realizar um truque de mágica. Segundos para evitar o que agora é inevitável. Embora ela não tenha um chapéu de mágico de onde possa tirar um elixir salvador. Nem uma varinha mágica para agitar.

Mas então os segundos se esvaem. E restam apenas minutos frenéticos e incrédulos, minutos em que a esperança se agarra como a um bote salva-vidas furado. Em que o ar é soprado em uma garganta contraída; em que pequenos dedos com covinhas digitam conscientemente os dígitos 9-9-9 no telefone da mãe; em que pactos são feitos com um Deus desconhecido; em que paramédicos deslizam em direção a elas sob uma passagem de luzes azuis, ainda acreditando que há alguém para salvar.



HORAS — OU TALVEZ UMA eternidade — depois, Lily e Pearl chegam a uma casa mergulhada na escuridão. A chave na fechadura parece estranha. E quando acendem a luz do corredor, ficam ofuscadas.

Um silêncio terrível se instala em cada canto de cada cômodo e permanece por dias. Suas vozes se perdem nele. Suas palavras saem como esponjas atiradas contra pedras, ricocheteando e caindo no chão, sem esperança de penetrar. Movem-se pela casa como criaturas perdidas na floresta. Agarram-se uns aos outros, sem se separarem. Um copo d'água, uma ida ao banheiro, um lenço esquecido, algo deixado no quarto ao lado; movem-se como um só, sem querer perder o outro de vista.

Eles seguem as diretrizes do governo e só se encontram com a família ao ar livre. Alguns dias antes do funeral, sentam-se no calçadão com Bees e Charlotte, olhando para o mar. "Toma um, mamãe", diz Pearl, estendendo seu saco de papel com batatas fritas. O vinagre arde na boca. Lily tosse, com a garganta apertada, e uma mulher que passa por perto puxa a máscara para cima do nariz, num gesto

provocativo. Elas olham para as costas dela, largas e bem acolchoadas, protegidas pela crença de que o vírus é o único risco.

"Ela se sairia melhor resmungando sobre as lajes irregulares do pavimento", diz Charlotte.

“Ai, meu Deus, não faça isso. É como se você estivesse desejando isso para ela”, diz Maia. Lily ri, um riso baixo e culpado. Mas um riso que se espalha para as outras, crescendo até se tornar uma gargalhada estrondosa, uivante e rugindo, fazendo seus ombros tremerem e seus olhos lacrimejarem. Até que — inevitavelmente — a gargalhada se atropela. E essa parte, pelo menos, Pearl entende.

De volta a casa, elas se sentam no sofá e Pearl encosta a bochecha na almofada. "Foi aqui que o papai morreu?", pergunta, sabendo que sim, mas precisando que Lily repita as palavras em voz alta. De novo e de novo. Como se só pudesse fazer sentido na recontagem.

Eles fazem quebra-cabeças, constroem torres de LEGO, leem histórias e, a cada peça colocada, a cada bloco empilhado, a cada página virada, Lily sente a ausência de Bear. Um dia, eles fazem scones e, enquanto pressionam o cortador na massa grossa, Lily fica perplexa ao pensar que Bear pode estar morto e eles estarem ali, assando. Que o mundo continua girando. Que ela continua funcionando.

"O papai vai morrer para sempre?", pergunta Pearl.

“Sim”, diz Lily, a palavra caindo como uma pedra na água.

Pearl dorme na grande cama de casal e Lily, com cuidado para não a acordar, vai ao banheiro várias vezes durante a noite para chorar, com a luz do poste entrando pela janela e iluminando suas escovas de dente. A de Bear já está ficando rígida por falta de uso. Ela a enxágua, querendo reanimá-la. Mas imediatamente sente como se estivesse... Ela lavou tudo o que fazia valer a pena guardar aquilo, e o jogou no lixo. De quatorze a trinta e dois anos. Não é, não era, o suficiente. Ela quer envelhecer com ele. Quer sentir os braços dele ao redor dela. Quer afundar o rosto no calor perfumado de biscoito do pescoço dele.



CORA PASSOU os últimos dias visitando os jardins onde costumava trabalhar. Os donos lhe devolveram a antiga chave. Ela se ajoelhou ao lado das peônias, lágrimas escorrendo pela terra, observando o cerrado botão de pétalas se soltar um pouco a cada dia, desejando que se abrissem completamente no momento certo. Que erguessem suas cabeças e cantassem — que estivessem em seu auge de glória — na manhã em que seu filho deixar este mundo. Na manhã em que seu adorável corpo se transformar em pó.

Agora, ao sair do carro, ela é saudada pelo coro da alvorada. Ela entra nos jardins pelo portão rangente, caminha pelas trilhas de cascalho, atravessa o gramado do pomar, com a grama úmida de orvalho. E encontra as peônias

perfeitas. Generosas. Inteiras. Como o Urso. Ela inclina o rosto para elas, afunda o nariz no centro de cada uma, deixa que as pétalas acariciem suas bochechas. Suas calças ficam encharcadas nos joelhos. Quando sente que já passou tempo suficiente ali — mas quando é que algum dia terá passado tempo suficiente ali? — ela se afasta. Tira da bolsa sua tesoura de poda favorita. Está acostumada a podar drasticamente, a cortar as coisas, mas nunca cultivou flores para corte. Ela hesita diante da primeira flor, examinando cada exemplar de todos os ângulos. Finalmente, escolhe uma. A primeira, pensa ela, não será a melhor, mas ainda assim será boa. Ela segura a base da cabeça entre dois dedos e, com a outra mão, posiciona as lâminas mais abaixo no caule e corta.



O FUNERAL ESTÁ sendo realizado com distanciamento social, os enlutados isolados em seus respectivos grupos, com número limitado de participantes.

Cora tem Mehri, mas não pode tocar na neta, não consegue atravessar o vazio para abraçar Lily. E assim, elas ficam paradas no estacionamento, soluços abafados pelas máscaras. As tentativas de consolo não chegam a lugar nenhum, caindo em algum ponto dos dois metros que as separam.

Pelas janelas do carro funerário, Cora consegue ver o arranjo de peônias, hortênsias e eucaliptos que adorna o caixão de Bear. As flores são lindas. Exatamente como ela esperava. Mas a intimidade dos dias que passou cuidando delas... levando-as à floricultura e sentando-se à porta de casa esta manhã, conversando baixinho antes que a cidade acordasse... aquela delicadeza, desapareceu.

Lá dentro, eles se sentam separados. A capela, suas palavras, seus movimentos, transmitidos ao vivo para que pessoas que Cora nunca conheceu — os amigos de Bear, seus colegas do museu, contatos do mundo todo — possam sentar-se em frente às telas de seus computadores e assistir. Observando seu luto. Ela espera que a imagem esteja desfocada demais para captar o tremor nas costas de Bees durante a cerimônia; espera que a qualidade do som seja ruim demais para registrar o gemido baixo e animalesco que Pearl emite quando a cortina se fecha ao redor do caixão. No meio da leitura, Cora levanta os olhos e vê o olhar intrusivo da câmera. Ela gagueja, mas não se importa se eles perceberem. Num breve acesso de raiva, ela espera que isso os deixe desconfortáveis, espera que os faça desviar o olhar. Mesmo que nada disso seja culpa deles.



"SINTO QUE não tenho nada", diz Maia a Lily ao telefone certa noite. "Como se ele estivesse aqui, e agora não está mais, e eu não consigo entender. A falta de...

de qualquer coisa nesse meio tempo."

Não é lógico nem gentil, mas às vezes Lily sente que ela e Pearl podem ficar com ainda menos dele se ela reconhecer o que qualquer outra pessoa significava para Bear, mas mesmo assim, ela se pega dizendo: "Você sabia do sonho que ele costumava ter?"

“Acho que não—que sonho?”

“Sobre você. Ele tinha isso desde que saiu de casa.”

"Ah", diz Maia, e Lily percebe que é algo que nunca ouviu antes.

Lily imagina Maia em sua sala de estar familiar, com os olhos inchados, desejando apenas *alguma coisa* . E certamente, ela pode lhe dar isso? Então ela respira fundo. "No sonho, ele estava morrendo—"

“Desculpe, não tenho certeza se consigo fazer isso agora. Achei que seria algo legal.”

"Eu sei que soa mal, mas, sério, Abelhas, acho que vocês vão querer ouvir. Acho que pode ajudar."

Lily ouve Maia recuperar o fôlego e sabe que ela está chorando de novo. Quando ela não diz mais nada, Lily continua. “No sonho, era sempre a mesma coisa. Ele não tinha certeza da causa, mas sabia que estava morrendo, e estava apavorado e sozinho. Mas aí você estava lá. Empurrando-o no balanço ou sussurrando as falas para ele em uma peça da escola. Coisas diferentes. Mas sempre terminava do mesmo jeito. Numa corrida — como no dia dos esportes. Ele estava ganhando, mas não queria ganhar. E Ele tinha um certo pavor. De chegar à linha de chegada, sabendo que haveria aquela fita branca atravessando-a, e que quando ela se rompesse em seu peito, seria o fim. Mas então você aparecia na multidão. Ele dizia que sempre se sentia tão feliz e aliviado por você ter vindo. Ele corria para trás para tentar ficar na sua altura, mas então, não importava o quanto lutasse, ele era puxado em direção à fita de qualquer maneira. Mas ele não tinha mais medo. Ele só me contou isso porque eu me cansei de vê-lo se cobrindo com o edredom. Eu sempre acabava acordada, mas ele voltava a dormir imediatamente com um olhar de satisfação no rosto. Ele disse que sempre tinha sido assim para ele: que você sempre estava lá, sempre o fazendo se sentir seguro e amado.

"Ah", diz Maia, com uma voz baixa e trêmula. Lily fica sentada, ouvindo sua respiração. "Obrigada", diz ela finalmente.

"Eu deveria ter te contado antes", diz Lily. "Mas talvez eu quisesse ser eu a confortá-lo daquela forma. Fiquei me perguntando, porém, se você estava lá com ele — à margem — quando ele realmente morreu."



LILY NÃO SABE por que mantém o celular do Bear carregado na mesinha de cabeceira. Talvez pelas mensagens ou e-mails ocasionais que chegam de alguém desconhecido, e pelo breve momento que lhe permite imaginar, em outra vida, se

as coisas tivessem sido diferentes, ele estaria ali para ler com os próprios olhos, para digitar uma resposta com os próprios dedos. Mas um dia o celular *toca* , um som inesperado que faz Lily e Pearl levantarem os olhos do quebra-cabeça e pararem. Elas sobem correndo as escadas, desesperadas para atender antes que pare. Pearl se joga na cama enquanto Lily aperta o botão verde para atender.

Há um homem do outro lado da linha. Ele pode falar com o Urso?

Um momento de silêncio, choque. Um desconforto na sua recuperação. Oh, ele sente muito. Muito mesmo por isso. Ele está ligando a respeito do carro elétrico que o marido dela encomendou no ano passado. Ela não sabia? A pandemia afetou a produção, mas finalmente está pronto para entrega. Já está totalmente pago.

Enquanto o homem fala, Lily imagina Bear debruçado sobre sua conta bancária, guardando dinheiro para o primeiro carro deles. Eles nunca precisaram de um, morando tão perto da cidade e da estação, mas ela sempre quis um. Quis dirigir pelo interior ouvindo música. Ir de férias sem precisar de táxi para o último trecho da viagem. Visitar seus pais e Cora sem ter que se preocupar com horários de trem. Ela imagina Bear online, pesquisando. Imagina-o na concessionária, seu lindo marido, fazendo algo especial para ela no meio de um dia comum, antes do mundo parar. Onde ela estava então? Talvez caminhando à beira-mar, ou na biblioteca. E ela seguiu em frente, alheia. A ele, e a essa coisa especial. Alheia também ao que é ter essa pessoa na sua vida, essa pessoa que planeja surpresas, que tenta colocar asas nas suas costas.

Pearl, que estava ouvindo tudo com a têmpora encostada na de Lily, disse: "Pergunte qual é a cor, mamãe!"

O homem ouve. "Preto", diz ele. Exatamente o que Lily teria escolhido.



E AGORA, EM 2022. Dois anos se passaram desde a morte de Bear. E Pearl, a filha que eles tiveram juntos, tem seis anos. Ela diz: “Conte-me a história de…” e Lily lhe contará alguma história com seu magnífico filho. pai. Ela vai se preocupar em estar transformando-o em um deus mítico, uma criatura boa demais para ter realmente caminhado sobre a Terra. Mas ela não pode diminuir o brilho dele. Torná-lo menos brilhante do que era. "Tivemos sorte, não tivemos, mamãe?", diz Pearl, e Lily concorda com a cabeça.



UM DIA, ENQUANTO Pearl passeava com Maia, elas encontraram um casal de idosos com um cachorrinho. O filhote pulava nas folhas que voavam ao vento, tropeçava nas próprias patas, perseguia o próprio rabo e mal conseguia manter o

interesse antes de se encantar com a próxima coisa. Maia perguntou se podiam acariciá-lo e, enquanto os adultos conversavam em voz alta, Pearl tocou as orelhas aveludadas do cãozinho, que a cutucou na perna, querendo se aproximar ainda mais. Ela ouviu trechos da conversa: sobre como os cães não precisam viver tanto quanto os humanos, pois são simplesmente muito bons em encontrar alegria na vida. Como se fôssemos colocados neste mundo para extrair uma certa quantidade de felicidade e pudéssemos partir assim que a tarefa estivesse cumprida.

"É como o papai, abelhinhas?", pergunta Pearl enquanto se afastam.

Maia prende a respiração e seus olhos ardem. "Mais ou menos", diz ela, e sente os dedos de Pearl percorrendo sua palma até encontrarem os seus.

“Fico feliz que você seja uma pessoa bastante séria”, diz Pearl, apertando a mão dela. E Maia entende o que ela quer dizer; que ela deseja — precisa — que o resto do seu povo fique por mais tempo.

“Não se preocupe, eu não vou a lugar nenhum.”

Maia sorri, pensando em seu irmãozinho. Lembra-se de como sempre esteve à sombra de sua exuberância, de sua capacidade de tornar as coisas especiais, mas como isso sempre foi um privilégio para ela. E agora veja o que ele deixou para eles. A linda e capaz Pearl.



“Conte-me a história do meu nome”, diz Pearl, sentada de pernas cruzadas na pia enquanto lavam a louça juntas. E Lily conta como foi. Como Bear disse que elas deveriam pensar em como seus próprios nomes combinariam com essa nova pessoa que as completaria.

“Claro! Animal, vegetal e mineral”, disse ele, encantado. “O nome dela deveria ser um mineral.”

Lily abriu uma lista no celular. Jade, Ruby, Opal, Emerald, Crystal; lendo os nomes até... Pearl.

“Pérola”, repetiu Bear, testando por si mesmo.

“Mas diz que uma pérola não é propriamente um mineral.” E Lily leu a explicação: “Embora a pérola em si seja composta de um mineral, sua origem orgânica a exclui de ser considerada um mineral oficial.”

"Mas também não é como se o lírio fosse oficialmente um vegetal. É mais como *matéria vegetal* ", disse ele, rindo.

Recentemente, Lily e Pearl começaram a jogar juntas. Primeira pergunta: animal, vegetal ou mineral? Pearl tenta adivinhar o que Lily está pensando, mas quando chega a sua vez de dar dicas, ela sempre responde "Animal" à primeira pergunta. Lily então inventa perguntas para levá-la por um caminho tortuoso até a resposta que ela já sabe. "Será que é... Papai?", ela acaba perguntando, e Pearl sorri, satisfeita.

Os dias de aula são longos e Pearl chega exausta. Longe dos portões, ela pede

uma carona nas costas e, mesmo depois de um turno na biblioteca, Lily sobe a colina com tudo, o corpo quente de Pearl estendido em suas costas, a lancheira vazia batendo levemente contra sua lateral. Seu quadril arde. sob o peso combinado deles, mas isso faz com que Lily se sinta mais viva, sendo trazida de volta ao seu corpo, libertando-a do torpor da dor.



ELES ESTÃO PLANEJANDO adotar um gato. "Não é para substituir o papai", esclarece Pearl quando conta para Cora. E Cora concorda com a cabeça, percebendo que estão trazendo uma criatura de volta para suas vidas para manter a trindade animal, vegetal e mineral. Que há força em decidir não seguir em frente para sempre sem essa energia animal em suas vidas. O Urso ficaria tão orgulhoso.



FOI DURANTE o primeiro confinamento, antes da morte de Bear, quando as calçadas e janelas ainda estavam cobertas de arco-íris desenhados à mão, e todas as quintas-feiras às 20h as portas da frente se abriam para aplaudir os profissionais do NHS que cuidavam dos doentes, que Maia recebeu notícias dele. A carta chegou entre contas e um folheto de entrega de pizza.

Ela não reconheceu a caligrafia dele. Talvez porque tivesse adquirido o leve tremor da idade, ou talvez porque ela a tivesse apagado de algum arquivo mental outrora guardado. E assim, leu a primeira linha, sem perceber de quem eram as páginas manuscritas.

Querida Maia,

Espero que esteja bem. Talvez você não se lembre — talvez nem tenha sido você —, mas há alguns anos, talvez em 2009, acho que nos vimos num engarrafamento. Eu tinha certeza de que era você e acho que você também me reconheceu. Pensei em Você tem me procurado com frequência desde então, e eu quis escrever para você em muitas ocasiões, mas por respeito à nova vida que você certamente construiu, evitei me intrometer. De alguma forma, a pandemia mudou as coisas. Com quase oitenta anos, e a morte à espreita em cada maçaneta, tenho uma noção maior de que o tempo é finito. De que o contato é agora ou nunca…

Ela dobrou a carta e a empurrou de volta para o envelope, como se o conteúdo pudesse saltar da página para sua mente sem ser convidado, caso não a guardasse rapidamente. Carregou-a na bolsa por dias, sentindo sua presença, a silhueta do pai pressionando seu ombro enquanto decidia o que fazer. Perguntou-se como ele havia encontrado seu endereço; fazia anos que não tinha contato com os avós.

Certa tarde, ela guardou os prontuários dos pacientes mais cedo e caminhou com cuidado pela praia de pedras até se sentar à sombra de um quebra-mar de madeira. Pegou as páginas novamente, consciente desta vez de que seus dedos tocavam o papel que ele também havia segurado. Olhou para o céu, na esperança de que o ar salgado e cortante do mar a livrasse disso, mas só sentiu o gosto pesado do sal, impregnando a sensação. Relutantemente, baixou o olhar e começou a ler.

Quando terminou, ela se encostou no quebra-mar. Não tinha certeza de quanto tempo havia passado quando Charlotte chegou cambaleando à praia e se sentou ao seu lado.

“É uma carta do meu pai”, disse Maia, virando a ponta do envelope. “ *Foi* ele, naquele dia no engarrafamento.” Charlotte passava os dedos compridos pelas pedrinhas. “Aparentemente, ele está escrevendo para fazer as pazes. Para renovar minha fé na humanidade. Em nosso potencial de mudança.” Maia deu uma risadinha.

"Ele mudou? Quer dizer, mudou?", perguntou Charlotte.

"Possivelmente. Depois que saiu da prisão, ele foi para uma instituição de caridade para agressores domésticos. E, mais tarde, acabou trabalhando para eles. Ele provavelmente teria se saído bem; na verdade, ele era um bom médico, antes de tudo, minha mãe sempre dizia. Um médico melhor do que marido, de qualquer forma."

Charlotte olhava para o mar, mas Maia sabia que tinha toda a sua atenção. Ela tinha um talento especial para perceber quando era melhor esperar do que fazer perguntas.

"Aparentemente, eu tenho uma meia-irmã. Ele estava num novo relacionamento. Um relacionamento normal, segundo ele. Não mais. Mas apenas porque o amor acabou, diz ele, e não por algo mais sinistro. Parece que a filha não tem muito contato com ele. Ela tem dezessete anos."

“Nossa. Uma irmã. Eu nunca tinha pensado nisso”, disse Charlotte.

“Nem eu.” Depois de um tempo, ela acrescentou: “Ele se desculpou comigo na carta. Também com a mamãe e com o Bear. Se eu quiser repassar a carta.”

Você acha que vai contar para ela?

“Não tenho certeza de que benefício isso traria. Além de despertar uma série de sentimentos dolorosos.”

Eles ficaram sentados em silêncio e, por fim, Charlotte disse: "Você vai responder?"

“Não sei. Acho que vou ficar aqui sentado mais um pouco para ver se a resposta me vem à mente.”

“Certo, então”, disse Charlotte, endireitando-se. Ela alisou as calças. “Estarei em casa. Volto para o jantar?”

Maia ergueu os olhos, semicerrando-os, com o sol baixo do entardecer a bater-lhe nos olhos. "Sim, “Até às sete”, disse ela, e Charlotte apertou seu ombro e voltou caminhando pela praia.

Maia observou o sol começar a se pôr. As ondas quebravam cada vez mais perto, rompendo uma faixa de seixos e invadindo a seguinte. Quando as ondas atingiam a poucos metros de distância, ela tirou os sapatos, equilibrou-os em um poste desgastado e entrou no mar de Brighton, a água gelada cortando sua pele. Quando a água chegou à altura da coxa, com o vestido grudado no corpo, ela tirou a carta do envelope e a pressionou contra a superfície da água, observando a tinta escorrer das páginas até que restasse apenas papel borrado e desintegrado em suas mãos. Ela gostaria que tivesse levado minutos, mas foram apenas segundos. Ela juntou os restos em uma bola, virou-se e voltou para a praia, com os seixos cravando na sola dos pés. Jogou a massa encharcada de água salgada em uma lixeira no calçadão, e ela bateu no metal com um baque surdo. Então ela se sentou no paredão, calçou os sapatos e voltou para sua vida com Charlotte, deixando o pai que um dia teve para trás.



CORA ENVELHECEU com a perda de Bear. Com a falta de uma despedida. Com a separação de Pearl e Lily em seu luto. Mas, assim como da última vez, quando Vihaan foi morto e Gordon preso, é Mehri quem a ampara. Mehri com quem ela ri e chora na escuridão. Mehri que, conforme a vida começa a se abrir novamente, a guia gentilmente em direção à luz, como uma criatura emergindo da hibernação. O sangue correndo mais frio, mais devagar, mas ainda assim, com a sensação de ter sobrevivido.

Certa noite, quando chega à casa de Mehri, elas ficam conversando na cozinha e Cora percebe vozes masculinas, a presença de... Outra pessoa estava com Roland na sala de estar, no final do corredor. "Quem é?", ela pergunta sem emitir som, e Mehri lhe diz que é um amigo de Roland — Felix — que apareceu de surpresa para lhe emprestar uma agulha para o toca-discos.

“Você quer dizer o cara com quem eu saí?”

"Um encontro?", pergunta Mehri, enquanto Cora a silencia. "Ah, sim. Um encontro! Nossa, quanto tempo faz? Vinte anos?" Mehri balança a cabeça em descrença.

Cora sabe que as visitas simultâneas são uma coincidência, mas mesmo assim, sente-se sem jeito ao colocar a cabeça para dentro da sala para dizer olá.

“Ah, Cora, não é?” diz Felix. “É ótimo te ver de novo.” Seu sorriso é instantâneo e genuíno, e nada em seu jeito parece sugerir que ele guarda ressentimento — ou, talvez, qualquer lembrança — de que Cora não tenha querido levar as coisas adiante. Ele tem um rosto amável, embora Cora se

surpreenda ao vê-lo tão mais velho. Mas então ela se lembra de que também está mais velha; ambos estão perto dos setenta.

“Vamos começar a preparar o jantar. Você quer ficar e jantar conosco, Felix?”, pergunta Mehri.

Os quatro preparam uma refeição, com o som crepitante do vinil ao fundo, Mehri e Roland ocupados na cozinha, enquanto Cora e Felix picam legumes na mesa.

Cora conta a ele sobre Pearl, sobre como ela pega o trem para Brighton para assar com ela toda semana. "Principalmente coisas de pão. Ela gosta de enfiar os dedos na massa, moldá-la em animais. Principalmente gatos. Ela acabou de adotar um gatinho."

“Era meu ganha-pão. Agora estou aposentado.”

“Ah, sim, claro.” Ela havia se esquecido de que ele era veterinário.

“Eu gostava de ouvir os nomes que os donos davam a eles. Sempre gostei quando optavam por nomes que soassem humanos. Como Derek. Ou Clive.”

“Bem, a Pearl deu o nome de Cat para a dela.” Ela vê Felix sorrir. “Não é tão sem imaginação quanto parece”, acrescenta Cora, e de alguma forma se vê contando mais coisas para ele. “Perdemos meu filho — o pai da Pearl — durante o lockdown. O nome dele era Bear. Acho que Cat é uma homenagem a isso. Ele era—” Ela para de cortar e olha para o teto, tentando encontrar as palavras certas. “Ele era o próprio nome. Meio meigo, carinhoso e gentil. Mas também corajoso e forte.”

Felix larga a faca e cobre a mão de Cora com a sua, enquanto ela se recompõe. Ela percebe Mehri e Roland ao fundo, ainda se movimentando pela cozinha; por um instante, ela se esqueceu de que eles estavam ali. Ela sabe que Mehri deve ter ficado surpresa ao ouvi-la falar tão abertamente. Ela mesma está surpresa.

“E o gato faz jus ao nome?”, pergunta Felix.

“Ah, sim, exatamente assim. Vive a vida do seu jeito. Mas — e eu não sei como conseguiu isso — fez com que a casa deles parecesse um lar novamente. Pensando bem, por muito tempo, não foi.”

Por um tempo, Felix fica em silêncio. Então, ele diz: “Sim, eu sei como é. Perdi minha esposa para o câncer pouco antes do lockdown. Nossa casa... tem sido um lugar difícil para passar tanto tempo sozinho nos últimos anos. Um gato teria sido bom. Nem que fosse só para ouvir o barulho dele indo e vindo, usando a caixa de areia.”

É estranho perceber quanta coisa eles viveram desde o último encontro. Que ambos sofreram tantas perdas. Cora notou uma certa vulnerabilidade nele, percebe que seus nervos, assim como os dela, estão à flor da pele.

Conforme a noite avança, eles ficam absortos um no outro, ansiosos para ouvir o que o outro tem a dizer. Mal percebem quando Roland e Mehri se afastam para fazer uma salada de frutas ou para falar com Fern ao telefone. Cora chega a se perguntar se estão sendo indelicados, mas sabe que seus amigos não se importarão.

Elas são sérias, e depois descontraídas. Em um dado momento, Cora se vê demonstrando um movimento específico de balé para ilustrar uma história de sua juventude. "Não sei dizer há quantos anos não faço isso na frente de alguém", diz ela, enquanto se senta novamente.

“É verdade. Somos amigas há trinta e cinco anos e nunca consegui arrancar um plié seu”, diz Mehri ao voltar para o quarto. Ela para atrás da cadeira de Cora e se inclina para lhe dar um beijo na bochecha. “Vamos para a cama, azizam.”

"Que horas são?"

“Ah, depois da meia-noite”, diz Mehri.

"Eu não tinha percebido que estava ficando tão tarde." Cora toca na tela do celular e vê que já passou da uma da manhã.

“A noite ainda é uma criança”, diz Mehri, colocando a taça de vinho ao lado da pia. “Talvez, se vocês ainda não terminaram aqui, possam se lavar antes de irem embora?”, acrescenta, com os olhos brilhando. Então, ela se vira para Felix: “Foi ótimo quase não ter conversado com você. Não me lembro da última vez que vi Cora se divertindo tanto. Você precisa voltar.”

Mehri os deixa com a louça, um com o outro. E mais tarde, a oferta de Felix de acompanhar Cora até em casa, e a aceitação dela, são impensadas; eles já estão absortos em uma conversa que continuará a se desenrolar lentamente ao longo de todos os anos que lhes restam.

Julian



UM Ao retornar ao seu estúdio, Julian folheia as fotos no celular e envia uma mensagem para Cian com uma imagem de uma remessa de caixas que, apenas quinze minutos antes, estavam empilhadas à sua frente. Agora, o banco encostado na parede está vazio pela primeira vez em meses. São apenas 11h da manhã, mas parece um momento que merece ser registrado de alguma forma. Se fosse fumante, sentaria nos degraus dos fundos, perto da

escada de incêndio, e exalaria o estresse dos últimos meses em uma nuvem de nicotina e alcatrão. Ele pensa em suas caixas de joias, chacoalhando pela cidade na traseira da van do entregador, envoltas em plástico bolha, enquanto seguem para o porto e, em seguida, para um lugar chamado, ironicamente, Liberty. Uma loja de departamentos em Londres que, segundo Cian, foi construída com a madeira de navios antigos, com uma escadaria de mogno que range ao subir e dá a sensação de que o prédio inteiro pode estar se inclinando em uma onda. Cian diz que também há fantasmas lá. Julian se pergunta se eles encontrarão alguns dos seus. Se Ele não fundiu alguns fragmentos ao metal enquanto fabricava este carregamento. Ele não é alguém propenso a pensamentos mágicos, mas ainda assim, se preocupa que seus próprios pensamentos, suas memórias, o estresse deste período, possam de alguma forma ter se fundido em cada peça. Embora Maia diga que não acredita que funcione dessa maneira.

Ele se apoiou muito em Maia durante a pandemia, desde que Orla saiu de casa com as crianças. Naquele primeiro confinamento, quando seus pontos de venda fecharam e o desemprego atingiu o maior aumento mensal da história da República, foi como uma queda livre em céu aberto, um pouso forçado que o aguardava. Não havia nada que ele pudesse fazer para impedir. E enquanto muitos pareciam estar fazendo pão de fermentação natural e cultivando vegetais, não havia apoio para os autônomos. Pelo menos não no início, e as interações entre Julian e Orla logo se tornaram ásperas como lixa se esfregando contra si mesma.

“Por que você comprou mais café?”

"O que?"

“É um luxo, não uma necessidade.”

“É essencial para mim.”

“Mais do que alimentar seus próprios filhos?”

As palavras poderiam ter sido ditas por qualquer um deles, dependendo do humor, de quem estivesse mais ansioso em determinado momento. E a mulher que ele um dia idealizara, o jeito como ela olhava quando se virava para ele daquele jeito, o brilho pêssego da pele dela naquela última hora antes do pôr do sol, quando tudo parecia dourado… ele não a via mais. Ela era apenas Orla. Calça jeans um pouco apertada demais, olheiras profundas, o hábito irritante de estalar a língua distraidamente até Julian sentir que o barulho poderia perfurar seu crânio.

Em maio, durante o primeiro confinamento, a máquina de lavar inundou a cozinha e Julian passou dois dias em meio a uma pilha crescente de ferramentas, tentando consertá-la, sentindo que estava sempre a um vídeo do YouTube da solução. "Deixa eu descer e dar uma olhada", disse Cian. "Serei cuidadoso. Posso usar máscara." Mas Julian recusou, preocupado demais em transmitir o vírus para ele, em infringir as regras e em um vizinho ou a polícia descobrirem. E assim, eles passaram a lavar as roupas na banheira, torcendo cada peça e deixando-as secar penduradas no velho varal Sheila Maid. A casa toda parecia úmida, e o chão da cozinha começou a escurecer onde as tábuas de madeira não

secavam. À noite, lesmas apareciam, corpos grossos esticados como chiclete puxado para entrar pela menor fresta. Julian enfiou palha de aço nas frestas debaixo dos rodapés e em volta das entradas de água, mas isso não impediu a invasão, e quando Orla desceu à noite para beber um copo d'água, ela colocou a mão em uma poça que escorria pela torneira da cozinha. Todos acordaram, as luzes se acenderam, os adultos se entreolharam enquanto acalmavam as crianças e as faziam voltar para a cama.

“Esta casa!” disse Orla enquanto se aconchegava de volta debaixo das cobertas.

“Você não achou que gritar daquele jeito pudesse ter sido uma reação exagerada?”

“Eu não tinha planejado isso, seu idiota.”

Julian estava deitado com as mãos espalmadas sob os cobertores, reprimindo sua raiva. Sempre com muito medo de quem ele poderia se tornar para fazer as coisas de outra maneira.

Em outro dia, enquanto as meninas discutiam, Julian perguntou: "Você vai resolver isso, Orla?" Ele estava sentado à mesa da cozinha fazendo suas contas, enquanto ela preparava o jantar.

"Será que serei *eu* a lidar com isso?", perguntou Orla, enquanto o volume da conversa aumentava na sala ao lado. Julian ergueu os olhos dos papéis e viu frustração, ou talvez até um lampejo de ódio, no rosto dela. "Já pensou que *você* poderia ser a pessoa a entrar lá e dar uma bronca? Eu sei que isso pode significar deixar de ser o queridinho do momento, mas, na verdade, eles também são seus filhos, Jules. Por que você sempre tem que fazer todo o trabalho sujo e carinhoso?"

Ele suspirou e ergueu as mãos em resposta à sua diatribe, como que em autodefesa.

“Não faça isso! Por que você sempre faz isso?!”

“Eu não fiz nada.”

“Você fez isso mesmo! Essa cara! Essa cara que tenta me fazer sentir como se eu fosse uma espécie de banshee desequilibrada. Posso estar furiosa, mas o que estou dizendo é completamente razoável. Sabe, Jules, quando você estabelece um limite para uma criança, isso a faz se sentir segura. Entendeu? Segura. Ela vai olhar para você como se você fosse uma idiota na hora, mas na verdade você está sendo a boa pessoa.”

"Orla", disse Julian, fazendo uma careta ao ouvir a linguagem dela, ao pensar na possibilidade de as meninas ouvirem.

“Você precisa ser tão passivo na sua própria vida o tempo *todo* ? Estou tentando te dizer algo — te dar uma chance — e você nem consegue ouvir. Você só consegue pensar em *como* eu estou dizendo.”

Uma das meninas — Aoife, pensou Julian — já estava chorando, e os gritos de *"Devolve!"* se sobressaíam aos berros de Orla. Ele foi até a sala de estar, onde as duas meninas estavam disputando um brinquedo. "Certo, quem quer um biscoito?"

Mas antes que pudessem responder, Orla já estava lá, rasgando outra tira de papel dele. “Essa é a sua solução? Um biscoito! Já está quase na hora do jantar, mas você prefere dar um biscoito a ter coragem e ser o adulto responsável.” Aqui? Quando você vai amadurecer, Jules? Quando vai começar a nos colocar em primeiro lugar?” Ela saiu do quarto, batendo a porta atrás de si, e ele se sentiu tão cansado. Porque não importava qual fosse o motivo da discussão , sempre voltava a isso. Que ele era incapaz de deixar o passado para trás — sua hostilidade em relação à Inglaterra — para garantir o futuro deles.

À noite, as palavras de Maia ecoavam em sua mente, algo que ela dissera certa vez sobre o desprezo ser a coisa mais corrosiva em um relacionamento, o indicador de um casamento em crise. Ele sentia isso. A carnificina estrondosa de palavras cortantes no ar úmido; corpos hostis que já não se voltavam um para o outro. E ele não conseguia ver o que precisava fazer para mudar isso, mesmo que Orla gritasse isso para ele em praticamente todas as discussões que tinham. Como se tivesse feito durante todos os anos em que estiveram juntos, como se toda a frustração dela tivesse origem em uma única coisa. Mas foi só quando Cian pronunciou as palavras que ele as ouviu.

Há algo de especial nisso — quando a pessoa mais quieta, mais reservada em suas opiniões, mais relutante em impor seus pensamentos aos outros, finalmente fala; você ouve. Ah. *Ah* , e de repente você se vê cara a cara com a verdade. “Julian, filho. Você perderá sua família para sempre se continuar com esse orgulho tolo. Venda para a Inglaterra. É só um lugar. Não é seu pai.”

A família dele já tinha ido embora, naquela altura. Para a casa dos pais da Orla. Quando a Irlanda começou a fechar novamente em outubro, Orla disse que, pelo bem de ambos — e também das crianças —, não podiam passar por outro confinamento juntos. " *Não consigo viver com você assim, Jules. Sempre te manipulando para tentar te transformar na pessoa que eu quero; não gosto de quem estou me tornando."* Embora ela não tivesse levado tudo, a casa parecia desmantelada. Cabides vazios no corredor, Prateleiras com livros e jogos de tabuleiro faltando, o porta-escovas de dentes com espaços vazios.

Sem Aoife e Niamh, sem Orla para quem voltar para casa à noite, Julian começou a trabalhar mais horas. Passava mais tempo no computador, contatando lojistas, tentando angariar clientes. Em alguns dias, enviar e-mails era como jogar pedras em um poço; a única confirmação de que haviam caído em algum lugar era a mensagem de erro: " *Este usuário de e-mail não existe mais"* . Encontrava histórias não contadas de fechamentos e demissões por onde passava. Deveria tê-lo feito se sentir menos sozinho, mas não fazia. Imaginava essas pessoas tendo encontrado novos empregos empolgantes, abandonando suas vidas antigas em favor de startups promissoras ou cargos em empresas que pudessem sobreviver à pandemia. Às vezes, imaginava que elas haviam se aventurado na fabricação de joias e tinha a sensação de portas de elevador se fechando, sem espaço para ele. Revisava e-mails antigos, procurando contatos que um dia o procuraram. Era uma sensação vergonhosa ver quantos e-mails ele havia deixado sem resposta. E agora ele precisava estender a mão, implorando.

Algumas noites ele dormia na antiga fábrica de chocolate, interrompendo o trabalho apenas para dar boa noite a Aoife e Niamh pelo Zoom. As chamadas eram frustrantes. Era difícil manter a atenção delas através da tela, e elas se perdiam como sementes de dente-de-leão, reaparecendo momentaneamente, com as bochechas coradas, de pijama, cheirando — ele sabia — a espuma de banho e amaciante de roupas, antes de adormecerem novamente.

“Venha falar com o papai, Niamh”, e então uma conversa paralela, negociando uma história para dormir. “Não, não, vamos, rápido. O papai está esperando.” Ele podia ouvir Orla tentando fazer dar certo, tentando reunir todos através da tela, mas nunca conseguindo completamente.

Algumas noites, os rostos deles se aglomeravam, preenchendo a tela do laptop dele naqueles últimos segundos antes de ser liberado do serviço. Outras vezes, eram só ele e Orla no final. Ambos tristes, mas sem saber como resolver as coisas. "Você parece cansado", ela disse. E ele esfregou o rosto, sentindo-o de repente. "Vou ficar bem. Talvez eu só precise consultar um oftalmologista."

Algumas noites, ele dirigia até lá para visitá-los. Os pais de Orla ficavam desconfortáveis com a ideia de ele entrar em casa, embora Julian se perguntasse se aquilo não seria uma desculpa conveniente, um pretexto para expulsar o genro irresponsável da família. E assim eles iam ao parque, a respiração cortando o ar na escuridão do início da noite enquanto batiam os pés para se aquecer, enquanto Niamh dava uma última volta no parquinho. Caminhando de volta em direção aos portões, eles balançavam as meninas no ar entre eles e Julian se pegava tirando fotos mentais, como se um fotógrafo estivesse sempre a poucos passos à frente deles. Esta é você, quando vocês ainda eram *quase* uma família. Esta é você, quando você pensava que ainda poderia haver uma esperança de reconstruir as coisas.

Dezembro trouxe uma enxurrada de encomendas e Julian trabalhou até a véspera de Natal. Mas foi apenas uma solução paliativa, e não uma saída definitiva. Eles ainda sentiam falta do oxigênio que o dinheiro e a sensação de ter o suficiente antes lhes proporcionavam. Janeiro chegou com uma calmaria que o deixou sem esperança. Todos na Velha Fábrica de Chocolate sentiram o mesmo. As lojas fecharam, as feiras foram canceladas, as exposições adiadas definitivamente. Em abril, um marceneiro que havia se mudado para o antigo estúdio de Orla alguns anos antes tirou a própria vida. Ele foi encontrado na floresta, com um bilhete no bolso. Por um tempo, isso pareceu torná-los todos mais gentis, mais lentos. "Você está bem?", perguntavam uns aos outros, parando, abrindo espaço para algo mais do que um simples "bem".

"Você não faria isso, faria?", disse Orla quando ele lhe contou.

"O que você acha?"

“É por isso que estou perguntando. Porque quero saber.”

“Tenho você e as meninas”, ele dissera, e ela assentiu — um aceno curto e seco — e ele se perguntou se realmente a tinha, ou se tudo já havia acabado. Mas, de qualquer forma, não era uma opção para ele. A vida de sua mãe o ensinara que se faz tudo o que se pode para sobreviver. Ele percebeu que talvez

sua resposta pudesse parecer manipuladora, insinuando que sua perspectiva poderia mudar se Orla decidisse encerrar o relacionamento definitivamente, então acrescentou: “Mas mesmo que eu não decidisse, a resposta é não. Não é algo que eu faria”. E ela deu um pequeno sorriso, tranquilizada.

Mas ele continuou pensando na conversa depois. Porque a vida da mãe não o ensinara também que se deve fazer tudo o que estiver ao alcance pelos filhos? Que se deve lutar — lutar de verdade — para dar a eles a melhor vida possível, para estar presente para eles? Ele não tinha certeza se estava fazendo isso. Não da maneira como sua mãe fazia. Não com unhas e dentes.

Quando Julian não estava trabalhando, começou a voltar para casa com mais frequência. Pegou uma lixadeira emprestada para remover a tinta do piso da cozinha, repintou as paredes desgastadas e começou a enxergar a casa com os mesmos olhos que tinha oito anos atrás, quando entraram pela primeira vez. Uma casa de conto de fadas. Lareiras minúsculas de ferro fundido e nichos estreitos, janelas vitorianas emolduradas por venezianas originais e bancos de janela embaixo. Ele conseguia imaginar Orla e as meninas por toda parte, ouvir suas vozes. E se perguntava onde estariam se não tivesse havido a pandemia, se não tivessem ficado sem dinheiro. Se ele tivesse encontrado uma maneira de ser melhor, de fazer o que era preciso a tempo. Se o amor não fosse apenas duas coisas. Pessoas comuns, ligadas por fios de seda finíssimos, desapareciam com a mesma facilidade que uma teia de aranha.

Ele não estava apenas devastado pela ausência dela — a presença tangível dela no dia a dia, a presença das meninas — mas pela própria realidade de que ela pudesse ir embora. Ele se permitiu acreditar que ela era dele; ele, dela. Mas talvez essa ideia sempre tivesse sido boa demais para ser verdade. Alguns dias ele acordava e sentia como se sua cabeça estivesse sendo empurrada para trás pelo travesseiro com o impacto, e em silêncio se perguntava se aquele quarto era mesmo um quarto, se sua mão era mesmo uma mão, se ele estava ali deitado.

E sem aviso prévio, enquanto ele se encontrava naquele estranho momento de reconstruir a casa em torno dos destroços incertos do casamento, a morte da mãe o atingiu novamente. Como se toda a sua infância tivesse sido um longo e diluído copo de sua ausência, mas agora ele se deparava com a pureza daquela sensação. O absoluto vazio do que lhe restava.

Jardinagem nunca fora a praia de Julian. Nem de Orla. Mas um dia, enquanto passava a mão num pequeno abeto, sem saber por onde começar, um aroma ricamente familiar o transportou de volta ao jardim da casa na Inglaterra. Lá, um tronco grosso obscurecia grande parte da sua visão, mas, ao espiar por baixo, viu a mãe a aproximar-se, curvando-se à medida que se aproximava, estendendo os braços longos e graciosos. Os lábios dela moviam-se, mas era a sua expressão que lhe dizia que ela o estava a persuadir, a tranquilizar. Até que ela disse: "Está tudo bem, pode sair agora." E então a visão desapareceu. E ele estava sozinho novamente, dentro dos muros do seu próprio jardim.

Ele só tinha guardado as mesmas lembranças, repetidas tantas vezes que já não o comoviam mais. Mas ali, a imagem estava fresca, viva em sua mente. A

voz dela, surpreendente e real. Ele a havia esquecido.

Nos dias que se seguiram, ele trabalhava no jardim sempre que podia. Voltava para casa na hora do almoço, na esperança de encontrar a mãe lá. Tentava não perseguir as lembranças, com medo de que isso as espantasse. Embora às vezes a impaciência o dominasse e ele inalasse o aroma do pinheiro como se estivesse inalando óleo de Olbas, apenas para não encontrar nada. Escavando com a pá sob as raízes emaranhadas, esvaziando vasos de terracota, tentava fingir que sua atenção não estava voltada para o espaço atrás dele, que não estava gritando: " *Estou aqui, estou aqui. Por favor, venha até mim* ."

Certa noite, depois de visitar Orla e as meninas, Julian desenterrou uma lanterna de cabeça de uma caixa de apetrechos antigos de acampamento no galpão. Com o feixe de luz quase todo perdido na sombra, ele estava cortando às cegas uma grande budleia quando sentiu um toque no ombro.

Por um instante irracional, ele pensou que pudesse ser sua mãe. Mas quando se virou, era Maia. "Desculpe, não queria te assustar. Eu sabia que você devia estar em casa com tantas luzes acesas."

“Ah, sim, eu estava tentando iluminar um pouco o local”, disse ele, deixando a tesoura de poda cair sobre a pilha de galhos cortados. Era algo novo, Maia se permitindo entrar. Algo que ela só fazia desde que Orla tinha ido embora. Mas ele gostou; da sensação de que poderia haver mais do que apenas ele ali.

Eles se sentaram no degrau de trás, com canecas de chá entre eles. Maia estava com seu casaco de inverno, embora o clima estivesse ameno para meados de abril. E ele lhe contou sobre ouvir a voz da mãe deles. "Ah, sim, os pinheiros", disse Maia. "Eles ficavam no fundo do jardim. Ela nos mandou para lá para que não atrapalhássemos se ela soubesse que ele ia surtar. Você se lembra das tigelas de Tupperware?"

“Tigelas Tupperware?”

“O seu era azul; o meu era amarelo. Ela sempre os preparava com lanches, prontos para levar. Uvas-passas e rodelas de maçã seca. Coisas que duravam. *Hora do piquenique* ”, disse Maia, com a voz embargada.

“Era a época do piquenique? Eu me lembro.” Outra lembrança. “Mas eu não sabia que era por isso.” Ele queria esses fragmentos da mãe de volta, mas estavam impregnados de tanta tristeza. Até mesmo as partes que ela tentara tornar agradáveis para eles. “Ela realmente nos amava, não é?”

Maia olhou para o céu, escuro e profundo, mas vazio de estrelas. "Pai do céu", disse ela.

"O que?"

“Seu nome.”

“Ah, sim”, disse ele. Não tinha certeza de como sabia o significado, talvez por causa da avó ou de algum livro.

“Imagine se você se chamasse Gordon. Como ele queria.”

Julian ergueu os olhos e parou de enrolar o barbante do saquinho de chá na alça da xícara. Ele não sabia disso.

“Esse era o plano. Mas no dia em que ela foi te registrar, ela não conseguiu.

Depois, ela disse a ele que ‘ *pai celestial’* era uma homenagem a ele. Eu até fiz essas pequenas decorações de lua e estrela para colocar em volta do prato dele no jantar. Mas não era uma homenagem. Era o jeito dela de dizer que você nunca seria como ele. Que você se elevaria acima dele.”

Julian não disse nada, apenas soltou um longo e lento suspiro. Um suspiro que parecia ter retido por uma vida inteira. Maia estendeu a mão para Julian na escuridão e nenhum dos dois a soltou. Eles apenas olharam para cima, acompanhando as luzes piscantes de um avião que cruzava o céu.

"Eu também", disse Maia, ao vê-lo usar a mão livre para enxugar os olhos.

"Como é que você nunca me contou?", perguntou ele.

“Eu tinha esquecido. Bem, não esquecido. Eu simplesmente não tinha pensado nisso.”

Você se lembra de mais alguma coisa?

Ela olhou para ele então, o rosto dele parcialmente iluminado pela luz do cômodo atrás. "Ah, Jules. Muitas coisas. Eu tinha quatorze anos. Eu simplesmente nunca imaginei que você gostaria tanto de saber."

Nas semanas seguintes, Maia desembrulhou suas memórias da infância quando vinha visitá-lo. Sem Orla, sem a namorada de Maia, Meg, eles retomaram a antiga rotina de estarem juntos. Enquanto removiam a tinta descascada das molduras das janelas ou preparavam o jantar, ele descobriu que a mãe cultivava ervas no parapeito da janela da cozinha; usava prata, não ouro; inventava histórias sobre uma lagartixa que vivia no teto do banheiro para incentivá-lo a manter a cabeça inclinada para trás na hora de lavar o cabelo. *Você o vê? Consegue ouvi-lo piar?* Às vezes era difícil saber se as palavras de Maia despertavam uma lembrança real ou se ele estava apenas se imaginando na cena que ela descrevia, mas tinha certeza de que se lembrava da água morna escorrendo pelas suas costas enquanto a mãe enxaguava o sabão do seu cabelo com uma jarra de plástico. Ele também aprendeu sobre *ele* , o homem cujo nome ele não carregava. No início, ele se preocupou que, quanto mais soubesse, mais atormentado se sentiria pela ligação genética, talvez correndo o risco de incorporar seu código ainda mais profundamente em seu DNA. Mas cada lembrança que Maia revelava parecia apenas destacar suas diferenças.

Eles evitaram falar sobre a morte da mãe; Maia não ofereceu nenhuma explicação, Julian não perguntou nada. Até que ele não pôde mais esperar. "Você pode me contar o que aconteceu? Naquela noite?"

Ele chorou enquanto ela lhe contava. Pela mãe dele. E por eles. "Devo ficar?", perguntou Maia.

“Acho que vou ficar sozinho por um tempo”, disse ele. Eles se abraçaram na porta. E então Julian subiu as escadas da pequena casa e, sem se dar ao trabalho de se despir, puxou os cobertores sobre si e dormiu por dois dias seguidos, acordando apenas para beber um copo d'água ou para ir ao banheiro.

Ele percebeu o telefone tocar. Percebeu que Maia tinha entrado para ver como ele estava. Mas não se lembra de ter falado com ela. Meses depois, Maia contou a ele que havia se preocupado com Meg, achando que talvez o tivesse destruído.

Durante aquelas últimas semanas, parecia que ela estava fazendo algo essencial, algo que já devia ter feito há muito tempo, mas então, ela duvidou de si mesma.

No terceiro dia, ao acordar, o relógio ao lado da cama marcava 7h30. Como se a rotina nunca tivesse sido alterada. Sentou-se na beira da cama, atordoado, atingido pelo próprio mau cheiro, pela língua áspera. No banheiro, largou as roupas sujas no chão e, de pé no chuveiro, a água quente picando sua pele, o vapor embaçando o ambiente, a ficha caiu. Ele não era o pai. Pensava que caminhava por uma linha tênue, prestes a se tornar semelhante a ele a qualquer momento. Mas a linha não era estreita, afinal. Era um abismo intransponível. Julian jamais poderia ser como ele. Mesmo que deixasse a raiva transbordar — que levantasse a voz numa discussão —, jamais seria capaz das crueldades que o pai lhe infligia. Nem de perto. Finalmente, ele conseguia enxergar isso. Encostou-se na parede do chuveiro e soluçou até não ter mais forças.



FOI UM encontro casual que trouxe Meg de volta à vida de Maia. Uma amiga da faculdade de homeopatia convidou Maia para um retiro de verão. estavam fazendo um churrasco, mas quando começou a chover, as pessoas entraram e foi Meg quem se sentou ao lado dela no sofá. "Ah! Acho que já nos conhecemos. Vim te procurar há alguns anos. Por causa da rinite alérgica?"

Tinham sido apenas alguns encontros, mas Maia já havia simpatizado com ela. Vestia-se muito de azul, o mesmo tom das flores de centáurea — estava usando essa cor naquele dia também — e tinha um rosto aberto e generoso. "Meg?"

“Sim, boa memória.” Ela acenou com a cabeça para as portas abertas do pátio. “As pessoas sempre dizem que a chuva gruda o pólen no chão, mas nunca foi o meu caso; no momento em que chovia, eu mal conseguia respirar. Mas estou aqui agora, respirando. Prova da sua genialidade.” Ela sorriu. “Na verdade, já indiquei você para algumas pessoas ao longo dos anos. Só um instante, deixe-me pegar uma bebida para nós.”

Quando voltou, Meg tirou os sapatos e afundou nas almofadas do sofá, com os pés enfiados debaixo da saia. Uma intimidade que parecia sugerir que ela estava ali para ficar, que não ia alegar que precisava ir ao banheiro ou que tinha visto uma amiga do outro lado da sala. "Não sei quanto a você, mas acho que há um desequilíbrio. Tipo, você sabe todas essas coisas estranhas sobre mim — *e é mais um gotejamento nasal, ou como se você tivesse algodão no nariz?* — e eu não sei absolutamente nada sobre você."

Maia riu de quão perfeita era sua imitação. "Você pretende voltar a me procurar em algum momento? Para tratamento, quero dizer?", perguntou, arrependendo-se instantaneamente da pergunta.

Mas Meg dissipou o pensamento com facilidade. "Ai, meu Deus. Nunca. Jamais." Ela riu. E se inclinou, sua mão roçando o joelho de Maia enquanto

falava. Apenas a ponta dos dedos. Apenas por um breve instante. Mas Maia sentiu algo.

“Vinte perguntas, então?”, sugeriu Maia, surpresa com a própria impulsividade. Mas Meg apenas sorriu.

“Ok, vamos começar com uma simples. Ovos: mexidos ou fritos?”

"Embaralhado", disse Maia, grata por finalmente conseguir entrar numa conversa que, por ora, seguia um padrão previsível. Algo que a contivesse.

“Irlanda ou Inglaterra?”

“Irlanda. Vim para cá quando era adolescente e nunca cheguei a pegar o sotaque. Meu irmão mais novo, porém, é irlandês de verdade; ele tinha só cinco anos. Desculpe, falei mais do que uma palavra.”

“Ah, nunca dissemos que as respostas seriam de uma só palavra. Manhã ou noite?”

“Bom dia. Gosto da sensação de possibilidade.”

“Cidade ou campo?”

“Campos. A casa da minha avó, onde cresci, é cercada por eles.” Maia pensou em seu próprio apartamento na cidade, não muito longe da casa de Julian. Levou alguns anos para que ela se sentisse em casa, a transição suavizada pelos objetos que sua avó deixava para trás a cada visita — um vaso favorito, uma assadeira bem usada; pelas aparições de Cian para consertar coisas. “Sentimos sua falta, mas estamos muito orgulhosos”, Sílbhe sussurrou em seus cabelos quando saíram certa noite. Era um orgulho intenso. Algo que os fazia se abraçarem com mais força.

Meg levou a mão ao copo quando um homem com a camisa do time esbarrou no sofá, mas seu olhar permaneceu fixo no rosto de Maia. "Verão ou inverno?"

Maia sorriu. "O verão é o meu dia favorito na Irlanda."

“Passado ou presente?”

“Presente.” Era a verdade, embora a resposta a doesse; parecia um apagamento da sua mãe. Ela ergueu os olhos, pronta para a próxima pergunta, e percebeu a pausa de Meg. Como se tivesse conseguido ler a angústia no rosto de Maia.

“Lavar a louça: antes de dormir ou na manhã seguinte?”

“Ai, meu Deus, antes. Mas vou deixar as taças de vinho; é melhor apreciá-las sóbrio.” Embora algo dentro dela a impelisse à honestidade, ela acrescentou: “Na verdade, não bebo com tanta frequência assim.” Ela tinha certeza de que Meg era alguém que sempre tinha uma garrafa de vinho tinto no balcão da cozinha.

"Desculpe, eu deveria ter verificado. Está tudo bem assim?", perguntou Meg, inclinando o copo.

“Ah, sim, não é que eu não beba. É só que… provavelmente seria enganoso sugerir que eu desço para uma festa com taças de vinho na pia da cozinha todo fim de semana.”

"Bom saber", disse Meg, com um brilho travesso no rosto. "Mas enfim, caminhando: rápido ou devagar?"

“Devagar. Mais tempo para conversar. Rápido significa que estou atrasado.”

“Ficção ou não-ficção?”

“Ficção, embora, se tivesse que escolher, preferiria poesia.” Meg ergueu as sobrancelhas e Maia se perguntou se tinha soado pretensiosa. Ou se a intenção era indicar que elas tinham isso em comum.

“Lógica ou instinto?”

“Ah, sempre o instinto.”

“Finais felizes ou tristes?”

“Quero dizer feliz, mas…”

Concordo. Previsibilidade ou emoção?

“Provavelmente previsibilidade.” Maia estremeceu ao perceber o quão séria devia estar soando.

“Compromisso ou caso passageiro?”

"Acho que minha última resposta já esclareceu isso", disse ela, na esperança de que a irreverência pudesse aliviar a situação.

“Arrependimento ou dúvida?”

Maia refletiu por um instante. "Hum, arrependimento. Provavelmente é melhor viver e cometer erros."

"Guarda levantada ou relaxada?" Meg inclinou a cabeça para o lado e sustentou o olhar de Maia, sem desviar o olhar mesmo quando um grupo perto das portas do pátio caiu na gargalhada.

"Agora mesmo? Sendo desmascarada uma pergunta de cada vez", disse Maia, tentando disfarçar o sorriso.

“Acarinhado ou respeitado?”

“Ah, querida”, disse Maia, apreciando o som da palavra na voz de Meg. Como algo magnífico. Suculento e maduro como uma cereja, o brilho dela colorindo seus lábios enquanto ela pronunciava o som. “Acho que respeito viria junto com isso de qualquer forma”, acrescentou Maia, sem saber como conseguia continuar dando respostas tão sensatas, quando estava eufórica por dentro.

“Heterossexual ou homossexual?”

Uma mudança de ritmo, uma pausa, uma inspiração.

"Gay", disse Maia.

"Então não há nenhuma ressalva para essa?" perguntou Meg, com os olhos brilhando de alegria.

A chuva deve ter parado, porque o grupo que estava atrasado se dirigiu para o exterior, sob o sol, deixando a sala mais silenciosa e as palavras de Maia mais evidentes. “Eu só me assumi há alguns anos. Em 2015, com o referendo. Mas eu tenho… certeza.”

Meg assentiu com a cabeça e sorriu. "Então", ela fez uma pausa, parecendo incerta pela primeira vez, "isso é uma conversa de vinte perguntas em um churrasco, ou pode ser algo mais?"

“Esta é a última pergunta?”

"Não tenho contado", disse Meg. "Mas acho que ainda resta pelo menos um."

“Você sabe qual será a última pergunta?”

“Depende da sua resposta a esta pergunta.”

“Ah, então mais. Por favor”, disse Maia, movendo a mão de forma que a ponta dos seus dedos roçasse a de Meg.

“Quer ir para casa comigo?”

Meg é o primeiro relacionamento sério de Maia. E dá certo, mesmo que Meg deixe a louça para lavar na manhã seguinte, mesmo que ela ache o campo claustrofóbico, cercado por um céu imenso e um verde infinito.

Elas sentam-se lado a lado na cama, lendo trechos de seus livros. E Meg adotou Julian como se fosse seu próprio filho; às vezes, quando ele liga, é ela quem ouve e dá conselhos, astutos, mas expressos com mais sarcasmo e objetividade do que os de Maia. Amostras de tinta se acumulam no corredor ao lado de seus sapatos, enquanto experimentam cores nas paredes do apartamento de Maia. Decidem por um azul quente chamado Juniper Ash. No armário do banheiro, há uma caixa comunitária de absorventes internos, e essa distribuição amigável de objetos faz Maia se sentir estranhamente completa. Maia conta a Meg coisas que nunca disse em voz alta — nem mesmo para a família — e Meg diz: “Oh, minha pobre querida”, e a abraça, e de alguma forma isso basta. E aos domingos, elas dirigem até a praia e caminham pela areia molhada de mãos dadas, o vento chicoteando seus casacos, os cabelos emaranhados, enquanto Meg acaricia o rosto de Maia, com carinho.



NUMA TERÇA-FEIRA de junho, Cian vira a esquina da casa, com um punhado de talos de cenoura nas mãos, que acabara de desbastar, e pela janela vê Sílbhe deitada no chão da sala. Corre até ela, querendo encontrá-la apenas com um arranhão, que logo seria tratado. Mas, em vez disso, encontra-a de boca aberta, o rosto sereno inexpressivo. Ajoelha-se ao lado dela, faz o que instintivamente fazemos: aproxima o ouvido dos lábios dela; verifica o pulso. Mas isso só confirma o que ele já sabe. Leva a mão dela, ainda quente, ao rosto e chora. Porque não tiveram tempo suficiente. Porque ele não está pronto para que a vida que compartilharam chegue ao fim.

Ele fica sentado com ela enquanto a luz se esvai, enquanto o frio começa a entrar pela porta aberta, enquanto o corpo dela, já frio, se acomoda. Ele fica sentado com ela a noite toda, sem estar pronto para a próxima fase que sabe que virá. Uma fase de telefonemas e condolências. E da ausência dela. Por enquanto, por mais um pouco, serão apenas os dois.



JULIAN ESTÁ LENDO um e-mail agradecendo pelas amostras e confirmando um grande pedido quando atende o telefone. Ele nunca tinha ouvido Cian chorar antes.

Quando ele chega à casa, algo se abre dentro dele e eles se abraçam com força, firmemente entrelaçados.

Lá dentro, Cian serve duas doses generosas de uísque single malt, e eles brindam silenciosamente à vida de Sílbhe enquanto aguardam o som do carro de Maia se aproximando pela estrada.

Naquela noite, estavam apenas as três. Orla e Meg se ofereceram para Eles vêm, mas parece certo assim. Sentam-se à mesa até altas horas, conversando, rindo, chorando. Cian ainda não dormiu, mas quando pensa em ir para a cama, não consegue imaginar Sílbhe sem estar ao seu lado. Então, ele fica na cozinha com Maia e Julian, e o calor das lembranças compartilhadas. Há uma clareza entre eles, a de que compartilharam suas vidas com alguém silenciosamente magnífico.

Quando o laudo do legista chega, eles descobrem que ela tinha um problema cardíaco congênito. Que provavelmente ela nunca soube disso, mas que, mesmo assim, é um milagre que tenha vivido até os oitenta e oito anos. E eles se maravilham novamente com o que ela lhes deu. Como ela viveu por eles e por causa deles. E apesar de tudo.



AGORA, JULIAN RETORNA ao seu estúdio vazio, depois de se despedir de seu primeiro lote de peças para venda por atacado, com destino à Inglaterra. Ele se senta à bancada, coloca os óculos aos quais ainda está se acostumando e, sem nenhum plano, passa o dia simplesmente brincando. Deixando-se levar pela criatividade. Faz muito tempo que não faz isso. Nos últimos anos, sempre que se sentava para criar, a ansiosa questão de o que poderia vender estava sempre presente em sua mente. Mas agora, ele está suavizando o contorno de um coração. É como a marca de nascença em seu antebraço, percebe. Ambas levemente disformes. Ele pensa em sua mãe, como tem feito com frequência ultimamente. Pensa em como ela deve ter olhado — ou até tocado — essa saliência em sua pele. Menor e mais escura naquela época, mas ainda assim. Ele se surpreende ao descobrir que há um conforto nessa ligação tangível com seu passado. Com ela.

Enquanto trabalha, pensamentos sobre Orla lhe vêm à mente. Ele se lembra dela carregando com dificuldade uma de suas gigantescas obras de arte em mosaico escada abaixo, embalada em plástico bolha para coleta por transportadora. Ele não consegue se lembrar do momento exato, mas provavelmente foi nos anos entre contar a ela sobre sua mãe e finalmente começarem a namorar. "Posso te ajudar com isso?", ele perguntou, tentando intervir para aliviar um pouco o peso. Mas ela passou por ele como se não fosse

nada, e enquanto ele continuava subindo as escadas, olhou por cima do corrimão para ver se ela ainda estava conseguindo se virar no lance de baixo. "Você acha que eu não percebo quando seus olhos estão em mim, Jules? Não duvide de mim agora. Ela pode ser pequena, mas é poderosa", ela gritou. Ele podia ouvi-la sorrindo, mesmo com a bochecha encostada na altura do pacote. Tão Orla. Tão destemida em ser exatamente quem ela era.

Ela está ensinando as meninas a serem assim também. No seu primeiro Dia Mundial do Livro, Niamh foi para a escola vestida de um balão de ar quente gigante, do *livro "Uma Viagem nas Nuvens"* . Uma caixa de papelão marrom em volta da cintura e uma fileira de balões compridos em formato de salsicha se acumulavam entre duas estruturas circulares suspensas acima de sua cabeça. Julian ficou preocupado que alguma criança pudesse estourá-los, mas Orla disse: "Vai ser preciso mais do que um balão estourado para derrubar essa menina". E Julian pensou: " *Mas são vinte e quatro. Vinte e quatro balões nessa fantasia que podem estourar"* . No fim das contas, a maioria deles estourou com o impacto enquanto Niamh jogava futebol no pátio. "Mas você conta para o papai qual foi o placar!", foi tudo o que Orla disse.

Enquanto ele fia a prata em que está trabalhando, Julian quase consegue vê-la sentada no sofá — o sofá *deles* , não o sofá da casa dos pais dela, onde ela provavelmente está agora — com Aoife no colo, Niamh ao lado, fazendo cócegas nelas, beijando-as, batendo levemente no topo de suas cabeças. Ela pergunta, com as cabeças abertas: "Quem vai ficar coberto com o amor da mamãe?", e então abre os dedos e diz: "Splat!", fingindo quebrar um ovo, com o amor escorrendo pelos cabelos delas.

Ele tira o celular do bolso, vai ver as horas e vê o nome dela. **Dei uma passadinha em casa rapidinho – você tem tempo para se encontrar?** Ele percebe que ela nunca parou de chamar a casa de lar.

Você ainda está aí? Posso voltar em dez minutos, Jx , ele digita, já meio caminho para fora da porta.

Ao trancar o estúdio, ele dá uma olhada no celular e vê as “ …” de uma resposta chegando.

Ótimo. Estava te esperando. Ox

Ele sempre adorou o fato de que, quando ela se despede apenas com a inicial e um beijo, ela se torna uma criatura forte e inquebrável. Boi. Seu boi.

Ele gostaria de ter contado a ela sobre o pedido da Liberty, para que ela soubesse que ele está mudando. Ele para na escada, pega o celular, paira sobre a imagem da encomenda e aperta enviar, como se estivesse despachando uma espécie de pombo-correio para correr à sua frente. Lá fora, ele começa a correr pela Rua Dooley. Ele sabe que ela ainda estará lá, mas de repente não quer perder mais um minuto. Ele não entende por que — como — a estranheza deste momento rompeu os laços que antes os uniam tão fortemente, mas tem certeza de que ainda há tempo para refazê-los.

Enquanto corre, ele sente sua própria esperança se erguer como uma pipa ao vento, e corre mais rápido, querendo enviá-la mais alto, querendo acreditar em

finais felizes. Querendo que cada coisa grandiosa e emocionante que viu em filmes permeie sua vida com Orla, e que ele sinta tudo isso. Que sinta de verdade. Ele quer fazer uma serenata para ela com um rádio portátil. Quer ficar na chuva pelo momento em que se encontrarem, a água escorrendo por entre os dedos. seus rostos. Mas então — como uma agulha deslizando sobre um disco de vinil — esses pensamentos param abruptamente e ele se sente repentinamente ridículo. Ele quase consegue ouvir as risadas de Maia e Meg. Mas então ouve a voz de Cian o incentivando: “Deixa pra lá. Vai em frente, filho!” E Julian sorri e retoma o passo, porque, sim, ele quer viver uma vida plena e destemida. Ele quer discutir porque eles têm algo que vale a pena salvar. Ele quer chutar um rodapé em protesto, e que ambos riam de seus dedos machucados e de sua birra, porque nenhum dos dois tem medo. Porque ele não é nada como seu pai e essas coisas não vão libertar um monstro escondido lá no fundo. Em vez disso, ele é amor, fúria, tristeza, euforia e todas as coisas que farão a história deles continuar juntos.

Ele passa correndo pela loja onde antes buscava satisfazer os desejos de grávida dela. Julian ou biscoitos de gengibre? *Idiota* , pensa ele, percebendo que ela sempre o escolheu. Foi *ele* quem deixou as coisas em aberto: Orla ou a história? Orla ou o risco de magoá-la? Ele sente isso agora. Que nunca houve uma escolha a ser feita. Ele foi vendido para a Inglaterra, e isso não o matou. Não mudou nada, exceto o peso que carrega no peito. Ele desvia de dois funcionários da prefeitura com roupas de proteção que carregam um ninho de vespas da escada ao lado da lavanderia, esquiva-se de uma mulher que parou no meio da calçada por algum motivo que só ela sabe, e continua andando, virando a esquina perto da cabine telefônica, finalmente avistando a casa.

Dentro de casa, Orla caminha de um lado para o outro. Durante todos esses meses, Jules deve ter estado trabalhando nesta casa, naquele pedido — superando seus medos, por ela — e ela não tinha percebido. Ela se pergunta quanto lhe custou vender para a Inglaterra. Se ela o forçou a isso. Ou se, talvez, essa mudança partiu dele. Ela examina as lombadas dos livros, absorve a história. Ela observa os enfeites na lareira e se pergunta se eles ainda carregam aquela coisa — aquela essência — da vida que compartilharam. Algo para eles, e nada para mais ninguém. Ela para diante de um peso de papel de vidro que guarda um mundo dentro e passa o dedo pela superfície, deixando um rastro de poeira.

Lá fora, ela ouve passos pesados na rua. Ouve-os parar na porta da frente. Ouve a respiração ofegante. Uma chave na fechadura. Ela olha para cima. Jules está parado na porta, parecendo que acabou de correr uma maratona, com as mãos nos joelhos, se recompondo por um instante, sorrindo para ela, que está insegura. Ele se endireita, expira. "Orla, eu te amo pra caramba, tá bom? Volta pra casa. Você deveria estar aqui, comigo."

Ela sente uma pontada de surpresa no peito — com as palavras dele, com essa versão mais segura do Julian que ela conhece — e sorri, com covinhas nas bochechas.

Bastam três passos para ele atravessar a pequena sala de estar, mas, de alguma forma, ela sente como se ele se movesse em câmera lenta, como se a cada passo ela tivesse tempo para absorver cada detalhe. Então, os braços dele a envolvem. "Você vai voltar para mim?", ele pergunta, sussurrando em seus cabelos. E ela acena com a cabeça contra o peito dele, a poeira já caindo de seus dedos, as partículas se dispersando pelo cômodo, enquanto ela segura o tecido da jaqueta dele, sente o calor do pescoço dele, a maciez dos cabelos, a gloriosa sensação de ser completamente amada.

Gordon


GIN
London
1821

EU No murmúrio tranquilo do escritório, Gordon almoça em sua mesa e reflete sobre o Wordle do dia entre mordidas em seu sanduíche.

“Qual é a sua palavra inicial?”, pergunta Amy.

“TERRA”, diz Gordon. Ele sugere uma nova palavra de cinco letras toda vez que Amy pergunta, mas na verdade a palavra dele é sempre SÓBRIA. “E a sua?”

“ÁUDIO”, responde Amy, sem desviar o olhar da tela. “Alguém disse que é bom, mas o que se faz com todas essas vogais se é que se consegue tirar alguma coisa disso?”

Gordon fecha a tampa da sua lancheira vazia. "Espero que você consiga. Você tem três para superar", diz ele, compartilhando sua própria pontuação. "Te vejo daqui a pouco."

Ele caminha até a ala principal e, como faz todos os dias, aprecia o momento de sair pela porta de acesso exclusivo para funcionários e passar de um mundo para outro. O eco frio de uma escadaria de concreto, lá fora sobre o brilho e o silêncio da galeria, perturbados apenas pelo barulho de uma excursão escolar ou de um grupo de turistas barulhentos. Às vezes, ele usa fones de ouvido e ouve um guia de áudio enquanto caminha pelas salas; outras vezes, senta-se em um dos bancos espalhados pela galeria, com os olhos percorrendo a pintura à sua frente. Ele sabe que é ilógico — ele leu " *O Pintassilgo"* — , mas sente como se nada de ruim pudesse acontecer enquanto ele permanecesse imerso na quietude dessas salas.

Foi o patrocinador dele que lhe conseguiu o emprego aqui. Um dia — quando Gordon começava a se sentir capaz de voltar ao trabalho, mas ainda não tinha certeza se estava pronto para a adrenalina da City — Rob ligou e mencionou que uma galeria estava procurando alguém para gerenciar a equipe digital e o site. Isso não estimula o cérebro de Gordon da mesma forma que idealizar algoritmos de negociação fazia antigamente, mas ele gosta de fazer parte desse mundo e de saber que, de alguma forma pequena e discreta, está levando arte às pessoas. Não como Rob com suas pinturas — ou os curadores —, mas ainda assim. É o suficiente.



GORDON CONHECEU COMFORT no verão de 2019, num trem avariado parado em algum lugar nos arredores da estação Victoria, em Londres. Ela estava sentada em frente a ele, abanando-se com um programa de exposição da Dulwich Picture Gallery.

"O que você achou?", perguntou ele, e ela pareceu confusa por um instante, antes de lhe dizer que outro passageiro havia esquecido. Mas eles continuaram conversando e, quando o vagão finalmente voltou a funcionar, ela pareceu desapontada.

Assim que o trem chegou à estação, ela digitou o número dela no celular dele e disse: "Você parece ser legal. Por favor, não seja um daqueles caras que não

ligam."

Comfort é alguns anos mais velha que Gordon e tem uma filha adolescente, Ida, de um relacionamento anterior. Ida parece uma versão em miniatura da mãe, com os mesmos cachos grossos e escuros e o mesmo hábito de arregalar os olhos quando alguém fala, como se estivesse ouvindo através da parte branca deles. Ida o chama de "Gord", um termo que ela consegue usar de forma depreciativa e vagamente carinhosa ao mesmo tempo. "Ah, você está aqui, não é, Gord?", ela diz, adotando o tom censor que reserva para os adultos. No início, isso o incomodava — uma lembrança de quem ele era na escola —, mas gradualmente ele passou a associar o termo apenas a Ida e à pessoa que ele é agora. Ida é engraçada e mais interessante do que Gordon se lembra de si mesmo aos quatorze anos. Ela gosta de mangás e de assistir a vídeos no YouTube de pessoas fazendo coisas estranhas. Um dia, ela lhe mostra um carro sendo envelopado em vinil até que toda a sua carroceria fique dourada e brilhante. É fascinante e ele tem a sensação de estar descobrindo o mundo de uma nova maneira.

Quando a pandemia começou, Gordon estava namorando Comfort havia menos de um ano, mas foi Ida quem sugeriu a possibilidade de ele ficar com eles. "Será que o Gord vai tentar se infiltrar na nossa arca para ver o que quer que seja isso? Ou ele vai ficar em casa sozinho?"

Ele sorriu ao ouvir como ela fazia parecer que a ideia exaustiva de que ela deveria suportar sua companhia durante o confinamento era dele. Semanas depois do início do confinamento, ela se deliciava entrando em um cômodo e dizendo: “Meu Deus! Você *ainda está* aqui?!”

"Vejo que já abusei da hospitalidade, mas se você pudesse simplesmente..." "Se conseguirmos mais alguns dias, acho que Boris está prestes a suspender as restrições", dizia ele, com uma expressão de dor e erguendo as mãos em fingida impotência.

Eles ainda desfrutam disso agora, quase três anos depois, quando ele desistiu do contrato de aluguel do próprio imóvel e paga metade do aluguel do apartamento térreo com jardim.

“Meu Deus! Você *ainda está* aqui?”

“Eu sei, eu sei. Só dei uma passada para tomar uma xícara de chá, e aqui estou eu, ainda remoendo isso.”

A presença de Ida fez com que as coisas passassem da euforia dos primeiros encontros direto para a de um velho casal, mas Gordon está feliz com isso. Os filmes davam a impressão de que o amor estava escondido nas pétalas de rosas vermelhas e na vista da Torre Eiffel, mas ele se sente aliviado por encontrá-lo lado a lado no calor aconchegante de uma estufa de vidro em Willesden, aninhado no aroma intenso de composto orgânico e nos primeiros frutos verdes da videira.

Ele havia contado a Comfort sobre seu colapso logo no início. E ela o ouviu, com os olhos mais arregalados que o normal, enquanto ele descrevia a situação em que havia crescido.

“Eu era uma criança terrível. Horrível com a minha mãe, mas eu não

conseguia perceber como estava sendo manipulada. Não é desculpa…mas—”

“Quando Ida era pequena, ela acreditava na Fada do Dente e no Papai Noel. Ela escrevia cartas para eles porque eu a incentivava. Você acha que ela deveria saber mais sobre isso?”

“Mas Maia entendeu o que estava acontecendo.”

“E uma em cada cem crianças não acredita no Papai Noel; Maia era essa criança.”

Esse sempre fora o seu obstáculo — a razão pela qual ele havia encontrado Era tão difícil perdoar o seu eu de infância, mas, de alguma forma, a lógica de Comfort parecia simples. Não justificava a pessoa que ele era naqueles anos de transição, mas o ajudava a entender como tinha chegado àquela situação.



CORA ESTÁ SENTADA sozinha na escuridão da Royal Opera House, enquanto *o Lago dos Cisnes* se aproxima do fim do segundo ato. É a "Dança dos Cisnes", quatro mulheres movendo-se como uma só em perfeita sincronia, de mãos dadas, braços sobrepostos em impecáveis Xs. Cora observa, com as próprias panturrilhas e coxas tensas, enquanto no palco elas executam explosões cintilantes de *entrechat quatre, relevé passé* . O trabalho de pés é limpo, preciso. Seus movimentos, leves. Cora sente um arrepio no peito; ela conhece essa sensação sublime, de ser ela quem realiza a magia. As bailarinas olham para um lado, para o outro, curiosas, serenas, enquanto sob a plumagem de seus tutus, suas pernas batem em águas imaginárias. Ela reconhece a coreografia. É uma parte do coro, mas com potencial para alcançar papéis maiores. O quarteto deve se mover em relação umas às outras para evitar perturbar o espaçamento. Elas devem compartilhar a mesma musicalidade, o mesmo ritmo; uma contagem para cada passo, até que finalmente, nos últimos instantes, eles se separam e tentam voar, antes de caírem no chão.

Ela observa os rostos das mulheres, tentando identificar quem é a estrela, quem tem a determinação necessária para se destacar das demais. Elas são tão jovens! Cora gosta de imaginá-las fora do trabalho, fofocando, alongando-se, falando sobre os bailarinos. Ela se pergunta se ainda fumam entre os ensaios. Se ainda se sustentam à base de cigarros e café, como tantas de suas colegas faziam antigamente.

Ecos daquela época reverberam espontaneamente pelo palco com O *som dos* passos que ela ouvia por baixo da música. " *Você voará mais alto se vier do coração"* ; a voz da professora, elevando-se acima do *plim-plim* de um piano. O ritual de amaciamento das sapatilhas de ponta novas. Prender a ponta do pé na dobradiça de uma porta; subidas lentas na meia-ponta para romper o arco. E então, olhando para o relógio, enquanto se esforçava apesar da dor, com os pés já sangrando, mais seis horas pela frente.

Cora percebe que seu casamento foi como uma versão ampliada e ainda mais

terrível de sua carreira no balé. Esperanças. Sonhos. Depois, agonia e decepção. Sacrificando-se por algo inatingível. Ela tem sessenta e oito anos agora, e embora saiba que a ideia de ser *aposentada* seja uma expressão que outros associam à obsolescência e à redundância, para ela evoca campos verdejantes repletos de botões-de-ouro, onde ela é livre para vagar.

Ela mora em uma pequena casa vitoriana geminada no oeste de Londres, não muito longe de Maia e Gordon. Sua casa tem floreiras que ela muda de acordo com as estações do ano. Há um pequeno jardim murado. Ela plantou arbustos e árvores em vasos e está aos poucos aprendendo seus nomes: *Salix integra* , louro, lilás coreano anão, hebe, giesta, hibisco, hipericão. Este ano, ela introduziu ervas frescas e folhas de salada protegidas por uma estufa fria. Observá-las brotar como pequenos rebentos e crescer até se tornarem alimentos prontos para a colheita parece ser a verdadeira alegria, e como ela produz mais do que consegue consumir, deixa feixes amarrados com barbante no muro da frente com um bilhete escrito à mão incentivando os transeuntes a se servirem. Da primeira vez, ela temeu que as pessoas não os quisessem, mas sentiu uma onda silenciosa de amor vinda da rua vazia quando abriu a porta e os encontrou todos desaparecidos.

Aos sábados, ela compra pão fresco na padaria local e pega dois jornais grossos de fim de semana. Ela lê devagar, passando o livro pelas páginas. Durante a semana, ela gosta de deixar os suplementos em uma mesinha lateral na sala de estar ou ao lado da cama. Esses sinais de vida, esse rastro de si mesma habitando um espaço, sem a necessidade de apagar as evidências, ainda a fazem suspirar com uma inesperada satisfação. O mesmo acontece com o som do rádio Roberts que ela tem na cozinha. São as vozes femininas que ela quer ouvir — suas histórias, suas perspectivas sobre a vida. Essas mulheres, com tantas experiências diferentes entre si, encontram seu caminho para sua casa, abrindo as portas para um mundo mais amplo com seu humor, sua perspicácia, sua paixão.

Ela ainda se assusta quando uma porta de carro bate lá fora ou quando alguém bate inesperadamente à porta. Seu corpo carrega as cicatrizes e os rangidos de um corpo que não recebeu os devidos cuidados. Ela tenta suavizá-los com ioga e pilates, mas não há como escapar da artrite que se instalou em ossos quebrados que nunca foram devidamente tratados. Ela sente o peso da preocupação dos filhos e a responsabilidade que eles sentem por ela. Durante o confinamento, eles a visitavam na calçada, deixando presentes higienizados na porta de sua casa.

“Tem certeza de que está bem? Você poderia vir ficar com uma de nós? Você não precisa ficar sozinha.” Embora todas soubessem que isso não daria certo, com Maia e Kate trabalhando no hospital e Ida estudando.

“Estou bem! Tenho livros e podcasts. Toda a internet para me fazer companhia!” Essas coisas ainda parecem novas e reluzentes, mesmo agora.

Eles pareceram céticos, como se ela estivesse tentando tirar o melhor proveito da situação. De alguma forma, incapazes, mesmo tendo testemunhado a realidade diária de sua vida, de realmente entender que ela havia suportado um

confinamento muito mais draconiano por mais de quarenta anos. A Covid-19, ela conseguiria lidar; esta, pelo menos para ela, seria fácil.

E ela tinha Gordon — o garoto com quem lutara para criar laços, o jovem que antes lhe parecera tão enigmático — a quem agradecer por essa libertação. Quando ele voltara para casa, depois do acidente de carro, mantivera-se distante, como se estivesse reaprendendo seu lugar ali. Mas ela se lembra da noite em que tudo mudou. Ele chegara do jantar com Maia. Cora estava na cozinha, dobrando roupas ainda quentes da secadora. Ela o ouvira na porta da frente, tirando os sapatos, pendurando o casaco. Um pé na escada, dois. Mas então ele aparecera na porta da cozinha, com os cabelos molhados pela chuva. “Eu estava pensando no trem de volta hoje à noite, você deve estar com saudades dela. Maia.”

Cora ergueu os olhos, surpresa. A pura verdade em suas palavras era desconcertante; ela tão raramente se permitia sentir falta da sua filha.

“Ah, sim. Sim, eu quero”, disse ela, alisando as rugas da camisa.

“Acho que ela também sente sua falta”, disse ele. “Você sabia que ela vai tirar um período sabático em breve? Um mês na Austrália com uma amiga.”

Ela deixou as roupas caírem. Porque, não, ela não fazia ideia; não sabia nenhum detalhe da vida da filha. Uma enxurrada de perguntas pairava em seus lábios, mas então o pai dele apareceu ao lado, e ela voltou a dobrar as roupas.

“Boa noite?”, perguntou ele.

“Sim, uma galeria e depois fomos a um restaurante no final da Long Acre.”

“Para alguns, tudo bem. Eu fiquei preso aqui, tendo apenas as oferendas queimadas da sua mãe.”

E o filho dela — seu filho estranho e enigmático — respondeu: "Sabe, você sempre diz isso, mas eu não me lembro de a mamãe ter queimado uma refeição alguma vez."

Ela não ousara olhar para cima, não ousara reconhecer a troca de palavras, mas ouviu o marido pigarrear e, pelo canto do olho, viu que foram os sapatos *dele* que se viraram para sair da sala primeiro. Depois, Gordon, alguns instantes depois.

Certa tarde, enquanto o marido ainda estava no trabalho, Gordon chegou em casa e a encontrou na sala de jantar regando as plantas. "Achei que você gostaria disso", disse ele, colocando uma barra de chocolate sobre a mesa. Ela olhou para ele, sem saber se era uma armadilha. Ele deve ter percebido sua incerteza, porque disse: "Tudo bem. Não conto para ninguém". E assim, sentaram-se um de frente para o outro, a barra aberta entre eles, e cada um pegou um pedaço ou dois. Ela ainda se lembra de como aquele primeiro quadradinho amoleceu no céu da boca, como o sabor se espalhou pela língua, uma doçura como a de uma toalha quente depois do banho.

“É muito bom, não é?”, disse ele. “É de uma lojinha que abriu na cidade, logo depois da praça. Eles também vendem cartões e outras coisas. Você ia gostar.” Ela ficou tocada. Que ele tivesse imaginado que ela gostaria de visitar aquela loja. Qualquer loja. “Eles tinham amostras. De amêndoa e caramelo salgado, eu acho.”

“Isso parece ótimo”, disse ela.

Ele assentiu com a cabeça e acrescentou: "Só me ofereceram um na saída. Senão, eu teria comprado alguns para você."

“Não, não”, disse ela, cautelosa para não perturbar o delicado equilíbrio daquilo. “Isto é incrível. Não consigo imaginar nada com um sabor melhor do que isto. Como correu o seu teste de visão?”

“Ah, eles só disseram para comprar uns óculos de leitura prontos.” Ele procurou na bolsa e tirou um estojo. “O que você acha?”

Cora sorriu, disse que combinavam com ele, percebendo que seu filho — sua criança — estava envelhecendo. Que em poucos anos ele teria trinta e cinco, depois quarenta, logo cinquenta — poderia até começar a perder o cabelo ou ficar grisalho.

Gordon dobrou a embalagem de volta para a sacola e, em seguida, limpou a mesa com a lateral da mão, enquanto a outra estava estendida para recolher as migalhas. "Obrigada", disse Cora. E ela se perguntou se ele sabia que ela não se referia apenas ao chocolate, mas também ao cuidado de não deixar nenhum rastro.

No jantar, Cora estava tensa, sem saber se o filho a denunciaria, mas ele não o fez. E depois disso, tornou-se rotina compartilhar aquelas guloseimas proibidas.

Aos poucos, eles começaram a conversar. Cora perguntava como tinha sido o dia dele, ou como estava Maia. E ele contava a ela sobre algo que o interessara no estúdio de Rob, ou sobre uma pintura que vira.

“Sabe, Michelangelo não era só um artista. Ele fazia todas essas dissecções, e quando você estuda bem as pinturas dele, dá para ver que ele escondeu imagens anatômicas nelas. Olha, vou te mostrar”, disse ele, pegando o celular. Ele passou o telefone para ela, e ela o segurou — hesitante — como se fosse explodir em suas mãos. “Isso mesmo, assim para dar zoom. É, como se você estivesse pinçando a tela.”

Ela riu então. Da estranheza de ver a imagem crescer sob a ponta dos seus dedos.

“É um teto na Capela Sistina. Você consegue ver onde—” disse ele, apontando.

“Oh, sim! Não é incrível?”, disse ela, ao perceber que Deus e um grupo de anjos estavam emergindo de um rim, em vez de alguma forma indistinguível. Eles ficaram em silêncio enquanto ela dava um zoom out e depois um zoom in. “Uau”, ela suspirou, seu espanto indo muito além da pintura.

Na noite em que Gordon contou ao pai que tinha conseguido o emprego na galeria, Cora observou o homem mais velho dar um suspiro de desdém e perguntar: "Paga o mesmo?".

“Como serviço bancário?”

“A que mais eu poderia estar me referindo? Esse era o seu último emprego, não era?”

“Não, mas é improvável que eu encontre esse salário — ou os bônus — em qualquer outro lugar.”

“E você acha que vai conseguir lidar com isso? Sem seu carro chamativo e jantares de 300 libras?”

Cora fez uma careta ao ouvi-lo se recusar a reconhecer que o filho deles era uma pessoa diferente agora. Mas, em vez de revidar com uma granada, ela viu os ombros de Gordon relaxarem visivelmente, observou suas mãos se erguerem em sinal de submissão, como se dissesse: " *Não sei. Você me pegou. Você venceu."* Havia um poder sutil em se retirar. Deixou o pai de mãos vazias, o porrete com o qual ele estava prestes a bater nele se desintegrou.

Alguns meses depois, o filho anunciou que estava pronto para sair de casa. Cora já esperava por isso. Ele tinha ficado mais tempo do que ela havia previsto, e ela suspeitava que talvez fosse para o seu próprio bem. Tentou não demonstrar a decepção, mas já sentia falta dele ao seu lado na cozinha enquanto cozinhava, arrumando tudo ao seu redor, pronto para absorver qualquer erro ou engano que ela cometesse — *Não, fui eu que lasquei o prato —*, a presença dele amenizando seu isolamento.

“Deixei um celular e algum dinheiro numa caixa de plástico enterrada debaixo da hortênsia. Para emergências”, ele dissera na manhã em que ia partir. E ela percebeu que devia ser isso que ele estava fazendo quando foi à garagem buscar ferramentas de jardinagem alguns dias atrás. anteriormente. "Você só perceberia que a terra foi perturbada se soubesse o que procurar."

Foi a vez em que ele falou abertamente sobre a situação dela, e a sensibilidade dele fez os olhos dela se encherem de lágrimas. "Obrigada, mas eu vou ficar bem", ela disse, mesmo sentindo como se sua mãe a tivesse deixado no primeiro dia de aula. Cora voltou a limpar as portas do armário, pensando na mãe, na falta de uma despedida, em não ter podido ir ao funeral; ainda doía — a partida de Gordon já era uma dor suficiente para suportar por um dia.

Poucas horas depois de ele ter saído, a tampa da panela de pressão voou, atingindo a parede da cozinha e liberando um chiado de vapor escaldante. Ela passou aquela semana dormindo no chão ao lado da cama, sem nada para se cobrir. Era acordada puxada pelos cabelos. Tinha o rosto pressionado contra um prato de comida que ele insistia estar fria, mesmo enquanto queimava suas bochechas.

Quando a campainha tocou por volta da hora do almoço, uma semana depois, ela se surpreendeu ao encontrar o filho na porta. "Ah", disse ela, instintivamente levando a mão ao lábio rachado, que sentira reabrir ao sorrir para cumprimentá-lo. "Ah, olha só para mim. Não sabia que você viria." Ela estava atrapalhada, sem saber como disfarçar a mudança em sua aparência nos dias desde que ele partira. "Eu caí", disse ela, enquanto o conduzia para o corredor. "Aquele maldito tapete. A ponta enrola e—"

“Mãe, não faça isso. Eu sei que foi ele. Mas está tudo bem, você vai ficar segura agora.” Ele estendeu a palma da mão, e nela havia duas chaves.

“Ah, você não precisa devolver isso. Ou foi seu pai que pediu para você devolver?”

“Eles não são meus. São dele.”

E então ele contou a ela. Como acabara de visitar o pai no consultório. Como lhe mostrara imagens de vídeo carregadas em um servidor seguro online. Imagens que ele coletara em sua casa, com pequenas câmeras escondidas instaladas antes de sair.

“Eu queria ter certeza de que havia provas suficientes; sinto muito por ter que deixar vocês a semana toda. Sei o quanto foi difícil.”

"Você estava nos filmando?" Ela olhou ao redor da sala, para um porta-retratos, para um abajur.

“Eles estão nos detectores de fumaça.”

“Ah”, disse ela, sentindo os olhos se arregalarem enquanto olhava para cima. Ela se lembrou dele ter trocado as pilhas de todas as câmeras recentemente, mas na maior parte do tempo elas pareciam desaparecer, imperceptíveis, entre os móveis da casa. “Ainda está nos filmando?”, perguntou, levando a mão aos cabelos, repentinamente constrangida. Então, lembrou-se de si mesma. “E você contou… Mas… O que ele disse? Ele está vindo para cá agora?”

“Ele não vai voltar. Eu disse a ele que podia ir embora imediatamente e evitar um escândalo público e uma pena de prisão. Ou eu podia enviar as imagens para os outros sócios do escritório e para a polícia… Então, essas chaves são suas agora”, disse ele, entregando-as a ela. “Ele vai transferir a escritura da casa para você ainda esta semana.”

Ela se sentou no sofá. Mãos no colo. Olhando ao redor — para o aparador, o móvel da TV, a mesa de centro de madeira. Para a cozinha. Para o corredor — esses cômodos, que por tantos anos haviam sido seu mundo, já se transformavam em sua visão. Um vazio tão peculiar. Uma ausência tão grande de qualquer coisa que sugerisse que aquele poderia ser um lugar que ela chamaria de lar.

Cora ainda se lembra da mistura de independência e medo que sentiu. Cada vez que ela usava aquelas chaves para entrar naquela casa, percebia que ele estava prestes a aparecer por trás dela. Ela não havia ficado muito tempo — apenas algumas semanas; uma parte dela sempre sentia que ele estava prestes a se aproximar por trás.

Ela só o vira mais uma vez, no dia do divórcio. Maia e Gordon tinham tirado folga do trabalho e permaneceram ao lado dela enquanto entravam no escritório do advogado, sentando-se à mesa em frente a ele. Nenhum dos dois trocou uma palavra com ele. Cora tinha certeza de que mal olharam para ele.

Seus olhares se cruzaram com os dele, porém. Apenas por um segundo. E ele foi o primeiro a desviar o olhar. Ela se lembra disso porque a surpreendeu. E porque, no instante seguinte, notou uma pequena mancha em sua camisa. Dois pontos alaranjados, como se uma panela de sopa de tomate tivesse respingado nele. Ela pensa nisso com frequência. Nas coisas que parece lhe dizer: que passou despercebido por ele; que ele estava sozinho; que ele era falível. E, de alguma forma, isso a deixa menos assustada.

AGORA É VERÃO. Gordon está na Espanha com Comfort, Ida, sua mãe, Maia e Kate. Os outros querem ir ao lago para passear de barco, e ninguém se opõe quando ele diz que talvez vá a uma galeria próxima. Ele percorre as salas aleatoriamente, querendo ser surpreendido pela pintura que sabe que encontrará lá. Aquela que ele vira pela última vez anos atrás, quando estava emprestada em Londres.

Por fim, ele chega a uma sala menor e mais escura que as outras. E onde as pinturas anteriores tinham molduras douradas, estas estão emolduradas em ônix. O espaço está quase vazio: apenas um jovem casal e uma criança com a avó. Seus próprios passos ecoam entre os sussurros deles e o silêncio. Ele segue em frente. Ele percorre a sala metodicamente, estudando cada uma das pinturas. São escuras, densas, macabras. A voz em seu fone de ouvido lhe diz que são conhecidas como as “pinturas negras” de Goya, aplicadas diretamente nas paredes de sua casa, e transferidas para tela apenas postumamente. É difícil imaginar alguém pintando essas imagens horripilantes nas paredes de sua sala de estar.

Gordon se move lentamente, sem deixar que seus olhos se desviem para o futuro, mas sabendo que está se aproximando. E então está lá, a meio caminho da parede esquerda. *Saturno Devorando Seu Filho* . Ele fica parado. Olhando. Escutando.

O áudio explica como os movimentos artísticos contemporâneos — até mesmo a literatura e o cinema — têm raízes nessa obra, criada em isolamento, sem autocensura. Em seguida, discute como o deus mitológico Saturno pode ser visto como a personificação de sentimentos como o medo de perder o poder; que ele teria devorado seus filhos por terror de ser destronado. E então, quase como um acréscimo, o narrador diz que um dos filhos de Saturno — Júpiter — escapou. Que a mãe de Júpiter protegeu a criança, mantendo-a em segurança. E que, já adulto, ele retornou e cumpriu a profecia. Que o menino de fato destronou seu pai.

Ele estuda as feições de Saturno. Lembra-se de ter ficado aterrorizado com aquele rosto na primeira vez que o viu, recorda o desespero que sentiu naquela noite no restaurante, discutindo o assunto com Maia. Mas agora vê algo diferente na figura. Onde antes via poder e fúria, agora vê desespero. Medo.

Gordon se agacha, toca o chão preto e frio com as mãos e inala o aroma de óleo e tela envelhecida que permeia o espaço. Ele não tem certeza do porquê a pintura lhe causa tanta repercussão, ou por que ele está ali. tão disposto a traçar paralelos com a própria vida. Mas ele sente alívio ao descobrir que a parte mais recente de sua história — que a liberdade, para ele, para sua mãe — estava escondida nela o tempo todo.

Gordon se levanta, vira-se da pintura e retorna pelas salas da galeria. Passa pelos dias de Sorolla na praia e por paredes repletas de altares dedicados a outras histórias e finais alternativos; talvez alguns deles seus. E, finalmente, sai para a claridade do dia e se vira para atravessar o parque, pronto para encontrar sua família.

Epílogo

29 de julho de 2022

A dor no peito surgiu de repente, mas ele a reconheceu instantaneamente, como um rosto familiar na multidão. Seus traços estavam gravados em sua mente, apesar dos anos desde a faculdade de medicina. Uma sensação semelhante à azia. Dor que se espalhava para o pescoço e a mandíbula. Uma sensação de morte iminente.

Agora, deitado no chão da cozinha, com o café derramado escorrendo pela manga, ele suporta a dor, mantendo-se firme, pronto para observar os sintomas que o conduzirão ao fim. Mas então surge o rosto de Cora. Suas próprias mãos, não trêmulas e inúteis como ele acreditava, mas sólidas e brutais. Empurrando, golpeando, a dor em seu peito agora fazendo o mesmo.

Ele tenta evocar seus pacientes, as pessoas que um dia ajudou, mas só consegue conjurá-las por um instante antes de ver novamente o rosto machucado de Cora. Sua filha evitando seu olhar. O choro de seu filho pequeno. E essa é a verdade. As pessoas que ele deveria amar, ele só magoou. Então ele grita, um som gutural. Porque é tão claro. Ele só teve uma vida. E poderia tê-la vivido de forma diferente.

Ele não encontrará paz; sua constatação final é recente demais, brutal demais. para ser suavizado. Mas ainda assim, ele agarra um momento, arranca-o do ar. Um momento em que ele poderia tê-los colocado em caminhos separados.

Enquanto seu último suspiro lhe escapava, ele caminhava pelos Jardins do Cais com Cora. Ela usava uma bota ortopédica em um dos pés, mas os dele estavam descalços. Ele quase conseguia sentir a grama entre os dedos. Chegaram aos portões da Rua Villiers e uma sensação estranha o percorreu, como se a água do mar penetrasse sua pele e o invadisse. Diminuíram o passo. Ele gostava dela, sim. Mas desta vez, deixou sua mão cair. Trocaram algumas palavras, e então ela sorriu, virou-se e foi embora. Ele a observou chegar ao fim da rua, observou-a não se tornar familiar para ele, observou-a dobrar a esquina e desaparecer de sua vista.

À medida que seu corpo esfria, o ar vibra com possibilidades não exploradas de como seus destinos poderiam ter se desfeito, que outros caminhos suas vidas poderiam ter tomado.

Há uma criança. Ela está parada do lado de fora do salão de uma igreja, ao

lado da mãe, que observa um quadro de avisos com anúncios afixados atrás do vidro. Há uma aula de balé na terça-feira à tarde ou de sapateado irlandês no sábado de manhã. A mãe pondera e decide que seria uma correria ir direto da escola para o balé. Ela olha para a criança, que está enrolando o caule de um dente-de-leão no dedo, e começa a explicar o que é sapateado irlandês, falando sobre as sapatilhas especiais que precisarão comprar. A menina deixa escapar o sonho de usar sapatilhas de balé junto com a flor colhida e, alguns anos depois, também abandona o sapateado irlandês, mais interessada em ajudar o pai a cuidar da horta.

Há um jovem. Recém-formado, em seu primeiro ano como clínico geral. Ele ouve um vendedor elogiar um carro novo e reluzente. Com teto solar retrátil, toca-fitas e ABS. Mas antes que ele possa explicar o sistema antiderrapante, algo os faz olhar para cima. É quando o jovem avista um conversível de dois lugares no canto do pátio. " *Está à venda?",* pergunta ele, já se aproximando, admirando o charme e o requinte do design clássico e antigo. Seis meses depois, em meio a uma forte chuva, os freios falham. O pai do jovem está realizando uma cirurgia no mesmo hospital quando, dois andares abaixo, anunciam o óbito.

Há uma garota. Prestes a completar quatorze anos, quando um novo garoto entra na sua turma. Ele tem cabelo comprido, calça boca de sino. Lábios como os do vocalista dos Rolling Stones. Do ponto de ônibus, eles caminham pela mesma faixa de asfalto, suas casas a cerca de quatrocentos metros de distância uma da outra. A cada dia, o passo diminui para prolongar o tempo que passam juntos. " *Vou até o fim da sua trilha"* , ele oferece. Mas quando chegam ao portão dela, com os dedos sujos de amoras, não estão prontos para se separar, então voltam a caminhar em direção à estrada. E em algum lugar no suave vai e vem desses dias, os símbolos da adolescência feminina — balé, cambalhotas, trançar o cabelo da melhor amiga — desaparecem. Quase imperceptivelmente.

Há um menino. Dez anos. Ele desliza pelos corredores do hospital ao lado do pai, observando como as pessoas o tratam com deferência, como seus colegas parecem ansiosos para não desperdiçar o precioso recurso do seu tempo. Mais tarde, quando é enviado ao refeitório, imagina-se banhado pelo brilho do pai, como se ele também pudesse um dia ser cirurgião, como se pudesse inspirar o mesmo respeito. Até que, ao se aproximar por trás de dois jalecos brancos, ouve a conversa deles. Vê o homem que sempre reverenciou através dos olhos de outra pessoa. Recua para uma cabine do banheiro, tranca-se lá dentro, ardendo de vergonha. E então emerge, determinado a ser completamente diferente dele.

Há uma mulher. Ela empurra um carrinho de bebê, com sua filha de nove anos ao lado. Elas entram em um prédio, deixando para trás uma rua castigada pelo vento. Quando o funcionário do cartório levanta os olhos e pergunta qual nome a mulher gostaria de dar à criança, ela hesita. Então, se vê dizendo o nome de seu falecido pai, Hugh. Ela não sabe de onde veio a ideia. Não havia pensado nisso antes. Mas, no instante em que a palavra sai de sua boca, parece certo.

Nomes dos personagens

(Significados oficiais em itálico)

Cora — o cerne da história
Gordon — *grande colina,* imóvel, imponente; uma subida árdua para chegar ao outro lado.
Urso — macio, fofinho, corajoso, forte
Julian — *pai celeste* ; Jules, joias, joalheiro
Maia — *mãe*
Atkin (sobrenome) — kin significa *família* ; estar "em família" pode ser interpretado como estar em paz ou em guerra.
Vihaan — *amanhecer* , representando o início de uma nova era.
Sylvia/Sílbhe — de cabelos grisalhos
Cian — *um que resiste*
Orla — *princesa dourada* ; tudo
Lírio — *pureza, inocência* ; tradicionalmente, um símbolo tanto de virgindade quanto de luto.
Pérola — *preciosa*
Mehri — *gentil, ensolarado* ; alegre, jovial
Samambaia — provedora de abrigo e sombra.
Rolando — *famoso em toda a terra*
Felix — *sortudo, afortunado* ; associações com uma marca popular de ração para gatos.
Kate — *pura*
Charlotte — *grátis*
Meg — *pérola*
Comfort e Ida — juntas, um edredom de penas de eider.
Aoife — *princesa guerreira*
Niamh — *radiância*
Eileen — Eu me inclino; um nome que sugere dependência, mas que convida a uma confissão semelhante na boca de outra pessoa.

Nota do autor

UM

Embora este romance seja uma obra de ficção, algumas das obras de arte descritas são inspiradas nas de artistas reais. Se você tiver interesse em saber mais: as enormes obras de arte em mosaico de Orla, feitas com réguas de madeira recicladas, são baseadas no trabalho belíssimo de **Rose Vickers** — você pode encontrá-la no Instagram em @rosevickers.studio. • Há vários anos, adoro e uso joias desenhadas pelo ourives alemão **MANU** , e foi isso que eu tinha em mente quando escrevi sobre as peças que Julian cria (@manu_schmuck). • Quando Julian e Orla estão no pub com amigos da Old Chocolate Factory, imaginei que o artista de papel cujo trabalho eles mencionam brevemente fosse **Matthew Shlian** — sempre me fascinou a maneira como ele brinca com as sombras (@matthewshlian). • Quando todos se reúnem na porta do quarto de Bear depois que ele sai de casa, seu quarto é descrito como uma *natureza-morta* . Essa ideia vem do poema “Ninho Vazio”, de **Carol Ann Duffy** , encontrado em sua antologia homônima, uma coletânea que me confortou infinitamente quando meus próprios filhos saíram de casa pela primeira vez.

Se você tiver em mãos uma edição com uma ilustração no início de cada capítulo, o artista que as criou é **Sam Scales** . Eu me apaixonei pelo estilo de desenho do Sam muito antes do meu romance ser publicado, então é um privilégio ter suas belas ilustrações ao lado das minhas palavras. Você pode encontrá-lo no Instagram em @samscales .

Por fim, a obra de arte viva que estampa a capa é de **Jennifer Latour** , capturada em Donegal, na Irlanda. As esculturas orgânicas de Jennifer fundem flores individuais para criar, ainda que brevemente, novas espécies. Observando os significados associados às flores que compõem a planta híbrida na capa, cada uma parece refletir uma narrativa particular (deixo para vocês decidirem qual é qual), embora compartilhem o mesmo caule. Parece a capa perfeita para esta edição. Você pode encontrar mais trabalhos incríveis de Jennifer em @bonjourlatour .

Agradecimentos

M

Meus sinceros e alegres agradecimentos a **Karolina Sutton** , agente dos sonhos. Embora eu tenha guardado minha esperança em um pequeno pote com a tampa bem fechada, sua crença neste romance sempre pareceu capaz de encher piscinas inteiras. Sou muito grata por isso, por sua visão editorial, seu carinho e humor, e por ser a voz mais reconfortante do outro lado da linha. Parafraseando Bear: vocês são um enxame, e eu os adoro! • Obrigada a **Anna Stein** , minha brilhante agente nos EUA, por estar presente em todos os momentos certos — seja interrompendo suas férias para se juntar a nós naquele primeiro encontro, fazendo a mágica acontecer na América do Norte ou reunindo todos para a melhor comida e conversa — sou grata por cada detalhe. Você é uma maravilha! • Obrigada a **Jake Smith-Bosanquet e Zoe Willis** , por garantirem que este romance chegue aos leitores em tantos idiomas diferentes — é difícil imaginar dois agentes de direitos autorais mais adoráveis e, ao mesmo tempo, tenazes. E Zoe, muito obrigada por ter vendido os primeiros direitos de publicação de *The Names* para o mundo todo (sim, antes mesmo do Reino Unido) — saber que você tinha encontrado um lar para o meu romance na Grécia ficará comigo como um momento mágico. • Muitíssimo obrigada à **Michelle Weiner** — você parece sempre aparecer trazendo boas notícias, e sou muito grata por todo o trabalho que você faz nos bastidores. Para que isso aconteça • Por fim, agradeço a **Izzy Redfern** por ser uma presença tão acolhedora na CAA e por organizar… bem, tudo.

Oh, **Francesca Main** . Se eu estivesse lendo isso em voz alta, você ouviria o suspiro de felicidade na minha voz, e poderíamos simplesmente parar por aqui, pois isso lhe diria praticamente tudo o que você precisa saber sobre o privilégio maravilhoso que é tê-la como minha editora aqui no Reino Unido. Fiquei encantada tanto com suas revisões impecáveis quanto com sua dedicação em compreender meus personagens e suas motivações ao considerar cada mudança. Sua gentileza, atenção, humor e cuidado transparecem em tudo o que você faz, tanto na escrita quanto fora dela. O mesmo vale para **Pamela Dorman** , da Pamela Dorman Books na Viking Penguin US, e **Lara Hinchberger,** da Penguin Canada. Obrigada a todas as três por amarem o manuscrito que chegou às suas mesas com tanto carinho e por me ajudarem a moldá-lo em algo ainda melhor.

Sou grata pelo seu afeto e entusiasmo, e pela sua sabedoria em me encorajar a fazer grandes mudanças. O romance ficou mais rico e cheio de nuances graças à participação de vocês, e foi uma alegria trabalhar com todas vocês.

Agradeço ao maravilhoso departamento de arte da Orion pela criatividade incansável na criação de uma capa que eu adoro: **Nick Shah** , **Steve Marking** , **Dan Jackson** , e em triplo agradecimento a **Chevonne Elbourne** por ter idealizado o conceito do "homem de três sombras". Não poderia amar mais esta linda capa.

E a **Jason Ramirez** e **Elizabeth Yaffe** , da Penguin US, muito obrigada por criarem uma capa tão linda que reflete tão perfeitamente cada detalhe desta história. É tudo o que eu esperava.

Agradeço a **Susie Bertinshaw** , **Holly Kyte** e **Jade Craddock** pela revisão e correção ortográfica do meu romance, feitas com tanto cuidado e por verificarem tantos detalhes minuciosos para garantir a precisão. Sou grata por me salvarem de inúmeros erros e por me permitirem manter certas peculiaridades. • Também na Orion, sou grata a: **Anna Valentine** (um nome excelente e uma mulher excelente), **Katie Espiner** , **Sandra Taylor** , **Lindsay Terrell** , **Jen Wilson** , **Virginia Woolstencroft** , **Cait Davies** , **Javerya Iqbal** , **Leanne Oliver** , **Sian Baldwin** , **Esther Waters** , **Eleanor Wood** , **Karin Burnik** , **Paul Stark** , **Louise Richardson** , **Hannah Cox** e **Alice Graham** . E, não menos importante, **Sam Eades** , por toda a atenção que você dedica aos autores estreantes. • Na Penguin US, gostaria de agradecer **a Marie Michels** e **Natalie Grant** , juntamente com **Brian Tart** , **Andrea Schulz** , **Kate Stark** , **Molly Fessenden** , **Carolyn Coleburn** , **Yuleza Negron** , **Patrick Nolan** , **Mary Stone** , **Rebecca Marsh** , **Andy Dudley** , **Rachel Obenschain** , **Chelsea Cohen** , **Claire Vaccaro** , **John Francisconi** e muitos outros — fiquei impressionado com o entusiasmo de vocês por *The Names* e me sinto incrivelmente sortudo por trabalhar com todos vocês.

Aos meus **editores** e **tradutores** de todo o mundo — é um privilégio mágico poder alcançar leitores em idiomas que eu mesma não falo — muito obrigada.

Um enorme agradecimento a **Henu Cummins** , por seus generosos conselhos e visão profissional, que foram fundamentais para moldar o personagem de Gordon Sr. e a dinâmica familiar que se forma ao seu redor. Sou muito grato por você ter dedicado seu tempo para discutir meu romance quando ele ainda era apenas uma ideia e, posteriormente, por seu incentivo e apoio. Ao ler o manuscrito finalizado, agradeço ao mundo por ser um lugar mais gentil e seguro por vocês terem existido. • Agradeço **a Peter e Guy Jenner** pela ajuda e por terem respondido às minhas perguntas sobre ourivesaria. • Agradeço também **a Geoff O'Sullivan** (através de **Anna Stein**) por responder às minhas perguntas sobre expressões irlandesas com tanta generosidade e bom humor. Quaisquer imprecisões são de minha inteira responsabilidade.

Embora nenhum nome neste romance seja inspirado na vida real, alguns personagens compartilham seus nomes com filhos de familiares e amigos, escolhidos apenas por seu significado ou por terem surgido naturalmente. De

qualquer forma, para **Bea** , **Maya** , **Felix** e **Pearl da vida real** , vocês têm os melhores nomes, e espero que não se importem que meus personagens também os usem para contar esta história.

Ao **grupo de leitura Merry Women's** : Obrigada por me desafiarem a ler livros com e sem enredo, pelos banquetes compartilhados e pelas risadas estrondosas. Juntas, vocês são uma garrafa de prosecco antialérgico; individualmente, vocês são **Donna** , **Emily** , **Maria** e **Marieke** . E ao meu outro grupo de leitura igualmente maravilhoso: **Shauna** , **Michèle** , **Pippa** , **Sue** , **Audrey** , **Jennie** , **Fiona** e os muitos cachorros que leem conosco. Obrigada pela amizade, pela incrível gentileza e por compartilharem da minha alegria com tudo isso relacionado aos livros.

A **todos os amigos** que generosamente me acolhem de volta sempre que saio da escrita, que disseram algo encorajador, que compartilharam da minha felicidade por *finalmente* ter realizado este sonho… muito obrigada! • Um abraço e gratidão especialmente grandes para: **Joanne** e **Jenny** , pelos conselhos em assuntos de biblioteconomia e língua francesa, respectivamente (e muito mais); **Shauna** , por me encorajar a pegar numa caneta novamente; **Kathryn** , pelo seu gentil incentivo em tudo o que tento fazer; e **Samson** , **Charlotte** , **Ben** , **Catherine** , **Tamsin** e **família dos adoráveis Smiths** , por estarem presentes nos momentos de tristeza e alegria. Vocês tornam a vida mais bonita.

Sarah , muito obrigada por ler o primeiro capítulo e por me dar tanto incentivo. E por continuar a intuir exatamente o que seria útil em cada etapa da escrita. Até que **,** finalmente — quando meu romance estava pronto para ser enviado aos agentes — você disse: vá e encontre o lugar na estante onde seu livro ficará. E aqui está ele. Muito, muito obrigada, Sarah. Você me deu mais do que posso expressar.

Para a pequena **Bea** : se você algum dia ler este livro e depois abrir nesta página, é bem provável que você seja uma Bea adolescente. Ou talvez até uma Bea adulta. Mal posso esperar para conhecer todas essas versões de você e descobrir quem você se tornará. Até lá, com amor, sempre.

Para **Mamãe** e **Papai** , obrigada por inspirarem meu amor pelas palavras e pela leitura desde cedo; por fazerem dos livros uma parte tão importante de nossas casas, feriados e conversas; e por amarem este romance tão completamente. Obrigada também por serem meus queridos confidentes e as pessoas mais maravilhosas com quem celebrar.

Para minha irmã, **Laura** — é um privilégio delicioso poder compartilhar minhas dúvidas literárias com o nosso dia a dia, entre conversas e risadas. Sou imensamente grata (e já consigo imaginar os diversos instrumentos de medida que você terá prazer em usar depois de ler isso, mas não, nenhum deles é grande o suficiente) por você trazer sua genialidade como editora para a nossa irmandade, e por estar sempre pronta para aprimorar minhas palavras, discutir uma cena complicada ou oferecer sábios conselhos. Com amor, gratidão e total adoração, sempre.

Aos meus filhos — este romance cresceu no berço da sua criatividade e, à

medida que vocês se lançaram ao mundo, eu me senti honrado e grato. Fico feliz em saber que o projeto continua sendo nutrido remotamente por meio de inúmeras conversas. A felicidade de Julian ao encontrar sua turma na Fábrica de Chocolate Antiga foi, em grande parte, inspirada pela vida que tenho a gratidão de compartilhar com vocês dois e seu pai. **M** , obrigada por sempre estar tão disposta a me ajudar a reorganizar minhas palavras na página até que elas se encaixem, por tornar aquele tempo juntos na França tão mágico e pelo seu feedback brilhantemente honesto e perspicaz (este romance tem 95% menos leite por sua causa). Um enorme e imenso amor por você, querida. E **F** , obrigada por sugerir como a pintura de Goya poderia funcionar — ela me deu um foco para a narrativa de Gordon Jr., bem como um final, e não consigo imaginar este romance sem ela — muito, muito obrigada. Obrigada também por ser a pessoa que você é — o fato de você ligar em uma manhã qualquer para dizer que uma palavra específica que usei realmente funciona é simplesmente você sendo você… mas que pessoa maravilhosa *você* é.

Para o meu marido, **Ian** — por onde começar a te agradecer? Na falta de um lugar melhor: obrigada por ser meu primeiro leitor, meu parceiro de roteiro e por insistir que “pessoas reais não falam assim”, até eu encontrar a voz de um personagem. De verdade, este romance só existe graças à sua crença inabalável em mim e porque você me deu a coragem e o espaço para falhar e tentar de novo. Então, obrigada por isso e por mil almoços com ovos mexidos. Você é maravilhoso e eu me sinto incrivelmente sortuda por compartilhar esta vida com você.

Sobre o autor

Florence Knapp já escreveu um livro de não ficção sobre um método secular de confecção de colchas, além de ter contribuído para um livro do Museu Victoria and Albert. Ela mora nos arredores de Londres com o marido e o cachorro. Seus dois filhos já saíram de casa. " *The Names"* é o romance de estreia de Knapp e será traduzido para mais de vinte idiomas.



Qual é o próximo item da sua lista de leitura?

Descubra sua próxima grande leitura!

Receba recomendações de livros personalizadas e notícias atualizadas sobre este autor.

Inscreva-se agora.

_151176520_